

Vanessa Furtado Fontana

## **PRESENTIFICAÇÃO DE FANTASIA NA FENOMONOLOGIA DE HUSSERL**

Tese submetida ao Programa de Pós Graduação em Filosofia, na área de ontologia da Universidade Federal de Santa Catarina para obtenção do título de Doutor em Filosofia.

Orientador: Dr. Marcos José Müller-Granzotto

Florianópolis  
2013

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Fontana, Vanessa Furtado  
PRESENTIFICAÇÃO DE FANTASIA NA FENOMONOLOGIA DE HUSSERL  
/ Vanessa Furtado Fontana ; orientador, Marcos José Müller-  
Granzotto - Florianópolis, SC, 2013.  
208 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa  
de Pós-Graduação em Filosofia.

Inclui referências

1. Filosofia. 2. Presentificação. 3. Neutralidade. 4.  
Fantasia. I. Müller-Granzotto, Marcos José . II.  
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-  
Graduação em Filosofia. III. Título.

**Vanessa Furtado Fontana**

**PRESENTIFICAÇÃO DE FANTASIA NA FENOMONOLOGIA  
DE HUSSERL**

Esta tese foi julgada adequada pra obtenção do Título “Doutor em Filosofia” e aprovada em sua forma final pelo Programa de pós Graduação de Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 29 de Agosto de 2013.

---

Prof. Dr. Alexandre Meyer Luz  
Coordenador da Pós Graduação em Filosofia

**Banca Examinadora:**

---

Prof. Dr. Marcos José Müller-Granzotto  
Orientador

---

Prof. Dr. Carlos Diógenes Côrtes Tourinho  
UFF – membro externo

---

Prof. Dr. Mario Ariel González Porta  
PUCSP – membro externo

---

Dr. Celso Reni Braidá  
(UFSC)

---

Dr. Nazareno Roberto de Almeida  
(UFSC)

---

Dr. Roberto WU  
(UFSC)

**Suplentes:**

---

Dra. Claudia Pellegrini Drucker  
(UFSC)

---

Dr. Marcos Antonio Franciotti  
(UFSC)

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao Programa de pós-graduação em Filosofia da UFSC e aos professores do programa. Agradeço em especial ao professor Dr. Marcos José Müller-Granzotto (UFSC) pela orientação. Ao professor Dr. Pedro M. Alves da Universidade de Lisboa pela acolhida e orientação. Agradeço a Capes pelo apoio da bolsa durante os quatro anos de doutorado, e pela concessão da bolsa no Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior – PDSE realizada na Universidade de Lisboa durante 4 meses do ano de 2012. Agradeço ainda aos meus familiares, em especial meus pais, Vera Beatriz Furtado Fontana e Daudt Fontana, e meu irmão Bruno Furtado Fontana pela paciência, incentivo e compreensão durante esse longo período de estudos. Aos amigos por sua fidelidade, apoio e partilha da existência. Em especial à minha amiga Anny Kátia.



“Tempo é criança a brincar”  
Heráclito.





## RESUMO

A tese trata do conceito de fantasia na fenomenologia de Edmund Husserl a partir dos manuscritos intitulados: *Phantasie, Bildbewusstsein und Erinnerung. Zur Phänomenologie des anchaulichen Vergegenwärtigungen. Texte aus dem nachlass* (1898-1925). A tese trata da fundamentação do conceito de fantasia a partir da novidade deste conceito na história da filosofia e como está novidade está argumentada na fenomenologia. A tese de apoio é pensar o privilégio metodológico da fantasia na construção da fenomenologia como ciência descritivas de essências. O método utilizado contou com a análise das obras: “Investigações Lógicas”, “*Ideias I*” e “*Lições para uma Fenomenologia da Consciência Interna do Tempo*”. Os principais conceitos definidores da fantasia são: intuição, intencionalidade, presentificação e neutralidade. Mostra-se qual a importância da fantasia na consciência pura e suas relações na consciência temporal. A fantasia atua como intencionalidade privilegiada na busca das essências. Ela se opõe ontologicamente à percepção, mas isto implica antes na sua importante tarefa de neutralizar as vivências para alcançar um âmbito transcendental de fundamento.

**Palavras-chave:** Fantasia. Presentificação. Neutralidade



## ABSTRACT

The thesis deals with the concept of fantasy in the phenomenology of Edmund Husserl from the manuscript entitled: "Phantasie, Bildbewusstsein und Erinnerung. Zur Phänomenologie des anschaulichen Vergegenwärtigungen." (1898-1925). The thesis deals with the foundation of the concept of fantasy from the newness of this concept in the history of philosophy and how its newness is argued in Husserl's phenomenology. The groundwork supporting the privileged methodological thinking of fantasy in the construction of phenomenology as a descriptive science of essences. The method used involved the analysis of the works: "Logical Investigations", "Ideas I" and "Lessons for a Phenomenology of Internal Time Consciousness". The main concepts defining fantasy are: intuition, intentionality, representationality and neutrality. It is shown that the importance of fantasy in pure consciousness and their relationship in temporal consciousness. The fantasy acts as prime intentionality in pursuit of essences. It is ontologically opposed to perception, but this means before in their important task of neutralizing the experiences to achieve a framework of transcendental foundation.

**Keyword:** Fantasy. Representation. Neutrality



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>15</b>
<b>2</b>	<b>PERIODIZAÇÃO E ORIGENS DA PRESENTIFICAÇÃO DE FANTASIA PESAGEM</b> .....	<b>37</b>
2.1	OS PERÍODOS TEXTUAIS E A ORIGEM DA FANTASIA NA <i>HUSSERLIANA</i> .....	37
2.2	OS 4 PERÍODOS DO CONCEITO DE FANTASIA .....	40
2.2.1	<b>Período 1: Manuscrito de 1898- “Representação em imagem e Fantasia”</b> .....	<b>40</b>
2.2.2	<b>Período 2: Intencionalidade de fantasia nas Investigações Lógicas</b> .....	<b>53</b>
2.2.3	<b>Período 3: Presentificação de fantasia nos textos de 1905 a 1909</b> .....	<b>73</b>
2.2.4	<b>Período 4: Neutralização de fantasia e reprodução – manuscritos de 1905 a 1924</b> .....	<b>92</b>
2.3	ORIGEM E CRÍTICA FENOMENOLÓGICA DA FANTASIA NA FILOSOFIA MODERNA DE DESCARTES, HUME E KANT. 98	
2.4	DESCARTES: IMAGINAÇÃO ENGANOSA NO RACIONALISMO .....	99
2.4.1	<b>A imaginação no empirismo de Hume</b> .....	<b>105</b>
2.4.2	<b>A imaginação sintetizadora na filosofia de Kant</b> .....	<b>110</b>
<b>3</b>	<b>A ORIGINALIDADE DA FANTASIA: TEMPORALIDADE</b> .....	<b>121</b>
3.1	FANTASIA NAS LIÇÕES DO TEMPO .....	123
3.2	PRESENTIFICAÇÃO E FANTASIA .....	135
3.3	FANTASIA E REPRODUÇÃO .....	144
3.4	INEXISTÊNCIA TEMPORAL DO FICCIONADO .....	149
<b>4</b>	<b>FANTASIA E METODOLOGIA: NEUTRALIZAÇÃO...</b>	<b>153</b>
4.1	NEUTRALIDADE: MODIFICAÇÃO DE CRENÇA E REDUÇÃO .....	156
4.2	FANTASIA COMO MODIFICAÇÃO DE NEUTRALIDADE..	163
4.3	POSSIBILIDADE E JOGO: QUASE E COMO – SE .....	169
4.4	EIDOS E FICÇÃO .....	174

4.5	NEUTRALIZAÇÃO DO EU FANTÁSTICO: REFLEXÃO FANTÁSTICA.....	178
4.6	LIBERDADE E CRIAÇÃO .....	181
4.7	A FANTASIA E A CONSTRUÇÃO DA GRAMÁTICA PURA – APÊNDICE .....	184
<b>5</b>	<b>FENOMENOLOGIA E ONTOLOGIA .....</b>	<b>191</b>
<b>6</b>	<b>INTENCIONALIDADE E IRREALIDADE.....</b>	<b>197</b>
	<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>203</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>205</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A tese trata da fantasia na fenomenologia de Edmund Husserl com base nos manuscritos reunidos no volume XXIII da *husserliana* sob o título de *Phantasie, Bildbewusstsein, erinnerung. Zur Phänomenologie des anchaulichen VergegenWärtigungen. Texte aus dem nachlass (1898-1925)*<sup>1</sup>, “Fantasia, consciência de imagem e memória. A fenomenologia das presentificações intuitivas”. Encontram-se presentes na tese os textos principais publicados por Husserl, como: “Investigações Lógicas”, “*Ideias I e III*”, “Krisen”, “Filosofia Primeira”, “Meditações cartesianas”, “Lições para uma fenomenologia da consciência interna do tempo”, “Experiência e Juízo”.

Os comentadores e filósofos utilizados nas críticas e debate são Jean-Paul Sartre, Eugen Fink, Pedro Alves, Maria Manuela Saraiva, John Sallis, Jocelyn Benoist; entre outros artigos recentes acerca do tema estão a tese de Annabelle Dufourcq, artigos de Rudolf Bernet, Camelo Cali, Edward Casey, Donald B. Kuspit e Christian Lotz.

A questão motivadora está dividida em outras complementares e conectadas. O que é a fantasia na consciência pura e como pensá-la no arcabouço fenomenológico? Qual o papel da ficção no desenvolvimento constitutivo e metodológico da filosofia de Husserl? Tais questões iniciais apenas escondem questões mais profundas e relevantes à tese aqui elaborada. O que permite pensar a fantasia como um conceito novo na história da filosofia? Porque a fantasia e a ficção ganham estatuto central na fenomenologia? Ao resgatar temas como a temporalidade, a redução fenomenológica, a intuição de essências e a própria consciência pura transcendental, é possível repensá-las sob os auspícios da presentificação de fantasia. A análise da fenomenologia observando o privilégio da vivência fantástica na amplitude das questões fenomenológicas encaminha a tese em defesa da superioridade do fantasiar na tarefa infinita da

---

<sup>1</sup>*Phantasie, Bildbewusstsein, erinnerung. Zur Phänomenologie des anchaulichen VergegenWärtigungen. Texte aus dem nachlass (1898-1925)*. (Husserliana XXIII), édité par E.Marbach, La Haye, Editions M. Nijhoff, 1980. O texto foi traduzido pela primeira vez em 1980. Abreviado como *Phantasie*.

fenomenologia de descrever as conexões de sentido (essência) do plano transcendental definido como *Eu puro*. Tal privilégio não se apresenta como visão de leitura da fenomenologia, mas representa a orientação *husserliana* ao idealismo transcendental e sua busca por fundamento. Estes pontos nevrálgicos, o idealismo e a fundamentação, conectam a tese fenomenológica como uma totalidade, por meio da qual a fantasia também caminha. Este é um alicerce da tese e argumentações defendidas como justificativa em concentrar um trabalho numa intencionalidade específica, ou seja, acredita-se ser a fantasia um tema unificador e elucidativo da construção fenomenológica *husserliana*.

A tese trata do conceito de fantasia na fenomenologia de Husserl, mas é preciso esclarecer primeiramente o motivo da escolha do termo fantasia e não o conceito mais tradicional de imaginação. Tal preferência terminológica deve ser obedecida ao adentrar temas da consciência imaginativa como um todo. É importante resgatar a história filosófica da imaginação. Este conceito aparece desde a filosofia antiga, respeitando sua particularidade, até a filosofia moderna, representada principalmente por Hume, Descartes e Kant. Todos eles utilizam e definem o conceito de “imaginação”, seja dentro de uma perspectiva negativa e limitada como em Hume e Descartes, seja como ato de conhecimento restrito à função de sintetizar como aparece em Kant. Outra diferença crucial entre a imaginação moderna e a fantasia fenomenológica é a necessidade dos modernos de conduzirem o imaginar para esferas diferentes da ontologia, entre elas as da estética e da moral, como formas de aplicação do imaginar.

Deve ficar claro a diferença do uso terminológico entre imaginação e fantasia na fenomenologia de Husserl. A primeira só aparece como um conceito geral do âmbito dos atos imaginativos, pois, no início das pesquisas, Husserl dependia de dois modos de intencionalidades sobre imagens para dar conta do modo de aparecimento dessas imagens. Chamava imaginação um “ato geral de captação de imagens”, e não a considera um análogo da fantasia. Constata-se o uso restrito do termo imaginação (*Imagination, Einbildung*) nos manuscritos da *husserliana* XXIII, em particular nos textos entre os anos de 1898 e 1905. Nestes textos, a referência ao termo imaginação designa o modo de figurar



imagens mais gerais, e ainda aponta-a como modo de figurar a partir da consciência de imagem, ou seja, ela estaria restrita ao modo físico de figurar em imagem. A consciência de imagem se decompõe em três partes: imagem-física, objeto-imagem e sujeito-imagem. E o termo fantasia é usado para falar de imagens livres de um referencial físico ou de qualquer dependência da percepção, e ao mesmo tempo possui um aspecto construtivo ou criativo, termos usados nos anos de 1920. Este conceito aplicado ao fantasiar deve ser pensado apenas em seu aspecto fundante e desobrigado de uma interpretação prática, seja estética, seja moral.

No conjunto das obras de Husserl pode-se definir a fantasia a partir de quatro conceitos chaves. Os quatro conceitos chaves são intencionalidade, intuição, presentificação e neutralidade. A fantasia é uma consciência intencional, mas essa definição de fantasia é a mais geral no esquema da fenomenologia.

A intencionalidade não é claramente descrita em sua forma conceitual, mas aparece, em todas as obras, já de modo aplicado à consciência. Importa destacar a intencionalidade como ato intencional da consciência. Isto na fenomenologia exige o método da redução fenomenológica ou *epoché* para retirá-la do modo psicologista de compreensão dos atos do ego. Esta passagem da intencionalidade psicológica ao ato de reflexão do ego puro transforma a consciência transcendental num campo relacional de sentido.

A intencionalidade tem o intuito de relacionar os polos da subjetividade pura e da objetividade pura, ou seja, o intencional algo é na verdade um constituir um sentido de algo. Deve-se falar da importância da descoberta da tese da intencionalidade de Brentano, descrita pelo conceito de “fenômeno psíquico” na obra *Psicologia de um ponto de vista empírico*<sup>2</sup>, para o desenvolvimento da fenomenologia *husserliana*.

A teoria de Brentano propiciou formular uma tese fenomenológica da intencionalidade. Esta abriu caminho para as novas leituras da intencionalidade aos pensamentos herdeiros da tradição *husserliana*, tais como Heidegger, Merleau-Ponty e Sartre.

---

<sup>2</sup> Brentano (Franz), *Psychologie vom empirischen Standpunkt, vol.1, éd. Par O. Kraus, Hambourg, Felix Meiner, 1974.*

A grande diferença entre o psicologismo da intencionalidade de Brentano e a intencionalidade fenomenológica é a suspensão da consciência psicológica e dos atos intencionais psicológicos na formação do ego. Isto resulta na possibilidade de uma descrição transcendental da consciência e mais, de uma “*intencionalidade ontológica*”<sup>3</sup>, ou seja, de uma descrição ontológica dos atos intencionais fenomenológicos, que se dá através da visão das coisas mesmas, dos eidos ou do sentido dos atos e correlatos do *ego*.

A intencionalidade deve ser investigada pela via da constituição, pois ela é ação constituinte, o que configura o papel ativo da consciência no processo de fundamentação. A constituição permite descrever de forma ontológica a fenomenologia através da descrição intencional dos atos da consciência constituinte e do constituído, o mundo, como transcendência na imanência do *Eu puro*.

A fantasia é também intuição, pois apreende e descreve o sentido noético-noemático de modo imediato e direto sob a sua especificidade de irrealidade. Todas as vivências da consciência são consideradas intuições. A intuição é o modo de conhecimento acerca do aparecimento de algo, fenomenologicamente importa descrever o sentido do aparecimento, e suas conexões essenciais. A fantasia intui o aparecimento de algo irreal, ausente ou até inexistente, já a percepção intui o aparecimento de algo ali presente efetivamente. A percepção e a fantasia são ambas aprendidas de modo intuitivo no esquema transcendental da consciência.

Esta similitude intuitiva entre a percepção e a imaginação só pode ser afirmada com afinco na fenomenologia, pois tal similitude na tradição filosófica foi impossível devido ao caráter intermediário e mesmo negativo da imaginação no conhecimento entre o sensível e o intelectual. Husserl afirma ser a fantasia uma intuição intelectual, é uma forma de conhecimento, e mesmo uma forma de conhecimento transcendental e ontológico. Cada vivência isolada é intuitiva, ou seja, apreendida de modo imediato e direto pelo ego, a fenomenologia avança nas suas descrições intuitivas e alcança a essência (sentido) dos atos e correlatos mesmos. Esse processo é realizado pela intuição de essências. A

---

<sup>3</sup> Sobre a relação entre fenomenologia e ontologia ver *Ideias* III.

imaginação permite compreender os atos da consciência mesma e seu correlato intencional de modo direto e evidente, mas também possui o papel de ser a intuição privilegiada na captação do sentido (eidos) transcendental presente nas coisas mesmas. A intuição de essências é melhor descrita sob uma vivência fantástica<sup>4</sup>, que tem o caráter de redução da tese da existência.

A fantasia intuitiva é estudada também por Maria Manuela Saraiva em sua obra “A imaginação segundo Husserl”, contudo deve-se ressaltar aqui a tese central da portuguesa acerca da imaginação, pois tal afirmativa será motivo de crítica no decorrer de nosso trabalho. Ela afirma ser a imaginação inferior a percepção, tese esta que mostraremos errada e mesmo apressada na visão total da obra. Ela diz: “A imaginação é, portanto, colocada por Husserl ao lado da percepção. Isto é verdade quando se trata de vincar a diferença entre a consciência intuitiva e a consciência vazia, mas, se nos mantivermos na esfera das intuições, teremos então de dizer que a percepção é muito superior à imaginação.

Com efeito, só a percepção faz ver e dá o objeto, no sentido próprio e estrito destas palavras. A imaginação é não apenas inferior à percepção, mas é fundada nela. O primado da percepção, no seu primeiro aspecto, fica, segundo nos parece, suficientemente posto em relevo pelas nossas análises deste capítulo”<sup>5</sup>.

A tese do primado da percepção é arcaica e já foi refutada a contento pelos comentadores mais recentes de Husserl, contudo, a tese a ser aqui levantada reivindica a superioridade da fantasia em dois pontos chaves da totalidade fenomenológica: 1) temporalidade, 2) metodologia, 3) ontologia.

O ponto 1) trata do indispensável papel da fantasia e sua característica de possibilidade livre como contraponto do presente capaz de engendrar o fluxo da consciência. 2) Neutralizar a posição de existência dos atos intencionais e do próprio eu fantástico (ponto de ligação às pesquisas genéticas, para no ponto 3) descrever a ontologia fenomenológica das essências (sentido) no âmbito de instauração do *Eu puro*.

---

<sup>4</sup> Conforme §4 de *Ideias* I.

<sup>5</sup> Saraiva, M.M. *A imaginação Segundo Husserl*, p. 82.

Numa definição mais refinada e detalhada, a fantasia é uma presentificação. A fantasia como presentificação se fundamenta na consciência temporal do *Eu puro*. Fundamenta-se numa base originária na percepção ou, definida na via temporal, a apresentação. A presentificação de fantasia é uma modificação da consciência original, no caso, a consciência perceptiva. A presentificação significa um retornar ao apresentado, ao presente como base temporal do *Eu puro*.

A fantasia como presentificação é um modo de neutralidade. Ela é uma modificação do presente com a característica peculiar da neutralidade, a qual tem um papel chave no método fenomenológico, o papel de neutralizar toda posição de existência. Tem-se, nesse esquema básico de definição do conceito de fantasia, quatro conceitos chaves para defini-la juntamente com sua atitude, a ficção, definida como processo característico do seu modo de orientar-se perante a compreensibilidade do sentido da subjetividade e da objetividade no projeto descritivo da fenomenologia.

A definição do conceito de fantasia só pode ser plenamente alcançada após a busca por esses conceitos chaves expostos em toda obra *husserliana*. Intuito ainda inicial diante das questões expostas na tese, as quais implicam em responder acerca da originalidade da fantasia e como sua posição estratégica permite à Husserl definir a fenomenologia como idealismo transcendental. Como a compreensão profunda das relações intencionais através da intuição e descrição de essências, somente possível através da fantasia como vivência privilegiada de captação dessas essências ou sentidos, é possível pensar a temporalidade como fundamento da consciência no estágio de aprofundamento das descrições de essências, e exige avançar ao estado superior das análises fenomenológicas da temporalidade, ao incluir a reflexão do eu fantástico como autoreflexão do *Eu puro* ou também pensada como neutralização do eu fantástico, para daí alcançar-se a temporalidade do “*presente vivo*”<sup>6</sup>. Presente este pensado como o tempo sem relações intencionais, mas apenas em sua função

---

<sup>6</sup>*Lebendige Gegenwart* termo utilizado por Husserl nos manuscritos de Bernau, ou chamados manuscritos C sobre o tempo, que tratam de uma temporalidade do não-eu ou do agora universal. A passagem aos estudos do presente vivo está pautada no método genético e tratam da constituição de fundamentação originária e última da consciência pura.

puramente fundacional. Há aspectos ontológicos e metodológicos a serem esclarecidos na tese da novidade da fantasia como conceito orientador da fenomenologia.

Na base de nossas análises estão os manuscritos do volume XXIII da *husserliana*, intitulado: *Phantasie, Bildbewusstsein, Erinnerung. Zur Phänomenologie des anschaulichen Vergewärtigungen. Texte aus dem Nachlass (1898-1925)*, traduzido para o francês com o título: *Phantasia, conscience d'image, souvenir. De La phénoménologie desprésentifications intuitives*, por Raymond Kassis e Jean-François Pestureau<sup>7</sup>.

A tradução em português utilizada aqui é: “Fantasia, consciência de imagem e memória. Da fenomenologia das presentificações intuitivas”. A tradução do subtítulo do volume XXIII aponta a importância do conceito de “presentificação” (*Vergegenwärtigungen*) para compreender a fantasia. Fica claro ser o conceito de presentificação a chave para definir esse modo de intuição denominado de fantasia. Estes manuscritos serão a base teórica para as análises sobre a fantasia e sobre a tese da novidade na prova de como a fantasia passa a ter papel chave no todo da construção *husserliana*.

Resgata-se a introdução de Eduard Marbach ao volume XXIII, na qual é feito um mapeamento histórico do texto e explicação das obras com esses manuscritos. Ele mostra a importância desses manuscritos para compreensão do volume X da *husserliana*: Para uma fenomenologia da consciência íntima do tempo. Diz *Marbach*: “Tematicamente, este volume estabelece uma relação estreita com um volume em preparação das *Husserliana* consagrado à Fenomenologia da percepção, bem como o volume X, disponível nessa edição, *Para uma fenomenologia da consciência íntima do tempo (1893-1917)*”<sup>8</sup>. Aqui aparece a resposta ao conceito de fantasia ser definido como presentificação e a importância do termo para pensar, definir e nomear a fantasia. *Marbach* cita o próprio Husserl no volume X sobre o tempo: “A fantasia é a consciência caracterizada como

---

<sup>7</sup> Tradução francesa.

<sup>8</sup> MARBACH, Eduard. *Introduction de l'éditeur. In :Phantasia, conscience d'image, souvenir. De la phénoménologie desprésentification intuitives*. P,8.

presentificação”<sup>9</sup>. Em outra passagem da introdução *Marbach* cita as Lições do inverno de 1923/1924 sobre a Filosofia primeira para retratar a relevância do conceito de presentificação intuitiva apresentada também nos manuscritos. Ele cita a passagem: “A fantasia não é ela mesma uma representação que presenta, mas que *presentifica*”<sup>10</sup>. A afirmativa permite pensar a fantasia como sendo um movimento de saída e de retorno ao âmbito presente. A fantasia é uma segunda presentificação, ou seja, a consciência presentificante da fantasia opera um movimento de circular em direção ao presente como temporalidade originária da consciência.

Nas Lições do tempo, é revelado um aspecto terminológico do conceito de fantasia. Trata-se de assemelhar a significação do termo fantasia e presentificação (*Vergegenwärtigung*): “Para a fantasia simples é necessário outra terminologia. Ou bem nos utilizamos a palavra mesma, ou bem nos utilizamos a palavra *presentificação*”<sup>11</sup>. A fantasia é uma presentificação, mas nem toda presentificação é fantasia. Isto significa que a presentificação é um tipo de modificação da atitude presentativa, ou perceptiva. Há presentificação da memória, da atenção, da expectativa (vivência do futuro) e da reprodução em imagem. Todas as presentificações devem ser compreendidas através do conceito de modificação. O modificar aqui é um processo de alterar a atitude originária do presente fenomenológico, em torná-la quase presente no caso da presentificação reprodutiva (o conceito substituto e teoricamente reformulado da *consciência de imagem*<sup>12</sup>) ou como se fosse presente no caso da fantasia pura e livre. E conseqüentemente, essas modificações têm suas respectivas alterações no modo da consciência captar o presente da vivência.

---

<sup>9</sup>*Husserliana* X, §19, citado por MARBACH, Eduard. *introduction de l'editeur. In :Phantasia, conscience d'image, souvenir. De la phénoménologie desprésentifications intuitives.* P, 8.

<sup>10</sup>MARBACH, E. HUA VIII. *IN introduction de l'editeur. In :Phantasia, conscience d'image, souvenir. De la phénoménologie desprésentifications intuitives.* P, 23

<sup>11</sup> MARBACH, E. HUA VIII. *IN introduction de l'editeur. In :Phantasia, conscience d'image, souvenir. De la phénoménologie desprésentifications intuitives.* P, 30

<sup>12</sup> Tratar-se-á mais a frente sobre a mudança terminológica e elevação conceitual do termo consciência de imagem (*Bildbewusstsein*) ao termo reprodução.

Esta relação entre fantasia e temporalidade não é apenas demonstrada pela temática, mas por cartas do próprio Husserl à Brentano, nas quais ele expressa sua motivação geral e a importância de pensar os atos intuitivos a partir da temporalidade e vice-versa. “Assim escreve ele já a Franz Brentano depois das festas de natal do inverno de 1904/1905 que nas Lições ele: ‘tenho ensaiado de esboçar as premissas de uma fenomenologia sistemática da intuição (da percepção e da fantasia, da representação temporal, etc.)’. No início da última parte fundamental dessas mesmas lições que tratam da fenomenologia do tempo, ele diz nos manuscritos originais: ‘...que um encadeamento estreito reside entre os atos intuitivos e a consciência do tempo, que uma análise da consciência perceptiva, da consciência de fantasia, da memória, e da atenção não é encontrado antes da temporalidade ser introduzida na análise, e que inversamente uma análise da consciência do tempo pressupõe em uma larga medida aqueles atos citados, isto é completamente evidente”<sup>13</sup>. Por tudo isso, é preciso avaliar a temporalidade como tema presente e incessante nos trilhos da pesquisa acerca da definição e da novidade da fantasia.

O termo *Vergegenwärtigungen* traduzido por presentificação, tanto na versão francesa, quanto em português das traduções de Portugal, além de vincular estreitamente o conceito de fantasia ao tema da temporalidade também possui o designo de mostrar a novidade da análise da fantasia perante a tradição filosófica, pois Husserl foi o primeiro a tratar a conhecida ‘imaginação’ como modo próprio de intencionar o mundo, ou seja, a nomeada fantasia é, pela primeira vez fundamentada por ela mesma, sem se submeter à aspectos morais, estéticos ou se limitar a sintetizar o conhecimento. Nosso título expressa muito mais do que uma simples referência terminológica aos textos dos manuscritos citados na *husserliana* XXIII e nas *Lições do tempo*<sup>14</sup>.

---

<sup>13</sup> MARBACH, Eduard. *Introduction de l'editeur. In :Phantasia, conscience d'image, souvenir. De la phénoménologie des présentifications intuitives*. P, 7.

<sup>14</sup> A falta de conhecimento dos manuscritos da *husserliana* XXIII, por serem manuscritos inéditos e não publicados em vida por Husserl, não impede a validade do conceito de presentificação para análise da fantasia, como explica bem Marbach na introdução da tradução francesa do volume XXIII. Ele indica várias passagens nas quais o termo presentificação aparece nas *Lições do tempo* de 1905, um dos textos publicados e mais conhecidos da obra de Husserl.

O uso do termo *presentificação de fantasia* expressa a novidade da fantasia no contexto geral da fenomenologia, pois indica a fantasia pensada através da temporalidade, tema central e fundante nas pesquisas fenomenológicas. Somente tal expressão já distancia a interpretação tradicional ou pré-fenomenológica acerca do que era chamado 'imaginação' e em si mesma e já contém os novos rumos dados ao tema.

A ficção como característica da fantasia e o seu correlato intencional, o fantasiado, são divisões dentro do mesmo tema. A ficção é o modo como a fantasia enquanto consciência intencional intuitiva e presentificante atua sobre a visão de mundo da consciência pura. A ficção é a característica orientadora da fantasia, ou seja, quando a consciência pura visa o mundo através da fantasia ela torna tudo ficção. Isto não significa pensar a ficção como meio de negar o mundo e da realidade efetiva, mas antes como atitude específica da consciência pura orientada por meio do *como se*. Uma das perguntas dessa tese refere-se ao porquê do papel central da ficção, e, em consequência da fantasia, na fenomenologia. Tal questionamento valida-se nas palavras do próprio Husserl, numa citação célebre das *Ideias I*: "Assim, caso se goste de discursos paradoxais e se entenda a plurivocidade do sentido, pode-se efetivamente dizer, com estrita verdade, que a 'ficção' constitui o elemento vital da fenomenologia, bem como de todas as ciências eidéticas, que a ficção é a fonte da qual o conhecimento das 'verdades eternas' se alimenta"<sup>15</sup>. (Husserl, 1976, p. 148). A afirmativa acima aponta ao caráter central da fantasia, aqui expressa através de sua atitude intencional específica, como meio de alcance e fundamento da fenomenologia em sua tarefa científica e filosófica de descrever o sentido da subjetividade transcendental.

A fantasia também é neutralização. Tais descrições aparecem no volume XXIII da *husserliana* e nas *Ideias I*<sup>16</sup>. Esta

---

<sup>15</sup> HUSSERL, E. *Ideias para uma filosofia e uma fenomenologia pura*. Abreviado como *Ideias I*.

<sup>16</sup> No volume XXIII da *husserliana* o termo neutralização aparece pela primeira vez no ano de 1912 na passagem [353] subtítulo d) Modificação da reprodução sem tomada de atitude atual. Nas *Ideias I* o tema da neutralização aparece em § 109-112. O tema da neutralização já aparece nas investigações lógicas, mas ainda não de forma articulada.



neutralidade da fantasia ocorre na sequência ou juntamente com sua condição temporal de presentificação. Esta característica é uma modificação específica da temporalidade. A neutralização tem um caráter noemático que diz respeito ao modo de crença. Dentre as presentificações distinguem-se as presentificações posicionais, percepção e a recordação, e as presentificações neutralizadas, a fantasia. Há também fantasias reprodutivas ou imagens de fantasia que dependem de uma recordação anterior. Toda fantasia é neutralizada, mas nem toda presentificação é neutralizada. A fantasia é uma consciência neutra, mas nem toda neutralidade é uma fantasia. A fantasia como neutralização é uma modificação qualitativa (nos termos das LU) ou de crença. Há dois tipos de neutralização de fantasia. 1) A *presentificação neutralizante do objeto*, como vivência particular ela neutraliza um ato perceptivo, também chamada de reflexão na imaginação. 2) modificação neutralizante universal, identificada com a redução transcendental. Pode-se dividir a neutralização em duas conforme os textos mencionados. A neutralização reprodutiva e a neutralização universal na crença do mundo ou neutralização no como se. A fantasia é uma neutralização universal aplicável à todas vivências da consciência. Nas lições do tempo também há referências a neutralização. Ela é vista sob o conceito de “inaturalidade”. A imaginação tem uma estrutura temporal, mas o objeto temporal aparece como inatural, não tem referencial temporal no passado nem no agora atual. A neutralização também dá acesso a uma consciência estética, a qual aparece nos manuscritos do volume XXIII e deve aparecer na tese como mais um modo de vivência intencional da consciência.

A modificação do modo de crença implicado na neutralização da fantasia resulta numa apreensão de mundo no modo do ‘como se’ ou ‘quase’ (*Als-ob*)<sup>17</sup>. O modo do quase (*quasi*)<sup>18</sup> é utilizado para a presentificação de fantasia reprodutiva,

---

<sup>17</sup> Referência do tema: Fantasia (volume XXIII), *Ideias* I, Experiência e juízo, Investigações Lógicas.

<sup>18</sup> No volume XXIII há um parágrafo com o título “*Das Gleichsam der Reproduktion und das Als ob der Phantasie*”, “O quase da reprodução e o como se da fantasia”, nesse momento Husserl parece fazer uma divisão nos modos de crença. O quase seria o modo de crença da reprodução ou da presentificação de fantasia reprodutiva, ou seja, trata das imagens provindas de uma recordação. Já o modo como se estaria mais relacionado ao ato de fantasia pura.

ou seja, que tem a ver com a memória de algo já passado na consciência. A fantasia apreende no modo como se, o modo da pura possibilidade. A fantasia é um modo de consciência que já inclui em seu olhar uma neutralização da percepção e da presença do objeto. A imagem fantástica é uma noese não-temporal, fora do tempo, não existe em qualquer tempo objetivo.<sup>19</sup> A imagem fantasiada, o centauro, tem por característica essencial o modo de aparecimento como se. Este como se indica ser a imagem um objeto neutro de posição de existência. O centauro não existe, mas seu aparecimento é como se ele existisse, como se ele fosse real, como se ele fosse percebido. A imagem fantasiada, o centauro, tem por característica essencial o modo de aparecimento *como se*. Este *como se* indica ser a imagem um objeto neutro de posição de existência. O centauro não existe, mas seu aparecimento é *como se* ele existisse, *como se* ele fosse real, *como se* ele fosse percebido. O centauro vive no plano da possibilidade, isto é, na temporalidade da consciência sua inexistência é um puro nada.

O caminho a percorrer pretende partir dos manuscritos, da genealogia e historicidade da fantasia. Esta primeira etapa será detalhada no capítulo 1 intitulado: Historicidade e genealogia da fantasia, que tratará exclusivamente de como foi concebida a fantasia na fenomenologia, suas variações imagéticas e as tênues mudanças conceituais apresentadas no decorrer dos manuscritos *“Fantasia, consciência de imagem e memória”*. Estes manuscritos reúnem textos sobre a imaginação e consciência de imagem desde 1898 até 1920, os quais reunidos já mostram a riqueza e as minúcias, as divisões e soluções de Husserl para todo o campo imagético. Principal mudança no tema está no desuso da teoria da consciência de imagem, e no aparecimento da reprodução como meio de sanar o problema das imagens de origem física. Cabe aqui revelar mais um dos motivos pelos quais se preferiu tratar da fantasia num sentido amplificado, do que das relações imaginativas como a consciência de imagem. A fantasia ganha espaço e se sobrepõe em importância na temática. Ressaltar a fantasia é também um modo de não se prender a qualquer

---

<sup>19</sup> Fantasiado como objeto fora do tempo, referências no volume XXIII, Lições, Experiência e Juízo. Neste último cita-se: “Neste tempo ‘como se’ não existe real e autêntica localização do lugar temporal”.

interpretação tradicional acerca da imaginação, tais como leituras modernas empiristas ou racionalistas.

O capítulo abre lugar para realizar uma pequena genealogia da imaginação nas filosofias modernas. Este subcapítulo torna-se importante pela própria referência de Husserl nos manuscritos e outras obras desses filósofos modernos. Dentre eles estão Hume, Descartes e Kant, três modernos que retrataram o tema da imaginação, cada um sob uma visada especial. É interessante mostrar um aspecto comum entre estes tão diferentes pensadores. Há, em comum, a falta de aprofundamento do tema da imaginação, pois a mesma não é tratada em si mesma como um conhecimento próprio do mundo. Encontra-se aqui a grande diferença da fenomenologia com a tradição filosófica: a fantasia é um modo de conhecimento próprio do mundo e ganha um estatuto elevado dentro do pensamento de Husserl. Eleva-se por seu papel metodológico, reducionista e ontológico na descrição das essências significantes, o *telos*<sup>20</sup> da ciência transcendental. Última fase desse capítulo é demonstrar as alterações terminológicas e opções presentes nesses manuscritos, apontando para os termos que mais perpassam as outras obras da *husserliana*. Importante ressaltar que o tema da imaginação não é trabalhado diretamente por Husserl na sua elaboração crítica desses pensamentos, mas a sua crítica geral à subjetividade e ao modo de conhecimento propicia embasamento teórico para tratar o tema da fantasia.

O segundo capítulo chama-se: “Originalidade da fantasia: temporalidade”. Este é o capítulo central, pois, nele, se encontra a resposta à pergunta sobre a novidade da fantasia na história da filosofia. Tratar a fantasia por via da temporalidade é além de indissociável na fenomenologia como mostra a singular renovação desse conceito, mas fundamental. A tese mostra o tempo como aspecto original da interpretação fenomenológica da fantasia. O assimilar do temporal na fantasia se dá através do conceito de presentificação (*Vergegenwärtigung*). A temporalidade na fenomenologia tem como base a temporalidade do presente, ou ainda, da apresentação (*Präsentation, Gegenwärtigung*) como doação originária. A percepção (presente) é o contraponto para as presentificações intuitivas. Este passo da tese tem como obras de referência a “*Fantasia*”, “*Lições do tempo*” e “*Ideias I*”. Nos

---

<sup>20</sup> Husserl utiliza a frase “Ir às coisas mesmas” “*Zu den sachen selbts*” como lema e *telos* da fenomenologia transcendental.

manuscritos, a presentificação aparece em vários trechos e, principalmente, quando se opõe a fantasia e a percepção, mesmo nos textos primórdios já se fala em presentificação<sup>21</sup>. Ainda no tema conseqüente da neutralização também há referências às presentificações, pois a neutralização é um modo de presentificação com exclusão da crença na existência.

A temporalidade com base no tempo presente coloca um dilema a ser analisado no decorrer do capítulo. A tese corrente no discurso dos comentadores e filósofos herdeiros da fenomenologia fala do primado da percepção na filosofia de Husserl. Esta leitura originada de Heidegger e defendida por outros fenomenólogos compromete uma visão mais totalizante da proposta fenomenológica de Husserl. A afirmativa da temporalidade se fundar no presente e da consciência perceptiva não resultar num empirismo latente da consciência pura e da construção conceitual elaborada na fenomenologia. O primado da percepção não implica uma leitura modernista dessa filosofia, a qual não pode aceitar uma interpretação sob os auspícios de uma ou outra teoria do conhecimento, seja ela empirista e pautada no mundo vivido, seja ela idealista simplória, tal como uma tentativa de igualá-la ao idealismo kantiano. O racionalismo cartesiano tampouco pode ser uma visão de leitura da fenomenologia, embora o próprio Husserl resgate a filosofia cartesiana em pontos importantes.

O intuito da discussão sobre o primado da percepção só entra em cena pela compreensão da fantasia como intencionalidade livre da referência ao real na sua constituição pura. Trata-se de desmontar a leitura sobre a fantasia ser uma “cópia da realidade”. Tal leitura já tem seus pressupostos desmontados por vários comentadores recentes<sup>22</sup>, mas cabe ainda mostrar a superioridade da fantasia e sua natureza própria e original no desenvolvimento do esquema transcendental fenomenológico. A comentadora portuguesa Maria Manuela Saraiva em seu texto clássico sobre o tema da imaginação: “*A imaginação segundo Husserl*” tem como tese de fundo o primado da percepção alicerçado numa leitura empirista da obra de Husserl, a qual tende para uma naturalização da fenomenologia

---

<sup>21</sup> Nos manuscritos de 1898.

<sup>22</sup> Dentre eles: Pedro Alves, Rudolf Bernet, Donald Kuspit.

transcendental devido à recusa da redução do mundo<sup>23</sup>. Discute-se, nesse capítulo, os argumentos de Saraiva e se mostrará os erros dessa leitura. Acredita-se ser ingênua tal leitura, mesmo tendo sido Saraiva privada dos manuscritos sobre a fantasia publicados no volume XXIII, pois se argumenta serem as obras publicadas na época suficientes para comprovar o idealismo transcendental presente na obra e a fantasia como vivência independente da percepção.

Dentre alguns comentadores acerca do tema da consciência temporal, deve-se retratar aqui Eugen Fink com um artigo clássico sobre o tema: “Presentificação e imagem. Contribuições à fenomenologia da inefetividade”<sup>24</sup>. A interpretação de Fink sofre com a influência da filosofia de Heidegger e tem uma linha de investigação muito especial, contudo, a inefetividade é o tema que perpassa todos os modos de consciência imaginativos, seja a fantasia ou a consciência de imagem. Ele trata desses temas nos seus horizontes temporais e acaba por criar a nova denominação “*depresentação*” (*Entgegenwärtigungen*) nos ciclos dos horizontes temporais. Ver-se-á se tais leituras condizem com a perspectiva *husserliana*, pois, num trecho desse artigo Fink afirma que a fantasia nada pode criar e seria apenas uma cópia da percepção<sup>25</sup>.

Dentre os comentadores recentes destaca-se Annabelle Dufourcq com o texto “*La dimension imaginaire du réel dans la philosophie de Husserl*”<sup>26</sup> deve-se notar a forte influência de

---

<sup>23</sup> A leitura da fenomenologia de Husserl feita por Saraiva é chamada de empirista, talvez seja melhor identificada com a leitura sartreana que perpassa seu texto. Pode-se cair na tentativa de naturalização do pensamento de Husserl.

<sup>24</sup> Publicado no *Jahrbuch für Philosophie und phänomenologische Forschung*, vol. XI (1930), pp. 239-309.

<sup>25</sup> Citar trecho.

<sup>26</sup> Publicado na revista *Phaenomenologica*, nº 198, editora Springer, 2011. O texto é fruto das pesquisas de doutoramento sob a orientação de Renaud Barbaras a tese está baseada na leitura de Merleau-Ponty acerca do tema. Tal leitura assemelha-se muito mais com a visão merleau-pontyana de imaginário do que com a teoria da presentificação de fantasia neutra de Husserl. Esta leitura também incorre no mesmo abismo da leitura *sartreana* feita por Saraiva, qual seja, na tentativa de naturalização da fenomenologia *husserliana*. Qualquer tentativa de naturalizar o Eu puro esbarra com a decisão pela redução transcendental e eidética da compreensão de mundo, ou seja, é inconcebível na

Merleau-Ponty e, por consequência, o comprometimento da leitura *husserliana* da fantasia. Dizer qualquer coisa como uma dimensão imaginária no real é tentar dizer que o real é imaginativo, isso significaria não haver uma divisão essencial entre essas duas intencionalidades. No decorrer das análises, serão feitas as críticas e argumentações para resgatar a verdadeira essência da teoria *husserliana* da presentificação de fantasia como consciência autônoma e livre da dependência perceptiva ou real.

A memória é outro tema contundente e de suma importância ao desenrolar da temporalidade, e principalmente, das conexões entre fantasia e percepção. Nos manuscritos do volume XXIII e em alguns textos como as LU, aparece o conceito de consciência de imagem, esse seria aplicado a todos os atos da consciência, mas o modelo não rendeu resultado e foi deixado de lado. Na esfera imaginativa, a substituição do conceito de “imagem” aparece, na esfera da temporalidade, com o conceito de reprodução. É a memória que faz ver a imagem no estado físico e a torna presente à consciência. A recordação tem o papel de reproduzir na consciência atual a imagem de um ausente.

Analisa-se como a recordação influencia no tema da fantasia, se é possível ter uma fantasia reprodutiva e se esta causaria algum retrocesso na leitura da originalidade da fantasia. Nas *Lições do tempo*, a recordação secundária ou interativa é identificada com o modo reprodutivo de reter os objetos temporais passados. No § 14 intitulado “Reprodução de objetos temporais (recordação secundária)”, tem-se a definição de reprodução como recordação interativa ou secundária. Este tema segue do § 14 até o §24 e precisa ser devidamente esmiuçado para compreensão da fantasia e sua relação com essa intencionalidade de recordação.

A temporalidade é descrita como uma sucessão de agoras, ou seja, todos os atos da consciência temporal são pautados no fluxo do presente. O presente como base faz pensar no lugar do passado e do futuro no fluxo temporal. O passado é descrito como intencionalidade retencional (retenção), e o futuro é a intencionalidade protensional (protensão). É preciso situar a temporalidade da fantasia, o noema situa-se temporalmente como tornar presente, uma presentificação, ela tem seu lugar no tempo fenomenológico, mas o seu correlato não tem lugar temporal, não

---

fenomenologia fundada por Husserl retroceder ingenuamente à visão natural de mundo. Citado daqui por diante como: *La dimension imaginaire*.

está no passado nem no futuro. O fantasiado pode ser um objeto possível do futuro? Estas questões precisam de uma exploração mais detalhada e minuciosa, pois alteram os rumos da pesquisa sobre a relevância da fantasia no processo total da ciência fenomenológica. Certamente, o fantasiado, ou fantasmado, não tem posição temporal definida, ele é considerado como não-tético, ou ainda chamado nas Lições de inatual. A inatualidade é a neutralidade no sentido dado nas *Ideias*.

A inatualidade é posteriormente pensada como a teoria da neutralização. Este é o tema do terceiro capítulo da tese denominado: “Fantasia e metodologia”: neutralização. A aposta da tese está concentrada no conceito de “neutralização”, pois é esta aplicação do método neutro no modo de crença da consciência a chave para desvendar a novidade da presentificação de fantasia na fenomenologia de Husserl. Na história do conceito de imaginação<sup>27</sup> a mesma foi pensada sempre sob um prisma dualista, dividindo-a conforme seu caráter positivo ou negativo na captação do conhecimento.

A fantasia descrita na fenomenologia não é nem um ato negativo, nem positivo diante do mundo, mas um ato neutralizado, isto é, tem a sua posição de existência neutra. A dificuldade da tradição filosófica<sup>28</sup> estava em associar a ideia das imagens como conhecimento positivo à existência e com a correspondência com o real. Numa teoria onde as imagens são consideradas negativas está por trás uma leitura da inexistência das imagens dificultar a prova ao conhecimento racional, e, por dedução, essas imagens seriam consideradas falsas. A divisão entre ato imaginativo positivo ou negativo desencadeia nas duas vertentes correntes da filosofia moderna: empirismo e racionalismo. Tais vertentes do conhecimento serão criticadas pela fenomenologia em pontos centrais, como a teoria da subjetividade, por meio da qual se concentra a obra *husserliana*, mas com uma intenção purificada, uma atitude transcendental fenomenológica.

A neutralização não é apenas aplicada nas relações noético-noemáticas isoladas, mas a mesma se instaura como modificação neutralizadora universal aplicável a todas as

---

<sup>27</sup> Usa-se o termo imaginação aqui de forma genérica para tratar do tema em geral presente nas filosofias passadas. O termo usado é *Imagination*.

<sup>28</sup> É possível verificar no capítulo 1) a formulação geral das filosofias modernas e como pensavam as imagens sob a leitura de Husserl.

vivências em seus mais altos níveis de compreensão. Desde a teoria dos polos da consciência intencional, passando pela fenomenologia da razão, as ontologias regionais e formais, e principalmente alcançando os temas da consciência temporal. Sem a neutralização não seria possível progredir nas pesquisas fenomenológicas, pois ela tem o papel de uma redução transcendental. A fantasia acumula uma função individual referente às conexões intencionais da consciência num nível estático, somando-se a função de neutralizadora universal e evoluindo ao nível de desveladora das conexões essências. No âmbito genético da temporalidade, a fantasia tem uma função de consciência desinteressada, da qual advêm as questões de origem e história da consciência como *presente vivo*. É preciso repensar o papel da fantasia na passagem ao tema da autoconstituição da consciência pura.

A neutralização do eu fantástico é o último estágio na busca da gênese da fenomenologia. A fantasia pensada como presentificação neutralizadora aplica a redução às vivências noéticas como a percepção, recordação, juízos e é aplicada também aos noemas fantásticos, aos mnemônicos, e perceptivos para que todos alcancem o nível de vivência intencional neutra. O resultado dessa neutralização universal é atingir o nível das essências fundacionais na imanência transcendental e temporal. A fantasia enquanto eu fantástico habilitado a neutralizar todo vestígio de crença na existência, mesmo aquele já reduzido, impõe-se a si mesma o difícil papel de se autoreflexionar, ou seja, o eu fantástico neutraliza a si mesmo através de um procedimento de voltar-se sobre si. O resultado da autoneutralização do eu fantástico é a abertura de um horizonte de mundos fantásticos e possíveis acessados em sua fonte fundacional. Daí julga-se possível uma passagem à instância do tempo não-temporalizado, chamado por Husserl de *presente vivo* (*Lebendige Gegenwart*). Inserem-se difíceis questões a serem esmiuçadas, mas o fato é que a presentificação de fantasia neutralizadora desempenha um papel crucial na construção da fenomenologia como ciência transcendental.

No subcapítulo 3.4 e 3.6, trata de mostrar a importância da fantasia é a intencionalidade privilegiada na visão e descrição das essências. Fantasia e ontologia estão intimamente conectados e por isso, para descrever o sentido (significação) das conexões



eidéticas e das divisões de mundo, nas ontologias materiais e formais, é preciso desvendar o modo de proceder da fantasia. Um segundo subitem nesse capítulo é tratar do conceito de *variação eidética* ou *proteiforma*<sup>29</sup> que aparece nas pesquisas da consciência fantástica. A *variabilidade* é uma característica do ato fantástico submetida às apreensões das essências do fantasiado em geral. A presentificação de fantasia tem por essência fenomenológica permitir a variação das essências fantásticas captadas, ou seja, a fantasia tem a liberdade de mudar as apreensões do seu correlato. Esta variação indica uma gama ou horizonte de possíveis mudanças do correlato ficcionado. Estas mudanças não alteram o caráter qualitativo do *noema*, ele continuará sendo um fantasiado, mas que a posição, a cor, as qualidades factuais podem ser alteradas graças a livre variabilidade permitida pela fantasia, o que não ocorre na percepção já que esta tem uma ação limitada, intermitente.

O tema da variação livre liga a pesquisa de imediato ao próximo tema desse capítulo. Trata-se do tema da liberdade na presentificação de fantasia. Nos estudos acerca da fantasia, um conceito chama a atenção por sua constância no decorrer das colocações sobre o tema. O conceito de liberdade geralmente acompanha a presentificação de fantasia como sua característica definidora e irrefutável. Ao falar de fantasia já se está subitamente sugerindo a liberdade como seu modo próprio de intencionar o mundo. Pode-se citar como exemplo: “A própria fantasia é sua total liberdade (*Beliebigkeit*)”<sup>30</sup>. O ato de liberdade somente se aplica ao fantasiar, o que as tornam sinônimos. Husserl indica o termo em inúmeras postulações do conceito de fantasia, mas o significado da liberdade dada pela fantasia não é explicado de modo satisfatório. Tal falta de informação sobre a liberdade causa frustração diante da riqueza interpretativa sugerida. Cabe apenas estabelecer as fontes e as poucas explicações. Tentar-se-á falar do tema abrangendo um pouco mais da obra e até retomando outras obras para supor um caminho de leitura acerca do termo

---

<sup>29</sup> Nos manuscritos do volume XXIII da *husserliana* estão descritos os conceitos de variabilidade e variação livre como diferenças internas com respeito aos eidos na sua possibilidade de variar a forma.

<sup>30</sup> “*Das “Eigene der Phantasie ist ihre B e l i e b i g k e i t”* HUSSERL. *Phantasie*. Beilage LVII, p, 535.

liberdade. Encontra-se, nas *Lições do tempo* e nos manuscritos, a principal fonte de referência à liberdade. Contudo, a liberdade fenomenológica da fantasia é um conceito estritamente racional e transcendental. Cabe ainda mostrar como a liberdade fantástica apesar de implicar num aspecto estético, pois, a *consciência estética*<sup>31</sup> também adota critérios de neutralidade diante do mundo fático, não se direciona a nenhum aspecto moral ou ético.

Outro tema a ser trabalhado é o conceito de “criação” e “construção”, que remete à uma presentificação de fantasia criadora. A fantasia é a *criação de mundos*<sup>32</sup> possíveis e descritíveis fenomenologicamente. O termo criação tem um caráter mais fundante do que prático, no sentido de criar um campo semântico e constituidor. Neste trecho, trata-se não de uma simples característica da fantasia, mas de uma consequência inegável devido às qualidades da possibilidade e liberdade de atuação desse modo de intencionar. O criar tem uma conotação individual por ser consequência do poder de liberdade do fantasiar, ou seja, de um fantasiado pode-se criar outro fantasiado, mas trata, com maior ênfase, na criação alargada dos mundos possíveis no horizonte da vivência fantástica. Esta gera a possibilidade de criar mundos, são mundo no modo do *como se*, do quase presente, ou seja, a criação de mundos novos e de formação de sentido.

Outro conceito surge nos anos de 1920, conectado ao tema da liberdade e possibilidade da fantasia. O conceito de “jogo” com relação ao correlato intencional. Ele diz, nos apêndices, dos manuscritos: “colocar em jogo um fantasmado concordante como consciência de possibilidade”<sup>33</sup>. Fala também do livre jogo da fantasia, ou seja, adota a partir de determinados anos um vocabulário estético ao plano da fantasia. Se Husserl pensa a consciência estética com um puro desinteresse do mundo fático, é válido averiguar tais desdobramentos na totalidade da fenomenologia. O termo jogo vem de empréstimo da estética, mas apenas como abertura semântica para constatar a liberdade da fantasia em criar seu horizonte de sentido (Sinn).

---

<sup>31</sup> A consciência estética é uma intencionalidade intermediária entre a consciência de imagem e a fantasia pura. Ela também é um modo intencional livre e neutralizado, mas dirigido ao belo universal.

<sup>32</sup> Apêndice LVII do volume XXIII.

<sup>33</sup> Apêndice LXIII do volume XXIII.

Seria o jogo uma chave para ler o campo da consciência transcendental sob a visada do eu fantástico neutralizado e desinteressado? Como pensar as relações entre fantasia e estética sem perder a preocupação transcendental inerente às pesquisas fenomenológicas. O eu fantástico seria uma solução extrema ao idealismo transcendental de Husserl? A fenomenologia teria caído num idealismo absoluto se a sua subjetividade fosse mesmo uma subjetividade moderna, mas, como tal, subjetividade não dá lugar ao *eu natural*, subjaz um âmbito fundante de conhecimento e visão desinteressada como fundação de todo e qualquer sentido de mundo.

O horizonte transcendental neutralizado e aberto pela presentificação de fantasia faz pensar no tema da constituição transcendental como modo de inserção dos temas no âmbito purificado da consciência. As essências e suas ontologias formais e materiais se constituem em conexões eidéticas descritíveis através da visão de essências dada por uma intuição fantástica. As pesquisas sobre a fantasia e o caráter ficcional da consciência só fazem entrar no campo da ontologia fenomenológica. No campo da fundamentação última de sentido do *Eu puro*. Como explica Levinas, em sua obra "*Théorie de l'intuition dans La phénoménologie de Husserl*", o idealismo de Husserl é uma ontologia, ontologia esta diferenciada da tradição filosófica por ser uma ontologia intencional, isto é pautada pelo conceito de intencionalidade<sup>34</sup>. Contudo, o caráter intencional da consciência é uma das vias de acesso à compreensão da ontologia na fenomenologia *husserliana*. A fundamentação relacional entre subjetividade pura e objetividade, a constituição intencional do mundo nas suas três divisões natureza, corpo e espírito, as essências são o sentido ou as estruturas essências constituintes de cada ato e correlato intencional, de cada noema e noese. Estas essências se inserem em ontologias regionais da consciência, e a grande descoberta do idealismo é a apreensão dessas essências e desse campo constituidor de sentido poder ser realizada pela fantasia enquanto esta é uma consciência neutralizadora de toda posição de existência. A presentificação de fantasia é o caminho para atingir o sentido constituidor, pois tem a mesma característica irreal das vivências purificadas transcendentalmente.

---

<sup>34</sup>Levinas fala da da ontologia e da intencionalidade em *Théorie de l'intuition dans la phénoménologie* de Husserl.

A fantasia não seria a consciência pela qual entra em cena ou se realiza em sua totalidade o idealismo transcendental fenomenológico? Cabe investigar qual o papel da fantasia enquanto intencionalidade específica no conjunto da consciência pura, se é possível deduzir da presentificação fantástica neutralizadora uma intencionalidade privilegiada no seguimento das pesquisas fenomenológicas em seus diversos níveis. Recorda-se o ideal da fenomenologia de *descrição infinita* de todas as disciplinas e mundos possíveis, tal ideal infinito só pode ser dito e pretendido por via da fantasia como intencionalidade operadora de tal façanha idealista. O grande sentido dessa proposta de descrição infinita é pensar antes de tudo na capacidade fundacional do campo transcendental e suas conexões de sentido infinitas. A completude das descrições dos mundos possíveis, a completude da descrição de todo campo de sentido, é mais uma ideologia metodológica do que uma obrigação fática.

Cabe destrinchar os limites da presentificação de fantasia pensada em si mesma como vivência intencional, e suas relações com diversos temas apresentados acima, como a consciência pura, o tempo, redução fenomenológica, ontologia e idealismo. As respostas e as perguntas serão dirigidas pela tese da novidade da fantasia na história da filosofia e da importância da mesma no arcabouço total da construção fenomenológica. T tamanha empreitada caminha solitária ou na companhia de poucas palavras de apoio dos pesquisadores e filósofos empenhados em falar do tema. Os trabalhos clássicos merecem a referência imprescindível e elucidativa, e os trabalhos recentes instigam o questionamento e refletem alguns flashes de luz para retirar do escuro a “pretensão” de se elevar o estatuto da fantasia na totalidade da fenomenologia de Husserl.

## 2 PERIODIZAÇÃO E ORIGENS DA PRESENTIFICAÇÃO DE FANTASIA PESAGEM

### 2.1 OS PERÍODOS TEXTUAIS E A ORIGEM DA FANTASIA NA HUSSERLIANA

A vasta obra filosófica de Edmund Husserl coloca em xeque qualquer empreitada em destrinchar um conceito específico, mesmo sendo este um conceito bem determinado como é o conceito de fantasia. Além da escrita abundante, depara-se com a perfeita interligação temática, tudo está conectado com tudo, ou seja, é necessário primeiro situar os principais conceitos de toda obra, tais como, *Eu puro*, redução fenomenológica, consciência do tempo, intencionalidade, idealismo, etc. Esse mapeamento da fenomenologia é relevante, mas apenas no que diz respeito à definição do tema da “presentificação de fantasia” e suas nuances. Este primeiro capítulo tem o dever introdutório de reconstruir uma historicidade da fantasia em algumas obras selecionadas. As obras a serem estudadas são em primeiro lugar o volume XXIII sobre “*Phantasie, bildebewusstsein, e erinnerung*”, as “*Zeitbewusstsein*”, “*Investigações Lógicas*”. A periodização significa tão somente trilhar o percurso lógico do conceito, e mostrar suas mudanças dando as referências exatas do trabalho intentado. Em outra parte do capítulo, já se pode mapear o conceito de fantasia e suas conexões com os conceitos chaves da fenomenologia. Trata-se de desvendar o que é a presentificação de fantasia no todo da empreitada *husserliana*. Dar uma definição conceitual cabal acerca do tema proposto condizente com a perspectiva central dos escritos do filósofo, mostrando as incoerências de leituras e definindo o uma interpretação mais coerente com o intuito transcendental.

A história da fantasia começa por uma abordagem cronológica dos textos referentes ao tema. O primeiro texto é o manuscrito de 1898 com o título “Fantasia e representação em imagem”. Este pequeno texto mostra-se importante, pois já menciona a fantasia como conceito central da abordagem imaginativo. Como segundo momento histórico, está a obra *Investigações Lógicas*, sob as quais não se pretende adentrar aos mínimos detalhes, mas apresentar um esboço das principais *Ideias* concernentes ao tema da fantasia e destacáveis para

compreensão da sequência dos textos. Em terceiro lugar pode-se dividir os textos do volume XXIII do período entre 1905 e 1909<sup>35</sup>, no mesmo período mostra-se a fantasia nos manuscritos do volume XXIII como principal referência. Um quarto momento tem-se as indicações dos manuscritos entre os anos de 1912 e 1924. Nesse mesmo período aparece, também a obra *Ideias I*, mais especificamente, em 1913, que contempla a fantasia de forma resumida e imersa na proposta de introdução à fenomenologia.

A historicidade da fantasia se projeta como uma grande análise demonstrativa do que significa o conceito nos contextos dessas obras e desses períodos determinados. Tal montagem histórica não se faz de modo meramente descritivo, mas pretende evidenciar sempre a novidade da fantasia desde os textos de 1898, apesar das muitas denominações e mudanças na tese principal da fantasia e atos aparentados como imaginativos. Os passos detalham a trajetória do conceito e mostram a distância de Husserl da tradição filosófica e a novidade proposta por ele, a qual já aparece nos anos de 1989. Esta reconstrução histórica segue uma linha de raciocínio condizente com a tese a ser esmiuçada.

Uma parte desse capítulo trará à tona as referências teóricas e as linhas de abordagem para contemplar o tema, mas, a segunda parte fará mais do que referências. Esta parte tem como intuito elaborar uma genealogia da fantasia. Tratar-se-á aqui da definição de termos chaves para compreender a fenomenologia conectivamente como a fantasia. Os conceitos são “consciência pura”, “intencionalidade”, “intuição”. Estes conceitos serão tratados de forma geral em obras específicas com as *Investigações Lógicas* e *Ideias I*.

A fantasia antes de qualquer definição é uma intencionalidade da consciência pura. O conceito *Eu puro* aparece na fenomenologia nas *Ideias I*, como ponto unificador dos atos e correlatos da consciência. O *Eu puro* é a forma egoíca surgida após a aplicação da redução do eu psicológico e do mundo na atitude natural. A fantasia é vista sobre a atitude transcendental, na qual se passa de uma visão factual do mundo à uma visão fundante e transcendental. A consciência pura é composta por um polo de subjetividade pura e um polo de objetividade pura. Essa é a divisão

---

<sup>35</sup> Aqui aparece também os textos da *Lições da consciência interna do tempo de 1905*, que serão analisados no capítulo 2 desta tese. As 5 lições de 1907 não entram na abordagem por não trataram da fantasia de forma significativa.

inicial do *Eu puro*. A consciência implica em relação ao seu intencionado, esta implicação dá início ao caráter intencional do *eu*.

A intencionalidade abarca as pesquisas de todos os âmbitos de discussões acerca da fenomenologia. O que é uma consciência intencional e qual a característica da fantasia nesse prisma. A intencionalidade exige tratar não só do polo da subjetividade da consciência, mas inclui o polo da objetividade, ou seja, do correlato intencional do *ego puro*. A imersão da transcendência da objetividade na imanência do eu, implica destacar aqui o conceito de constituição como modo operante da intencionalidade. Cabe ressaltar aqui com maior ênfase quais as estruturas intuitivas que compõem a fantasia e seu correlato o fantasiado. Num primeiro momento, usa-se muito o conceito de irrealidade como característica da fantasia.

Outro tema que aparece nas LU é a questão do preenchimento da fantasia. Afinal, a imagem fantástica é preenchida de sentido? Como se dá tal preenchimento? No tema da intuição, o conceito de “intuição de essências” permanece como uma das chaves de leitura da tese na compreensão da superioridade da fantasia no todo da ciência fenomenológica, o qual aparece, primeiramente, como intuição categorial nas LU e depois nas *Ideias I*. Ambas as intuições de fantasia, sejam nas LU ou nas *Ideias* são amparadas pelo idealismo como motivação de suas obras. A intuição (ou visão de essência) se dá por via da fantasia. Captar essência é o papel desta intuição específica, não apenas por um privilégio metodológico (pela fantasia ser neutralizada), mas por uma preferência transcendental hierarquizante das vivências na captação do sentido das vivências puras. Se as essências são irrealis e a fantasia irrealiza as vivências, é preferível tê-la como intencionalidade responsável por esse processo. A intuitividade da fantasia perpassa ainda o campo do meio de captação dessas essências ou sentidos da consciência pura. Intuir, para Husserl, significa ver. Este ver significa um captar direto e evidente das vivências e suas estruturas constituintes.

Na busca pela origem do conceito de fantasia e sua colocação na história da filosofia. O percurso genealógico da fantasia de Husserl requer uma breve pesquisa e crítica da filosofia moderna de Descartes, Hume e Kant. Estes filósofos citados em várias obras serão os pontos de referência histórico

para mostrar como a fantasia fenomenológica é um conceito novo da história da filosofia. A genealogia da fantasia será realizada por via negativa, pois pretende mostrar como através do conceito chave de subjetividade pode-se obter uma crítica da fantasia na modernidade e mostrar a novidade da fantasia na contemporaneidade da obra *husserliana*.

A genealogia é a pergunta pela origem da fantasia na história da filosofia, a qual se limita aos modernos citados acima. O principal conceito neste capítulo é o de “consciência” e “intencionalidade” como definidores da fantasia. A abordagem das filosofias modernas se pauta na definição crítica feita por Husserl de suas filosofias em geral em especial sob o conceito de “subjetividade”. Cabe lembrar os quatro conceitos definidores da fantasia, já expostos na introdução. Fantasia é intuição, intencionalidade, presentificação e neutralização. Os capítulos subsequentes tratarão mais detalhadamente a intuição de essências, a presentificação e a neutralização.

## 2.2 OS 4 PERÍODOS DO CONCEITO DE FANTASIA

### 2.2.1 Período 1: Manuscrito de 1898- “Representação em imagem e Fantasia”

Os manuscritos de 1898 são os primeiros escritos de Husserl sobre a fantasia, e se incluem entre os primeiros escritos filosóficos. O texto denominado de Fantasia e representação em imagem. *Sobre a relação entre representação perceptiva e relação de fantasia*<sup>36</sup>. Os pontos principais do texto são: primeiro, a fantasia já surge distanciada da percepção, uma distinção essencial de ato é estabelecida. Aparecem dois conceitos básicos para tratar as imagens: a representação em imagem, que é conhecida como “consciência de imagem” nos textos seguintes, e a fantasia ou também chamada representação de fantasia. O conceito de representação ainda está presente nesses textos. A fantasia é descrita como uma representação<sup>37</sup>, mas, cabe

---

<sup>36</sup>*Phantasie und bildliche Vorstellung. Zum Verhältnis zwischen Wahrnehmungs- und Phantasie vorstellung.* In volume XXIII.

<sup>37</sup>*Vorstellung* traduzido por Representação é o termo usado por Husserl para designar o ato de vivência nas suas primeiras obras, por exemplo nos manuscritos de 1898, mas nas LU já aparece uma crítica aos sentidos de representação.



ressaltar que o uso desse termo não adquire um significado moderno. Um dos pontos mais importantes é o aparecimento do termo *Vergegenwärtigen*<sup>38</sup>, o qual é traduzido por “presentificar”, e significa tornar presente no plano temporal.

Há dois conceitos para compreender as imagens nesse texto: a representação por imagem física (*physisch-bildlichen Vorstellungen*) e a representação de fantasia (*Phantasievorstellung*). A representação por imagem física é conhecida como consciência de imagem (*Bildbewusstsein*), mas, aqui, ainda não aparece essa terminologia. Na representação de imagem física, há 3 objetos distinguíveis: 1) A imagem-física (*physisches Bild*), 2) a imagem espiritual figurada -objeto-imagem (*Bildobjekt*), 3) Sujeito-imagem - objeto-imagem representado (*Bildsujet*)<sup>39</sup>. Em resumo, a representação por imagem física se divide em três partes: imagem-física, objeto-imagem e sujeito-imagem. Como bem diz Annabelle Dufourcq, em sua tese: “Mas a natureza exata das relações entre estas três dimensões da imagem, assim como a tese mesma de suas distinções colocam um problema e dão lugar a muitas variações nas análises *husserlianas*”<sup>40</sup>. O problema principal desta divisão está no conceito de “consciência de imagem” que depende de uma chamada ‘imagem física’ considerada real. Esta dificuldade aponta para uma leitura tradicional da imaginação, uma recaída de Husserl na teoria da imagem cópia do real e da percepção.

---

<sup>38</sup>*Vergegenwärtigen* é a raiz do conceito de *Vergegenwärtigung* traduzido por presentificação, conceito de extrema importância para mostrar a relação da fantasia com a temporalidade e nisso mostrar a novidade da fantasia. Tradução francesa do volume XXIII: *présentifier*. P, 134.

<sup>39</sup> “*Hier haben wir janicht zwei, sondern drei Gegenstände zu unterscheiden, welche bei Einem sukzessiven Wechsel der Betrachtungsrichtung auch als einzeln gemeint hervortreten: nämlich das physische Bild, das dargestellte geistige Bild (das erscheinende und repräsentierende Bildobjekt) und endlich das Bildsujet (das repräsentierte Bildobjekt)*”. “Aqui não são dois, mas três objetos que nós temos que distinguir, os quais poderão assim ser visados separadamente numa mudança suscetível da direção de observação: a saber a imagem física, a imagem espiritual figurada (o objeto-imagem que aparece e representa) e enfim o sujeito-imagem (o objeto-imagem representado)” Husserl. *Phantasie*. § 6, p 120.

<sup>40</sup>DUFOURCQ.A. *La dimension imaginaire du reel dans la philosophie de Husserl*. P, 51.

Prefere-se aqui mostrar o conflito desse conceito e não tender a criticar a posição *husserliana*, principalmente, por ter substituído tal conceito e por sempre ter apontado o aspecto independente e irreal dos todos os atos imagéticos.

O conceito de “imagem-física” é o mais problemático dos três elementos componentes do ato de representar em imagem. O problema está na aceitação da imagem física ser a coisa na efetividade, o que implica o papel importante de dependência do ato de percepção. A dependência é negada na fantasia, e também refutada nessa tese como leitura tradicional do conceito de imaginação em geral. A representação de imagem física está conceitualmente entre a representação perceptiva e a fantasia. Tal posição deste imaginar indica sua situação conflitante, pois parte de seu conteúdo é composta por um objeto real e visto na percepção e parte por uma imagem irreal. E a dependência do real apresentado no conceito de imagem-física é a causa do desuso da teoria da consciência de imagem. A coisa (Ding) aqui é a definição para imagem-física. O termo coisa implica necessariamente o âmbito da efetividade, de uma realidade espaço-temporal empírica. Esta citação mostra o problema exposto acerca da diferença entre coisa e imagem na compreensão do conceito de representação de imagem: “No caso da imagem física a situação é um pouco mais complicada”<sup>41</sup>. O próprio Husserl admite as dificuldades enfrentadas por seu conceito de “imagem física” componente do conceito de consciência de imagem.

Como nos vemos facilmente aqui, falar de imagem é ambíguo. Uma dualidade faz fase à coisa figurada em imagem; 1) a imagem como coisa (Ding) física, como este tecido pintado e enquadrado, como este papel impresso, etc.”<sup>42</sup>. A imagem física é definida por apresentar a coisa como suporte da imagem. Ela em si mesma não é uma imagem no sentido irrealizante, pois a imagem como coisa física pertence ao âmbito do real e da percepção. Isto demonstra ainda mais a contradição desse ato de representar em imagem. Husserl foi infeliz no uso de um termo composto por significados tão distintos para sua própria filosofia.

---

<sup>41</sup> HUSSERL. *Phantasie. Beilage I*, § 1, p, 108.

<sup>42</sup> Husserl. *Phantasie, Beilage*, § 1, p, 109.

Dizer imagem-física demonstra mais uma contradição semântica que uma coisa na efetividade.

O § 7 apresenta a característica da imagem física como estimulador e ponto de partida e de passagem para o processo de representar em imagem. Diz: "...na representação por imagem física, um objeto efetivamente real aparente no campo visual da percepção, a saber a imagem física faz função de estimulador (Erreger) da apreensão em imagem, sua percepção é o ponto de partida e de passagem para o desenvolvimento da representação em imagem."<sup>43</sup> Fica claro o papel fundamental da percepção como ato inicial ao representar em imagem.

Nesses manuscritos, a representação de imagem física e seu suporte real, o conceito de imagem-física explicado acima, utiliza o termo *Ding* (coisa) para falar dessa coisa física suporte da imagem representada. Contudo, quando se fala da fantasia (representação de fantasia), usa-se o termo *Sache*<sup>44</sup> (coisa). Este termo tem o significado de coisa representada em imagem expressa pelo conceito de "objeto-imagem". O objeto-imagem aparece tanto na representação em imagem física quanto na representação de fantasia. A explicação para esse uso repetido é o fato da fantasia ser também uma imagem aparecendo à consciência, mas tal aparecimento é independente do ato de perceber uma coisa (*Ding*) efetiva.

O objeto-imagem aparecendo é o objeto representante ou figurando em imagem. A imagem aqui tem um sentido irreal como imagem ficcional, aquilo que aparece como imagem na tela pintada ou na fotografia. No exemplo: uma fotografia que represente uma criança. Eu não vejo uma criança em miniatura que aparece na cor cinza-violeta desagradável, não é a criança que vejo, mas sua imagem. O objeto-imagem é a *imagem espiritual figurada*<sup>45</sup>, ele é o resultado da apreensão. Este objeto-imagem faz referência ao sujeito-imagem, isto é, o objeto-imagem é o representante imagético do original, do sujeito-imagem. Um breve exemplo pode ilustrar tal relação. A fotografia de um menino. A fotografia física, o papel enquanto coisa na efetividade é a chamada imagem física e estimula o olhar, este dirigido sobre o

---

<sup>43</sup> Husserl, *Phantasie*, Apêndice XIV, § 7, p, 123.

<sup>44</sup> Husserl, *Phantasie*, Apêndice XIV, § 1, p, 109.

<sup>45</sup> "dargestelltegeistigeBild" Husserl, *Phantasie*, § 6, p, 120.

modo da consciência de imagem mira um objeto-imagem como resultante das formas acinzentadas figuradas na fotografia em preto e branco, este objeto-imagem é o menino imagético, o menino quase percebido, um nada. O menino imagético é o representante de um menino existente, este último é o original, ou seja, o representado.

Ainda no § 12 sobre as representações por imagem físicas, usa-se o exemplo da fotografia para explicar a diferença entre a imagem (Bild) e o original (Original) formado a partir desse original, a pessoa que aparece na fotografia e a pessoa efetiva. O objeto-imagem tem a função de representante-imagem. Tal função é caracterizada através dos *encadeamentos disposicionais*<sup>46</sup> formadores de sua aparição. A aparição do objeto-imagem dá outra impressão do objeto perceptivo, ou seja, ele não pode ser ordenado no encadeamento do mundo efetivo como coisa efetiva. A aparição do objeto-imagem é uma aparência estimulada<sup>47</sup> por uma coisa-imagem. Esta diferença das classes de aparição responde a diferença entre o aparecimento perceptivo da coisa existente e o aparecimento irreal da imagem, ou seja, de que esta última não se encontra na efetividade, não pode ser encontrada no domínio da experiência possível.

O objeto-imagem é considerado um nada, no sentido de não ter referencial temporal, ou seja, a imagem aparecendo no quadro ou na fotografia não está em lugar algum, nem mesmo na consciência. Nesse ponto é que repousa a tese da novidade da imagem de fantasia perante a tradição filosófica do conceito. Husserl admite ser o objeto-imagem e a imagem de fantasia do mesmo gênero quanto a sua não posição existencial, isso já é explícito no primeiro parágrafo do texto desses manuscritos. Diz: “Se eu ‘pinto’ um leão na fantasia, esta imagem se reporta ao leão efetivo de maneira análoga àquele segundo o qual se reporta àquele, por exemplo, um leão fisicamente pintado e fotografado. Nos dois casos, os objetos-imagem são verdadeiramente um

---

<sup>46</sup>“*erwähnten dispositionellen*” Husserl, *Phantasie*, Apêndice XIV, § 12 , p, 132.

<sup>47</sup> A palavra alemã é “*erregter*”, já a tradução francesa opta por “*provoquée*”. Ver em Husserl, *Phantasie*, §12, p, 132.

nada...”<sup>48</sup>. Essa é a única semelhança do ato de representação em imagem com o ato de fantasia. Melhor ainda, esta semelhança, revela aqui o ponto onde a representação de imagem acaba por utilizar o mesmo modelo da fantasia. O conflito da consciência de imagem em ser um ato intermediário entre o perceber e o fantasiar encontra aqui sua identificação com a originalidade do fantasiar em ser uma intencionalidade independente da percepção.

O objeto-imagem é um nada, isto indica sua condição ontológica irreal. O ato de representar deve ser visto como *ato modificado*<sup>49</sup>, pois se trata da modificação da presença do objeto em ausência ou inexistência. Diz: Afirma-se ser a imagem um nada por não existir nem na realidade, nem na minha consciência. A crença ingênua da existência da imagem no espírito é crítica e negada. A inexistência do objeto-imagem vale tanto no âmbito físico, quanto psíquico.

O objeto-imagem pode provocar engano ao diferir pouco da percepção normal, ou seja, o objeto aparecendo na representação em imagem, como exemplo as imagens panorâmicas e cinematográficas podem levar ao engano na apreensão da imagem ali representada. O engano gerado caracteriza-se pela distorção de uma imagem em realidade, o que é explicado por Husserl através da vivência de alucinação. Em nota ao §13, explica-se a alucinação como o 'conflito entre a imagem física e o objeto-imagem. A alucinação é invalidade pela *experiência*<sup>50</sup>. A relação de correspondência com a realidade pode levar ao engano, o que motiva outras formas de consciência, e ao mesmo tempo, erros de compreensão sobre o ato ao qual se está imerso.

---

<sup>48</sup> “Wenn ich mir in der Phantasie einen Löwen “ausmale”, so verhält sich dieses Bild zum wirklichen Löwen analog, wie sich zu ihm etwa ein physisch gemalter oder photographischer Löwe verhält. In beiden Fällen sind die! Bildgegenstände wahrhaft ein Nichts...” Husserl. *Phantasie*, Apêndice XIV, § 1, p 110.

<sup>49</sup> Como diz Husserl no trecho “sentido modificado”. Husserl, *Phantasie*, Apêndice XIV, § 1, p, 108

<sup>50</sup> “Ja, da haben wir aber den Widerstreit zwischen physischem Bild und Bildobjekt, Bei **Halluzinationen**, die in das Blickfeld der Wahrnehmung sich hinein, haben wir den Widerstreit zwischen <dem> Tastfeld der aktuellen und dem Tatfelcl, das bei der Wahrnehmungsauffassung hinzuapprehendiert ist. Oder die **Halluzinatiom** weicht nach dem Inhalt des erscheinenden Objekts von dem üblichen ab, **es Wid durch die Erfahrung auf gehoben**.” Em nota 1). Negrito nosso. Husserl, *Phantasie*, Apêndice XIV, § 13, p, 133.

Contudo, sobre o erro da consciência em captar um boneco como se fosse um ser humano, e, pois, intencioná-lo com a percepção ao invés da consciência de imagem, este erro não impõe a Husserl grandes problemas teóricos, pois algo aparece, seja através da percepção ou da imaginação, ele tende sempre a se preocupar mais com a descrição do aparecimento em suas estruturas do que discutir a falha factual da apreensão da vivência.

A outra parte do modo de representar em imagem ou da *consciência de imagem*<sup>51</sup> é o *sujeito-imagem*, nome dado ao objeto original estimulador efetivo da imagem. O sujeito-imagem é o original representado ou ainda denominado como objeto figurado em imagem, no mesmo sentido no § 1: “*objeto-imagem representado-figurado*”<sup>52</sup>. O sujeito imagem é o sujeito real que está na imagem como ausente ou inexistente. No exemplo da fotografia da criança, a criança é a sujeito-imagem, a criança representada no papel é o objeto-imagem, a imagem-física é a foto, o papel cinza. No § 6, Husserl dá um exemplo: “Por exemplo, eu observo a gravura da teologia de Rafael que aqui é pendurada na parede. Tudo, aliás, como esta coisa física. Eu mudo agora o tipo de observação, eu não coloco atenção para isto que está pendurado na parede, mas ao sujeito da imagem: uma forma feminina sublime que reina sobre as nuvens, com dois robustos anjos que voam em torno dela, etc. e outra vez, eu mudo o tipo de observação e me volto do objeto-imagem representado para a imagem que se torna representada, no sentido de objeto imagem-representante. É uma figura feminina menor, com dois bebês menores ainda, coloridos objetivamente em simples *nuvens cinza*”<sup>53</sup>. A figura feminina sublime é a mulher real que é a modelo para essa cena. No exemplo do visar da Teologia de Rafael, aparece sempre a mudança no olhar como ponto de passagem de uma visão a outra, de uma imagem física à dupla de imagem representante e representada. A imagem-objeto depende do fundamento na imagem física como apreensão que se encontra no fundamento da vivência.

---

<sup>51</sup> Lembrando sempre que representação em imagem refere-se ao conceito de consciência de imagem, que aparece posteriormente na ordem histórica dos manuscritos.

<sup>52</sup> HUSSERL. *Phantasie*. Apêndice XIV, § 1.

<sup>53</sup> HUSSERL. *Phantasie*, Apêndice XIV, § 6.P, 120.

O conteúdo sensível formador da representação de imagem e da representação perceptiva são as sensações. Husserl chama tal característica de *diferença interna*<sup>54</sup> das aparições, ou seja, *diferença no seu conteúdo presentante*<sup>55</sup>. O fato inegável nesses manuscritos iniciais é a aceitação da percepção como base originária, mas sem as pretensões generalizantes atribuídas por comentadores clássicos aos temas *husserlianos*. O conteúdo sensível que forma a representação de imagem e a representação perceptiva são as sensações. Husserl chama tal característica de diferença interna das aparições, ou seja, diferença no seu conteúdo presentante. No limite, essas diferenças internas na aparição tem como protagonistas a representação perceptiva e a representação de fantasia.

Na representação de imagem ou consciência de imagem, aparece um conceito interessante de “janela” (*Fenster*)<sup>56</sup>, este indica a ideia de uma abertura ao visar imagético. A ideia de uma janela aparece na compreensão do objeto-imagem representativo indicando ali uma imagem desvinculada da imagem-física e seus componentes reais. Diz sobre isso: “Em ocorrência, é preciso remarcar que na apreensão do objeto figurado em imagem estes não são simplesmente as cores e as formas do desenho, mas também o enquadramento e mesmo a circunscrição espacial mais larga que se inserem organicamente: a imagem salta, se nós podemos dizer, fora do quadro, nós olhamos através dele, quase como através de uma janela, no espaço de seus objeto”<sup>57</sup>. Em outra passagem confirma-se a ideia da diferença entre objeto-imagem e imagem-física. “Se nós apreendemos os objetos representantes em imagem como saltando fora do quadro, ou se aquele nos aparece como uma janela através da qual nós olhamos

---

<sup>54</sup>HUSSERL. *Phantasie*. Apêndice XIV, § 7.

<sup>55</sup>HUSSERL. *Phantasie*. Apêndice XIV, § 10.

<sup>56</sup> O capítulo 2 trata da interpretação de Eugen Fink acerca dessa Ideia de janela. Ele cunha o termo janelidade (*Fensterhaftigkeit*) da imagem. In FINK. *Re-presentation et imagem*, p, 92.

<sup>57</sup>“NureinemTeilenachtrittes in die Auffassungein.Esistnämlichzubemerken, dasssich in die Auffassung des abgebildetenGegenstandesnichtbloss die Farbenund Formen der Zeichnung, sondernauch die Umrahmung und selbstdie weitereräumlicheUmgebungorganischeinfügt: Das Bildspringtsagenwir, ausdemRahmen, bzw. wirblickendurchihn, gleichsamdurcheinFenster, in den Raumseiner Objektehineinu.dgl.” Husserl, *Phantasie*, Apêndice XIV, § 6.p, 121.

no seu espaço (na paisagem pintada), não há manifestamente lugar para a *coisa-imagem (Bild-Ding) física...*<sup>58</sup>. O interessante usa da concepção das configurações espaciais permitirem olhar através delas uma imagem, ou seja, os componentes reais ou perceptivos são uma janela para olhar a imagem ali apresentada, e se desconsidera nesse momento de atenção imaginativa, as formas físicas como suporte da imagem.

A fantasia, ou aqui chamada “representação de fantasia”, apresenta-se, nos manuscritos de 1898, como um conceito completo que apesar dos acréscimos terminológicos e temáticos, encontra-se em todos os períodos preservada em suas características fundacionais. A principal característica da fantasia é que ela é independente de um estimulador físico para captar imagens. Esta independência do real resulta numa independência do ato perceptivo. Nisto, se constitui o caráter livre da fantasia, na liberdade dos objetos reais, na liberdade do apreender e do criar. Os elementos componentes da fantasia são o objeto-imagem e o sujeito-imagem, a imagem-física não entra como parte da fantasia. O fantasiar é um modo de vivência completamente irrealizante, e tem como base uma consciência flutuante, ou seja, as imagens ficcionais flutuam à consciência.

A característica da fantasia e da representação em imagem é o flutuamento da imagem ou o fantasmar da imagem. No exemplo do § 1 apêndice 1 já se apresenta a ideia de flutuamento como característica geral de todo modo de presentificar em imagem. Diz: "O castelo de Berlim me flutua no espírito numa imagem de fantasia, é o castelo ele mesmo que é a coisa representada"<sup>59</sup>. Este flutuamento torna a imagem uma vivência fantasmada, ou seja, a imagem da fantasia é um nada tanto quanto a imagem estimulada por um elemento físico. A imagem da fantasia não existe absolutamente, mas existe uma complexão de conteúdos de fantasia na vivência da representação de fantasia. O modo de caracterização da imagem dada na representação de fantasia depende também do modo de objetivação dessa vivência, pois na fantasia uma dupla

---

<sup>58</sup> Husserl, *Phantasie*, Apêndice XIV, § 6, p, 122.

<sup>59</sup> "Wenn mir das Berliner Schloss "im *Phantasie*-bildvorschwebt", so ist das Schloss selbst die vorgestellte Sache". Husserl, *Phantasie*, Apêndice XIV, § 1, p, 108.



objetividade entre em cena. Esta dupla objetividade é o tipo da apreensão objetivante dos conteúdos da fantasia, ela tem o nome de presentificação em contraste com a objetivação presentativa do perceber. A representação de fantasia faz aparecer um fantasmado, dividido em dois objetos apreendidos, a imagem da fantasia e o sujeito-imagem, o qual é representado.

A fantasia é caracterizada pela primeira vez como presentificar em imagem, esta característica é fundamental na tese da originalidade desse modo de intencionalidade. No § 1 diz: o que está presente no presentificar em imagem, ou ainda no representar em imagem?”. Nos dois atos, está presente a imagem e a coisa. Interessante como Husserl mantém a ideia de coisa para falar de fantasia, tentando ainda nesse manuscrito aplicar a teoria da consciência de imagem ao fantasiar. Diz nesse sentido: “Privilegiamos por um instante o caso mais simples das representações de fantasia. É preciso distinguir nelas imagem e coisa como dois objetos, é preciso que esteja ali dois atos objetivantes ou ao menos duas direções ou dois componentes de apreensão *objetivantes*”<sup>60</sup>. A vivência de fantasia compõem-se de dois modos elementos o objeto-imagem e o sujeito-imagem, conforme as explanações dos manuscritos de 1898. O objeto imagem é a imagem ficcionada e o sujeito imagem é o representante dessa imagem. No caso da fantasia, o representante original não pode ser pensado como a coisa física, mas um símbolo ou algo a que se refere, ou seja, ele pode ser um objeto inexistente sem correspondente coisa, mas apenas psicológico.

Na representação de fantasia, ou na fantasia, a imagem não depende de um olhar perceptivo para iniciar o ato. A independência da fantasia do ato perceptivo é uma característica apresentada nos manuscritos e que forma o que chamados de “conceito fechado de fantasia”, pois acompanha todo o processo construtivo e histórico evolutivo da concepção de fantasia. Diz: “A imagem de fantasia está fora de todo encadeamento da efetividade, quer dizer com o campo de visão de uma *percepção*

---

<sup>60</sup> Husserl. *Phantasie*, Apêndice XIV, § 1.

possível<sup>61</sup>". Disto resulta a pureza da fantasia em relação a toda existencialidade e ao ato perceptivo. Husserl acredita ser a fantasia a grande descoberta fenomenológica e por isso faz dela uma vivência de apoio metodológico no processo de execução da ciência das essências. Faz dela um modo específico da redução e também o meio para atingir a infinidade semântica dos eidos descritos. A imagem da fantasia não existe absolutamente, mas existe uma complexão de conteúdos de fantasia na vivência da representação de fantasia. O modo de caracterização da imagem dada na representação de fantasia depende também do modo de objetivação dessa vivência, pois na fantasia uma dupla objetividade entre em cena. Esta dupla objetividade é o tipo da apreensão objetivante dos conteúdos da fantasia, ela tem o nome de presentificação em contraste com a objetivação presentativa do perceber. A diferença de "presentificação" e "apresentação"<sup>62</sup> deve ser entendida como: a apresentação indica o presente da percepção e a presentificação indica temporalmente um retorno ao presente ao modo originário da consciência temporal.

A representação de fantasia está dividida em dois objetos apreendidos, a imagem da fantasia e o sujeito-imagem, o representado<sup>63</sup>. Sobre as variações do termo representação de fantasia e conteúdo sensível da fantasia ser o fantasma pode-se analisá-los no § 5. A apreensão representativa da fantasia deve ser separada do ser voltado para e que dá o objeto figurado em imagem. "O fantasma, quer dizer o conteúdo sensível que apresenta, pois uma apreensão que dota de sentido faz que a imagem apareça" *Intentio*. As representações de fantasia são divididas em três modos: 1) Representação de *fantasia*<sup>64</sup> como

---

<sup>61</sup>"Das *Phantasie* bildistausserallem Zusammenhang mit der "Wirklichkeit", das ist mit dem Blick feld möglicher Wahrnehmung." Husserl, *Phantasie*, Apêndice XIV, § 7, p, 123.

<sup>62</sup> A diferença entre os termos será tratada no capítulo 2 sobre a temporalidade.

<sup>63</sup> Como explica Pedro Alves esta concepção de fantasia dividida em sujeito-imagem e objeto-imagem está pautada na teoria da *Bildbewusstsein*, a qual é inutilizada por Husserl, mas importa aqui mostrar que mesmo sob o auspício de uma teoria falida da fantasia sempre surge como consciência livre e irreal. Seja livre da ação da percepção, seja livre como ampliação do conteúdo descritível da ciência fenomenológica por seu caráter de possibilidade. Ver capítulo 2.

<sup>64</sup>"*Phantasievorstellungen*". Husserl, *Phantasie*, Apêndice XIV, § 5, p, 117.

atos de uma apreensão representativa em imagem e que visa, pois como característica ser um ato que visa. 2) Representações de *objetos da fantasia*<sup>65</sup> como atos de uma apreensão de objetos da fantasia presentativa e que visa. 3) as representações de *imagens de fantasia*<sup>66</sup>, representar por imagens de fantasia é “voltar nosso interesse sobre as imagens-de-fantasia mesmas...”<sup>67</sup>. Os objetos de fantasia denominados de imagens e munido da função de representativa.

Os conteúdos presentantes são os responsáveis pela diferença entre o modo de apreensão perceptiva e o modo de representação de fantasia. A diferença está entre a sensação e o fantasma que diferem as representações. Diz: “Nisto que concerne o primeiro, os conteúdos de aparições de uma percepção possível se chamam sensações, e os conteúdo de aparições de representações de fantasia no (no sentido normal ou modificado) *phantasmata*.”<sup>68</sup>. Uma mesma coisa pode ser vista através da percepção, mas também da fantasia. “Nos designamos o objeto perceptivo e o objeto da fantasia como o mesmo porque as determinidades que os constituem são as mesmas”. A necessidade de se falar de dois modos tão distintos de intuição sobre o mesmo objeto ocorre, pois nos casos da fantasia completar a compreensão de um ver perceptivo. Como no exemplo do dado visto de frente, ele apresenta-se apenas de um lado, os outros estão ocultos do olhar, é preciso rodar o dado ou rodear o objeto para ter uma plena percepção. No momento do ato perceptivo, entra em ação também um ato de fantasia completando os lados ocultos do dado. A fantasia faz o dado girar possibilitando a visão completa do objeto. “A coisa de fantasia

---

<sup>65</sup>“*Vorstellungen von Phantasieobjekten*”. Idem, 118.

<sup>66</sup>“*Vorstellungen von Phantasiebilder'nalsebensolcheAkte wie die ebenbestimmten, nurmitdemUnterschiede, dasswirjetzt die PhantasieobjekteausdrücklichalsBilderbezeichnen, also mitrepräsentativerFunktionbehaftetedenken*”. Husserl, *Phantasie*, Apêndice XIV, § 5.P, 118.

<sup>67</sup>Idem.

<sup>68</sup>“*Was das ersteanbelangt, so heissen die Inhalte von Erscheinungen möglicher Wahrnehmung Empfindungen und die Inhalte der Erscheinungen von Phantasievorstellungen (im normale noder modifizierten Sinn) Phantasmen*”. Husserl. *Phantasie*. Apêndice XIV, § 11, p, 131.

pode nos parecer de outro lado que a coisa vista<sup>69</sup>. Esse processo de passar de uma percepção ao fantasiar é explicado pelo processo de conversão da apreensão em representação, sendo possível para todo objeto de fantasia.

Husserl expõe uma lista de diferenças entre o ato de representação perceptiva e de fantasia. Uma grande parte desse texto trata da percepção, o que a princípio causa intriga ao leitor. A explicação dessa grande explanação sobre o perceber e da insistente comparação desta com o tema chave da fantasia está em dois motivos formadores da historicidade dos conceitos fantásticos. O primeiro é a necessária diferenciação entre perceber e fantasiar, ou seja, é preciso deixar claro os distanciamentos desses modos de intuição. O segundo é o conceito de consciência de imagem como referência de apreensão das imagens como dependência da percepção. As diferenças internas entre as duas aparições tratam das diferenças entre sensação e fantasma, ou da diferença dos conteúdos presentantes, estas recaem numa diferença de essência entre *qualidade e intensidade*<sup>70</sup> da aparição. Diz: “uma ruptura de intensidade teria, pois lugar na passagem da percepção à fantasia”<sup>71</sup>. A intensidade é tema presente nas filosofias modernas<sup>72</sup> como forma de caracterizar a diferença entre perceber e fantasiar. Este último apareceria como um a intensidade mais fraca na mente. Há ainda outra diferença interna, a chamada *diferença fluente*, que se caracteriza pela passagem contínua (perceptiva) ou a ruptura da continuidade (fantasia) e a diferença fluente entre o sentido alto ou baixo, forte ou fraco. Esta também é outra definição da modernidade com o uso restrito aos manuscritos de 1898. Fala ainda de uma diferença de classes ou diferenças de aparições. Existe uma modificação de conteúdo na passagem à aparição de fantasia.

---

<sup>69</sup> Husserl. *Phantasie*. Apêndice XIV, § 8.

<sup>70</sup> Idem, § 10.

<sup>71</sup> Idem.

<sup>72</sup> Husserl não chega a fazer uma história do conceito de imaginação na modernidade, mas trata dos temas gerais da subjetividade e da direção das filosofias, do empirismo e do racionalismo. A referência feita é de Hume. Apesar dessa referência moderna a ideia de intensidade do fantasiado desaparece a partir dos anos de 1905.

As outras características da imagem da fantasia são descritas como flutuante, fugitiva, ora emerge, ora desaparece e muda diversamente seu conteúdo. No § 14 do Apêndice I, aparece a diferença da percepção e da fantasia com respeito a aparição externa. A imagem da fantasia aparece com uma *fugacidade intermitente*<sup>73</sup>, ou seja, ela aparece e desaparece, ela se representa livremente. A variabilidade (mobilidade) das imagens é propriedade da aparição e não do objeto imagem representado. A variação da imagem será depois designada pela ideia da *proteiforma*, ou seja, a imagem da fantasia pode variar de conteúdo livremente, ela pode fazer girar seu objeto e ver além do que a realidade efetiva permitiria. Entra em jogo a ideia da possibilidade livre da fantasia. A liberdade aqui não está simplesmente relacionada à negação do real, mas ao aspecto positivo da representação de fantasia que permite construir a imagem e mudá-la por pertencer ao plano da quase presença, plano este da possibilidade.

## **2.2.2 Período 2: Intencionalidade de fantasia nas Investigações Lógicas**

O primeiro passo nesse ponto é mostrar como o conceito de “intencionalidade” contribui ao início da ciência fenomenológica, conceito este que afetou conseqüentemente a leitura da fantasia na perspectiva contemporânea. Primeiramente, intencionalidade já aparece na história da filosofia com Aristóteles, na filosofia medieval e na psicologia. Todas as leituras afirmar de modo geral ser a intencionalidade uma relação da consciência à algo, um objeto, uma representação, uma vivência. *Intentio Intentio*<sup>74</sup> ou Intencionar é lançar-se para fora de si em direção a algo, um esforço em sair de si e olhar algo, atenção ao aparecimento presente diante de si.

O conceito de “intencionalidade” ou “vivência intencional”, como denominado na obra *Investigações Lógicas* tem uma influência da teoria dos “fenômenos psíquicos” exposta na obra *Psicologia de um ponto de vista empírico* escrita por Franz

<sup>73</sup> “*intermittierendeFlüchtigkeit*” traduzido conforme com o francês *fugacité* intermitente: fugacidade intermitente.

<sup>74</sup>*Intentio* significa tensão, esforço, atenção, aplicação. Dicionário Latino-português. P, 126.

Brentano em 1874. A referência ao conceito é feita por Husserl na própria obra analisada, indicando sua importância na passagem das investigações psicológicas às pesquisas filosóficas. Deve-se ter em mente a crítica de Husserl a toda forma de psicologismo no qual se enquadra também a teoria de Brentano. A grande distância entre a teoria dos fenômenos psíquicos de Brentano e a vivência intencional de Husserl é a atitude investigativa perante o mundo na orientação natural ou transcendental das leituras. Brentano apesar de ter contribuído na elaboração do conceito de intencionalidade, acaba recaindo na crítica ao psicologismo e seu entendimento ingênuo da consciência como lugar de existência dos fenômenos.

A teoria de Brentano tem como base a investigação psicológica da consciência e dos seus fenômenos, os quais são divididos em fenômenos psíquicos e fenômenos físicos, ou seja, o fenômeno mesmo da existência e o fenômeno representante de algo na mente, os fenômenos psíquicos. Diz Brentano: “Toda ideia ou representação que eu adquiro tanto pela percepção sensível quanto pela imaginação são exemplos de *fenômenos mentais*”<sup>75</sup>. Husserl cita uma frase dita por Brentano: “Todo e qualquer fenômeno psíquico é objeto da *consciência interna*”<sup>76</sup>. Importa ressaltar a crítica de Husserl aos fenômenos psíquicos seja como terminologia, seja como mal entendido sobre a consciência. Ele diz como crítica ao fenômeno como objeto da consciência interna: “Em qualquer caso, é bastante duvidoso e muitas vezes conduz mesmo ao erro dizer que os objetos percebidos, fantasiados, julgados, desejados, etc. ‘entram na consciência’ ou, inversamente, que a consciência (ou o eu) entra em relação com eles de um modo ou de outro, que eles, de um modo ou de outro, ‘são recebidos na consciência’, do mesmo modo que dizer que as vivências intencionais ‘contem em si mesmas qualquer coisa como objeto’, e coisas semelhantes”<sup>77</sup>. Husserl cita duas más interpretações da ideia de Brentano. 1) tratar o relacionar como processo real, 2) relação entre duas coisas na consciência.

---

<sup>75</sup> BRENTANO, F. *Psychologie vom empirischen Standpunkt*. Livro 2. Cap. 1, §1.

<sup>76</sup> HUSSERL, E. LU, 5ª Investigação, § 11, p, 406. (A paginação corresponde a tradução portuguesa da obra- vide bibliografia – LU é a abreviação utilizada para Investigações Lógicas.

<sup>77</sup> IDEM, p. 406-407.

Ao relacionar como processo real, ou seja, a intencionalidade entendida como relação real, pensa como se a consciência e a coisa consciente pudessem entrar em relação uma com a outra num sentido real. Segundo Husserl, isso ocorre, pois, na reflexão natural aparece primeiro o eu e não o ato singular como ponto de referência da relação. Aqui aparece a referência de Husserl a concepção de *Eu puro* como unidade ou centro de referência dos atos intencionais. Contudo, ele só admite a ideia de *Eu puro* na segunda edição das LU datada de 1913. “Com isso, regressaríamos, agora, à assunção, antes recusada, de um *Eu puro* como centro de referência.”<sup>78</sup> Quando se vive no ato não se nota qualquer eu como ponto de referência dos atos, como quando lemos um conto ou no jogo, da fantasia “mas só quando ela efetivamente se consuma e se põe em unidade com o ato em questão é que ‘nós’ ‘nos’ referimos ao objeto de maneira tal que, a este referir-se do eu, corresponde qualquer coisa de descritivamente explicitável”<sup>79</sup>. O eu vale como unidade da consciência, como sujeito pessoal das vivências, que consuma a intenção. Isto significa dizer com Husserl: “no eu fenomenológico, nesta complexão concreta de vivências, está presente certa vivência...”<sup>80</sup>. Estes trechos apresentam de forma sucinta a teoria da intencionalidade nas LU, o conceito de vivência e a unidade da consciência. A teoria da intencionalidade aparece como a terminologia modificada, mas também com a fundamentação de base modificada. Trata-se não de um ato intencional psicológico, mas fenomenológico, ou seja, transcendental. Contra a terminologia e a orientação natural psicológica de Brentano, prefere não usar o termo “fenômeno psíquico”, mas sim *vivências intencionais*<sup>81</sup>. Husserl usa vivência para tomar o sentido fenomenológico. O adjetivo intencional nomeia o caráter essencial das vivências, a intenção. A expressão intenção significa ‘ter em vista’, ter em vista de algo. Ressalta-se no estudo da intencionalidade feito por Husserl nos *Prolegômenos à lógica pura* a grande quantidade de filósofos neo-kantianos e psicólogos como Brentano em destaque nos estudos da consciência e suas representações e representados. Ato da consciência para Husserl

---

<sup>78</sup> IDEM, p, 411.

<sup>79</sup> HUSSERL. 5ª Investigação, §12 b). P, 411.

<sup>80</sup> HUSSERL. IDEM, p, 412.

<sup>81</sup> HUSSERL. IDEM, p, 413.

não é uma atividade psíquica, por isso, ele diminui o uso do desse termo, substituindo-o por “vivência”. Nesse ponto da terminologia de ato, ele concorda com a Nartop, o qual é citado nos § 13 e 14 da 5ª investigação. Diz Husserl em nota: “Concordamos inteiramente com Nartop quando objeta contra os que sustentam seriamente a concepção dos atos psíquicos como atividade da consciência ou do eu. Negamos também a mitologia das atividades, definimos atos não como atividades psíquicas, mas antes como vivências intencionais”<sup>82</sup>.

Husserl continua nas explicações da intencionalidade com o exemplo, no caso da percepção visual o ver um objeto é ter sempre os mesmos conteúdos de consciência, com cada rotação tem-se um novo conteúdo de consciência. A vivência intencional não é o objeto percebido. A consciência de identidade capta os perfis do objeto e faz aparecer sempre o mesmo à consciência. Husserl distingue também os atos dos conteúdos que não são atos, ou seja, as vivências intencionais dos seus conteúdos e sensação. As sensações são vividas (vivenciadas), mas não aparecem objetivamente. Define conteúdo como: “uma vivência realmente constituinte da consciência, a própria consciência é a complexão das vivências”<sup>83</sup>. A sequência dessa frase explica o que é a vivências se sua relação intencional com o mundo. Diz: “Vivência é visar o mundo, o próprio mundo é o objeto intencionado”<sup>84</sup>. A relação entre consciência e mundo será tratada de modo diferente nas *Ideias I, II e III*. Nestas, a intencionalidade é constituinte e o mundo é o objeto constituído na consciência. Nas *Ideias II* trata da constituição do mundo em seus três modos de aparecimento, o corpo, natureza e espírito.

A intencionalidade na versão das *Investigações Lógicas* tem apenas uma preocupação noética, ou seja, a intencionalidade noemática é negligenciada em favor das distinções acerca das vivências e da sua análise lógico semântica. Pode-se pensar na intencionalidade de forma mais completa nas *Ideias I*, texto publicado em 1913. Nela diz: “É a intencionalidade que caracteriza a consciência no sentido forte e que autoriza ao mesmo tempo tratar todo fluxo do vivido como um fluxo de consciência e como

---

<sup>82</sup> HUSSERL. IDEM. P, 415.

<sup>83</sup> HUSSERL. LU. 5ª investigação. § 14, p, 422.

<sup>84</sup> HUSSERL. LU. 5ª investigação. § 14, p, 422.



unidade de uma consciência”<sup>85</sup>. A intencionalidade da consciência divide-a em polo da subjetividade pura e polo da objetividade pura, chamada também de *noese* e *noema*. A *noese* diz respeito às vivências intencionais e os *noemas* são os correlatos intencionais. As *noeses* são os atos de perceber, fantasiar, memorar, julgar, esperar (expectativa do futuro), etc. Os *noemas* são os correlatos intencionais desses atos noéticos, o percebido, o ficcionado, memorado, julgado, esperado, etc. Estes atos e correlatos formam a vida da consciência transcendental, a qual demonstra uma ruptura com a forma de subjetividade voltada ao exterior. O *Eu puro* rompe com a divisão interior-exterior, logo toda existência se dá sempre nesse campo relacional da consciência pura.

O problema da relação entre mundo e consciência é resolvido com a constituição transcendental do mundo na consciência pura. O *Eu puro* é transcendência para si mesma, ela se volta às objetividades imersas em seu próprio campo transcendental, campo infinito de possibilidade, campo fundacional da doação de sentido. Levinas acredita ser a intencionalidade a verdadeira forma da transcendência, diz: “A intencionalidade é para Husserl um ato de transcendência verdadeiro e o protótipo mesmo de toda transcendência”<sup>86</sup>. Para Levinas, a transcendência da fenomenologia garante a validade do mundo no âmbito da consciência. Contudo, Heidegger não concorda com essa leitura, pois para ele, o *Eu puro* é uma subjetividade moderna e solipcista. Presa a si mesma, ela não conseguiria explicar o mundo. Diz Heidegger: “Se se caracterizar todo o comportamento para com o ente como intencional, então, a intencionalidade é somente possível sobre o fundamento da transcendência, mas ela não é nem idêntica a esta, nem ela mesma a possibilitação da transcendência”<sup>87</sup>. Trata-se da crítica de Heidegger sobre a posição *husserliana* de reduzir o mundo fático das pesquisas fenomenológicas. Heidegger não concorda com a teoria da redução fenomenológica como método de alcançar o fundamento do mundo. Para Husserl, é preciso se afastar do mundo para descobrir seu sentido. A intencionalidade *husserliana* não seria completa na visão de Heidegger.

---

<sup>85</sup> HUSSERL. *Ideias* I, § 84.

<sup>86</sup> LEVINAS. *Théorie de l'intuition dans la phénoménologie* de Husserl. p. 69.

<sup>87</sup> HEIDEGGER. Sobre a essência do fundamento. p. 102.

Cabe ressaltar a importância da intencionalidade em seus diversos níveis. Tratar-se-á da fantasia nas *Investigações Lógicas* e como a intencionalidade modifica esse conceito. A fantasia é uma “vivência intencional”, cujo termo vem de um substituto de ato. Aparece ainda o termo representação de fantasia para designar esse “modo da consciência”. A consciência de imagem também aparece como “representação através de imagem física”<sup>88</sup> para descrever as pinturas, estátuas e as obras de arte em geral. Modo de consciência é a referência intencional ao objeto, ou seja, o modo de intenção que se modifica para cada tipo de consciência, como na percepção, fantasia, consciência de imagem, etc. Na vivência intencional, pode se destacar primeiramente a relação entre ato e não ato intencional, ou seja, as vivências têm como base os conteúdos de sensação e sentimentos, que não são uma consciência completa, mas formam uma base empírica dos atos<sup>89</sup>. Nas vivências mesmas encontram-se o conteúdo intencional dividido em qualidade e matéria. A qualidade determina a o modo de algo intencionado, e a matéria determina a objetividade do dado intencionado. “Apesar de todas as alterações, fenomenologicamente tão importantes, das aparições fingidoras da fantasia, o próprio objeto pode continuamente estar diante de nossa consciência como um e o mesmo objeto inalterado e igualmente determinado (identidade da matéria); não nele, mas antes à aparição atribuímos nos então, as alterações, nós visamo-lo como constantemente permanente; e visamo-lo assim no modo da simples ficção (identidade de qualidade).” Isso implica na relação entre perceber e o fantasiar no caso da matéria de ato, estas podem dividir a mesma matéria, respeitando cada qual seu modo de intencionar.

Um apêndice apresentado no passo <436><sup>90</sup> trata da crítica da teoria das imagens e da doutrina dos objetos imanentes aos atos. Neste ponto, estabelece a crítica ao modo de imagem como representante no interior da consciência, ou seja, que as imagens psíquicas existem realmente como cópias das coisas dentro da consciência. Esta crítica é fundamental para a compreensão da

---

<sup>88</sup> HUSSERL. LU. 5ª investigação. § 14, p, 419.

<sup>89</sup> Os conteúdos de sensação ou conteúdos hileticos são os componentes reais das noeses e não devem ser confundidos com sensações no sentido empirista, mas apenas referências a sensação num sentido fenomenológico modificado.

<sup>90</sup> HUSSERL. LU. 5ª investigação. P, 457.

vivencia intencional fenomenológica ser não um ato psicológico, mas um representar ideal e significativo da consciência. Na teoria da imagem utilizada pela psicologia e mesmo a filosofia moderna, o representar faz a duplicação do objeto 'lá fora'. Na consciência, está uma imagem como seu representante. No representar em imagem ou consciência de imagem com base no objeto-imagem aparente, visamos o objeto figurado (o sujeito-imagem). Contudo, Husserl argumenta ser a sua teoria do representar em imagem distinta da teoria da imagem interna. Diz: "Mas a figuratividade do objeto que funciona como imagem não é, manifestamente, nenhum caráter interno (nenhum predicado real)"<sup>91</sup>. A relação de correspondência estabelecida na modernidade não garante uma explicação exata do aparecimento do mundo diante da consciência. "Que é que nos capacita a ir para fora da 'imagem', só ela dada na consciência, e a referi-la, enquanto imagem, a certo objeto estranho à consciência? A remissão para a semelhança entre imagem e coisa não nos leva longe"<sup>92</sup>. A correspondência entre a realidade e a consciência através do conceito de representação.

Fala da diferença entre o correlato ou a imagem na fantasia e a imagem psicológica, diz como exemplo: "A pintura só é imagem para uma consciência constituinte de imagem, a qual por vez primeira confere a um objeto primário que lhe aparece perceptivamente, por meio da apercepção imaginativa (aqui, portanto, fundada na percepção), a validade ou significação de uma imagem"<sup>93</sup>. A imagem da fantasia se comporta de modo diferente da imagem da consciência de imagem, ou da imagem da percepção. Com base num exemplo acerca da simples representação, a representação existente por si mesma enquanto vivencia intencional concreta, pode-se dizer que a representação imaginativa não coloca seu objeto, nem como existente e nem como não existente. Se a imagem de fantasia é diferente da imagem de percepção por via de seu modo próprio de intencionar esta diferença se manifesta no caráter neutro da imagem fantástica perante a tese da existência da coisa física.

No § 27 sobre a intuição direta da percepção, tem-se a ideia da fantasia comparada com o modo originário da consciência. Diz:

---

<sup>91</sup> HUSSERL. LU. 5ª investigação. P, 457.

<sup>92</sup> HUSSERL. LU. 5ª investigação, p, 457.

<sup>93</sup>HUSSERL.LU. 5ª investigação, p, 458.

“A comparação com uma simples representação correspondente, digamos, uma simples fantasia, mostra como o mesmo objeto pode ser *presentificado* como o mesmo (no mesmo sentido de apreensão) e, contudo, de um 'modo' completamente diverso. Na percepção, o objeto parece estar presente 'em carne e osso', em pessoa, por assim dizer. Na representação da fantasia, ele 'paira diante de nós', ele é presentificado, mas não está presente 'em carne e osso'<sup>94</sup>.” Aqui, aparece novamente a diferença de um correlato perceptivo como real e um correlato fantástico como inexistente. O termo presentificação aparece na segunda edição da obra, e indica a mudança de paradigma da fantasia vista sob a ótica da temporalidade.

A fantasia pode ser vista através de dois conceitos centrais nas Investigações Lógicas, o conceito de intencionalidade e o conceito de intuição. A intencionalidade é descrita detalhadamente em todas as investigações, apresentando, como uma de suas fases, a fantasia. Esta intencionalidade específica é sempre comparada com a intencionalidade perceptiva, pois a percepção está na base originária da consciência. A intencionalidade é descrita como vivência intencional, ou seja, como um viver da consciência como vários tipos distintos de intenção para com o mundo. O intencionar é ainda pautado por uma abordagem semântica da consciência, além da compreensão da intencionalidade como reflexão, um voltar-se sobre si, sobre a relação subjetividade-objetividade. Nesse voltar-se nasce o sentido semântico da unidade intencional fenomenológica. Os comentários sobre fenomenologia tendem a mostrar como a obra *Investigações Lógicas* se restringe a uma análise das vivências intencionais.

Há, certamente, um avanço da obra *Investigações Lógicas* às *Ideias I*, tal diferença está na preocupação em descrever os atos da consciência na primeira obra e a recolocação do correlato como constituído na consciência pura na segunda. Conforme Benoist, a intencionalidade de Husserl é um sistema complexo, pois, de um lado, existe a teoria da significação e de outro a prevalência da intencionalidade perceptiva. Diz Benoist: "Husserl faz do sentido como tal (*Bedeuten*), na verdade uma intencionalidade"<sup>95</sup>. Sobre o problema da intenção dirigida ao

---

<sup>94</sup> HUSSERL. LU. 5ª investigação. § 27, p, 479.

<sup>95</sup> BENOIST. Two (or three) conceptions of intentionality. P, 91.

fenômeno (correlato que não é necessariamente compreendido como algo externo) diz: "...na teleologia da intencionalidade *husserliana*, a intencionalidade perceptiva é sempre o fim"<sup>96</sup>. Em resumo ele diz: "Na construção de Husserl, a intencionalidade é alguma coisa sobre sentido, mas este é essencialmente referido à percepção"<sup>97</sup>. Esta leitura de Benoist faz aguçar um problema na hierarquia das intenções da consciência, pois a percepção é a intencionalidade requerida ao preenchimento do intencional com a coisa mesma, com o ser-dado à consciência. A percepção é inferior no captar do conhecimento da essência da vivência, pois, para tal visar Husserl privilegia a imaginação e seu correlato, as imagens, que são objetos ideais, embora não permitam preenchimento evidente, apenas como possibilidade. Numa leitura direcionada ao modo da fantasia, pode-se afirmar a incessante preocupação em distingui-la da vivência perceptiva. Tal reforço na independência da fantasia é também o motivo para a novidade da fantasia frente as concepções modernas do tema.

Pode-se ver no exemplo dado por Husserl sobre os bonecos de cera uma forte distinção entre "vivência perceptiva" e "vivência fantástica". Cita-se o exemplo: "Passeando pelo museu de figuras de cera, encontramos na escada uma amável senhora que nos acena – o truque bem conhecido dos museus de figuras de cera. Trata-se de uma boneca que nos enganou por um instante. Enquanto nos encontramos mergulhados no engano, temos uma percepção tal como outra qualquer. Vemos uma senhora, não uma boneca. Se reconhecemos o embuste, então a coisa inverte-se – agora vemos uma boneca que representa uma senhora. Naturalmente que, ao falarmos de representar, isso não quer dizer que a boneca funcione como a imagem de uma senhora, portanto, funcione do mesmo modo que, digamos, no mesmo museu, as figuras de cera de Napoleão ou 'de' Bismarck funcionam como figurações. *A percepção do objeto em cera não é, por conseguinte, a base para uma consciência figurativa*; a senhora aparece, antes, simplesmente em unidade e ao mesmo tempo que a boneca: duas apreensões perceptivas, correspondentemente, duas aparições cousais interpenetram-se, coincidem, por assim dizer, segundo um certo teor de aparição."<sup>98</sup>.

<sup>96</sup>BENOIST. Two (or three) conceptions of intentionality. P, 93.

<sup>97</sup>BENOIST. Two (or three) conceptions of intentionality. P, 93.

<sup>98</sup> HUSSERL. LU. 5ª investigação, § 28, p, 480.

O exemplo acima mostra a distância entre um modo intencional e outro, e contrariando a interpretação clássica do primado da percepção, como apresentado nas palavras de Benoist, a percepção não é a base da fantasia, a matéria pode ser a mesma, mas o modo de intencionar é totalmente distinto. É a modificação na intenção o motivo da percepção não servir de base na vivência de fantasia. Como neste exemplo acima ele explica: “É a mesma senhora que em ambos os casos aparece, e ela fá-lo, num caso e noutro, com identicamente as mesmas determinações fenomênicas. Mas, de um lado, ela está aí diante de nós enquanto efetividade e, do outro, em contrapartida, como ficção, aparecendo em carne e osso e, contudo, como um nada. Na verdade, 'quase' que temos a impressão de que ela própria está aí, como uma pessoa verdadeira e real”<sup>99</sup>. A percepção tem seu valor como ato originário da consciência e papel fundamental na corrente temporal, mas este papel de base ontológica não implica na diminuição da importância do fantasiar na execução do projeto fenomenológico. Na temporalidade mesma, a fantasia tem seu papel preservado como contraponto intencional ao presente.

A diferença entre a intenção de cada vivência é determinante para compreender como cada vivência atua de modo singular na descrição do mundo. A fantasia tem seu próprio modo de intencionar o mundo, e sua particularidade está em intencionar o mundo por via da possibilidade ou do quase. Na percepção a *intentio* visa o objeto como realidade, como presente. Diz sobre a diferença entre percepção e fantasia: “A mesma matéria é, uma vez, matéria de uma percepção (*Wahrnehmung*) e, da outra vez, matéria de uma simples ficção perceptiva (*PerzeptiveFiktion*). Uma e outra não podem ser unificadas ao mesmo tempo. Uma percepção não pode ser, ao mesmo tempo, ficção do percebido e uma ficção não pode ser percepção do ficcionado.”<sup>100</sup>. A interpretação de Benoist não é a única a partir da percepção como base da fantasia. Essa teoria do primado da percepção vem da filosofia de Heidegger, de sua abordagem da temporalidade por via da fenomenologia de Husserl.

No artigo de Mark Drost intitulado: *The primacy of the perception in Husserl's theory of imagining* ele argumenta na direção do privilégio da percepção sob as outras

<sup>99</sup> HUSSERL. LU. 5ª investigação. § 28, p, 481.

<sup>100</sup> HUSSERL. LU. 5ª investigação. § 28, p, 482.

intencionalidades. Diz Drost: “De acordo com Husserl, a intencionalidade da consciência perceptiva é o modelo para outros atos intencionais da mente não perceptivos. A proposta desse artigo é mostrar que nas *Investigações Lógicas* a intencionalidade da consciência perceptiva é o modelo para entender os atos imaginativos”<sup>101</sup>. Contudo, as várias citações das LU em especial da 5ª investigação contraria essa ideia e mesmo aponta na direção da independência da fantasia perante o modo perceptivo de intencionalizar o mundo. É possível ver no artigo uma forte tendência a interpretar as vivências intencionais como atos da mente num sentido psicológico, e se tal leitura se confirma parece óbvio o não distanciamento da tradição filosófica e psicológica do conceito de consciência. Diz Drost: “Husserl compreende a intencionalidade como uma característica de ato mental, este é o modo de ser dirigido para ou ser sobre um objeto”<sup>102</sup>. Drost afirma haver dois modos de imaginar, a consciência de imagem e a fantasia, e mostra ser a consciência de imagem uma intenção perceptiva, e a imagem da fantasia um conteúdo mental. Ela conclui ser a *Bildbewusstsein* a intencionalidade dependente da percepção, por indicar um objeto físico. Diz: A tese *husserliana* indica que o imaginar logicamente dependente da percepção. Este é logicamente necessário para perceber um objeto se este objeto é percebido como uma imagem de alguma coisa diferente. Contudo, na visão de Husserl, uma dependência lógica desse tipo importa para uma tese ontológica: “imaginar é ontologicamente dependente da percepção”<sup>103</sup>.

A fantasia estaria livre da dependência da percepção, o que concorda com a tese exposta por Husserl. Diz sobre isso: “Contudo, se a imagem é um conteúdo mental, próprio como um conteúdo mental da fantasia, não há razão lógica para que esta seja dependente da percepção”<sup>104</sup>. A imagem mental poderia indicar uma leitura psicológica da fantasia, mas Drost se explica na frase: “Husserl não considera ser uma imagem mental uma imagem na mente...”<sup>105</sup>. A consciência de imagem e a fantasia

---

<sup>101</sup> DROST, M. The primacy of the perception in Husserl’s theory of imagining, P. 569.

<sup>102</sup> DROST, M. IDEM. P, 569.

<sup>103</sup> DROST, M. IDEM. p, 576.

<sup>104</sup> DROST, M. IDEM, p, 582.

<sup>105</sup> DROST, M. IDEM. P, 580.

partem de intencionalidades distintas e nesse ponto a tese de Drost está coerente com a definição *husserliana*, pois a percepção é a intenção de base desse modo de imaginar. Deve-se apenas ressaltar a mudança do conceito de consciência de imagem, o qual tem seu modelo suplantando após as lições de 1905. Afirmar a dependência de toda imagem ao ato de perceber como faz Drost em algumas passagens de modo genérico, acaba deixando o leitor supor que a fantasia também se pautar por tal dependência, o que não é verdade, como ele mesmo afirma.

A diferença está nos tipos de representação de ato ou na intencionalidade noética da consciência dividida em percepção, consciência de imagem e fantasia. Cada intencionalidade dessas tem seu modo específico de olhar o mundo, e essa diferença já sustenta uma distância radical entre o perceber e o fantasiar, deixando de lado o caso da consciência de imagem como ato misto (composto por percepção e fantasia). Outra diferença é o caráter posicional ou não-posicional do ato intencional. A percepção é um ato posicional, pois seu objeto tem uma posição real e existente no mundo fático. Os atos não-posicionais são os atos não ponentes de seus objetos como existentes. Diz sobre a fantasia: “O mesmo se passa como qualquer ideia que não seja exprimida e que 'simplesmente paire diante de nós' sem qualquer 'tomada de posição', e o mesmo com todo e qualquer caso de 'simples' fantasiar, etc.” Este pairar diante de nós indica a sua não posição existencial, mas uma inexistência, um viver como um nada diante da consciência.

Os atos posicionais são definidos como tomando seu objeto de modo direto em existência: “há atos posicionais: a percepção sensível, a recordação e a expectativa, apropriando-se do objeto em um só raio de intenção posicional.”<sup>106</sup> Todo ato posicional pode ser convertido em não-posicional, isto é, em ato fantástico. “A todo ato posicional corresponde em geral um ato não-posicional possível da mesma matéria, e inversamente.”<sup>107</sup> Isto significa dizer que a todo ato de percepção, memória, corresponde um ato neutralizado de posição de existência, no âmbito da pura fantasia. O *noema* ou o correlato intencional é a base para falar da posicionalidade do ato intencional. O objeto intencional é existente ou inexistente, mas “...para a própria essência da vivência

---

<sup>106</sup> HUSSERL. LU. 5ª investigação. §32. P, 504.

<sup>107</sup> IDEM.



perceptiva, é irrelevante o ser ou não-ser efetivo do objeto...”<sup>108</sup>. A percepção se direciona a um objeto aparente como existente, já a fantasia se dirige a um correlato inexistente.

O ato intencional é formado por um conteúdo sensível descrito como conteúdo real da *noese*. A intenção que em unidade com a sensação apreendida, constitui o acto concreto completo de percepção. O conteúdo de sensação faz parte da composição de todo ato intencional, até mesmo da fantasia como seu conteúdo de sensação modificado como fantasma. Fazem parte dos conteúdos de sensação ou conteúdos hilético do ato intencional os sentimentos, juízos de valor moral, estético, apreensão sensitivas, cor, tamanho, som, cheiro, etc. Todos esses aspectos reais do objeto são transformados após a redução em conteúdos de sensação, os quais acompanham o ato intencional mas, em si mesmo, não são atos intencionais. As sensações funcionam como conteúdos apresentantes de atos. As sensações: ““Elas próprias não são, portanto, atos, mas com elas constituem-se atos, a saber, quando caracteres intencionais do tipo da apreensão perceptiva se apoderam delas, lhes conferem, por assim dizer, uma *animação*”<sup>109</sup> As sensações passam a ser denominadas nas *Ideias* como “*conteúdo hilético*”, “*conteúdo material*” e real componente da *noese* intencional.

A diferença dos conteúdos de sensação do perceber e do fantasiar está na modificação da intenção. A distinção entre percepção e imaginação é constantemente misturada com a distinção entre sensações e fantasmas. A primeira é uma distinção de atos, a última, de não-atos, a saber, de conteúdos vividos a que está reservada uma apreensão nos atos de perceber ou fantasiar. A diferença entre sensação e fantasma é de vivacidade, da constância versus caráter prófugo. A percepção e a imaginação não se diferenciam por sua matéria, mas antes por seus atos mesmos.

O ato intencional tem um aspecto real determinado pelo conteúdo de sensação que corresponde ao real presente na construção da unidade intencional. Nas *Investigações Lógicas* o termo real é mais usado que nos textos seguintes das *Ideias* e outros. A importância da distinção entre real e irreal nas *LU* culmina na distinção entre real da percepção e o irreal da fantasia,

<sup>108</sup> HUSSERL. LU. 5ª investigação. § . P, 418.

<sup>109</sup> HUSSERL. LU. 5ª investigação. P, 428.

mas alcança problemas mais gerais, como a diferença entre real e ideal, ou seja, a diferença entre âmbito real empírico, mundo dos fatos, e o âmbito ideal e fenomenológicos das essências (sentido). Sobre a o real do ato intencional e o real do mundo dos fatos e a idealidade da fenomenologia: “Assim obtemos as visões intelectivas da fenomenologia pura (voltadas, aqui, para os componentes reais [Reell]), cuja descrição é, portanto, uma ciência totalmente ideal, purificada de toda e qualquer 'experiência', isto é, de toda e qualquer posição conjunta de uma existência *real*[Real]. Quando, num modo de dizer mais simples, falamos meramente de análise e descrição reais [Reell] (e, em geral, fenomenológica), devemos ter sempre em conta que a ligação destas explanações ao domínio psicológico é apenas uma estágio transitório, que as apreensões empírico-reais[Real], e as posições de existência que a correspondem (por exemplo, as vivências como 'estados' de realidades animais que vivenciam num mundo espaço-temporal *real*[Real]) não tem a mínima eficácia, numa palavra, que por todo lado se tem em vista e se pretende validades de essência puramente fenomenológicas”<sup>110</sup>.

O conceito de ideal e a diferença como real aparece nas *Investigações Lógicas* primeiro nos Prolegômenos a lógica pura. No § 22, Husserl faz um crítica aos lógicos psicologistas por desconhecerem as “...essenciais e eternas diferenças entre a lei ideal e a lei real, entre a regulação normativa e regulação causal, entre a necessidade lógica e a real, entre o fundamento lógico e fundamento real”<sup>111</sup>. O termo ideal aparece aqui como conceito lógico, é apresentado através da teoria da significação. Toda linguagem seja falada ou apenas pensada, tem sua unidade ideal de significação, ou seja, toda fala é um fenômeno real, individualizado no tempo, mas possui um algo invariante que permite compreender o processo de linguagem da consciência. Esta unidade ideal é orientada por leis ideais, as quais constituem a meta da descrição analítica de Husserl.

As *Investigações Lógicas* tem como mote uma abordagem semântica da consciência, ou ainda, pensa a consciência, descreve os momentos dos atos, os tipos de intencionalidades, e dentre elas a fantasia e a consciência de imagem, mas como intuito de mostrar a unidade de sentido ou essência dos atos

<sup>110</sup> HUSSERL. LU. 5ª investigação. § 16. P, 434.

<sup>111</sup> HUSSERL. LU. Prolegômenos à Lógica Pura § 22.

intencionais. É finalidade da fenomenologia descrever as essências e construir uma ciência descritivas das ontologias intencionais. Trata-se de descrever o sentido individual do ato, mas de construir uma gramática pura através de uma analítica da irrealidade. A interpretação da analítica da irrealidade como ponto de apoio para a execução da gramática pura e da descrição das ontologias formais e regionais, parte do princípio da irrealidade como sendo o aspecto determinante de fenomenologia. A irrealidade é sinônimo de idealidade transcendental, isto é, a irrealidade é o sentido último a ser descrito através da essência ou estrutura formadora da vivência intencional.

A ficção da fantasia é tema chave para pensar as *Investigações Lógicas* e o tema central da semântica. Só é possível pensar e descrever o sentido das vivências intencionais através da fantasia. A característica ficcional do mundo da fantasia é responsável por descobrir as essências puras ou a unidade de sentido transcendental de cada vivência. As vivências fantásticas são ficções, isto quer dizer, as ficções são correlatos neutralizados de toda posição de existência, e como tais estão numa posição reduzida e ideal. A fantasia encara a tarefa de ser a vivência responsável por ver e descrever as essências ou o sentido, porque ela em si mesma atua num âmbito transcendental ideal buscado por via do metidos das reduções fenomenológicas. Para entrar na fenomenologia é necessário uma mudança de atitude diante do mundo, é preciso vê-lo em sua unidade transcendental, através da redução, e a fantasia fenomenológica, é a vivência mais condizente com o intuito idealista e irrealizante da fenomenologia de Husserl.

Qual a relevância para o tema da fantasia em falar da motivação das *Investigações Lógicas* em construir uma gramática pura com auxílio da analítica da irrealidade? Trata-se de mostrar como a fantasia por ser a intencionalidade doadora do campo irrealizante da consciência tem o papel de neutralizar toda posição de existência da fenomenologia. As descrições de essência são descrições do âmbito irreal alcançado após a aplicação do método da redução. Abre-se o campo irreal das essências puras, campo transcendental descritível com o auxílio da fantasia. Isto não impede a percepção, a memória, a expectativa; terem todas suas essências formadoras, mas apenas a fantasia como vivência intencional modificada ao modo irreal ou quase-presente, apenas

ela pode fornecer as diretrizes para descrever o sentido dessas essências também irrealis. A analítica da irrealidade é a condição de formação de uma ciência pura fundada sob de um campo ideal de sentido. A irrealidade da fantasia deve ser entendida como idealidade fenomenológica num sentido geral.

A fantasia é um ato modificado, isto significa que houve uma modificação do ato originário, no caso do ato perceptivo. No perceber, a intenção coloca o objeto como existente; no ato modificado essa intenção para com o objeto é modificada ao modo do quase, ou da pura possibilidade. Diz no § 36 das LU: “A realização do ato 'modificado', dissemos, já não contém o 'original'”<sup>112</sup>. A fantasia é descrita como vivência ou representação. Esta é o estado de coisas e o juízo é a unidade da consciência. As representações se dividem em nominais e objetivantes. Os nominais são os posicionais ou não-posicionais, os primeiros são intenções de ser, são percepções de captar o ser em geral. Os atos não-posicionais deixam em suspenso o ser do seus objetos, o objeto pode existir, mas não é, no próprio ato, visado no modo de ser ou não vale como real, ele é antes 'simplesmente representado’<sup>113</sup>. A todo ato de crença corresponde uma simples representação como resultado. Temos a mesma matéria de ato da percepção antes posta numa intenção de ser, na fantasia como simples representação ela *deixa parar em suspenso*<sup>114</sup>.

Husserl fala melhor da imagem na fantasia e da consciência de imagem e a não posição de existência. Diz: “numa intuição perceptiva de imagem, como na contemplação de um quadro, que deixamos agir sobre nós de um modo simplesmente estético, sem qualquer tomada de posição sobre o ser ou não-ser do que é representado; ou também na intuição de uma 'imagem da fantasia', como quando nos abandonamos à fantasia, sem qualquer tomada atual de posição sobre o ser”<sup>115</sup>. Ambos os atos intencionais, a consciência de imagem e a fantasia, tem como base um ato não-posicional, uma neutralização da existência do objeto intencionado. No discurso da modificação da posição de existência tem-se uma importante tese sendo formada nas LU. A modificação de neutralização trabalhada nas *Ideias I* e nos

<sup>112</sup> HUSSERL. LU. 5ª investigação. § 36. P, 509.

<sup>113</sup> HUSSERL. LU. 5ª investigação. § 38. P, 519.

<sup>114</sup> HUSSERL. LU. 5ª investigação. § 39. P, 527.

<sup>115</sup> HUSSERL. LU. 5ª investigação. §39. P, 527.

manuscritos XXIII, aparece nas *LU* como modificação especial dentro da modificação de fantasia. No § 40 diz: “Além disso, no que diz respeito à palavra imaginação, ela visa, com certeza, na linguagem comum, um ato não-posicional; mas ela deveria, agora, alargar o seu sentido original da esfera da imaginação sensível na medida que isso fosse requerido para abarcar na sua extensão todas as contrapartes possíveis de atos de ter-por-verdadeiro. Por outro lado, a palavra necessitaria também de limitações, na medida em que deveria ser excluída a ideia de que as imaginações seriam ou ficções conscientes ou representações sem objeto ou mesmo falsas opiniões. Contentamo-nos, muitas vezes, em considerar o que nos é relatado, sem que nos decidamos pela verdade ou falsidade do relato. E mesmo quando lemos um romance, a coisa não se passa normalmente de outra maneira. Sabemos que se trata de uma ficção estética, mas este saber permanece fora de ação durante o efeito puramente estético. Todas as expressões são, nestes casos, portadoras de atos aposicionais, no sentido da terminologia examinada, tanto do lado das intenções de significações, como do lado dos preenchimentos da fantasia, que aí se inserem”<sup>116</sup>.

A modificação qualitativa refere-se a um estado de modificação mais geral também realizado pela fantasia, mas num sentido mais amplo, trata-se de alargamento da modificação de imaginação, aquela que se aplica ao ato intencional singular. A modificação qualitativa é o deixar em suspenso neutro, ou seja, a modificação de neutralização em geral do ser aplicável a todo ato posicional. A fantasia assumindo o papel de modificação qualitativa ou neutralizadora assume também a tarefa de desvelar as essências de todo e qualquer vivência intencional da consciência, pois a neutralização funciona como uma redução transcendental ao nível das vivências purificadas.

Na sexta investigação, o conceito privilegiado é o de intuição, partindo da intuição sensível e alcançando níveis fenomenológicos com a intuição categorial e significação, e preenchimento significativo ou adequação evidente. O próprio Husserl fala acerca do alargamento do conceito de intuição como significação<sup>117</sup>. Dentre as significações, destacam-se as possíveis e as impossíveis, estas últimas são as significações imaginativas.

---

<sup>116</sup> HUSSERL. *LU*. 5ª investigação. § 40. P, 530.

<sup>117</sup> HUSSERL. 6ª investigação. § 45.

A sexta investigação trata das expressões e juízos e pretendem falar da sua significação ontológica na esfera da consciência transcendental. Sobre a possibilidade dos juízos imaginativos, os juízos imaginativos não são juízos efetivos, diz no § 3: “Pensamos aqui nos casos em que nos entregamos a um rasgo da fantasia e em que chamamos aquilo que aí nos aparece em asserções regulares, *como se fosse* percebido, ou também em forma de narrações informativas, na qual, o poeta, o novelista, etc., não dá expressão a acontecimentos efetivos, mas sim a configurações da sua fantasia artística”<sup>118</sup>. A fantasia é compreendida como ato modificado.

A intuição é o ato captador do aparecimento de algo à consciência, mas é a significação que permite pensar o ato no caráter lógico. A significação é a forma completa do conhecimento transcendental da intencionalidade. Diz Gabás: “*Para Husserl el hombre no se reduce a conocer, sino que, entre la esfera de la intuición pura y la Del sin sentido, se desarrolla a través de múltiples estratos interdependientes. Pues, por una parte, el pensamiento nunca pierde su referència a la base intuitiva y, de otro lado, ésta solo adquiere valor para nosotros encuanto «significada»o «categorizada»*”<sup>119</sup>.

A unidade dinâmica entre intenção e intuição resulta no preenchimento da consciência. A intenção de significação vem em primeiro lugar; só depois, surge a intuição correspondente e disso resulta a unidade fenomenológica como consciência de preenchimento. O preenchimento da intenção fantástica se dá na intuição de fantasia? “Em todo caso, fenomenologicamente, existem atos, mas sem sempre existem os objetos”<sup>120</sup>. Contudo, a não existência do objeto não significa que não haja na fantasia um preenchimento, mas esse preenchimento é caracterizado como algo possível, pois o objeto é inexistente ou ausente. O preenchimento pode ser real ou possível<sup>121</sup>. Esta distinção não altera o fato de haver uma objetividade para a qual a intenção se dirige. Apenas o tipo de intuição se altera, o modo como é vista a

<sup>118</sup> HUSSERL. 6ª investigação. §3. P, 30.

<sup>119</sup> “Para Husserl o homem não se reduz ao conhecer, mas entre a esfera da intuição.” GABÁS. *La intuición em las Investigaciones* Lógicas de Husserl. P, 176.

<sup>120</sup> HUSSERL. 6ª investigação. § 8. P, 47.

<sup>121</sup> HUSSERL. 6ª investigação. § 10. P, 53.

imagem pela consciência. Diz: “Da mesma forma, também a imagem, por exemplo, um busto de mármore, é uma coisa como qualquer outra, só o novo modo de apreensão a transforma em imagem, agora não aparece apenas a coisa feita de mármore, mas, de imediato e na base deste aparecimento, é visada uma pessoa em imagem”<sup>122</sup>. Trata-se, da consciência de imagem e da relação entre a imagem física, a coisa mesma o busto de mármore, e a imagem-objeto, ou seja, a imagem referência. A representação-imagem tem sempre seu preenchimento ser identificada como imagem do objeto que aparece. “o preenchimento do semelhante por meio do semelhante determina intimamente o caráter da síntese de preenchimento como um síntese imaginativa”<sup>123</sup>. Isto quer dizer: “a imaginação preenche-se através da síntese peculiar da semelhança de imagem...”<sup>124</sup>.

Quando uma representação não possui conteúdo significativo, pode-se dizer que tudo nela é plenitude. Elas são chamadas de “intuições puras”. Tudo o que é visado é apresentado e tudo que é apresentado é visado. Como se dá a visão do correlato imaginativo? Diz: “a distinção consiste apenas no fato de a imaginação conceber o conteúdo como análogo, como imagem, mas a percepção concebê-lo como auto-aparecimento do objeto”<sup>125</sup>. Ambas admitem graus distintos de plenitude através da vivacidade e realidade do conteúdo a apresentar. As relações de preenchimento são relações *Ideias* indeterminadas. “Quer, por exemplo, o fenômeno de fantasia valha para nós como presentificação de um objeto efetivo, quer valha como mera imagem, nada muda no fato de ser uma representação figurada, no fato de, por conseguinte, o seu conteúdo exercer a função de um conteúdo figurado”<sup>126</sup>. Husserl chama “forma da representação” a unidade fenomenológica entre matéria e o representante.

As intenções de significação dividem-se em possíveis (reais) e impossíveis (imaginárias). As possíveis são compatíveis em si, as impossíveis são incompatíveis. As possibilidades e impossibilidades não falam de intuições de consciência empírica,

---

<sup>122</sup> HUSSERL. LU. 6ª investigação. § 14. P, 66.

<sup>123</sup> HUSSERL. LU. 6ª investigação. § 14. P, 66.

<sup>124</sup> HUSSERL. LU. 6ª investigação. § 14. P, 67.

<sup>125</sup> HUSSERL. LU. 6ª investigação. § 23. P, 92.

<sup>126</sup> HUSSERL. LU. 6ª investigação. § 25. P, 99.

ou seja, não são possibilidades reais, mas possibilidades ideais<sup>127</sup>. A possibilidade de significação na esfera dos atos objetivantes corresponde a uma essência adequada, uma essência cuja matéria ela é idêntica. O fato dela ter um sentido preenchedor, de ser uma intuição completa. A impossibilidade aponta para o campo da contrariedade. Existe unificação do ato na contrariedade. Nem tudo é para se unificar no campo da contrariedade. A impossibilidade existe pelo fato de um ato e um referencial não serem compatíveis. A intenção dirigida a tal unidade produz contrariedade.

A fantasia e a relação com a evidência e a verdade é apresentada no quinto capítulo da Sexta Investigação. Fala-se aqui das qualidades dos atos. “Uma vez que a produção de imagens da fantasia subjaz em medida desigualmente grande o nosso arbítrio, relativamente às percepções e posições em geral, tratamos, preferencialmente com a possibilidade de nos relacionarmos com a figurabilidade fantasiosa. Vale como possível o que se deixa realizar no modo de uma imagem de fantasia adequada”<sup>128</sup>. As intenções objetivantes são divididas em intuitivas e significativas. Os atos significativos são mais amplos que os atos intuitivos. O aparecimento se dá através da intuição. A verdade é o fato objetivo da concordância entre o mentalizado significativamente e o dado intuitivamente. A evidência é a vivência da verdade, em especial, a verdade presente. A fantasia tem seu preenchimento em imagem, ela não alcança o grau de perfeição do preenchimento da percepção. Diz: “Mas por maior que seja a perfeição de uma imaginação, ela deixa subsistir uma diferença em face da percepção: ela não dá o próprio objeto, nem sequer em parte, dá apenas a sua imagem, que na medida em que é imagem, nunca é a própria coisa”<sup>129</sup>. O presentificar da fantasia não pode fazer um ser presente, mas apenas um aparecer como se fosse presente, o que limita o preenchimento pleno da intenção. A percepção como intuição originária do presente é intuição privilegiada neste momento, este privilégio é de cunho ontológico.

A fantasia não tem preenchimento ontológico definitivo, pois, seu correlato aparece através de uma intenção irrealizante.

---

<sup>127</sup> HUSSERL. LU. 6ª investigação. § 30. P, 109.

<sup>128</sup> HUSSERL. LU. 6ª investigação. § 36. P, 121.

<sup>129</sup> HUSSERL. LU. 6ª investigação. § 37, p, 122.



A percepção tem seu valor elevado como preenchimento pleno, mas a fantasia tem seu valor metodológico no esquema da construção da fenomenologia. Diz: “para afastar a objeção, notaremos por agora apenas que a imaginação, que é a base da abstração generalizadora, não exerce por isso a função efetiva e autêntica de preenchimento, por conseguinte, não apresenta a intuição ‘correspondente’”<sup>130</sup>. Na sequência da exposição categorial da sexta investigação, confirma-se a preferência ao modo perceptivo de intencionar. A intuição categorial é definida, por via da percepção categorial, como fundamental modo de intenção da consciência, ou melhor, como intenção capaz de preenchimento pleno para formar uma significação pura e uma formalização lógica completa dos atos da consciência. As outras formas de intencionar não estão restritos ao âmbito categorial, mas a percepção é responsável por um modo de perfeição ontológica. A fantasia nas Investigações Lógicas tem um papel bem determinado como intencionalidade no modo da possibilidade, como modificação do presente, e como intencionalidade irrealizante. A fantasia como irrealidade tem o papel metodológico e metódico de conduzir as pesquisas fenomenológicas ao âmbito da consciência transcendental reduzida. Ela auxilia na construção da gramática pura por sua característica de abstração generalizadora; logo, a sua função irrealizante é o caminho para entrar na fenomenologia e destringir as significações puras da consciência transcendental.

### **2.2.3 Período 3: Presentificação de fantasia nos textos de 1905 a 1909**

O texto apresentado na *husserliana* XXIII datado entre 1905 e meados de 1909 é o texto mais estruturado e dos manuscritos. Os conceitos referidos nesse período ainda trazem um pouco da influência dos primeiros manuscritos de 1898, mas já com a óptica da temporalidade e do conceito de presentificação como guia da definição. A fantasia aparece tanto com a definição de representação de fantasia (*Phantasievorstellung*), como já aparece o conceito de “presentificação”. O modo intencional da “consciência de imagem” (*Bildbewusstsein*) também se destaca nesses textos. No decorrer das análises, a memória se apresenta

---

<sup>130</sup> HUSSERL. LU. 6ª investigação. § 37. P, 125

como conceito importante na compreensão dos modos de intencionar imaginativos que dependem de um referencial no presente, como as obras de arte e definição de um correlato imagético ausente.

O fantasma é a apreensão sensível no modo da fantasia, o qual representa a imagem como objeto fantasmado, ou um aparecimento não real, não presente. O flutuamento na consciência de fantasia é uma forma de mostrar a essência fantasmada desse ato de intencionar. A presentificação de um não aparente é o modo como é tratado a modificação fantástica sob orientação temporal no § 14 e outros. A imagem estética é outro tema relevante nestes textos. Husserl já trata da consciência estética em textos anteriores, mas, a partir de 1905, tais temas entram em cena e apontam para um terceiro modo de intencionar fantástico, a consciência estética. A inefetividade tem como base uma diferença essencial no aparecimento entre a percepção e a fantasia. No artigo de Fink<sup>131</sup>, é mencionada a inefetividade como característica principal da fantasia, mas, pensando-a sob a conectividade com a percepção, mesmo que através da consciência mnemônica. O “quase” é pensado como modo da inefetividade ou da não presença da imagem. A independência da fantasia é também tema dos manuscritos do volume XXIII. Esta independência trata basicamente da independência da posição de existência dada na percepção.

Deve-se falar da proteiforma, fugacidade, as relações da fantasia com a alucinação e com o símbolo, a diferença com a percepção, a diferença da fantasia com a “consciência de imagem”<sup>132</sup>. No último capítulo desses manuscritos aparece a consciência do tempo sendo aplicada as análises da fantasia. A divisão feita na temporalidade estabelece a separação entre a percepção como forma presentativa da consciência temporal do agora e as presentificações entre elas a fantasia. Os temas resumidos apenas demonstram as relações e as mudanças dos dois períodos vistos com o texto a ser abordado daqui por diante.

Trata-se aqui de mostrar algumas definições e conceitos expostos no texto que compõe a terceira parte principal das Lições do semestre de inverno de 1904-1905 sobre “Partes principais da

---

<sup>131</sup> FINK. Re-presentation et. imagem. In *De La phenomenologie*.

<sup>132</sup> Nos escritos de 1989 o termo é representação em imagem e aqui já aparece como consciência de imagem (*Bildbewusstsein*).

fenomenologia e teoria do conhecimento” denominado de Fantasia e consciência de imagem. O primeiro passo das análises é mostrar o motivo das pesquisas sobre a fantasia e a consciência de imagem. Este seminário tinha por sequência de investigação a fantasia como tema destacado após os estudos da fenomenologia da percepção. Era preciso estudar temas aparentados a intencionalidade perceptiva, era preciso tratar das presentificações. Diz Husserl: “Nosso próximo objetivo é a *fenomenologia das fantasias*”<sup>133</sup>. Ele engloba todos os modos de intencionalidade referidas às imagens no grupo da fantasia.

A terminologia e o uso do conceito de fantasia na linguagem tradicional são explorados para se delimitar o tipo de interpretação dada pela fenomenologia. Destacam-se definição da fantasia usadas no discurso habitual, na psicologia e filosofia tradicionais<sup>134</sup>. Diz: “Assim é claro que nós compreendemos pela rubrica de fantasia, ora certa disposição do espírito ou um certo dom, ora certas vivências atuais, atividades ou resultados de atividades que provem da disposição ou que ilustram o dom”<sup>135</sup>. E ainda: “Fantasia significa então uma certa disposição do espírito, uma faculdade (*Vermögen*); como tais, nós dizemos que um homem tem muita ou pouca fantasia ou, exagerando, que ele é desprovido de *fantasia*”<sup>136</sup>. Estas afirmativas revelam o pensamento do senso comum acerca da fantasia. A fantasia é tratada como algo psíquico, místico e na hipótese mais filosófica como uma faculdade. Ela é ainda assemelhada com atividade do gênio artístico como forma de vontades da fantasia, obras criadas da individualidade especial de uma subjetividade privilegiada. As

---

<sup>133</sup> “*Unser nächstes Ziel ist die Phänomenologie der Phantasien.*” HUSSERL. *Phantasie*. P, 1.

<sup>134</sup> Husserl não faz uma genealogia do conceito de fantasia na filosofia, apenas destaca algumas concepções de imagem de Hume, e o conceito mais geral de Intencionalidade de Aristóteles, além de falar do conceito central de subjetividade em Kant, Descartes e Hume, o que nos permite ver porque o *Eu puro* pautado na intencionalidade pode dar ao conceito de fantasia maior importância no todo da filosofia fenomenológica.

<sup>135</sup> HUSSERL. *Phantasie*. N° 1, cap. 1, § 1.

<sup>136</sup> “*Phantasie meint dann also ein gewisse Geistesanlage, ein Vermögen, wie wenn wir sagen, ein Mann von starker oder schwacher Phantasie, oder über treibend, ein phantasie loser Mensch.*” HUSSERL. *Phantasie*. N° 1, cap. 1, §1.

disposições do espírito como talento, a faculdade em seu conjunto não são análises fenomenológicas. A fantasia é um ato de presentificar um dado na quase presença, um flutuamento em fantasia.

Na fenomenologia, importa destacar um modo de apreensão unitário por essência designador por representação de fantasia. Ela é um gênero de representação característica por essência oposta à percepção. Na psicologia contemporânea sobre a relação entre percepção apreensão objetivante para explicar as diferenças entre ambas. Entram ainda no esquema, os conteúdos de apreensão, sentido de apreensão e as formas de apreensão. Estas distinções permitem não confundir o representante do representado. Diz: “Nós confundimos o conteúdo sensível que é vivenciado na representação de fantasia e que faz função de representante na apreensão de fantasia com o objeto de fantasia, nós os identificamos.”<sup>137</sup>. As apreensões objetivantes são distintas das intuições, pois são intencionalidades significativas que contêm a estrutura essencial da vivência pura.

Husserl faz uma crítica a doutrina do representar de Brentano. Diz: “Para Brentano representar é o título da primeira classe fundamental de fenômenos psíquicos, quer dizer das vivências intencionais”<sup>138</sup>. Ele separa representação e representado, a representação é o ato e o representado é o conteúdo. “O conteúdo é para ele habitualmente o conteúdo de sensação da percepção”<sup>139</sup>. E ainda: “Brentano fala assim do objeto por diferença com um conteúdo, mas trata por ele de objeto exterior ao sentido absoluto, metafísico, que ele confunde com o objeto visto na percepção”<sup>140</sup>. Na fenomenologia o conceito de reflexão muda a relação do sujeito com o objeto, o objeto é aquilo que aparece simplesmente. O representar como ato é um representar como consciência intencional que atinge a essência da apreensão, como doação de sentido objetivante.

---

<sup>137</sup> HUSSERL. *Phantasie*. § 3, p, 8.

<sup>138</sup> “Für Brentano ist “Vorstellen” der Titel der ersten Grundklasse VQ.11 “psychischen Phänomenen”, von intentionalen Erlebniss.” HUSSERL. *Phantasie*. § 4. P,

<sup>139</sup> IDEM.

<sup>140</sup> HUSSERL. *Phantasie*. § 4. P, 8.

Na busca pela distinção entre a “representação perceptiva” e a “representação fantástica”, encontra-se a distinção do conteúdo de apreensão. Na percepção, o conteúdo é a sensação, já na fantasia o conteúdo é o fantasma. Esta distinção está explícita: “As sensações se encontram na base das percepções, os fantasmata sensíveis na base dos fantasias”<sup>141</sup>. Husserl se pergunta por uma diferença gradual entre o perceber e o fantasiar, diferença gradual que é negada graças a diferença de essência formadora das duas intencionalidades em questão. Ele acrescenta uma diferença temporal entre o percebido e o imaginado. Diz: “Se as diferenças entre sensação e fantasma são simplesmente graduais, a questão se coloca então em saber se a diferença entre objeto presente da percepção e objeto simplesmente presentificado da fantasia é gradual, e se o esquema gradual não é aqui uma absurdidade”<sup>142</sup>. A questão temporal entra como meio de diferenciar o intencional perceptivo e o fantástico, no presente estão as vivências percebidas e no não-presente estão todas as outras, as presentificações como quase presenças das vivências. A presentificação de fantasia tem como seu conteúdo de apreensão o fantasma, ou o correlato fantástico apresentado na temporalidade como um não-presente. O fantasma é abstração feita da apreensão de sensação, a redução de todo conteúdo presente.

Para toda representação perceptiva corresponde uma representação de fantasia. Está frase anunciada em diversos momentos do texto e em várias obras quer revelar não um parentesco entre percepção e fantasia, mas revela verdadeira fonte de diferença entre estas intencionalidades. Trata-se de uma evidência pura a possibilidade ideal de conversão do olhar de um representar perceptivo à um representar fantástico. O mesmo objeto pode ser percebido e depois fantasmado. A diferença está na intenção diante do objeto e não no objeto mesmo apreendido, no conteúdo de apreensão. “É preciso distinguir entre conteúdo de apreensão e caráter de apreensão, tanto na apreensão perceptiva quanto na *apreensão de fantasia*.”<sup>143</sup>. Esta diferença no caráter de

---

<sup>141</sup>“Den Wahrnehm ungen liegen Empfindungen zu grunde, den Phantasien die sinn lichen Phantasmen” HUSSERL. *Phantasie*. § 5. P, 11.

<sup>142</sup> HUSSERL. *Phantasie*. § 5. P, 11.

<sup>143</sup> HUSSERL. *Phantasie*. N° 1, § 7. P, 16.

apreensão ou de intenção, significa, pois uma diferença essencial fenomenológica nas intencionalidades.

A diferença na apreensão indica uma diferença do modo como este intencionar se relaciona na consciência temporal. A percepção encontra-se no presente da consciência e coloca seu objeto como presente. Na fantasia o objeto se coloca diante como quase presente, na apreensão fantástica está implícita a quase-presencialidade do visar. Diz sobre o modo de intencionar da fantasia: “Na fantasia o objeto não aparece como presente, ele não é presentificado, é quase como se ele estivesse ali, mas somente quase, ele nos aparece em imagem”<sup>144</sup>. O caráter de apreensão da fantasia e o colocar em imagem (*Verbildlichung*). Este colocar em imagem se divide em “representação por imagem interna” (*inneren Bildvorstellungen*)<sup>145</sup> ou representação de fantasia e “representação por imagem espiritual” (*Vorstellungen durch geistige Bilder*)<sup>146</sup>. A dupla menção as imagens se dá pela formação de imagens vindas da coisa física e imagens livres de realidade física. Esta dupla está em processo de alteração nestes textos de 1905, pois a consciência de imagem responsável por apreender imagens de origem física, passa por uma substituição teórica. A reprodução através da memória será a responsável por apreender as imagens que tem um traço da percepção. A “consciência de imagem” (*Bildbewusstsein*) é substituída por um esquema reprodutivo dependente da memória e não mais diretamente da percepção.

A duplicidade do modo de intencionar as imagens, ou seja, as duas versões do apreender em imagem tem uma comunidade de essência as unindo fenomenologicamente. A representação por imagem espiritual é denominada também de *imaginação física*<sup>147</sup>. Diz: “A imaginação física pressupõe um objeto físico que tem por função despertar uma imagem espiritual”<sup>148</sup>. Esta imaginação que depende de um dado físico é mais conhecida como consciência de imagem, descrita nos manuscritos de 1898

---

<sup>144</sup> HUSSERL. *Phantasie*. N°1, § 8. P, 16.

<sup>145</sup> HUSSERL. *Phantasie*. N° 1, § 8. P, 17.

<sup>146</sup> HUSSERL. *Phantasie*. N° 1, § 8. P, 17.

<sup>147</sup> Husserl utiliza aqui o termo imaginação para designar a consciência de imagem, o uso do termo imaginação é pouco comum nos textos.

<sup>148</sup> HUSSERL. *Phantasie*. N°1, § 10. P, 21.

como representação por imagem física. A terminologia é alterada, mas o sentido é sempre pensar um componente físico como estimulador da imagem. Na representação de fantasia, a imagem espiritual está ali sem ser ligado a um agente físico. A imagem vivenciada não está na consciência como coisa. Sobre isso: "No espírito, ou melhor, na consciência não há ali fenomenologicamente nenhuma coisa-imagem"<sup>149</sup>. A comunidade de essência entre o perceber e o fantasiar é explicada assim: "Na verdade, as imagens (compreendidas como objetos aparentes, representantes por analogia) são nos dois casos um nada e o discurso sobre elas como objetos tem evidentemente um sentido modificado. A imagem da fantasia não existe absolutamente, ela não é uma existência psicológica."<sup>150</sup>. O ponto em comum é a imagem como um nada, uma não-presença, uma modificação da posição de existência, modificada ao modo do quase, do possível, a imagem é sempre um nada de existência, um nada temporal, por não estar contida no fluxo temporal da consciência presente. A consciência de objetividade (*objektiven Gegenständlichkeit*) faz ver a imagem como vivência intencional e não aparecendo como mero fantasma sensível. Chamada também de consciência objetivante por dotar de sentido o conteúdo, no caso o conteúdo fantasmado. Na distinção entre a "representação por imagem física" e a "representação de fantasia" pode-se colocar em comum a temporalidade do correlato. As objetividades formadoras da representação por imagem física são divididas em 3, a imagem-física, sujeito-imagem e o objeto-imagem. Na fantasia apenas atuam as duas últimas objetividades. Ambas as intencionalidades tratam sua imagem na temporalidade do quase, como se fossem presentes. O ponto comum é que uma objetividade aparente só vale por outra não-aparente e representada em imagem (*bildmässig*). A imagem física acolhe a imagem espiritual (sujeito). A imagem espiritual é uma objetividade aparente, como uma pessoa ou paisagem que aparece nas cores da fotografia. Na aparição-de-fantasia, não visamos a coisa mesma tal qual ela é, temos uma aparição mais consideravelmente distante da realidade efetiva, uma aparição que é, e suas determinações internas, muitas vezes a mais flutuante e mutável possível. O

---

<sup>149</sup> HUSSERL. *Phantasie*. N° 1, § 10. P, 21.

<sup>150</sup> HUSSERL. *Phantasie*. N° 1, §10. P, 22.

objeto-imagem traz um novo caráter de apreensão. A função no conteúdo do objeto-imagem é o figurado, o presentificado posto em imagem, tornado intuitivo. O sujeito quasificado (no quase) nos olha através destes traços. O visado comporta as indeterminidades, a consciência específica da presentificação de um não-aparecente num aparecente. Como se (*als ob*) só é possível pelos momentos de tornar possível os desdobramentos da consciência em consciência de imagem e consciência de sujeito. (Momentos exteriores). Husserl dá uma definição de fantasia de acordo com a temporalidade: “Uma fantasia plenamente viva”<sup>151</sup>, o objeto *como se* é “verdadeiramente presentificado, nós o intuímos”. “A imagem de fantasia se dissolve, ela não conserva por muito tempo sua espontaneidade, de repente se infiltrando em outras imagens de fantasia, talvez claras também, mas que interrompem a consciência imediata do objeto, não a continua, não constitui a unidade de um presente objetual. Nos falamos dessas descontinuidades”<sup>152</sup>.

A apreensão do caráter de imagem remete ainda à imagem como símbolo, pois há um aspecto de representação de outra coisa, como uma indicação de outro objeto. A imagem possui uma função imanente e uma função simbólica. A apreensão simbólica envia para fora de si, já a apreensão signitativa remete para um objeto estranho ao aparecente. Na representação simbólica, o olhar é enviado para longe do símbolo. Um exemplo para mostrar como funciona a imagem como símbolo: “uma gravura sobre a madeira da madona de Rafael pode nos recordar o original que nos vimos na galeria de Dresden: as imagens podem fazer função como “signos de recordação” (*Erinnerungszeichen*) analógicas”<sup>153</sup>. Importante destacar nesse exemplo a atuação da memória como meio substituto da consciência de imagem no papel de intencionar uma imagem simbólica. O olhar de uma imagem tem nela mesma a presentificação de um objeto. A escrita e a linguagem tem um caráter simbólico, mas, conforme a discussão semântica das *Investigações Lógicas*, a linguagem fática, a multiplicidade das expressões escritas ou faladas

---

<sup>151</sup> *Eine vollkommen lebendige Phantasie...““* HUSSERL. *Phantasie*. N° 1, § 14. 32.

<sup>152</sup> HUSSERL. *Phantasie*. N° 1, § 14. P, 32-33.

<sup>153</sup> HUSSERL. *Phantasie*. N° 1, § 16. P, 35.



dependem antes de uma linguagem transcendental, com base nas unidades de significação.

A pesquisa sobre a imagem e a relação com o símbolo, despertada pela existência de linguagens formadas por símbolos desenhados, desperta a indagação acerca da imagem estética. Na imagem imanente entra a discussão para falar de imagem estética. A imagem simbólica é uma imagem estética? Elas são na verdade bem diferentes, enquanto uma remete à algo fora dela, a outra remete a si mesma. Diz: “O objeto-imagem não significa nada, nada a maneira de um símbolo, ela não remete para fora de si, mas para dentro de si (*in sichhinein*). Podemos saborear esteticamente estes fantasias como o sujeito se figurando na consciência de imagem. O artista espreita e vigia em silencio seus próprios fantasias (ficções) afim de os tornar esteticamente os mais belos possíveis”<sup>154</sup> A imagem estética é nesse sentido desinteressada, ou melhor, neutralizada de toda posição de existência, não tem necessidade de referencial fora de si, ela se basta em si mesma. A fantasia é a intencionalidade atuante apoiada no caráter do *como se*: Vê-se no exemplo: “O jogo da fantasia pode ser colocado em movimento de modo que nos visamos o interior do mundo do sujeito, na visão das imagens de um Paul Veronese nos sentimos transportados a vida sumptuosa dos nobres venezianos do século 16 ou através das gravuras de Dürer nos intuimos a transfiguração da paisagem alemã e da humanidade alemã de seu tempo. A fantasia não segue estas novas representações, mas retoma sempre ao objeto-imagem. Na fantasia e na memória o interesse e o visar caem sobre o sujeito-imagem”<sup>155</sup>. Na vivência estética da imagem, o mundo aparece com um quase-presente, esta característica permite resgatar um momento ausente como um passado, e transformá-lo em uma realidade quase vivenciada, *como se* aquela época estivesse presente diante da consciência. A consciência estética se assemelha à consciência de imagem e à fantasia no aspecto da possibilidade *como se* de seus correlatos. A perspectiva estética é outra forma de intencionalidade aberta com a fantasia, mas, não é uma fantasia em si mesma. A consciência do caráter de imagem “é o fundamento da possibilidade do sentir estético nas artes

---

<sup>154</sup> HUSSERL. *Phantasie*. N° 1, § 17. P.37.

<sup>155</sup> HUSSERL. *Phantasie*. N° 1, § 17. P. 37.

plásticas. Sem imagem, não há artes plásticas”<sup>156</sup>. As intencionalidades voltadas às imagens também criam outras intencionalidades como alucinação, consciência do engano, sonho, devaneio. Todas essas formas são provocadas pela quase presença da imagem diante da consciência, seja por um conflito com a realidade no caso da alucinação, seja por uma visão enganosa da consciência percebida. “O visionário está num estado de transe, o mundo da fantasia é no presente seu mundo real”<sup>157</sup>. No sonho, há também uma conexão com a fantasia: “reagimos às aparições da fantasia tais que é como se agitasse de percepções, fechamos os punhos e falamos em voz alta com os personagens imaginários. O mundo efetivamente real *quase* se oculta sobre os nossos olhos, mas faz sentir um pouco seu ser ali, de modo que uma leve consciência de aparência colorida permanece nas formações de fantasia”<sup>158</sup>. Todas estas intuições desenvolvidas por via da fantasia são casos extras da consciência fantástica. Tais temas foram mais explorados posteriormente por Sartre em sua obra “*L’imaginaire*”. Husserl é quem dá início a possibilidade de falar desses atos como intencionalidades passíveis de descrição fenomenológica. A consciência de imagem tem o mesmo conteúdo de apreensão da percepção. Ambas necessitam da sensação para formar sua consciência noética. A fantasia não depende da sensação, mas dos fantasmas como conteúdos de apreensão. O objeto-imagem é o correlato imagético das intencionalidades sobre imagens. O objeto-imagem está na inefetividade, pois em conflito com o presente. A imagem é um nada. Husserl mostra aqui o conflito da consciência de imagem com a percepção, tema que faz desgastar a teoria da consciência de imagem, fazendo-o pensar numa solução para este conflito. O ato é efetivo e o correlato é inefetivo, logo tal situação conflitante não pode durar como meio de explicação das imagens dependentes de um aspecto efetivo. Sobre a relação entre percepção e fantasia na temporalidade diz: “A aparição do objeto-imagem se distingue da aparição perceptiva, pois essa carrega o

---

<sup>156</sup> “*Dies aber ist das wesentliche Fundament für die Möglichkeit ästhetischen Fühlens in der bilden de Kunst. Ohne Bild keine bilden de Kunst*” HUSSERL. N° 1 § 19. P, 41.

<sup>157</sup> “*Der Visionär ist nun im Trance-Zustand, die Welt der Phantasie ist nun seine wirkliche Welt*”. HUSSERL. *Phantasie*. N° 1, § 20. P, 42.

<sup>158</sup> HUSSERL. *Phantasie*. N° 1, § 20. P, 42.

caráter da não-efetividade, do conflito com o presente atual”<sup>159</sup>. O conflito entre o efetivo da percepção no ato de consciência de imagem e a imagem inefetiva são também um conflito temporal entre um ato presente e a imagem ausente ou inexistente. Sobre isto diz: “Tem-se uma aparição, uma intuição e uma objetivação sensíveis, mas em conflito com uma vivência presente. Tem-se a aparição de um não agora no agora. O apreender da imagem é um agora-temporal. O não-agora é um nada e só pode servir para figurar um estado”<sup>160</sup>. A apreensão ou a vivência intencional é um agora temporal, mas o seu correlato noemático é um não-agora, um nada temporal.

O fato da consciência de imagem depender da intencionalidade perceptiva nunca implicou para Husserl na dependência da imaginação em geral (fantasia ou consciência de imagem) ao modo perceptivo, muito menos ao âmbito da efetividade. Já nos textos de 1898, a preocupação em estabelecer a divisão exata entre o âmbito perceptivo-real e o âmbito fantástico-irreal perpassa toda discussão acerca dos atos imaginativos. Tal preocupação ainda se manifesta nesses escritos de 1905, agora com uma visão mais alargada da fantasia como temporalidade não-presente, distinta da temporalidade presentativa da percepção. O título do § 24 já dá uma dimensão da importância dessa separação entre percepção e fantasia, não apenas para as definições exatas dos dois modos de intencionalidades, mas, principalmente, para afirmar a novidade da fantasia diante de toda leitura tradicional. O título diz: “Esboço de uma situação na fantasia: separação plena do campo de fantasia e do campo perceptivo”<sup>161</sup>. Esta separação, como já dito em outros momentos, é realizada pela diferença da atenção, ou no modo de apreensão.

A separação completa entre perceber e fantasiar está na essência fenomenológica de cada intencionalidade, e não no objeto ou no correlato mesmo. A consciência ao lançar seu intencional já carrega com ela a propriedade e as características estruturais desse visar. Se a consciência fantasia, este ato é

---

<sup>159</sup> HUSSERL. *Phantasie*. N° 1, § 22. P, 45.

<sup>160</sup> HUSSERL. *Phantasie*. N° 1, § 22. P, 48.

<sup>161</sup> “*Vorblick auf die Sachlage bei der Phantasie: völlige Trennung von Phantasiefeld und Wahrnehmungsfeld*”. HUSSERL. *Phantasie*. N° 1, § 24. P, 49.

sempre uma ato irrealizante e a imagem fantasmada é sempre um nada, um quase-presente, um não-agora, algo fora da temporalidade, inexistente. Sobre isso diz: “A imagem de fantasia não aparece no contexto objetivo da efetividade presente, da efetividade que se constitui na percepção atual, no campo visual atual. O centauro que na fantasia me flutua agora *diante do espírito* não cobre em aparência uma porção de meu campo visual como o centauro de uma imagem de Böcklin que eu vejo efetivamente”<sup>162</sup>. A mudança do olhar intencional pode acontecer fenomenologicamente, ou seja, é possível mudar de uma vivência perceptiva à vivência fantástica, mas, estando na vivência mesma de fantasia, a consciência entra no mundo da fantasia com sua atuação quase-presente. Esta separação é ponto crucial para a defesa de uma tese sobre a novidade da fantasia de Husserl perante a tradição do conceito de fantasia na história da filosofia. A fantasia é pensada por si mesma dentro do seu “mundo ficcional irreal”, sem depender de cópia da realidade, ou de prestar contas quanto ao valor de verdade de suas imagens irreais. Tal afirmativa implica na importância da fantasia como vivência descritiva de conhecimento eidético.

A fantasia concentra as análises fenomenológicas sobre imagens, mesmo havendo divisões, como a consciência de imagem, consciência estética e, posteriormente, a teoria da reprodução, é a fantasia a detentora da grande parte do discurso *husserliano*. Ela tem maior importância estratégica dentro do arcabouço conceitual da ciência fenomenológica, além de possuir a peculiaridade de ser uma intuição evidente, intencionalidade ampliadora do conteúdo fenomenológico e metodologicamente aplicável a outras intencionalidades como redução. Entre as divisões internas, o imaginar, a fantasia e a representação de imagem física podem possuir o mesmo correlato, o objeto-imagem que é irreal, mas Husserl estabelece uma diferença entre a imagem originária de objetos físicos e a imagem abstrata da fantasia. Diz: “no caso físico a imagem, quer dizer, o objeto-imagem, é um *fictum*, um objeto da percepção, mas um objeto

---

<sup>162</sup> Diante do espírito: grifo nosso, a imagem não está na consciência, mas aparecendo à consciência, pois a consciência é vazia de representações. Como Husserl mesmo já disse na sua crítica a teoria das imagens nas LU. Tema enfatizado também por Sartre como uma vantagem da consciência intencional da fenomenologia. HUSSERL. *Phantasie*. N° 1, § 24. P, 49.

aparente”<sup>163</sup>. Trata-se de um *fictum* por entrar em conflito com o presente atual. Na fantasia a imagem é uma ficção ou fantasmado e não um *fictum*. “De outro lado, se nós olhamos a fantasia, o *fictum* aí falta. Neste sentido, a imagem da fantasia não é uma imagem que se fixaria no pleno da efetividade atual do presente”<sup>164</sup> O que é a imagem de fantasia? Responde Husserl: a imagem não é: “...não se revela como um *fictum* no seu conflito com a efetividade”<sup>165</sup>. Mesmo o *fictum* sendo uma imagem em conflito com a efetividade, ele ainda conserva o *estigma da nadidade*<sup>166</sup>, o conflito o assinala como não presente.

Existem algumas características sobre as imagens da fantasia e as imagens físicas. Nas imagens físicas, encontram-se diferentes graus de adequação da figuração do sujeito-imagem pelo objeto-imagem. Na extensão dos momentos que colocam em imagem, ora o mesmo objeto se deixa representar na fantasia de modos variados ao infinito, ora menos momentos de aparição são implicados na imagem. “A extensão é maior na pintura ou impressão a óleo, que na gravura.” Outra diferença é a intensidade do caráter de imagem. Por exemplo, a moldura em gesso pode ser boa ou má. A forma plástica pode nos oferecer uma imagem perfeita do objeto. “A coisa da fantasia não aparece no campo visual da percepção, ela só aparece, por assim dizer num outro mundo que é inteiramente separado do mundo do presente atual. A coisa da fantasia aparece como “formada” (*Gestaltiges*) colorida etc. tal como ela aparece na fantasia, ela não se encontra em nenhuma percepção”<sup>167</sup>.

A fantasia possui a qualidade da proteiforma, mudança de plenitude, força e vivacidade. Distingue-se fantasias vivas, clara e firmes de fantasias apagadas, não claras, fugidias, inatingíveis, fantasmática e aérea. A aparição de fantasia se aproxima de uma aparição perceptiva. Nos casos limites, pode ser uma alucinação. A proteiforma é a mudança na forma de aparição, como no exemplo do rodear o dado com a fantasia para ter o dado completo. Importante diferente entre as imagens de fantasia e as

---

<sup>163</sup> *Sheinobjekt* – HUSSERL. *Phantasie*. N° 1, § 26. P, 54.

<sup>164</sup> HUSSERL. N° 1, § 26. P, 54.

<sup>165</sup> HUSSERL. N° 1, § 26. P, 54.

<sup>166</sup> Brandmal der Nichtigkeit. HUSSERL. N° 1, *Phantasie*. § 26. P, 56.

<sup>167</sup> HUSSERL. N° 1, § 27. P, 57-58.

imagens físicas: “na representação de fantasia se abre uma mudança gradual de adequação que falta ao caráter da imagem física”<sup>168</sup>. A imagem de fantasia é: “a imagem é qualquer coisa de fluante, de mutável, tendo uma plenitude e uma força ora crescente, ora decrescente, pois muda constantemente na imanência sobre a escala da perfeição”<sup>169</sup>.

Há ainda a distinção de continuidade e descontinuidade sob a qual se pode diferenciar imagem física e imagem de fantasia da percepção. A percepção tem sua aparição contínua e imutável. A consciência de imagem segue a apreensão perceptiva como ato de base, o que resulta na sua imagem física ser contínua. A fantasia tem a característica da descontinuidade. A *proteiforma* é a característica dessa mudança descontinuada, mudança esta da imagem: “na *proteiforma* da aparição de fantasia: é que a unidade da imagem representativa não é salvaguardada na unidade da representação de fantasia.”<sup>170</sup>. A descontinuidade é caracterizada pela intermitência da imagem, sua fugacidade, seu desaparecer e retorno. Esta mudança da imagem não deve ser confundida com a mudança da aparição. Na distinção das imagens e suas relações intencionais pode-se ainda falar das divisões internas entre fantasia e a consciência de imagem. A fantasia pode ser uma imaginação ordinária? A imaginação comum é a ideia da consciência de imagem que tem por aparição um sujeito-imagem. A fantasia se pauta no objeto-imagem. A aparição de fantasia não pode ser transportada ao campo visual. As características da fantasia são a fugacidade e a variação constante de conteúdo, a *proteiforma*<sup>171</sup>. A imaginação com sentido geral abarca as aparições da memória.

A aparição de fantasia e a aparição recordativa entram em conflito com a percepção. A aparição em imagem da fantasia tem o caráter da consciência de nada, está em conflito com a experiência empírica. A importante separação entre percepção e fantasia, se coloca como uma separação de duas esferas radicalmente opostas, diz: “mas aqui a aparição de fantasia clara

<sup>168</sup> HUSSERL. N° 1, § 28. P, 60.

<sup>169</sup> HUSSERL. N° 1, § 28. P, 60.

<sup>170</sup> HUSSERL. *Phantasie*. N° 1, § 29. P,

<sup>171</sup> A variação do conteúdo, a possibilidade de mudança das apreensões dada pela *proteiforma* é a conhecida variação eidética, que será assim entendida nas *Ideias* I em diante.

e estável não se insere no campo visual da percepção, ela tem seu próprio campo, um campo plenamente separado daquele da percepção”<sup>172</sup>. Esta afirmativa é a chave para explicar porque a fantasia é um conceito novo na história da filosofia. Esta novidade se pauta na sua não dependência do campo perceptivo, e ainda na construção de seu próprio campo de vivência. A fantasia fenomenológica é o primeiro conceito da filosofia pensada como vivência intuitiva e verdadeira. Sobre isso, o artigo de Donald Kuspit “*Fiction and phenomenology*”<sup>173</sup> ressalta o privilégio da fantasia e do conhecimento ficcional como superior a percepção. Diz Kuspit: “A preocupação de Husserl com as “fantasias livres” que “assumem uma posição privilegiada diante das percepções” surge indiretamente, de seu esforço para estabelecer uma ‘lógica’ para a apreensão do fenômeno e do data absoluto”<sup>174</sup>. A superioridade está no fato da fantasia fazer ver as essências, pois seu modo de atuação é ideal. Diz Kuspit.

No conflito entre a percepção e a fantasia, pode-se fazer a leitura de um conflito entre o privilégio originário da percepção e o privilégio metodológico da fantasia. Nisto resulta uma tensão permanente na fenomenologia, a oposição entre o começo necessário da percepção originária, seja como ponto de relação com o mundo fático seja como ponto catalizador da temporalidade da consciência, e a incessante tarefa progressiva do afastamento do ‘mundo dos fatos’, seja pela redução ou pela neutralização da fantasia para alcance do sentido transcendental do mundo no campo da consciência pura. Tal conflito entre percepção e fantasia revela muito do conflito interno do arcabouço conceitual fenomenológico, e não deve ser visto apenas como diferenciação das vivências da consciência. O que está em jogo com este conflito é o estatuto da fenomenologia e o destino de suas pesquisas. É esse conflito de forças fundacionais da consciência pura o motivo da discussão, conflito entre percepção e fantasia apresentado no §32: A passagem de uma representação de fantasia instantaneamente realizada à uma representação

---

<sup>172</sup> “*Hierabersetztsich die klare und feste Phantasieerscheinung nichtin das Blickfeld der Wahrnehmunghinein, sie hat ihreigenes Feld, einvöllig von dem der Wahrnehmunggetrenntes.*” HUSSERL. Phantasie. § 32. P, 66.

<sup>173</sup> KUSPIT. Fiction and Phenomenology. In: *Philosophy and Phenomenological Research*, Vol. 29, No. 1 (Sep., 1968), pp. 16-33.

<sup>174</sup> KUSPIT. IDEM. P, 16.

perceptiva é um salto, uma distância violenta. A fantasia está em contraste com a percepção e em conflito com ela. O campo da fantasia inteiro está em conflito com o campo perceptivo inteiro e sem nenhuma interferência. No limite, esse conflito passa a ser uma relação complementar: a presença do mundo em busca de seu sentido transcendental. A percepção como origem e base firme para descrição eidética do fundamento do mundo.

Este conflito entre as vivências é repassado aos correlatos noemáticos. As imagens com origem na percepção, o *fictum* cravado no presente atual, são imagens estáveis, qualidade da limitação efetiva. As imagens da fantasia são instáveis, flutuantes, no sentido de não terem um lugar fixado no tempo da consciência, nem mesmo a limitação da presença do mundo perceptivo. A instabilidade da imagem de fantasia tem como sustentáculo o conceito de possibilidade como característica das vivências de fantasia. A imagem é um nada, ou melhor, o fantasmado flutua diante da consciência por sua função nadificante.

As vivências intencionais possuem seus conteúdos hiléticos sob os quais se funda o ato mesmo intencional. Estes conteúdos hiléticos formam a parte real da vivência, mas se diferem na vivência perceptiva e na vivência de fantasia. A percepção depende das sensações, mas as fantasias têm como base os fantasmata. Estas são as sensações no seu sentido modificado ou reduzido de realidade. Os campos da sensação e do fantasmata são distintos, e não se misturam. Os conteúdos hiléticos de cada vivência são distintos, pois: “O aparecer da fantasia é diferente da percepção, elas podem ser ligadas por linhas intencionais, mas não são ligadas pelo co-pertencimento intencional que forma uma unidade de intenção<sup>175</sup>. A apreensão imaginativa dos fantasmata constituem uma *consciência de presentificação*<sup>176</sup>.”

A sensação é fundada na realidade do presente. A vivência perceptiva no presente é rompida por uma fantasia não-presente. Este não presente da fantasia, a fantasia como consciência de presentificação indicam a sua irrealidade no modo de doação. “Somente as sensações têm realidade verdadeira, quer dizer, realidade de presente e são os fundadores da realidade

---

<sup>175</sup> HUSSERL. *Phantasie*. § 35.

<sup>176</sup> *Vergegenwartigungsbewusstsein*.



verdadeira nos encadeamentos intencionais. Face a elas os fantasmatas são como nadidades. Elas são irreais, não valem nada por si, mas somente como figurando outra coisa que se fosse dada seria de novo justamente sensação<sup>177</sup>. A presentificação de fantasia tem por fundamento a irrealidade, ela se dá num aparecimento não-real, mas esse irreal não significa negação da realidade. Husserl faz uma pergunta sobre o privilégio da percepção em detrimento da fantasia: "...a percepção não deveria ela ter uma prioridade original que torna possível a retro-referência à ela de toda objetividade?"<sup>178</sup>. Aqui, se pauta as indicações de leitura acerca da percepção como intencionalidade privilegiada na fenomenologia. Contudo, deve-se interpretar o termo original como forma originária da consciência, ou seja, essa prioridade na forma básica da consciência não descarta em contrapartida uma prioridade metodológica e essencial da fantasia.

Nestes manuscritos de 1905, a importância da fantasia pensada como presentificação deve ser destacada pelo fato da temporalidade ser evidenciada nesta fase das pesquisas. Os fantasmatas como parte real da vivência intencional de fantasia fundam uma *consciência de presentificação imanente*<sup>179</sup>. A presentificação é a *consciência modificada*<sup>180</sup> do presente. Na fantasia, não há presente, não há objeto-imagem, mas apenas os fantasmas e as apreensões objetivantes fora do presente. Não há objeto-imagem no sentido de não haver posição temporal e espacial do objeto. "O fantasma, o conteúdo sensível da fantasia, se dá como não-presente..."<sup>181</sup> A fantasia é contraposta ao perceber como forma originária da consciência interna do tempo. O capítulo 8 dos manuscritos de 1905, apenas no final do texto integral, é dedicado ao tema do tempo com maior atenção. Distingue-se imaginação perceptiva como consciência de imagem e imaginação de fantasia, a fantasia mesma. A primeira tem função representante-imagem. A atenção é dirigida sobre o objeto-imagem que apresenta uma algo figurado, pois se trata de uma imagem física. Na fantasia falta o objeto-imagem como imagem

---

<sup>177</sup> HUSSERL. *Phantasie*. N°1, § 37. P, 77.

<sup>178</sup> HUSSERL. N° 1, § 37. P, 77.

<sup>179</sup> *Imanentes Vergegenwärtigungsbewusstsein*.

<sup>180</sup> *Modifiziertes Bewusstsein*.

<sup>181</sup> HUSSERL. *Phantasie*. N° 1, § 38. P, 79.

física da consciência de imagem. Na presentificação de fantasia um objeto aparece, mas não no presente e sim como não-presente<sup>182</sup>. A presentificação se opõe a “presentação” (*Gegenwartigung*).

A fantasia é uma intuição clara, mas pode ser também não-clara ou confusa. Na fantasia, a intenção sobre o objeto é ao menos relativamente clara, a intenção tem uma plenitude que de resto não tem valor, são um nada. “Nas fantasias muito obscuras, a presentificação se reduz a um resto indigente, e quando este último é suprimido, como na intermitência das fantasmatas, resta apenas a intenção determinada, mas vazia sobre o objeto.”<sup>183</sup>. A toda vivência clara há um fundo de não claridade, esta alteração faz parte das condições da própria vivência de fantasia ou outra e não impede a validade do ato de fantasiar. No apêndice X<sup>184</sup>, mostra-se: na fantasia, não há constituído um objeto-imagem, a aparição de fantasia é clara e plenamente elaborada. A aparição me leva a coisa mesma à consciência, só a coisa não é um presente. Na fantasia, ou temos uma intuição plena, uma consciência de objeto direto, embora não presente; ou temos uma intenção sobre o objeto e suas sombras, que produzem uma consciência de imagem por cópia ou uma mistura intuitiva com conflito. Qual a função das sombras? São aparições obscuramente instáveis, fugidias, mudam de modo repentino, indeterminada de múltiplos modos.

Os apêndices desse período complementam a discussão sobre a distinção entre a percepção e a fantasia. O conflito da consciência de imagem, e as imagens da memória também aparecem nas pesquisas sobre a fantasia. A definição de memória ou recordação será importante para compreender como as imagens destas se relacionam com a fantasia. Existe uma preocupação estética advinda da tentativa de explicar as imagens das artes ou as imagens com estimulador físico. Pensa Husserl, na *atitude estética*<sup>185</sup> sobre a aparição, o que diferencia de uma atitude teórica, prática ou até psicológica diante do objeto

---

<sup>182</sup> HUSSERL. *Phantasie*. N° 1, § 42.

<sup>183</sup> HUSSERL. *Phantasie*. N° 1, § 43.

<sup>184</sup> HUSSERL. *Phantasie*. Beilung X.

<sup>185</sup> O tema da atitude estética e a relação com a arte será tratado em outro momento da tese.

aparecente. E ainda mais explicações sobre a diferença entre os conteúdos hiléticos, as sensações e os fantasmatas.

O interesse nos apêndices entre 1905 a 1909 para o tema da fantasia está concentrado nos parágrafos acerca da memória. É a vivência mnemônica a responsável por substituir a tese da consciência de imagem e daquela divisão problemática entre imagem-física, objeto-imagem e sujeito-imagem. A dificuldade se instaura na concepção de imagem-física, pois como explicar a ideia de uma imagem irreal vinda de algo real, tal situação conflitante veta uma leitura totalmente irrefutável sobre a novidade da fantasia diante da história da filosofia, ou ao menos, a teoria da consciência de imagem, mesmo caindo em desuso compromete e influenciou negativamente muito das interpretações sobre esse tema da obra *husserliana*. A preocupação em reformular tal teoria apresentando uma solução por via da consciência recordativa torna viável acreditar e defender a tese da novidade e independência da fantasia fenomenológica. Esta mudança conceitual não altera o intuito sempre evidente da fantasia como sendo uma consciência autônoma, verdadeira e crucial no desenvolvimento das pesquisas fenomenológicas.

Nos apêndices VII e VIII, pode-se detectar algumas explicações sobre as imagens recordativas. A memória está colocada como vivência oposta à percepção, e neste sentido está mais próxima da fantasia. A recordação tende a resgatar na corrente da consciência uma coisa ou fato anteriormente vivido na percepção. A imagem da memória é um algo ausente, estando no passado do fluxo temporal esta coisa recordada tem o caráter de um ato modificado e também se denomina presentificação. Elas se enquadram na discussão sobre o conflito entre o aparecente na imagem e o empiricamente requerido por essa imagem. A discussão sobre a coisa física e a imagem dela formada. A exigência empírica pode ser sobre o conteúdo interno do objeto ou externo com os outros objetos. Neste conflito da imagem com a coisa, diz Husserl: “Mas ali, entram em consideração não somente o encadeamento intuitivo imediato com o encadeamento do presente intuitivo, mas também o círculo das memórias, o trabalho do pensamento da experiência, o complemento da experiência própria pela comunicação com outras”<sup>186</sup>. A imagem da memória

---

<sup>186</sup> HUSSERL. *Phantasie*. Beilage VII.

não está em conflito com algo presente, pois trata do passado, e não tem ligação com a percepção. Diz: “o aparente em imagem no recordar (se ele não mostra nenhuma contradição com o presente), pois no recordar incontestado, tem simplesmente valor de tendo-sido.”<sup>187</sup>.

Nos apêndices datados de 1904 à 1909, já aparece a preocupação em explicar também as aparições mnemónicas. A memória aparece mais nos anos de 1904 e 1905, pois será com a aplicação da intencionalidade recordativa que a teoria da consciência da imagem será reformulada. Passa-se da teoria da imagem à teoria da reprodução para explicar as imagens vindas da coisa física, como as imagens das artes. Haveria uma diferença entre a representação da consciência em imagem e as representações de memória e fantasia? A representação de memória é imediata e não há grande diferença com a fantasia neste ponto.

#### **2.2.4 Período 4: Neutralização de fantasia e reprodução – manuscritos de 1905 a 1924**

A teoria da reprodução é definida rapidamente como dupla *presentificação*<sup>188</sup>. Esta dupla presentificação significa uma dupla apreensão da mesma aparição. No n° 170 dos manuscritos, destaca-se o tema das representações de fantasia e do recordar. A fantasia é por hábito a modificação reprodutiva da percepção. E o recordar também é modificação de uma percepção anterior. Diz sobre a memória: “Ele vale também com o recordar. Eu me recordo um processo: ele está ali ‘na fantasia’ e ao mesmo tempo na crença rememorante como tendo sido ali. Mas somente aquele: eu tinha percebido é evidente. O recordar presente é uma presentificação do processo, mas a presentificação consiste nos atos que tem na reflexão o carácter de presentificações de percepções anteriores”<sup>189</sup>.

A memória entra como intencionalidade relacional das imagens que se misturam com a coisa física, aquelas imagens antes explicadas por via da consciência de imagem, e que

---

<sup>187</sup> HUSSERL. *Phantasie*. Beilage VII. P. 147.

<sup>188</sup> Doppelten Vergegenwärtigung.

<sup>189</sup> HUSSERL. *Phantasie*. [170] N° 2. C), p, 186.

dependiam de uma base física para impulsionar a consciência imaginativa. A imagem aparecendo em objetos físicos depende mais da memória do que da percepção como consciência de base. As imagens da recordação e da rememoração são imagens contidas na esfera da fantasia. O recordar intuitivo é denominado de *presentificação*<sup>190</sup>, esta intencionalidade apesar de se incluir na esfera da fantasia, não é em si mesma fantasia, mas apenas seu correlato aparece como imagem ficcional ausente, a sua diferença está na relação temporal com o passado. A presentificação de fantasia e as imagens ficcionais puras não tem base no passado da consciência, ou seja, não foram vividas anteriormente, seu objeto é sem temporalidade.

A aparição de fantasia se eu atento no presente da consciência, eu as tenho agora. O tomar atenção à aparição de fantasia é um intencionar agora a fantasma. “A possibilidade de tomar atenção não ao objeto, mas a seu aparecer, a seu ser-fantasmado como estando-ali ‘ser criado na fantasia’ faz parte da essência da fantasia”<sup>191</sup>. A possibilidade de voltar-se para a ficção mesma é uma característica intencional reflexiva da consciência pura de se voltar aos seus dados puros. O recordar é pensado através do conceito de rememorar o representativo. “No recordar, eu coloco o fantasmado’ em crença ao passado, no rememorar, o não agora (inerente a toda fantasia) representa um passado”<sup>192</sup>. A importância da memória aos estudos da fantasia é tentar compreender como as imagens da consciência do passado se relacionam com a irrealidade de sua não-presença atual. Os atos do recordar se inserem nas discussões sobre a fantasia, diz: “Na fantasia, tomada no sentido mais largo da palavra, nos encontramos também o rememorar”<sup>193</sup>.

---

<sup>190</sup> HUSSERL. *Phantasie*. [170] n° 2, C), p, 186.

<sup>191</sup> HUSSERL. *Phantasie*. [170] n° 2

<sup>192</sup> “In der Erinnerungsetzeich das Phantasierteglaubend in die Vergangenheit, in der Wiedererinnerungrepräsentiert das NichtJetzt (das in –aller Phantasie liegt) ein Vergangen.” HUSSERL. *Phantasie*. [170] n°2, p, 178.

<sup>193</sup> “In der *Phantasie*, das Wortimweitesten Sinn genommen, findenwirauch die Wiedererinnerung.” HUSSERL. *Phantasie*. [170], n°2, p, 178.

No mesmo ponto 2 sobre a reprodução, aparece um trecho<sup>194</sup> já posterior as *Lições do tempo*<sup>195</sup> que tratam justamente da leitura da reprodução na corrente temporal, entre a relação com a impressão perceptiva. “Toda reprodução é reprodução de uma impressão”<sup>196</sup>. As impressões são as partes reais da percepção. A reprodução é modificação da impressão consciente do aparecer. No ano de 1904 a 1909 a modificação recordativa de fantasia é chamada de *fantasia na fantasia*, um recordar de fantasia está contido nela. Husserl se pergunta: ‘temos, pois uma consciência de imagem?’<sup>197</sup>. A resposta é não. Trata-se de uma modificação de fantasia, a fantasia no recordar dela mesma, é a chamada fantasia de fantasia. Vê-se como a consciência de imagem é substituída pela intervenção do recordar no ato fantástico.

Um recordar transfere um fantasmado (um quase percebido) no passado e ordena este passado ao mesmo mundo, ao olhar precisamente do passado desse último. O gênero de sua atestação exige as passagens da fantasia à fantasia, todavia todo tempo caracterizado como recordar. A simples fantasia (fantasia perceptiva) é modificação imaginada da posição perceptiva. A fantasia de recordar é representação de fantasia de um passado em relação ao agora<sup>198</sup>. A modificação que transforma em reprodução é diferente da *modificação de crença*<sup>199</sup>. A primeira transforma uma impressão em reprodução. Ele é quase percepção. O quase é o caráter da reprodução, do mesmo modo ocorre com a fantasia. O recordar é consciência de ser reprodutiva. A simples fantasia é diferente da presentificação de fantasia. A primeira diz respeito a percepção e a segunda é a modificação da percepção. Numa frase pouco comum e questionável, Husserl afirma: “a fantasia é apresentação quase;

---

<sup>194</sup> Ano de 1908.

<sup>195</sup> As lições para uma consciência interna do tempo (abreviado como *Lições do tempo*) será o texto trabalhado no capítulo 2. O tema da reprodução como memória que substitui a tese da consciência de imagem e se conjuga com a fantasia através do conceito de presentificação e sua característica irreal, será detalhada a partir desse texto, mas com o cotejamento aos manuscritos do volume XXIII.

<sup>196</sup> HUSSERL. *Phantasie*. [170]. N° 2, p, 190.

<sup>197</sup> “*Haben wir also ein Bildbewusstsein?*” HUSSERL. *Phantasie*. N° 2. P, 192.

<sup>198</sup> Husserl. *Phantasie*. N° 3, p, 217.

<sup>199</sup> *Glaubensmodifikation*. HUSSERL. *Phantasie*. N° 6, p, 241.

presentificação estas são as diversas formas do recordar, que na sua medida tem sua modificação”<sup>200</sup>. A fantasia como consciência no modo do quase é facilmente afirmada em várias passagens dos manuscritos e outras obras, mas a Ideia de todas as formas de presentificação estarem subjugadas à memória como se ela fosse a forma de síntese entre percepção e fantasia, parece um tanto contestável diante do percurso argumentativo da obra. Se pensar na Ideia do recordar, está incluído no campo da fantasia e não ao contrário; tem-se a Ideia da semelhança entre recordar e fantasiar, ao menos, no campo da crença posicional neutralizada. A consciência fantástica teria uma modificação específica para os casos das imagens passadas, as reproduções. A tese de Fink parece estar solidificada sob a Ideia da memória como ponto de equação da fantasia, pois, para Fink, a fantasia nunca está totalmente livre da percepção, mesmo que seja sob a atenção do recordar, ela acaba por ter sempre um fundo real.

O recordar é uma consciência de um novo. O recordar tende a um escoamento, este é recordar do escoamento perceptivo anterior. Cada recordar particular consciente é membro de um vago recordar englobante, de um plano de fundo do recordar. Todo recordar tende para o antes, mas, é ponto terminal de tendências. Plano de fundo do passado relacionado com o agora. O recordar não é simples fantasia e crença vazia, mas é consciência determinada para a essência dos encadeamentos espaciais e coexistentes, fundados na percepção externa. No atentar, tem-se uma nova aparição de fantasia numa consciência. A aparição de fantasia é um núcleo de apreensões particulares. A fantasia presentificante é quase percepção, ou seja, consciência de inaturalidade. O inatural é igualmente sustentado pela consciência de nadidade. A inaturalidade é a modificação da posição de existência, no caso da fantasia ela é não posicional ou inatural.

A modificação reprodutiva permite recolocar a percepção sob a forma modificada na consciência interna do tempo. Esta passagem garante uma solução ao colocar entre parêntese a tese da posição de existência dada na percepção, a exigência da intencionalidade de fantasia para compreender o campo das essências puras é também a exigência do afastamento do mundo,

---

<sup>200</sup> HUSSERL. *Phantasie*. N° 8. P, 269.

e mesmo das intencionalidades voltadas ao mundo. Há ainda outro nível de modificação mais elevado. A modificação de neutralidade é o modo como a consciência fantástica age sob as outras presentificações da fantasia. A neutralização é a aplicação em geral da redução fenomenológica a cada noema intencional seja perceptivo, seja reprodutivo, ou mnemônico. Neutralizar é colocar entre parenteses a posição de existência da intencionalidade referida. A fantasia atua como neutralizadora, pois tem em sua essência fenomenológica a característica de vivenciar o mundo sob o modo do possível, ou do *como se*. Este é o motivo da fantasia ser a intencionalidade privilegiada metodologicamente na construção e execução da tarefa infinita de descrever o sentido das conexões transcendentais.

A neutralização é o conceito mais expressivo para compreender a novidade da fantasia e sua autonomia no arcabouço conceitual da fenomenologia. A neutralidade da fantasia é a característica responsável por dar uma nova interpretação às vivências fantásticas, pois, neutralizar significa colocar entre parênteses a posição de existência, a crença na existência do algo aparecendo. A grande diferença da fantasia fenomenológica é sua capacidade de não tender ao plano real, de não depender de uma confirmação no mundo fático e ainda ampliar as pesquisas fenomenológicas. Pensar a fantasia como neutra é pensa-la como a intencionalidade ideal para intuir as essências ideais. É a neutralidade juntamente com a definição temporal das vivências em presentificação a chave para a compreensão da novidade da fantasia e de sua tarefa especial no decorrer da construção da ciência fenomenológica.

Husserl trata da neutralidade nas *Investigações Lógicas* de 1900 quando fala das modificações qualitativas. Ele faz menção as modificações nos manuscritos do volume XXIII no ano de 1909: “Nas *Investigações Lógicas* tinha separado modificação qualitativa e modificação imaginativa. (V investigação, §§39-40). O último título parece inadequado desde então. Eu tenho avançado, e reconheci que a apreensão de fantasia não é uma autentica apreensão, mas, simplesmente, a modificação da apreensão perceptiva correspondente”<sup>201</sup>. O tema aparece também nas

---

<sup>201</sup> HUSSERL. *Phantasie*. N° 10. P, 276.



*Ideias* <sup>202</sup>, obra publicada em 1913, na qual se discute a diferença da neutralidade universal e a neutralidade de fantasia voltada ao *noema* particular. A fantasia é a modificação de neutralidade universal responsável pela redução da posição de existência. Nesta obra o tema torna-se mais claro tendo sua definição final a qual é utilizada em outros textos da *husserliana*.

Nos manuscritos do volume XXIII, os quais impulsionam as pesquisas e formam o conjunto de textos mais expressivo sobre a temática da fantasia, encontra-se a neutralidade nos anos finais da compilação, mais especificamente entre 1920 a 1924. A neutralidade insere-se na análise sobre a fantasia e a possibilidade. A abertura possível da vivência fantástica como sua estrutura essencial está vinculada ao modo como está abertura de possibilidade se concretiza através do modo neutralizante. Fantasia, neutralidade e possibilidade são concepções complementares e até mesmo similares no desenvolvimento da argumentação *husserliana*. A neutralidade é a redução da posição de existência, ou seja, ao neutralizar a crença positiva ou negativa, verdadeira ou falsa da existência, alcança-se o plano do quase, o modo do *como se*, da possibilidade.

Os textos encontram-se no N° 19 e 20 dos manuscritos apresentados no volume XXIII. O primeiro passo é mostrar a característica do *como se* da fantasia que é dada pela modificação de neutralidade. Diz Husserl: “A consciência de fantasia é uma consciência modificada. Entende-se por isso uma consciência na qual um objetual é consciente, como se ele estivesse em experiência ou tendo sido em experiência etc. O fantasmado é consciente como ‘sendo *como se*’<sup>203</sup>. A modificação da fantasia mencionada acima é a modificação de neutralidade. “‘A experiência ‘na’ fantasia é ela mesma uma experiência possível’”. Uma pura possibilidade será uma possibilidade tal que nenhuma realidade individual será co-posicionada como realidade efetiva e por consequência seria um objetividade que se constitui exclusivamente através de uma quase experiência fantasmada<sup>204</sup>. A fantasia é definida como neutralização em: A fantasia pura neutraliza, modifica toda crença, ela não a modaliza

---

<sup>202</sup> Entre os §§ 111 à 114.

<sup>203</sup> HUSSERL. *Phantasie*. N° 19, p, 546.

<sup>204</sup> HUSSERL. *Phantasie*. N° 19. P, 547.

numa nova crença, de um ser modalizado”<sup>205</sup>. A explicação da neutralidade na fantasia e sua função diante do aparecimento fantástico permite reconhecer a importância desse conceito ao tema da originalidade da fantasia. No número 20 dos manuscritos, datado entre os anos de 1921-1924 temos a neutralidade assemelhada à redução fenomenológica. Ela passa a ser pensada como redução aplicável num sentido específico. Define-se a neutralidade como *dupla epoché*<sup>206</sup>, para diferenciá-la da redução fenomenológica tradicional ao nível da consciência pura em relação aos correlatos. “Aqui temos uma dupla fantasia, ou neutralidade”<sup>207</sup>. Ela pertence a fantasia como fantasia. “...é a motivação de neutralidade que é igualmente a característica de fantasia reprodutiva e de toda ficção”<sup>208</sup>. A presentificação de fantasia é também presentificação de neutralidade num momento específico, mas nem toda presentificação é fantasia, mas a neutralidade depende da fantasia. Há ainda na obra *Experiência e juízo*<sup>209</sup> do ano de 1939, referências ao tema da neutralidade. A fantasia é um tipo particular de modificação de neutralidade; a fantasia e a consciência de imagem estão no modo da reprodução, no que tange a tomada de atitude, elas são um tipo de modificação do *como se*, ou seja, que se abstém da tomada de atitude. Tais considerações estão entre os § 38 e § 40 dessa obra e tratam da principalmente da fantasia como presentificação não-posicional ou neutralizada.

### 2.3 ORIGEM E CRÍTICA FENOMENOLÓGICA DA FANTASIA NA FILOSOFIA MODERNA DE DESCARTES, HUME E KANT

Trata-se de expor uma breve comparação do conceito de fantasia com as filosofias modernas. As filosofias modernas com as quais Husserl mais dialoga são as filosofias de Descartes,

---

<sup>205</sup> HUSSERL. *Phantasie*. N° 19.P, 559.

<sup>206</sup> Doppelte Epoche. HUSSERL. *Phantasie*. N° 20.P, 571.

<sup>207</sup> HUSSERL. *Phantasei*. N° 20.P, 573.

<sup>208</sup> “Ist die Neutralitätsmodifikation, die auch das Charakteristische der reproductiven “Phantasie” und jeder Fiktionist”. HUSSERL. *Phantasie*. N° 20.P, 576.

<sup>209</sup> HUSSERL. ERFAHRUNG UND URTEIL.

Hume e Kant. Para tal empreitada usa-se a crítica de Husserl feita tanto no volume XXIII tratando pontualmente das imagens da fantasia. E a crítica mais geral a estas filosofias e na obra *Krisis*. É preciso antes avisar da falta de referência de Husserl a qualquer outra filosofia da fantasia. Tal ocorre porque Husserl no percurso construtivo de sua ciência fenomenológica diz ‘reduzir’ ou colocar entre parênteses todas as filosofias passadas por sua atitude limitada com relação à subjetividade. Qual a relevância de fazer uma genealogia da fantasia? A tese elencada afirma a originalidade da fantasia perante a tradição filosófica. A novidade do conceito de fantasia é comparada com a imaginação nas filosofias modernas e mesmo na psicologia. O principal ponto de ruptura entre a fantasia fenomenológica e a imaginação tradicional é o seu estatuto próprio e original. As filosofias modernas citadas tem em comum pensar a imaginação como um conhecimento negativo, dependente da percepção e fora de fundamentação transcendental.

O intuito da remontagem genealógica é mostrar como Husserl se distancia da tradição ao afirmar ser a fantasia: presentificação e neutralidade. Estes dois conceitos inaugurados na fenomenologia trazem consigo a marca da ingênua concepção da imaginação enganosa ou de seu uso restrito aos temas morais e estéticos como fizeram os modernos. Husserl não nega haver uma *consciência estética*<sup>210</sup> incluída nos estudos da fantasia, mas tal vivência ou também a *atitude estética* não são o motivador central da argumentação da fantasia. A crítica ao discurso habitual sobre fantasia serve como crítica inicial as filosofias modernas. A fantasia *husserliana* não é disposição do espírito, dom, faculdade, fantasias (*conteúdo de sensação*) de um artista, talento, todas essas denominações são descartadas. A fenomenologia não trata da fantasia nessas condições ingênuas.

## 2.4 DESCARTES: IMAGINAÇÃO ENGANOSA NO RACIONALISMO

As considerações de Husserl sobre Descartes e sua filosofia concentram-se na questão do racionalismo e da subjetividade. Ele utiliza a filosofia cartesiana para falar do tema da intencionalidade,

---

<sup>210</sup> “Ästhetisches Bewusstsein”. HUSSERL. *Phantasie*. N° 15, p 386.

nas *Meditações Cartesianas* e nas *Ideias I*, o *cogito* e as *cogitationes* são pensadas na atitude transcendental. A filosofia cartesiana pensa a imaginação como negativa, porque a mesma é pensada sobre o esquema da racionalidade e do privilégio das *Ideias*. O imaginar é considerado um meio confuso e distante da verdade. As *Ideias* fictícias da mente junto com as *Ideias* adventícias tem um grau de realidade formal inferior. A imaginação está fadada a ser um tipo de poder da mente, mas implantada no corpo. O corpo é também discriminado como forma de conhecimento.

O apontamento da imaginação como faculdade capaz de perceber ou ver as coisas materiais e transmiti-las ao intelecto, é a prova negativa de tal estado no interior do discurso racional. A imaginação é associada ao corpo e ao material, disto resulta sua secundariedade no processo racionalista de conhecer e mesmo na sua insignificância metafísica diante da busca da fundamentação do *cogito*. Descartes não nega a existência do corpo ou do mundo. A definição de sujeito demonstra isto, o humano é ‘uma coisa que pensa’, *res cogitans*. A separação entre *res cogitans* e *res extensa* resulta em vários problemas da leitura cartesiana. Como estabelecer uma relação entre mente, conhecimento racional, verdadeiro, claro e evidente, e mundo, caracterizado como sentimental, falso, duvidoso? No cartesianismo, existe um privilégio fundante do intelecto em detrimento do corpo. O problema da imaginação também se insere na discussão do dualismo entre mente e corpo. Neste embate a imaginação fica do lado corporal com todas as restrições de conhecimento apresentadas nesse âmbito.

As questões sobre o método, o racionalismo, a metafísica e o sujeito prevalecem no centro da discussão cartesiana, enquanto a imaginação aparece como apoio ao esquema explicativo da existência das coisas materiais e utilidade na matemática. Como diz John Cottingham no verbete Imaginação: “eis porque, na época em que planejava escrever as *Meditações*, Descartes escreveu a Mersenne que, embora tivesse considerado a imaginação útil a seu trabalho matemático, via-a “mais como estorvo que como auxílio na especulação metafísica” (AT II 622: CSMK 141).”

Na segunda meditação Descartes, após o anúncio da verdade: sou uma coisa que pensa, diz: “E tenho certamente

também o poder de imaginar; pois, ainda que possa ocorrer que as coisas que imagino não sejam verdadeiras, este poder de imaginar não deixa, no entanto, de existir realmente em mim e faz parte do meu pensamento”<sup>211</sup>. Mostra-se nesta passagem o caráter falso da imaginação e suas imagens. Esta falta de verdade das coisas imaginadas permanece até a sexta meditação. No trecho acima, a imaginação sofre exclusão da dúvida hiperbólica, e sobre essa influência permanece como conhecimento duvidoso. Cabe citar um trecho da sexta meditação no qual o imaginar é diminuído no âmbito do pensamento: “o poder do imaginar que trago em mim, distinguindo-se do poder do entendimento não é um constituinte necessário de minha própria essência, isto é, da essência da mente”<sup>212</sup>. Disto resulta o caráter secundário da imaginação frente ao intelecto e à formação do conhecimento verdadeiro.

O primeiro passo do método racionalista é abandonar toda opinião duvidosa e enganosa. Nas seis meditações, a imaginação só aparece com relevância metafísica na última. Isto ocorre porque neste ponto a subjetividade se volta às *Ideias* de coisas materiais. Estas *Ideias* são as mais difíceis de serem contestadas pelo intelecto, porque os objetos por elas referidos são as coisas materiais, aquelas coisas que foram as primeiras a serem postas em dúvida por estarem todas fora do sujeito, e no limite fora do pensamento. As coisas apenas existem no pensamento como *Ideias de coisas* e sua existência real depende da fundamentação na transcendência de Deus alcançada através do princípio metafísico do cogito.

A sexta meditação trata da prova da existência das coisas materiais. Trata também da distinção real entre corpo e alma. A faculdade de imaginar persuade o sujeito da existência das coisas fora dele. A imaginação é definida como aplicação da faculdade que conhece os corpos. Nas palavras de Descartes: “Demais, a faculdade de imaginar, que existe em mim e da qual vejo por experiência que me sirvo quando me aplico à consideração das coisas materiais, é capaz de me persuadir da existência delas: pois, quando considero atentamente o que é a imaginação, verifico que ela nada mais é que uma aplicação da faculdade que conhece

---

<sup>211</sup> DESCARTES. Meditações sobre a filosofia primeira. 2ª meditação.

<sup>212</sup> DESCARTES. Meditações sobre a filosofia primeira. 6ª meditação.

ao corpo que lhe é intimamente presente e, portanto, que existe”<sup>213</sup>. Para esclarecer como atua a imaginação, deve-se diferenciá-la do entendimento. Na imaginação o triângulo não é apenas conhecido como figura composta de três linhas, ou seja, por sua definição, mas como ‘presente conforme a força e aplicação interior do sujeito’. A imaginação não apenas faz lembrar as definições das coisas, mas essas mesmas coisas na mente aparecendo no presente. O imaginar não é necessário à natureza do sujeito. Ele depende de algo distinto do espírito, isto é, do corpo para funcionar. O sujeito percebe as coisas por senti-las pela atuação da memória e com ela chegam à faculdade de imaginação. O sentimento de dúvida, como a dúvida da existência das coisas materiais provém da união do espírito com o corpo.

Nas “Regras para a direção do espírito”, a imaginação aparece já na regra III como oposta à intuição. A intuição é definida como conceito formado pela inteligência. A imaginação é um juízo enganador de má construção. Na regra IV Descartes afirma a futilidade de se ocupar das figuras imaginárias, pois a vontade parece se satisfazer com semelhantes bagatelas. Estas demonstrações superficiais dirigidas aos olhos e à imaginação podem fazer perder o hábito do uso da razão. Na regra VII, a imaginação aparece com um aspecto positivo em relação à memória que é descrita como fraca. A necessidade de um movimento contínuo feito pela imaginação permite ao pensamento ver cada objeto em particular e ao mesmo tempo todos os outros. Aqui, a imaginação aparece como a potência que corrige e alarga a capacidade do espírito. Este aspecto positivo da imaginação só é válido em relação às coisas corporais e materiais. Nenhum conhecimento pode preceder o do entendimento. Os instrumentos do conhecimento são apenas três: o entendimento, a imaginação e os sentidos. A verdade e o erro só podem existir no entendimento, embora derivem frequentemente a sua origem da imaginação e dos sentidos. Só o entendimento é capaz de ciência, mas três faculdades podem criar impedimentos: imaginação, sentidos e memória.

A interpretação fenomenológica da filosofia de Descartes feita por Husserl na obra *Krisis* resgata conceitos importantes para a construção da sua ciência eidética, conceitos esses

---

<sup>213</sup> DESCARTES. IDEM. 6ª meditação.

responsáveis pela leitura da fantasia como conceito inovador na história da filosofia. Conceitos como “intencionalidade”, “*epoché*” e “transcendental” ganham a sua base na filosofia cartesiana. Estes temas aparecem na filosofia cartesiana, mas ganham suas alterações fenomenológicas. Essas mudanças permitem pensar como tais conceitos alteraram a concepção da fantasia na história da filosofia. Após apresentar-se as teses expostas na filosofia cartesiana sobre a fantasia, deve-se explicar como Husserl compreende o cartesianismo a fim de mostrar como ambas se diferem.

Descartes é o “gênio inaugurador de toda a filosofia moderna”<sup>214</sup>, pois concebeu a filosofia moderna como universal e conduziu a mesma ao *racionalismo matemático*<sup>215</sup>. Diz Husserl ser as *Meditações para uma filosofia primeira* a fundamentação radical do racionalismo moderno e também do dualismo entre corpo e alma, apresentados ali no esquema lógico da obra. Diz Husserl: “Descartes levou a cabo uma instituição inaugural de pensamentos que, nos seus próprios efeitos históricos (que se seguiram como que numa teleologia oculta da história), estava destinados a destruir precisamente esse mesmo racionalismo, pela revelação do seu contra-senso oculto: exatamente os pensamentos que, como *aeterna veritas*, deviam fundar esse racionalismo, traziam em si um sentido profundamente oculto que, uma vez trazido à luz, o erradicam completamente”<sup>216</sup>. O dualismo entre corpo e mente, esta separação entre dois modos de conhecimentos, fazem do racionalismo cartesiano um projeto falho, pois há uma preferência da alma em detrimento do corpo. A alma é mais fácil de conhecer e as ideais da razão, principalmente, aquelas *Ideias* adventícias formam o âmbito verdadeiro de conhecimento. A imaginação está associada ao corpo e por isso o conhecimento verdadeiro não pode ser alcançado através dela.

Para alcançar o *ego cogito* cartesiano, o caminho utilizado é o método da dúvida universal, o qual atinge todo mundo sensível e o próprio sujeito que conhece. Como resultado dessa aplicação da dúvida, permanece apenas o pensamento. Segundo Husserl, a dúvida radical é uma *crítica do conhecimento*<sup>217</sup> objetivo. Tem-se,

---

<sup>214</sup> HUSSERL. *Krisis*. § 16. P, 88.

<sup>215</sup> HUSSERL. *Krisis*. § 16. P, 88.

<sup>216</sup> HUSSERL. *Krisis*. § 16. P 89-90.

<sup>217</sup> HUSSERL. *Krisis*. § 17. P, 91.

como primeiro princípio, a verdade do cogito como *esfera de ser absolutamente apodítica*<sup>218</sup>. Apesar da tentativa de radicalizar a dúvida, Descartes não leva a cabo o radicalismo original de seu pensamento. O *cogito* é lido por Husserl como uma “falsificação psicologista do *puro ego* alcançado pela *epoché*”<sup>219</sup>. Tem-se aqui a crítica ao psicologismo voltada à subjetividade cartesiana. A consciência pensada como psicológica impede o desenvolvimento de uma intencionalidade pura responsável pela originalidade da fantasia e sua interpretação como intuição e conhecimento válido e descritível fenomenologicamente. “As Meditações atuaram em Descartes e continuam historicamente até hoje a atuar sob a forma nociva de uma substituição do ego pelo próprio eu mental, da imanência egológica pela evidência do interior psíquico, ou ‘auto-percepção’<sup>220</sup>. Para Husserl, a presa de fundamentar o objetivismo e as ciências exatas não se propôs a tarefa de questionar o *Eu puro*.

A filosofia cartesiana não tocando a fundo o ego e seu campo de conhecimento transcendental, também deixa de sondar as relações noético-noemáticas intencionais, entre elas, a vivência da fantasia que interessa mais de perto. A intencionalidade *husserliana* é o grande motivo para elevar o valor da compreensão da fantasia como sendo uma vivência intencional racional, válida no campo do conhecimento e ainda pensada independente de qualquer outra vivência da consciência. A intencionalidade constitui a essência da vida egológica. Na filosofia cartesiana, ela é denominada de *cogitatio*. “É certo que não se pode falar em Descartes de uma efetiva posição do problema e tratamento do tema da intencionalidade”<sup>221</sup>. Sem a concepção fenomenológica da intencionalidade, a filosofia cartesiana termina por repetir a tradição filosófica da fantasia, mantendo-a como conhecimento ligado ao corpo e conseqüentemente falso.

O racionalismo cartesiano é indicado como ponto de partida para compreender as duas vertentes da filosofia moderna, o racionalismo e o empirismo. O outro representante do racionalismo é Kant, embora o racionalismo deste seja transcendental. No empirismo, encontra-se Hume como

---

<sup>218</sup> HUSSERL. Krisis. § 17. P, 93.

<sup>219</sup> HUSSERL. Krisis. § 18. P, 93.

<sup>220</sup> HUSEER. Krisis. § 19. P, 96.

<sup>221</sup> HUSSERL. Krisis. §20. P, 98.



representante a ser destacado nessa genealogia. Os dois filósofos citados possuem leituras interessantes sobre a imaginação, embora cada um trate o tema ainda de modo limitado. Kant tem uma visão mais metafísica da fantasia, mas pensa nela como uma faculdade da razão, limita sua atuação à síntese do conhecimento. Ele acaba inclinando a fantasia ao âmbito estético para pensa-la em seu uso prático. Hume pensa a fantasia como conhecimento confuso e enganoso, e tenta resgatar seu valor partindo para uma leitura moral.

### 2.4.1 A imaginação no empirismo de Hume

O imaginar no empirismo humano resvala entre a teoria do conhecimento e a moral. No campo do conhecimento, a imaginação ganha um estatuto privilegiado como faculdade de associar *Ideias* e relacionar as impressões. Este estatuto aparentemente elevado torna-se ingênuo devido à teoria empirista, na qual a razão é substituída pela experiência e hábito, e as sensações e os objetos determinam todo e qualquer conhecimento válido. No *Tratado da natureza humana*, Hume expõe sua teoria empirista das *Ideias* e nela encontra-se a imaginação como faculdade de associar *Ideias*. Todas as percepções do espírito são divididas em impressões e *Ideias*. A diferença está nos graus de força e vivacidade que elas afetam a mente. As impressões são as percepções fortes, entre elas sensações, paixões e emoções. As ideais são as imagens tênues, fracas. As percepções podem ser simples ou complexas. As impressões atingem os sentidos, a mente faz uma cópia e desta aparece novas sensações, estas são as impressões de reflexão. Estas são copiadas pela memória e pela imaginação e se tornam *Ideias*.

Na seção III, é definida a imaginação. A imaginação é a faculdade que traz a impressão de volta na mente, assim como a memória também ocupa esse papel. As *Ideias* da memória são mais vivas que as *Ideias* da imaginação. As percepções imaginadas são tênues e apagadas. O princípio definidor da imaginação é a liberdade em transpor e alterar as suas *Ideias*. Esta característica não é estranha, pois as *Ideias* como cópias das nossas impressões. Contudo, Hume adverte para as fábulas dos poemas e romances, ou seja, as imagens fictícias e

inventadas, diz serem essas inteiramente confundidas. A imaginação pode separar todas as *Ideias* simples e uni-las de novo como lhe aprouver. A faculdade da imaginação é orientada por um princípio universal que a torna uniforme. A capacidade de unir as *Ideias* é descrita como uma força suave, ou seja, a imaginação tem um aspecto ainda pouco definido enquanto faculdade da mente. As qualidades descritas como originárias do unir são a semelhança, a contiguidade no tempo e no espaço e a relação de causa e efeito. A imaginação passa facilmente de uma ideia para outra semelhante. A relação liga duas *Ideias* na faculdade do imaginar. Dentre as sete relações filosóficas, a relação de semelhança impede que a imaginação se fixe num objeto singular. A ideia de substância provém de uma impressão da reflexão, isto é, ela surge de uma coleção de *Ideias* simples unida pela imaginação.

Na formação das *Ideias* abstratas todos os objetos que são diferentes são distinguíveis pelo pensamento e pela imaginação. Os objetos evocados pela mente não estão realmente e de fato na mente, apenas potencialmente e não os evocamos distintamente na imaginação. Os objetos são agrupados sob a relação de semelhança que apresentam entre si, esta relação facilita o aparecimento na imaginação. Não há nada mais admirável que a prontidão com a qual a imaginação sugere as suas *Ideias* e as apresenta no momento em que elas se tornam necessárias ou úteis. A fantasia corre de um lado a outro para unir as *Ideias* sobre qualquer assunto. A capacidade do espírito é limitada e jamais pode alcançar uma concepção plena de infinito. A imaginação pode propor a si mesma uma ideia que não é capaz de conceber subdivisão nenhuma. A imaginação não pode formar uma ideia adequada daquilo que ultrapassa certo grau de pequenez e de grandeza. Todas as *Ideias* da imaginação aparecem primeiro numa impressão. As impressões vêm dos sentidos. O tipo de sentido transmite um tipo de impressão diferente. Estas impressões particulares são as mesmas que formam as *Ideias*. A ideia de tempo, por exemplo, é originada da sucessão das percepções, tanto das *Ideias* como das impressões, e das impressões de reflexão e de sensação. Esta ideia é ainda mais abstrata que a ideia de espaço, mas é representada na fantasia como uma ideia individual de uma determinada qualidade e quantidade.

Na seção VII sobre a crença. A repetição de uma ideia grava-a na imaginação, mas não pode por si só produzir a crença. Não se pode auferir prazer de qualquer discurso se o nosso julgamento não der o seu assentimento às imagens apresentadas à nossa fantasia. A influência da crença na fantasia se dá pela aplicação da verdade às obras de arte. No caso de Hume ele acaba por conduzir as imagens da fantasia ao âmbito da arte, sem elaborar uma estética propriamente dita. O modo de como a verdade é abordada em relação à fantasia limita-se a estabelecer uma recepção fácil e dar a mente uma satisfação no momento de apreender tais imagens. Conforme a teoria de conhecimento de Hume, esta relação só se efetiva através da solidez e força das *Ideias* em raciocínios de causalidade. A poesia por ser metade inventada e metade retirada da história conhecida é mais fácil ser acolhida na imaginação. Há uma mistura entre verdade e mentira nas fábulas trágicas que mostra ser a imaginação capaz de satisfazer-se sem uma crença ou certeza absoluta. Além de Hume direcionar a imaginação ao seu aspecto estético, ainda repete o erro de muitos filósofos em tentar fazer da imaginação uma faculdade de falsidade, pois suas imagens devem sempre copiar uma realidade mais verdadeira que a apresentada em seu próprio plano de conhecimento.

A crença precisa agradar a imaginação mediante a força e a vivacidade que a acompanha, pois as ideias com força e vivacidade agradam mais a faculdade de imaginação. Nota-se a ajuda entre juízo e fantasia, bem como entre juízo e paixão, a imaginação pode ser também forte e vigorosa. A vivacidade produzida pela fantasia pode ser maior do que a originada no costume ou na experiência. Uma imaginação viva pode degenerar em delírio e loucura, neste caso, os poderes das faculdades ficam desorganizados e não se distinguem verdade e falsidade. O acaso e a relação com a imaginação. Ele não é nada de real, mas apenas a negação da causa. O acaso deixa a imaginação indiferente para considerar a existência ou não existência do objeto tomado como contingente. A crença, a filosofia moral e a justiça também passam por relações da fantasia ao associar juízos de valor no cumprimento da ação. A imaginação intervém nas questões morais, mais do que na própria filosofia estética.

Importa destacar alguns trechos presentes no volume XXIII da *husserliana*, nos quais é citado o nome de Hume com relação

ao conceito de imaginação. No §6 dos manuscritos referentes aos anos de 1904-1905 sob o título: “Discussões críticas das diferenças para os psicólogos entre percepção e imaginação”<sup>222</sup>. Este trecho ressalta a crítica geral ao psicologismo, mas também avança nos argumentos caracterizadores da imaginação na filosofia de Hume. Neste trecho, Husserl trata de estabelecer a diferença de graus de vivacidade (*Lebhaftigkeit*) das representações perceptivas. A imagem teria uma vivacidade mais fraca em comparação com o percebido. Husserl nega esta diferença de graus de vivacidade. Para ele, tais diferenças não tocam o núcleo do problema. A falta distintiva de intensidade ou de vivacidade pertence aos conteúdos e não as apreensões. Para Husserl, a diferença está na essência dos atos intencionais da percepção e da fantasia. A diferença entre uma ficção e uma percepção não é de grau, mas de essência transcendental.

A imaginação psicologista de Hume é criticada pelo princípio fundante desta filosofia se estabelece sobre as bases do conhecimento ficcionista pautado nas sensações. É a base empirista do conhecimento o maior ponto de ataque da crítica *husserliana* a qualquer tópico da filosofia de Hume. Este argumento baseado no empirismo acaba por derrubar a tese do objetivismo da ciência e mesmo da pretensão filosófica em descrever verdades do mundo. “Hume prossegue nestes trilhos até o fim. Todas as categorias da objetividade, tanto as científicas quanto as não-científicas, nas quais tanto a vida científica quanto a vida cotidiana pensam um mundo objetivo, externo à mente, são ficções”<sup>223</sup>.

Estas ficções e sua motivação sensualista são o motivoda crítica ao modo ingênuo de conhecimento empirista de Hume. Diz: “A origem destas ficções pode muito bem ser explicada psicologicamente (sc. Sobre o terreno do sensualismo imanente), a saber, a partir da legalidade imanente das associações e das relações entre *Ideias*. Mas também nada mais são do que ficções as categorias do mundo pré-científico, simplesmente intuível, o da corporeidade, bem como a identidade da pessoa pretensamente experienciada.”<sup>224</sup>. A explicação psicológica é uma das crítica mais elaborada da fenomenologia de Husserl, e apresentada nos

---

<sup>222</sup> HUSSERL. *Phantasie*. N°1, § 6. P. 13.

<sup>223</sup> HUSSERL. *Krisis*. § 23. P. 102.

<sup>224</sup> HUSSERL. *Krisis*. § 23. P. 102.

“Prolegômenos à lógica pura” na obra *Investigações Lógicas* de 1900. Nesta, detalha-se como o psicologismo não tem sustentáculo para pensar a lógica e conseqüentemente a consciência não é profundamente fundada sob essa forma de conhecimento. A comentadora Annabelle Dufourcq também fala da crítica de Husserl ao ficcionismo de Hume: “Entre as derivadas mais extremas do psicologismo, severamente criticada por Husserl, nós podemos citar o ficcionismo de Hume...”<sup>225</sup>.

O comentador Edward Casey em seu artigo: *Imaginação: imaginar e a imagem*<sup>226</sup> resgata algumas teorias da imaginação na história da filosofia mostrando suas relações com a fenomenologia de Husserl. Diz sobre Hume: “...houve um acordo geral, pelo menos na tradição empirista, que o ato de imaginar era meramente a construção de *Ideias* complexas na base de associação de *Ideias* simples, e estas últimas revelam-se cópias de impressões e sensações. Deste ponto de vista limitado, a imagem (ou mais precisamente o objeto imaginado) poderia ser apenas um conjunto de *Ideias* simples, cada uma das quais deve surgir de uma impressão determinada. Imaginar consiste no mero arranjo e ou rearranjo dessas *Ideias*.”<sup>227</sup>. Casey pretende nesse artigo mostrar como a fenomenologia pensa a imagem aproximada à sensação e a percepção, por causa do conteúdo hilético real componente de toda vivência noética. Diz Casey: “No entanto, o modelo para essa consciência permanece restritamente sensacionalista. Tanto para Husserl quanto para Hume, a percepção é em caráter inexoravelmente sensorial: “A percepção é construída em cima das sensações” (Fenomenologia da consciência interna do tempo). Com este modelo, o conteúdo sensacional é facilmente contrabandeado em ambas na própria percepção e na imaginação. Contudo, pode ter sido que Husserl, junto com alguns empiristas, tenha ao menos tacitamente, cometido a afirmação adicional de que a sensação é um componente real da imaginação.”<sup>228</sup> É preciso tomar cuidado com

---

<sup>225</sup>DUFOURCQ. *La dimension imaginaire du réel dans la philosophie de Husserl*. P, 7

<sup>226</sup>CASEY. E. *Imagination: Imagining and the Image*. In *Philosophy and Phenomenological Research*.

<sup>227</sup> CASEY. *Imagination: Imagining and the Image*. P, 479.

<sup>228</sup> Esta citação possui uma nota interessante sobre o conteúdo hilético como real, e as duas concepções de realidade presentes e expostas por Husserl nas

a associação da imagem e da sensação como conteúdo hiléticos reais, pois real no sentido fenomenológico passa sempre pela redução, principalmente, no caso da imagem como fantasma, objeto neutralizado de realidade, aparece como um nada de existência.

A leitura de Husserl se pergunta por que Hume não trata da razão em seus escritos. A razão está fora das pesquisas empirista por causa do seu ceticismo em relação ao conhecimento racionalista. Diz Husserl: “É certo que Hume não levantou a questão, ou em todo o caso não disse uma palavra sobre o que se passa com a razão. A razão de Hume, que fundamentou esta teoria como verdade, que levou a cabo esta análise da mente, que demonstrou essas leis de associação. Como ‘ligam’ em geral as regras de ordenação conectiva associativa?”<sup>229</sup> Husserl não concebe como o empirismo de Hume destrói sua própria teoria ao negar a racionalidade. Resume a filosofia dele como um irracionalismo e um ceticismo. Este empirismo é interpretado na fenomenologia como um naturalismo, o que Husserl trata nas *Ideias I* como atitude natural. Diz: “...após a descoberta dos pressupostos naturalistas de Hume”<sup>230</sup>. A associação de *Ideias* feita pela imaginação humana não tem êxito pelo fato de estar subordinada ao conhecimento vindo das sensações. A imaginação em Hume mesmo tendo uma livre orientação na consciência ainda é pensada sob as amarras da falsidade e do engano dos sentidos.

#### 2.4.2 A imaginação sintetizadora na filosofia de Kant

O conhecimento no paradigma kantiano é guiado pela revolução copernicana, a qual Kant assume como método crítico da sua filosofia. A crítica à metafísica tem a função de estabelecer

---

LU. Nota 35: “Mais exatamente, Husserl diz que a hilé é um ‘real’, isto é um imanente componente da experiência concreta. Mais a hilé aparece também no real pelo sentido mais forte, sentido psicofísico de real pelo qual Husserl algumas vezes identifica a com o sentido-datum, como quando nós falamos de ‘cor sensorial’ é um momento hilético da experiência sensorial concreta. A análise inteira da hilé é obscurecida pela vacilação de Husserl entre estes dois sentidos de realidade, o qual ele em outra parte deixa em suspenso.” CASEY. *Imagination: Imagining and the Image*. P, 485.

<sup>229</sup> HUSSERL. *Krisis*. § 23. P, 103.

<sup>230</sup> HUSSERL. *Krisis*. § 25, p, 111.

os limites do conhecimento do sujeito. Este se limita a conhecer o que lhe é possível através de suas faculdades, ou seja, o sujeito só pode conhecer o fenômeno e não a coisa em si do objeto. Esta nova maneira de pensar é exposta pelo conceito de “transcendental”, o qual define uma filosofia das condições e limites de possibilidade do conhecimento. A revolução estabelece a diferença perante a filosofia clássica. Esta revolução no modo de pensar a metafísica e a relação sujeito-objeto mudam o modo de conhecimento da consciência em relação à experiência. Esta mudança afeta também a imaginação, pois ela passa a ser uma faculdade entre outras da subjetividade.

A faculdade da imaginação na filosofia de Kant torna-se uma ferramenta de síntese entre as faculdades. Ela é pura espontaneidade e faz parte das condições de possibilidade do conhecimento objetivo. O aspecto fundamental é pensar a imaginação como uma faculdade verdadeira, ou seja, como um tipo de faculdade ao lado da razão e do conhecimento evidente e não mais um conhecimento inferior ao conhecimento racional e verdadeiro. O fato motivador dessa mudança na tradição, principalmente, no tocante ao aspecto verdadeiro do conhecer imaginativo, está no fato do conhecimento ser formado pelas faculdades do sujeito. Este conhecimento é designado por Kant de conhecimento a priori, ou seja, trata-se do conhecimento no qual nada pode ser atribuído ao objeto sem estar antes presente na subjetividade pensante. Define-se o modo de conhecimento a partir do fundamento no sujeito e nas suas faculdades.

Na *Crítica da razão pura* a imaginação aparece como “síntese de reprodução”. Antes de alcançar esse tema da síntese do conhecimento, é preciso elencar alguns conceitos importantes inerentes a essa relação. Na estética transcendental, apresenta-se o conceito de “intuição”, o qual é definido como representação do fenômeno. Este é o modo de aparecimento do objeto no sujeito. Como conhecemos os fenômenos, ou qual o mecanismo relacional e ontológico formador dos fenômenos é a função da metafísica crítica elucidar. A capacidade de receber o conhecimento das sensações é a sensibilidade, está sozinha não pode conhecer nenhum fenômeno. A intuição apenas apreende os dados fenomênicos, mas não forma o conhecimento. A imaginação era pensada neste lado do conhecimento na filosofia de Descartes e Hume, isto é, o imaginar estava lado a lado com

os sentidos e a falsidade. A faculdade do entendimento é responsável pelos conhecimentos, e estes se dão através da unidade sintética originária da apercepção, de como o entendimento unifica os dados intuitivos e os transforma em juízos de conhecimento dos fenômenos.

A segunda seção acerca da dedução transcendental dos conceitos puros de entendimento trata do diverso das representações e como esse diverso é transformado em conhecimento através das sínteses elaboradas pelo entendimento em diversos modos. “Ao *eu penso* deve poder acompanhar todas as minhas representações”<sup>231</sup>. Esse princípio é orientado pela autoconsciência formada por via da faculdade do entendimento. O eu penso formador de representações é um ato de espontaneidade, esta é o início de uma “tripla síntese”. A imaginação entra como faculdade atuante numa dessas sínteses. A três sínteses são: apreensão: trata das representações como modificações do espírito na intuição, a reprodução dessas representações na imaginação e a reconhecimento no conceito. Estes são os caminhos até chegar a formar um conceito, e a imaginação é a faculdade mediadora dessa construção conceitual.

A imaginação kantiana é introduzida no esquema de conhecimento transcendental, o que permite dizer dela ser um conhecimento verdadeiro diferentemente da tradição. Diz Kant: “a síntese reprodutiva da imaginação pertence aos atos transcendentais do espírito e, em vista disso, designaremos também essa faculdade por faculdade transcendental da imaginação”<sup>232</sup>. A síntese do diverso da intuição é chamada síntese figurada, esta quando se refere a unidade sintética originária da apercepção, denomina-se síntese transcendental da imaginação. Esta é a “faculdade de representar um objeto mesmo sem a presença deste na intuição”<sup>233</sup>. Sobre a síntese transcendental da imaginação diz ser um efeito do entendimento sobre a sensibilidade, a primeira aplicação do entendimento sobre objetos da intuição.

---

<sup>231</sup> KANT. CRP. 2ª seção. “Acerca da dedução transcendental dos conceitos puros de entendimento”

<sup>232</sup> KANT. CRP. 2ª seção. Seção acerca da dedução transcendental dos conceitos puros de entendimento”.

<sup>233</sup> KANT. CRP. 2ª seção. Seção acerca da dedução transcendental dos conceitos puros de entendimento”.



A imaginação reprodutiva pertence à sensibilidade, ou seja, a síntese está submetida às leis empíricas, como a associação e não contribuem ao conhecimento a priori. A chamada imaginação produtiva ocorre quando a imaginação é espontaneidade, esta faz parte da construção do conhecimento objetivo. O ato transcendental da imaginação é a influência sintética do entendimento sobre o sentido interno. A unidade da apercepção relativamente à síntese da imaginação é o entendimento. No ponto A123, Kant diz: “A imaginação é, portanto, também uma faculdade de síntese a priori e é por isso que lhe damos o nome de imaginação produtora...”<sup>234</sup>. A unidade necessária na síntese desse fenômeno chama-se função transcendental da imaginação. Completa essa ideia de imaginação como responsável pelo conhecimento a frase da passagem A 125: “Temos assim uma imaginação pura, como faculdade fundamental da alma humana, que serve a priori de princípio a todo conhecimento”<sup>235</sup>. Contudo, a imaginação ainda é considerada como faculdade de ligar uma faculdade a outra, e não é pensada em si mesma como ocorre na fenomenologia. Diz: “Os dois termos extremos, a sensibilidade e o entendimento, devem necessariamente articular-se graças a esta função transcendental da imaginação”<sup>236</sup>.

Kant continua a falar da imaginação produtiva: “Daremos o nome de esquema a esta condição formal e pura da sensibilidade a que o conceito do entendimento está restringido no seu uso.”<sup>237</sup> “O esquema é sempre em si mesmo um produto da imaginação, mas, como a síntese da imaginação não tem por objetivo uma intuição singular, mas tão-só a unidade na determinação da sensibilidade, há distinguir o esquema da imagem.”<sup>238</sup> Os nossos conceitos sensíveis puros não assentam sobre imagem, mas sobre esquemas. Esquema é a representação de um processo geral da imaginação para dar ao conceito a sua imagem. Como no exemplo do triângulo, o qual só existe mediante a síntese da imaginação. Kant define nesse parágrafo a diferença crucial entre a imaginação produtiva e a imaginação reprodutiva transcendental, ou seja, a primeira se refere ao sensível e a

---

<sup>234</sup> KANT. CRP. A123.

<sup>235</sup> KANT. CRP. A125.

<sup>236</sup> KANT. CRP. A125

<sup>237</sup> KANT. CRP.

<sup>238</sup> KANT. CRP.

segunda apenas ao ato sintetizante no pensamento a priori. Sobre a diferença do termo imagem e do esquema: “Só poderemos dizer que a imagem é um produto da faculdade empírica da imaginação produtiva, e que o esquema de conceitos sensíveis (como das figuras no espaço) é um produto e, de certo modo, um monograma da imaginação pura a priori...”. Sobre a imaginação produtiva diz Casey em seu artigo exploratório das leituras modernas do imaginar em contraponto à teoria de Husserl: “Sem negar a tarefa da imaginação reprodutiva, de fato, mesmo reconhecendo esta essencialidade, Kant distingui outra função do imaginar: a produtiva. A imaginação produtiva é o que é primariamente responsável pelo caráter sintético do objeto imaginado – isto é, o sentido no qual eles não podem ser exaustivamente analisados em termos da mera associação de *Ideias* simples. A associação, claramente, não faz síntese exaustiva compreendida como produtiva”<sup>239</sup>. Ele compara a teoria da associação de *Ideias* à síntese kantiana, dizendo serem completamente diferentes. A síntese produtiva já não tem a ver com a associação aglomerada de *Ideias*, a síntese produtiva kantiana já permite pensar uma imagem.

Na *Crítica da faculdade de julgar*, o papel da imaginação é unificar o diverso das intuições. No caso do conhecimento, esta ligação é objetiva e lógica, mas também pode ser sem conceitos e subjetiva, como no caso da estética. A imaginação é descrita como poder intersubjetivo capaz de apreender em síntese não conceitual. Ela é capaz de esquematizar sem conceitos. Segundo Dufourcq: “Kant descreve o prazer estético como o jogo livre e harmonioso do entendimento e da imaginação”<sup>240</sup>. A *Ideia* normal estética é uma intuição particular da faculdade da imaginação. Ela produz uma forma como padrão e condição a priori da possibilidade das imagens. No § 17 da *Crítica da faculdade de julgar*, diz sobre a imaginação: “A imaginação sabe, de um modo totalmente incompreensível para nós...reproduzir a imagem e a forma do objeto a partir de um número incontável de objetos de diversas espécies ou de uma única espécie” “e sabe como deixar cair uma imagem sobre a outra de modo a, pela congruência de

---

<sup>239</sup> CASEY. *Imagination: Imagining and the Image*. P, 480.

<sup>240</sup>DUFOURCQ. *La dimension imaginaire du réeldans la philosophie de Husserl*. P, 279.

muitas da mesmas espécie tirar uma média que serve a todas de medida comum.”<sup>241</sup>

A imaginação supõe um grande número de imagens. Ela unifica em uma síntese sem conceitos no caso da estética, essa análise aparece no ideal de beleza, quando se fala de juízo de gosto, essa unificação do imaginar ocorre através do jogo reflexivo com o entendimento. O aspecto singular da imaginação na estética é sua atuação com liberdade, o seja, da sua livre espontaneidade, de seu caráter criador. No juízo de gosto, a faculdade da imaginação deve ser considerada em sua liberdade ela terá que ser tomada, primeiro, não reprodutivamente, tal como ela é submetida às leis de associação, mas como produtiva e espontânea, como criadora de formas arbitrárias de intuições possíveis. A imaginação atuante no juízo de gosto é caracterizada como livre espontaneidade por não aplicar as leis de associação e não ser coagida pelas leis do entendimento.

A imaginação também atua na apreensão do sentimento do sublime. Ela apresenta em uma intuição o objeto da ideia racional que a ultrapassa infinitamente. Na apreensão do sublime matemático, a imaginação reconhece a superioridade da razão, ela perde a igualdade com a faculdade do entendimento que habitava na experiência do belo. O sublime dinâmico nasce do juízo estético. O sublime não está na natureza, mas na discordância que abala o equilíbrio das faculdades. O sublime faz nascer um sentimento negativo, que é a consciência da fraqueza humana diante das forças da natureza. Depois surge um sentimento positivo, do poder de sua consciência diante da natureza. A imaginação é esmagada, e acaba-se por descobrir ser esta incapaz de uma ocupação séria. O sublime destrói a finalidade subjetiva, aqui se encontra no âmbito da razão objetiva, no domínio da ideia de universalidade, no domínio da liberdade.

Na *Krisis* Kant aparece como uma filosofia importante na descoberta do problema do transcendental. Na filosofia kantiana, o psicologismo não implica num conhecimento limitado da consciência, esta é pensada como subjetivismo transcendental. Husserl reconhece o valor da filosofia transcendental e diz: “Gostaria de fazer desde já notar que o termo ‘filosofia transcendental’ se tornou então, desde Kant, usual, também como nome geral para filosofias universais, cujos conceitos se orientam

---

<sup>241</sup> KANT. Crítica do juízo. § 17.

pelo tipo da filosofia kantiana”<sup>242</sup>. Husserl admite o uso do termo “transcendental”<sup>243</sup> herdado de Kant, mas, com o uso universal e reformulado ao parâmetro fenomenológico. “Eu mesmo sirvo-me da palavra ‘transcendental’, no sentido mais lato...”<sup>244</sup>. O sistema kantiano é filosófico-transcendental, mas esse fator positivo de sua filosofia não impede a crítica de Husserl à falta de radicalismo da posição transcendental. Kant acerta na descoberta da filosofia transcendental: “não obstante esteja muito longe de realizar uma fundamentação efetivamente radical da filosofia, da totalidade das ciências”<sup>245</sup>.

A grande crítica a teoria da imaginação em Kant é feita indiretamente através da crítica ao conceito de faculdade associado ao modo de pensar moderno. A imaginação não é uma faculdade para Husserl, pois uma faculdade só é pensada no esquema da subjetividade psicológica. Como diz Dufourcq: “De outro lado essa teoria das faculdades, marcada de prejuízos psicologistas, faz de toda vivência o correlato de um sujeito que é um fragmento do mundo, uma realidade individual dotada de propriedades causais particulares e contingentes, assim Kant, que tem conservado essa psicologia das faculdades, se deixou conduzir por ela na emboscada do relativismo”<sup>246</sup>. A imaginação como faculdade é alvo da fenomenologia de Husserl, por causa da sua fundamentação geral da consciência pura como intencional, ou seja, não há lugar para faculdades do sujeito é sim para modos de consciência intencional, todos unidos pela própria consciência em sua temporalidade. No § 1, intitulado ‘Plurivocidade do conceito de fantasia no discurso habitual’ presente nos manuscritos n° 1 Fantasia e consciência de imagem, trata de destacar a noção de “faculdade” como discurso do senso comum diz para o senso comum: “Fantasia significa então certa

---

<sup>242</sup> HUSSERL. Krisis. §26. P, 112.

<sup>243</sup> O termo transcendental na filosofia de Kant define-se como o conhecimento a priori da consciência no âmbito do limite da razão. O transcendental na fenomenologia é definido como conhecimento da consciência pura e suas conexões de eidéticas.

<sup>244</sup> HUSSERL. Krisis. § 26. P, 112.

<sup>245</sup> HUSSERL. Krisis. § 27. 113.

<sup>246</sup> DUFOURCQ, A. *La dimension imaginaire du réel dans la philosophie de Husserl*, p, 24.

disposição do espírito, uma faculdade (*Vermögen*)...”<sup>247</sup>. Em outra passagem ele afirma: “Enquanto faculdade, a fantasia permanece fora do nosso quadro de interesse”<sup>248</sup>. Esta frase faz sentido se interpretada a partir do enfoque fenomenológico da intencionalidade da consciência.

Husserl fala um pouco da filosofia kantiana na Filosofia Primeira, especificamente no capítulo III sobre o Racionalismo e metafísica na época moderna. Este trecho do texto reflete bem a postura fenomenologia frente as filosofias modernas, e o seu tributo à Descartes e a Kant. “Portanto o empirismo é no fundo a herdeira da filosofia cética e negativista da Antiguidade, o racionalismo é a continuação da corrente do pensamento positivo e construtivo, visando a constituir uma ciência verdadeira e perfeita em última instância e, por conseguinte a filosofia autêntica”. A importância da revolução copernicana e dogmática de Kant ao legado fenomenológico foi fundamentar o imaginar como processo estritamente subjetivo, em consequência verdadeira do ponto de vista da evidência metafísica do conhecimento. Os dois únicos erros de Kant com relação ao imaginar foi: 1) pensá-lo como função sintética, abdicando de seu poder próprio em construir verdades imaginativas ao designar tal serviço ao entendimento. 2) Avançar para o âmbito estético de conhecimento, ou seja, levar a imaginação aos campo do conhecimento do belo e do sublime através da faculdade de julgar e dar-lhe uma função sintetizante livre de conceitos. O grande avanço de Kant foi a revolução copernicana no modo de pensar os objetos e a construção da filosofia transcendental. Husserl analisa a filosofia de Kant como uma grande tentativa de revolução, pois ele aponta ao conhecimento transcendental subjetivo, mas essa subjetividade está calcada na psicologia, o que acaba por se limitar o alcance fundante da consciência.

O grande problema está na construção da filosofia transcendental fundada na subjetividade psicológica, e suas faculdades. A refutação fenomenológica do psicologismo assemelha a consciência natural ao discurso mítico. Diz Husserl: “De fato, Kant cai numa espécie de discurso mítico, cujo sentido literal aponta, realmente, para o subjetivo que não podemos por

---

<sup>247</sup> HUSSERL. *Phantasie*. N° 1, § 1.

<sup>248</sup> HUSSERL. *Phantasie*. N° 1, § 1.

princípio, tornar intuível, nem por exemplos fáticos, nem por genuína analogia”<sup>249</sup>. Em resumo, os esquemas das faculdades e da síntese da imaginação não passam de um esquema naturalista da consciência. “Talvez uma crítica mais aprofundada mostrasse que Kant, embora se tenha voltado contra o empirismo na sua concepção da mente e da esfera de tarefas que incumbem a uma psicologia, permanece dependente precisamente desse empirismo, e que para ele vale como mente a mente pensada como naturalizada, e como componente do homem psicofísico situado no tempo da natureza, da espaço-temporalidade”<sup>250</sup>

Toda refutação do imaginar como síntese de conhecimento e de juízo estético perpassam essa crítica fundamental e mais geral acerca da subjetividade moderna como presa aos moldes da subjetividade psicologista. Cabe ressaltar algumas pontes importantes da problemática da imaginação que se identificam com a fenomenologia, mesmo após a execução do método redutivo. Dentre esses pontos, destaca-se a importância da temporalidade. Se na CRP o sentido interno da subjetividade tem a função transcendental da temporalização da auto-consciência e a imaginação é a faculdade que permite a síntese para uma adequação temporal, na fenomenologia a fantasia (imaginar) é um modo próprio de temporalidade, o qual se relaciona com a temporalidade presente para formar o fluxo da consciência transcendental. Sem a fantasia, não haveria uma historicidade temporal da consciência. O tema da liberdade da imaginação também reaparece na fenomenologia, mas como uma característica do ato fantástico fenomenologicamente modificado, a liberdade aparece como livre variação eidética, a modificação própria da fantasia de se pôr variáveis das essências já dadas na percepção. Num aspecto mais específico, a imaginação em Kant só modifica o aspecto negativo da imaginação pensada como cópia da realidade, ou seja, com ele a imaginação ganha um estatuto verdadeiro. A dependência do ato perceptivo é a chave para explicar a falta de desenvolvimento do tema da imaginação na filosofia kantiana. O ato da síntese realizado pela imaginação só faz resgatar o perceber por via da sensibilidade e dar-lhe unidade. Nunca se fala da imagem mesma, do produto imagético da faculdade imaginativa sintetizadora. Deve-se supor neste ponto

---

<sup>249</sup> HUSSERL. Krisis. § 30. P, 128.

<sup>250</sup> HUSSERL. Krisis. § 30. P, 129.

a falta de originalidade e mesmo a incapacidade de Kant de avançar na descoberta da fantasia livre puramente modificada e consciente, concepção só alcançada graças ao complexo e determinante conceito de consciência intencional fenomenológica. A genealogia da fantasia na história da filosofia mostra como este conceito se modifica a ponto de elevar sua contribuição graças à concepção original da fenomenologia.





### 3 A ORIGINALIDADE DA FANTASIA: TEMPORALIDADE.

Este capítulo trata do tema chave de compreensão da tese, pois revela como a fantasia ganha originalidade na história da filosofia. Toda filosofia com pretensão universal concentra no problema do tempo suas análises fundamentais, ou ao mesmo, o tempo unifica os temas da filosofia fenomenológica de Husserl. A novidade do conceito de fantasia é retratada através da abordagem temporal da consciência. O tempo comanda a leitura fenomenológica da fantasia, pois esta vivência da consciência é denominada e analisada como “presentificação” (*Vergegenwärtigung*). O termo *Vergegenwärtigung* aparece no volume XXIII a partir do ano de 1904-1905. É prudente reforçar aqui a utilização terminológica variável de Husserl. Para falar de fantasia ele usa também o termo representação (*Vorstellung*). Termo muito utilizado nos textos de 1898, *Phantasie erscheinung* aparecimento de fantasia, e usa como sinônimo também o termo *Repräsentation*. Deve-se entender representação no sentido estrito da fenomenologia, o qual nega a relação de representação da consciência moderna conforme explicado nas LU. Nota-se a preferência de Didier Franck em utilizar o termo *Re-presentation* para significar a palavra *Vergegenwärtigung* na tradução do texto de Eugen Fink *Re-presentation et image. Contributions à la phénoménologie de l'irréalité*. Na coletânea intitulada “*Studien zur phänomenologie*”.

A fantasia além de ser uma intencionalidade é também uma presentificação intuitiva. A presentificação significa uma quase apresentação (*Gegenwärtigung*). A fantasia é um retorno reduzido ao presente, um retorno da consciência fantástica em *como se*. Apesar da constante referência ao presente como ponto de unidade da consciência pura, a fantasia enquanto não-presente estabelece um papel crucial no fluxo temporal. Dentre as presentificações da consciência, cabe a fantasia o contraponto necessário para dar sequência temporal às conexões noético-noemáticas do *Eu puro*. Este contraponto é ocasionado pelo seu papel de consciência modificada.

A fantasia está fora do presente, ela não pertence ao tempo do agora, mas ela também não está no passado e nem no futuro, apesar da fantasia também trabalhar com o passado e com o futuro. A memória e a expectativa também são presentificações

intuitivas, mas a memória pensada como reprodução e a expectativa também dependem da fantasia como consciência modificadora universal. O noema fantástico é um objeto fora do tempo, ele é visto como um nada, e não se coloca em nenhuma posição temporal específica nem mesmo no presente. A conectividade do agora com o passado e o futuro é feita na retenção e protensão. O tema da fantasia na temporalidade trata de analisar como esta vivência se relaciona com o tempo, e, no caso da fenomenologia de Husserl, como ela se relaciona com o presente unificador da corrente da consciência.

As obras a serem analisadas e discutidas nesse capítulo são, principalmente as *Lições para uma consciência interna do tempo* e os manuscritos do volume XXIII, *Fantasia, consciência de imagem e memória*. O volume XXIII serve de aparato para elucidar temas sobre o tempo e a relação com a fantasia. As Lições são parte de um curso quadripartido dado por Husserl no semestre de inverno de 1904-1905 com o título “Elementos capitais da fenomenologia e da teoria do conhecimento”: 1) Sobre a percepção, 2) Sobre a atenção, o visar específico, 3) fantasia e consciência figurativa, 4) sobre a fenomenologia do tempo<sup>251</sup>. Husserl teria dito a Ingarden que “não valia a pena” publicar o texto das Lições, pois estariam elas ultrapassadas se comparadas as novidades da fenomenologia transcendental a partir de 1913.

Segundo Pedro Alves, tradutor da versão portuguesa da obra: “As lições foram elaboradas justamente no período crítico da evolução do pensamento de Husserl em que se dá o trânsito da psicologia descritiva (*Investigações Lógicas*) para a fenomenologia transcendental (*Ideias*, 1913). Isto significa que delas estão ausentes as peças essenciais da etapa transcendental da fenomenologia: a teoria da redução, a análise correlativa, os conceitos de *noese* e *noema* e, por fim, uma verdadeira teoria da constituição”<sup>252</sup>. As lições são um texto de transição, aparece neste a primeira preocupação sobre o tempo após a edição das *Investigações Lógicas*, nesta, o tema foi negligenciado. O tempo numa abordagem sistemática não aparece até esse texto das Lições, contudo, os manuscritos do volume XXIII já no ano de 1898

---

<sup>251</sup> Conforme introdução de Pedro Alves a tradução portuguesa das Lições. P, 20

<sup>252</sup> *Lições para uma fenomenologia da consciência interna do tempo*. Trad. Pedro Alves, p 13.

demonstram indícios da preocupação com o tempo e da sua interferência nos temas da fantasia desde esse período inicial. Como exemplo: “...Na representação perceptiva o objeto está “presente a si” (selbstgegenwartigen). A representação de fantasia se *presentifica* em imagem de fantasia (Phantasiebilde) como imagem física”<sup>253</sup>. “Presente a si” e “presentificar” são dois conceitos temporais que demonstram a relevância da análise do tempo não apenas nas *Lições*.

A discussão sobre os limites conceituais das *Lições* e sua posição entre a psicologia descritiva e a filosofia transcendental permite notar antes a escalada construtiva de Husserl para a fundação da fenomenologia. A falta de uma nomeação explícita da redução fenomenológica não invalida as posições idealistas e transcendentais já presentes nas *Investigações Lógicas*, nem podem ser motivo para desqualificar os textos das *Lições*. Este texto juntamente com algumas passagens das *Ideias I* e do volume XXIII servem para demonstrar a importância do tempo como tema central na compreensão da fantasia. Alguns comentadores analisaram a fantasia e o tema do tempo, entre o mais significativo está o texto de Eugen Fink: *Presentificação e imagem*. Contribuições à fenomenologia da inefetividade. Fala sobre os horizontes temporais, *a apresentação, presentificações e depresentações*<sup>254</sup>. O texto de Maria Manuela Saraiva: “A imaginação segundo Husserl” também trata da questão da presentificação e do tempo na fantasia. Os comentadores consultados sobre as questões mais gerais da temporalidade são: Pedro Alves, Roberto Walton e José Reis.

### 3.1 FANTASIA NAS LIÇÕES DO TEMPO

As *Lições* de 1905 sobre a temporalidade da consciência tratam das questões da divisão do tempo em passado, presente, futuro, mas na apreensão da consciência do tempo e não da explicação do tempo objetivo. A fantasia é uma das vivências da consciência caracterizada como tempo não-presente, pois sua intencionalidade exige uma modificação da consciência. Esta

---

<sup>253</sup> HUSSERL. *Phantasie*. P, 109.

<sup>254</sup> Entgegenwärtigungen. Termo criado por Fink para retratar uma intencionalidade do horizonte vivente de uma presença da vivência. FINK. Re-präsentationetimage. P, 37.

mudança na consciência fantástica implica uma redução no tempo presente dado na consciência perceptiva, a consciência originária do tempo, e a base sob a qual transcorre o fluxo das vivências.

A temporalidade fenomenológica exige um colocar entre parênteses do tempo objetivo, o tempo como transcendência, também o espaço e o mundo objetivo. A primeira etapa do texto é se certificar da exclusão do tempo das ciências da natureza e da psicologia fora do âmbito de discussão da fenomenologia da consciência do tempo. A maioria dos comentadores como é o caso de Pedro Alves nega o uso da redução fenomenológica como método de colocar entre parênteses o mundo objetivo nas *Lições*, mas para alguns comentadores como Maria M. Saraiva e José Reis a redução já está realizada nas *Investigações Lógicas* e nas *Lições*. Diz Reis: “As Lições sobre o tempo 871 abrem com o conhecido parágrafo sobre a posição fora de circuito do tempo objectivo, em que pela primeira vez Husserl utiliza a sua *redução fenomenológica*.”<sup>255</sup> O certo é pensar na redução transcendental sendo moldada para sua posterior definição explícita nas *Ideias I*.

A redução do tempo objetivo reconduz a pesquisa à pergunta pela origem do tempo, e antes o conteúdo analisado são as vivências no seu sentido objetivo e seu teor descritivo. Dentre as vivências, está a fantasia e sua forma de aparecimento temporal é como presentificação. Cada representação se liga a uma cadeia continua de representações. Uma representação fixa a outra no passado. Cada representação, reproduz o conteúdo da representação precedente. A reprodução é a característica da vivência de fantasia. Husserl ao analisar a teoria de Brentano sobre a origem do tempo e a sucessão diz: “Assim, a fantasia mostra-se aqui, de modo peculiar, produtiva. Trata-se aqui do único caso onde ela cria um momento das representações verdadeiramente novo, a saber, o momento do tempo. Assim, descobrimos no campo da fantasia a origem das representações de tempo”<sup>256</sup>. A resposta para a sucessão das sensações e das intencionalidades da consciência é a fantasia. Esta tem o papel de modificar representação e a sensação anterior; no caso do conteúdo hilético, a sensação se modifica em fantasma.

---

<sup>255</sup> REIS. José. In Revista Filosófica de Coimbra - n.º 24 (2003). P, 399.

<sup>256</sup> HUSSERL. *Zeitbewusstsein*. §3. P, 46.

A crítica<sup>257</sup> a teoria de Brentano está centrada na falta de pressupostos transcendentais da psicologia descritiva, pois trata da teoria psicológica da representação do tempo. A lei da associação originária é uma lei psicológica da formação das vivências. A presentificação de sucessão se apresenta como um contínuo de fantasias associadas. A crítica fala de como estas fantasias seriam uma corrente infinita de fantasias de fantasias. Outra questão é: “Os predicados modificadores de tempo são, segundo Brentano, irrealis; real é apenas a determinação do agora.”<sup>258</sup>. O passado é também descrito como irreal o que Husserl refuta. Diz: “Muito discutível é também a tentativa de apresentar o passado como algo não-real, não existente”<sup>259</sup>.

A pergunta da fenomenologia é como se constitui objetos temporais e o próprio tempo. Os Objetos temporais são as unidades no tempo, mas que contém extensão temporal. O modo de aparecimento dos objetos temporais imanentes deve ser considerado os modos de apreensão e os momentos de duração. Se o processo move-se para um passado cada vez mais distante, tem-se o fenômeno da retrotração, este mantido chama-se uma retenção<sup>260</sup>. O modo de aparecer e a duração estão conscientes numa continuidade de modos num fluxo constante. Se uma fase temporal qualquer é um agora atual, então uma continuidade de fases está consciente como mesmo agora, e a duração é agora no presente ou no passado como duração decorrida. A preocupação sempre latente de Husserl é pensar a temporalidade imanente e reduzir a temporalidade transcendente: “O que nós aqui descrevemos é o modo como o objeto <sup>261</sup> temporal-imanente aparece num fluxo constante, como ele é dado. Descrever esse modo não é descrever a própria duração temporal que aparece”. A referência à fantasia ou aos modos de consciência na presentificação, aparece com a ideia da modificação. “O próprio som é o mesmo, mas o som ‘no modo como’ (*in der Weisewie*) aparece é sempre diferente”<sup>262</sup>. A diferença está no caráter de

---

<sup>257</sup> HUSSERL. *Zeitbewusstsein*. § 6. P, 49-50.

<sup>258</sup> HUSSERL. *Zeitbewusstsein*. § 5. P, 48.

<sup>259</sup> HUSSERL. *Zeitbewusstsein*. § 6. P, 52.

<sup>260</sup> A primeira do conceito de retenção HUSSERL. *Zeitbewusstsein*. §8. P, 57.

<sup>261</sup> HUSSERL. *Zeitbewusstsein*. §8. P, 58.

<sup>262</sup> HUSSERL. *Zeitbewusstsein*. § 8. P, 58.

apreensão do fantasma, o qual se dá como possibilidade ou não-presente.

Husserl estabelece uma ligação entre as duas intencionalidades do fluxo temporal, o ponto agora é unidade de ligação de um passado e de uma expectativa da consciência. A intencionalidade do passado é a retenção e a intencionalidade do futuro é a protensão. O agora novo entra em cena e faz decair o agora anterior em passado. A proto-impressão é o ponto forte do agora, o ponto inicial da produção do objeto duradouro. A consciência retencional é a mudança da consciência do agora num passado. Diz: “À impressão liga-se continuamente à recordação primária, ou como nós dizíamos, a retenção”<sup>263</sup>. A consciência do passado é também uma presentificação da consciência, ou seja, a memória ao resgatar um aparecimento passado torna presente um momento ausente. Este passado deve ser entendido como irreal, por não estar mais na corrente do agora presente? Não, mas torna-se enfraquecido. Cita-se: “...as fases do passado que ficam mais para trás, estão conscientes de um modo totalmente indefinido [unklar], vazio”<sup>264</sup>. Isto significa que, ao decorrer no passado, as vivências tornam-se cada vez mais fracas se comparadas ao presente. Diz Husserl: “Com isto, tem lugar uma incessante retrotração para o passado, a mesma complexão contínua sofre incessantemente uma modificação até o seu desaparecimento, que termina, por fim, na imperceptibilidade”<sup>265</sup>. Esta ideia de fraqueza ou apagamento da vivacidade das imagens da retenção parece induzir à uma leitura empirista humana das imagens, contudo, deve-se destacar a importância do fluxo temporal na compreensão desse apagamento, ideia não trabalhada por Hume.

As retenções formam uma corrente temporal do passado, um horizonte de experiência passada, o qual Husserl caracteriza pelo nome de “direção longitudinal do fluxo”<sup>266</sup>. Esta é a corrente encadeada de retenções anteriores em direção ao passado distante, como metáfora visual desse horizonte longitudinal, cita-se a calda de um cometa. Esta imagem apenas significa a chamada “retrotração para o passado”. A retenção é recordação e

---

<sup>263</sup> HUSSERL. *Zeitbewusstsein*. § 11. P, 62.

<sup>264</sup> HUSSERL. *Zeitbewusstsein*. §9. P, 59.

<sup>265</sup> HUSSERL. *Zeitbewusstsein*. §11. P, 63.

<sup>266</sup> HUSSERL. *Zeitbewusstsein*. §11. P, 62.

não o agora, mas ela se agrega à percepção como ponto inicial da série de retenções.

Husserl insiste em mostrar como a retenção ou recordação não tem a qualidade da irrealidade, mas é ainda uma presentificação do passado. A primeira referência ao conceito de consciência de imagem aparece em comparação ao ato de recordar: “a recordação ou retenção não é consciência figurativa (*Bildbewusstsein*), mas sim qualquer coisa totalmente diferente”<sup>267</sup>. Deve-se fazer a distinção geral da temporalidade em apresentação e presentificação, esta divisão permite compreender e aprofundar a relação entre as vivências da percepção e da fantasia. Diz no § 14: “...a percepção atual constitui-se como apresentação (*Präsentation*) na base de sensações; a recordação primária, como re-presentation (*Repräsentation*), como presentificação (*Vergegenwärtigung*) na base de fantasias”<sup>268</sup>. Interessante apontar a distinção entre presentificação e representação, pois Husserl não quer igualar a recordação primária ou retenção ao modo irreal de apreensão formado na fantasia. A recordação primária está conectada à percepção, ela depende do presente para aparecer à consciência.

A fantasia não depende da percepção. Esta independência da percepção é um dos fatores mais importantes para se pensar a novidade da fantasia diante da tradição filosófica. Apesar de Husserl afirmar a impossibilidade de uma consciência retencional como continuação da consciência impressional. Tal dependência da percepção não ocorre na fantasia, ao contrário do que afirma a comentadora Maria Manuela Saraiva quando diz: “Até ao fim da vida, manteve que a imaginação se edifica a partir de dados sensoriais. Esta convicção resulta daquilo a que poderíamos chamar, de um modo geral, a tendência empirista de Husserl”<sup>269</sup>. A tese defendida mostra o contrário da leitura de Saraiva, ou seja, a fantasia nunca depende da sensação ou da percepção. Isto porque a fantasia é um conceito original na história da filosofia e mesmo na trama *husserliana*. Ela não carrega a herança do racionalismo, nem do empirismo como defende Saraiva. A fantasia é um conceito novo e livre de pressuposto naturalista.

---

<sup>267</sup> HUSSERL. *Zeitbewusstsein*. § 13. P, 66.

<sup>268</sup> HUSSERL. *Zeitbewusstsein*. § 14. P, 67.

<sup>269</sup> Saraiva. *A imaginação segundo Husserl*. P, 136.

Um comentário mais antigo de Casey também salienta esta leitura do empirismo na teoria da imaginação de Husserl. Neste texto, fala-se da dependência das imagens às sensações, como as imagens são sempre modificações de impressões. Diz ele: “Apesar dessa dependência da imagem sob a percepção sensorial, Husserl nunca faz da imaginação expressamente o que Eugen Fink chamou de ‘um modo determinado de percepção’<sup>270</sup>. No entanto, ele afirma que as imagens não são apenas fundadas na percepção, mas são acessíveis a nós somente através desta”<sup>271</sup>. Ele faz ainda uma comparação entre a teoria da imagem de Hume e de Husserl, assemelhando ambas no requisito pré-determinação da experiência empírica da imagem. Diz: “Contudo, pode ter sido que Husserl, junto com alguns empiristas, tenha ao menos tacitamente, cometido a afirmação adicional de que a sensação é um componente real da imaginação”<sup>272</sup>. Este componente real é caracterizado pelo conteúdo hilético da consciência, conteúdo sensível que não chega a ser um ato intencional, mas apenas um dado da sensibilidade, que no caso da imaginação ou fantasia é um dado fantasmado e não a realidade pensada de modo natural.

Contra essas leituras naturalizante da fenomenologia de Husserl e, em especial, da sua teoria da imagem, cita-se uma passagem que afirma a independência da fantasia diante da percepção. Diz: “Ora do mesmo modo que as presentificações se agregam imediatamente às percepções, pode também ocorrer presentificações de um modo auto-suficiente, sem agregação às percepções, e isto será a recordação secundária”<sup>273</sup>. A independência da fantasia demonstra também o lado da valorização desta vivência no processo temporal. Nesta frase, Husserl afirma uma ideia um pouco contraditória a princípio, mas analisada cuidadosamente só confirma a tese da novidade da fantasia no processo da consciência pura. Diz: “Todo processo é modificação presentificante do processo perceptivo, com todas as

---

<sup>270</sup> Nota Casey. *Vergegenwairtigung und Bild*," in *Studien zur Phenomenologie* (The Hague: Nijhoff, 1966), p. 75.

<sup>271</sup> CASEY. *Imagination: imagining and image*. P, 484.

<sup>272</sup> CASEY. *Imagination: imagining and image*, p, 485.

<sup>273</sup> HUSSERL. *Zeitbewusstsein*. § 14. P, 67.



fases e graus até o interior, às retenções: mas tudo tem o índice da modificação reprodutiva”<sup>274</sup>.

Há duas intencionalidades voltadas ao fluxo temporal e com ela outra forma temporal significativa, a protoconsciência, retenção e protenção. Estes são os atos temporais. A percepção é autodoação do presente, a recordação primária e a expectativa primária são opostas à percepção. Toda vivência tem sua corrente temporal, até mesmo, a fantasia, a vivência fantástica em si mesmo possui um passado e um futuro. “Na simples fantasia cada indivíduo é também algo temporalmente estendido, tem seu agora, seu antes e seu depois, mas o agora, o antes e depois são simplesmente imaginados”<sup>275</sup>. A fantasia apresenta-se com a modificação característica de seu modo estrutural, a modificação neutralizante da existência.

Husserl dá uma definição de presentificação comparada com a apresentação ou percepção. Esta última é definida como um ato que “põe diante dos olhos qualquer coisa como sendo ela própria...”<sup>276</sup>. A presentificação não põe o objeto diante dos olhos, mas “presentifica, o põe diante dos olhos em imagem...”<sup>277</sup>. A modificação de presentificação é um ato que doa um agora neutro, que doa uma imagem como nada de conteúdo existencial. A modificação pensada em si mesma é um ato livre de uma consciência no modo do eu posso. A possibilidade da mudança do olhar ao modo da presentificação é uma característica livre da consciência pura. O perceber não depende de uma mudança temporal do olhar da consciência, mas a fantasia é a vivência doadora dessa liberdade da consciência ao executar essa modificação permitindo um olhar diferenciado e neutralizado do mundo. Diz: “A presentificação de uma vivência acha-se a priori no domínio da minha liberdade”<sup>278</sup>. O eu pode modificar o olhar da vivência e esta é uma possibilidade livre e sem limites.

A fantasia é considerada uma intencionalidade livre por aplicar seu modo neutro de ver o mundo na compreensão das outras vivências intencionais. O próprio presentificar em geral é pensado como ato livre da consciência, a consciência do presente

---

<sup>274</sup> HUSSERL. *Zeitbewusstsein*. § 15. P, 69.

<sup>275</sup> HUSSERL. *Zeitbewusstsein*. § 17. P, 72.

<sup>276</sup> HUSSERL. *Zeitbewusstsein*. § 17. P, 72.

<sup>277</sup> HUSSERL. *Zeitbewusstsein*. § 17. P, 72.

<sup>278</sup> HUSSERL. *Zeitbewusstsein*. § 18. P, 73.

em si mesma está restrita ao plano originário e imóvel, no qual todas as fases da vivência são dadas imediatamente. Diz Husserl: "...a presentificação é qualquer coisa livre, é um livre percorrer..."<sup>279</sup> A consciência pura ao conter a possibilidade de modificação dessa consciência presente, contém em si a possibilidade da modificação intencional da consciência através das presentificações. Toda presentificação é um ato livre e altera a condição presente da consciência originária da percepção. A fantasia tem grande influência nessa liberdade estendida da consciência pura, pois a fantasia é requerida na aplicação tanto do passado, quanto do futuro.

Na corrente temporal a retenção constitui o horizonte vivo do agora, pois o agora escoa como recordação primária, como passado recente. A consciência fundada no presente carrega alguma dificuldade, pois o presente está sempre em sucessão. A importância da recordação e da fantasia à fenomenologia é crucial para construir uma corrente temporal e uma historicidade das vivências. Diz sobre o presente: "O presente posso revivê-lo, mas ele não pode ser redoadado"<sup>280</sup>. Tal argumentação faz pensar na impossibilidade da fenomenologia se fundar sob o primado da percepção. É evidente a necessária ação das presentificações e em especial da fantasia como vivências impulsionadoras de uma corrente temporal, fundamental para o exercício da ciência fenomenológica. Na tentativa de explicar o tempo na fantasia, Husserl insiste na recondução à consciência perceptiva. Diz: "Há, com certeza, tempo presentificado, mas este reenvia necessariamente ao originariamente dado, não fantasiado, mas sim presentado"<sup>281</sup>.

A fantasia é caracterizada como reprodução. Esta definição aparece pela primeira vez nas *Lições do tempo*. Ela vem substituir à teoria da imagem (*Bildbewusstsein*) na qual a imagem dependia de uma imagem física como suporte da consciência imaginativa, nos casos específicos da apreensão das obras de artes. Diz: "Fantasia é a consciência caracterizada como presentificação (reprodução)"<sup>282</sup>. Na presentificação o tempo é estendido, ou seja, a vivência é dada em sua extensão temporal total. A citação

---

<sup>279</sup> HUSSERL. *Zeitbewusstsein*. §20. P, 77.

<sup>280</sup> HUSSERL. *Zeitbewusstsein*. §18. P, 74.

<sup>281</sup> HUSSERL. *Zeitbewusstsein*. 19. P, 75.

<sup>282</sup> HUSSERL. § 19. P, 75.

também revela a definição de fantasia como presentificação, ou seja, o termo presentificação de fantasia convém nas análises das presentificações em geral, para não confundi-la com outra presentificação da consciência. Como captar o passado mais afastado? Reproduz-se o passado mais recente em sucessão formando uma consciência da sequência. A corrente do passado recente depende da “reprodução como transcurso presente de vivências”<sup>283</sup>. Das vivências decorridas e passadas na consciência do tempo no modo da vivência recordativa.

É preciso distinguir a fantasia e a recordação interativa. Na fantasia simples: não há nenhuma posição do agora reproduzido e nenhuma coincidência do mesmo com um agora dado no passado. Na recordação interativa o reproduzido é posto no agora atual. Na recordação interativa pensa-se nas protensões. Cada recordação contém intenções de expectativa cujo preenchimento conduz ao presente. O processo constituinte está animado por protensões. Na recordação interativa há uma expectativa pré-dirigida, mas ela em si mesma não é expectativa, embora ela tenha um horizonte dirigido ao futuro. É preciso diferenciar recordar da expectativa (apreensão do futuro). Na apreensão de um acontecimento futuro tem-se a imagem reprodutiva de um processo reprodutivo. A expectativa caracteriza-se por “deixar muitas coisas em aberto...”<sup>284</sup>. Quando o expectado torna-se algo presente, então o futuro se tornou presente, e o presente se tornou passado.

As reproduções são as recordações e as expectativas, estas são definidas como reproduções téticas. Se comparadas à consciência de imagem, esta última é definida como não-tética. Diz Husserl: “Face a esta consciência figurativa, as reproduções tem o caráter da autopresentificação (*Selbstvergegenwärtigung*)”<sup>285</sup>. A recordação é autopresentificação no sentido do passado. O objeto recordado aparece como tendo sido presente, ou seja, num sentido modificado, mas não aos moldes da fantasia. Esta vivência tem o seu correlato, o fantasmado como um não presente, isto significa não ter nenhuma posição temporal definida, de fato o fantasmado é um nada, um objeto inexistente espacialmente e temporalmente

---

<sup>283</sup> HUSSERL. § 22. P, 79.

<sup>284</sup> HUSSERL. § 26. P, 84.

<sup>285</sup> HUSSERL. § 28. P, 87.

falando. Nas análises das presentificações surge um modo de consciência recordativa do presente passível de colocar seu objeto como presente ausente<sup>286</sup>. Esta presentificação é reprodutiva e mostra uma faceta da consciência imaginativa empregada ao passado, mas que não confere ao seu correlato total liberdade como a fantasia mesma.

Na corrente da consciência do tempo: "...o agora atual vale como um ponto temporal objetivo sempre novo, enquanto que o temporal passado permanece o que é"<sup>287</sup>. "O tempo é rígido e, no entanto o tempo flui"<sup>288</sup>. No caso da fantasia não há extensão do tempo, como diz Husserl: "Certamente que a fantasia e a reprodução não tornam possível nenhuma extensão dos matizes temporais realmente dados na consciência de simultaneidade"<sup>289</sup>. "Toda vivência constituída é impressão ou reprodução"<sup>290</sup>. Toda consciência presente corresponde a possibilidade ideal da presentificação desta consciência. A impressão é um apresentar, assim como o perceber. As unidades imanentes estão no fluxo da multiplicidade de adumbramentos temporais. Tem-se no fluxo longitudinal da consciência as modificações retencionais do agora. No exemplo sobre a fantasia fala-se de um perceber da fantasia, que é a fantasia do objeto percebido. Na constituição dos objetos não temporais, tem-se a certeza da sua mescla com a consciência temporal, mas a modalidade de crença, por exemplo, não é temporal, mas cruzam-se com ela. "Adentrar pela fantasia num juízo matemático não quer dizer: trazer um estado de coisas matemático à representação da fantasia, como se fosse uma coisa que pudesse ser apresentada segundo o modo da apresentação ou da presentificação"<sup>291</sup>. A consciência do tempo

---

<sup>286</sup> A imagem ausente ou imagem recordação do presente é um correlato da presentificação reprodutiva voltada ao passado. Como enfatiza bem Sarte na sua obra "L'imaginaire" descreve 4 tipos de imagens: entre elas a imagem ausente, que é a imagem de algo ou alguém já visto antes mas ausente no momento. Ele dá o exemplo de uma fotografia de um amigo. O amigo está ausente, mas imaginado através da imagem fotográfica.

<sup>287</sup> Husserl. *Zeitbewusstsein*. § 31. P, 91.

<sup>288</sup> Husserl. *Zeitbewusstsein*. § 31. P, 92.

<sup>289</sup> HUSSERL. *Zeitbewusstsein*. § 32. P, 96-97.

<sup>290</sup> HUSSERL. *Zeitbewusstsein*. § 42. P, 112.

<sup>291</sup> HUSSERL. *Zeitbewusstsein*. §45. P, 119.

e o apresentar não pertencem ao estado de coisas como tal, mas sim, a uma coisa.

O sentido do conceito de modificação na corrente temporal vai além da ideia de uma alteração na base impressional, a modificação de fantasia e a modificação figurativa são o primeiro nível da modificação. A modificação permite um contínuo de modificações. “O contínuo constitutivo do tempo é um fluxo de produção constante de modificações de modificações”<sup>292</sup>. O agora ou a proto impressão é o começo da produção de uma corrente de modificações. Ela se dá por Genesis espontânea, ela é protocriação. O protoproduzido, o novo é dado pela espontaneidade da consciência que leva esta impressão a crescer, ou seja, desenvolver.

A modificação da consciência impressional, ou, do agora é determinada como presentificação. Dentre as presentificações existem as fantasias, mas não apenas elas existem também as memórias, as expectativas, e as retenções. A presentificação pode ser autopresentificação, ou seja, a reflexão da fantasia, ou pode ser apenas figuração. A fantasia é presentificada como figuração. A figuração é uma aparição presentificante no caso da fantasia. A figuração mostra um objeto que pode ser intuído e presentificado como representação simples, divididas em representação simbólica e representação vazia. Nos modos de consciência do tempo deve-se distinguir a diferença entre a percepção, recordação e fantasia. A recordação está mais próxima da percepção, pois trata-se de uma consciência imodificada. Diz Husserl: “...ela pode conter fantasmas, mas ela própria não é uma modificação fantástica...”<sup>293</sup>. A recordação tem uma via imaginativa na aparência do objeto recordado, mas essa aparência imaginária tem o modo de crença da recordação.

Na recordação de recordação tem-se um fantasma recordativo no modo qualitativo da recordação. Contudo, o fantasma recordativo é caráter recordativo de, isto significa que esta recordação é fundada numa aparência imaginária. A imagem é a mesma na recordação simples e na recordação de recordação, ou seja, na recordação reflexiva. As aparências de recordação não sofrem modificação da fantasia, pois tem sua dependência do agora atual como fonte de referência. A diferença da recordação

---

<sup>292</sup> HUSSERL. *Zeitbewusstsein*. Apêndice I, p, 124.

<sup>293</sup> HUSSERL. *Zeitbewusstsein*. Apêndice III, p, 128.

para a fantasia é explicitada: “A recordação tem já ‘para si’ estas intenções, não se pode extrair dela nenhuma simples fantasia”<sup>294</sup>. As intenções da recordação são voltadas para um halo infinito de intenções recordativas. Estas intenções recordativas no horizonte da corrente da temporalidade estão concatenadas numa ligação com o agora. Diz Husserl para completar a diferenciação: “...o que distingue a simples fantasia da recordação é que todo este complexo intencional tem, num caso, o caráter da atualidade e, noutro, o da inatualidade”<sup>295</sup>. Na consciência de fantasia o modo de crença é a inatualidade, isto implica a sua não-presença atual à consciência. A recordação orienta-se no modo de crença da percepção, como atualidade, pois seu modo de doação está mais próximo ao agora.

A fantasia é presentificação, isto quer dizer a fantasia é a consciência original modificada. O conceito de “presentificação” é o mais importante para pensar a fantasia como consciência historicamente livre da tradição do simulacro da imagem, e, portanto, uma consciência singular na tradição filosófica. Além da importante colaboração da fantasia à compreensão da corrente temporal da consciência pura. Diz Husserl: “O fantasiar é a modificação desta consciência, ele é presentificação, nela se constitui a cor presentificada, o desejo presentificado, etc.”<sup>296</sup>. Os modos de consciência presentificante são a recordação, expectativa ou consciência do futuro e a simples fantasia. Os modos essenciais da consciência do tempo são a apresentação de um lado e a presentificação de outro. A apresentação é o modo do presente dado na percepção através da sensação como conteúdo hilético de base. Interessante ressaltar a similaridade entre apresentação e sensação, pois a sensação é o conteúdo impressional considerado como sensação. Esta sensação que compõe a consciência perceptiva é apenas parte do ato, pois a sensação é a base impressional do tempo, mas não a consciência do tempo. A retenção e a protensão também estão entrelaçadas à consciência originária da percepção. A presentificação pode ser tética (recordação) ou iterativa (expectativa) e um terceiro ato é a presentificação de fantasia como pura fantasia.

---

<sup>294</sup> HUSSERL Zeitbewusstsein. Apêndice III, p, 129.

<sup>295</sup> HUSSERL. Zeitbewusstsein. Apêndice III. P, 129.

<sup>296</sup> HUSSERL. Zeitbewusstsein. P, 132.

No modo fenomenológico de consideração o tempo, aparece como constituição dos fenômenos na corrente do tempo da consciência pura, mas este tempo tem como base o tempo subjetivo, ou seja, o tempo da experiência natural. Cada fenômeno dado em seu modo de consciência aparece em seu respectivo tempo de consciência, isto é, o objeto fantasiado aparece na temporalidade da fantasia, pois a fantasia é um ato intencionado de modo irrealizante. A temporalidade da fantasia está pautada no não-presente e depende de seu caráter irreal para se pôr como fantasia. A fantasia expressa nas *Lições do tempo* nos faz pensar acerca do conceito chave de presentificação como ato modificado da consciência do presente ou perceptiva. A reprodução é um aspecto importante de ligação dos atos na corrente da consciência. A reprodução também se fundamenta numa imagem fantástica, o que justifica a ideia da reprodução estar mais ligada a fantasia. Na verdade de um lado a reprodução se identifica como ato recordativo, mas de outro lado a reprodução trata de um objeto imagético. A novidade da fantasia quanto ao tempo está na abertura do horizonte temporal da consciência à todos os modos de vivências. A vivência fantástica abre um horizonte temporal ao passado e ao futuro através das retenções e protensões. Cada fantasiado tem seu ponto no passado e no futuro da corrente da consciência temporal.

### 3.2 PRESENTIFICAÇÃO E FANTASIA

A questão da temporalidade permeia e fundamenta a definição de fantasia na fenomenologia de Husserl. A primeira definição da fantasia é sua característica de modificação se comparada com a consciência originária da percepção. A presentificação é um ato de modificar o modo de apreensão do mundo. As definições básicas da fantasia como intencionalidade e intuição tem na presentificação sua base sólida de consideração. A explicação mais detalhada e aprofundada para a fantasia está no conceito de presentificação, pois este insere o tema das vivências na temporalidade, núcleo da consciência pura e dos problemas fenomenológicos genéticos. A presentificação de fantasia indica duas características da consciência, primeiro que ela tem como ponto originário o presente, ou seja, presentificar é colocar algo ausente ou inexistente na corrente da consciência.

Este ato de tornar presente um correlato irreal significa: todo ato tem sua posição temporal na consciência, mesmo o fantasiado sem posição temporal. O presentificar da fantasia é especial por ter a irrealdade como especificidade do ato.

A tese da temporalidade se pauta na consciência do presente ou na consciência originária da percepção. Como explica Maria Manuela Saraiva, o primado da percepção é “a principal tese da fenomenologia que está subjacente à noção de presentificação”<sup>297</sup>. A tese do primado da percepção já foi bastante defendida e já foi recentemente refutada por vários comentadores como Pedro Alves, por exemplo, mas cabe aqui ressaltar a posição da novidade da fantasia como vivência importante na construção da ciência fenomenológica, por seu valor metodológico e constitucional. Cabe ainda debater a tese de Saraiva para mostrar a argumentação válida da tese da fantasia como consciência privilegiada na construção da fenomenologia. Para mostrar como a presentificação é importante ao tema da fantasia analisar-se-á os manuscritos as do volume XXII como forma de apresentação e crítica da temática.

Saraiva afirma, a percepção como vivência privilegiada no processo da corrente temporal da consciência. A percepção é a intuição originária e a expressão ‘apresentação’ (*Präsentation, Gegenwärtigung*) é a linguagem temporal representativa da percepção como intuição originária. Diz Saraiva: “os atos de presentificação distingue-se do ato de percepção – e podemos até dizer que se lhe opõem no sentido de que nunca são doação do originário. Mas a ideia de oposição encontra-se longe de esgotar ou traduzir todos os aspectos da relação complexa que liga o ato originário aos atos presentificantes”<sup>298</sup>. A tese de defendida por Saraiva evidencia o privilegio ontológico da percepção diante da apresentação do fenômeno à consciência, pois o aparecimento original é o aparecimento no presente dado na experiência perceptiva. Todos os outros modos de vivências são modificações do ato de perceber. A característica do ato modificado é remeter em si mesma ao não modificado.

Segundo Saraiva, a imaginação livre aparece indissociada da recordação. Esta ligação foi marcada na análise das *Lições do tempo*. Diz Saraiva: “Para compreender sob o ângulo da

---

<sup>297</sup> SARAIVA. M.M. A imaginação segundo Husserl. P, 160.

<sup>298</sup> SARAIVA. M.M. A imaginação segundo Husserl. P, 161.



recordação e da imaginação livre enquanto presentificações, são modificações da percepção, temos de apelar para *Zeitbewusstsein*, que considera esses três atos como atos essenciais da consciência do tempo<sup>299</sup>. As presentificações são extensões da percepção como consciência originária na corrente temporal. Esta ligação da percepção como base de toda vivência não significa dependência da fantasia no desenvolvimento da intencionalidade fantástica. Em resumo diz Saraiva: “Percepção é aqui o ato que coloca qualquer coisa debaixo dos olhos como ele própria em pessoa, o ato constitui originariamente o objeto. O contrário é presentificação, re-presentação: é o ato que não coloca um objeto em pessoa perante os olhos, mas que precisamente o presentifica, o coloca por assim dizer em imagem diante dos olhos...”<sup>300</sup>.

A fantasia, ao contrário da percepção, não é uma consciência que efetua a doação em pessoa. Não dar em pessoa é a característica essencial da fantasia, isto vale também para a recordação secundária, aquela designada como reprodução nas *Lições do tempo*. Saraiva não teve a leitura dos manuscritos do volume XXIII, mas mesmo com as obras publicadas, como as *Lições do tempo* e as *Ideias I*, fica clara a diferença dada por Husserl entre o modo de atuação da percepção e da fantasia. Ele diz nas *Lições*: “A aparência, por conseguinte, como núcleo idêntico de todos os atos intuitivos, tem a ver com a diferença entre impressão e imaginação e esta diferença condiciona, para o fenômeno total, a diferença entre apresentação e presentificação”<sup>301</sup>. Esta citação deixa clara a preocupação de Husserl em diferenciar um ato de percepção de um ato de fantasia, pois não se trata apenas de uma diferença essencial entre atos, mas de uma diferença ontológica e metodológica. A diferença ontológica esta pautada na diferença entre um ato como doação originária como é o caso da percepção e a presentificação de fantasia como modificação do presente. O tornar presente efetuada pela fantasia não significa um re-presentar um ato percebido, mas tornar presente um aparecimento num modo irreal, tornar presente um não-presente.

---

<sup>299</sup> SARAIVA.M.M. A imaginação segundo Husserl. P, 163.

<sup>300</sup> SARAIVA. M.M. A imaginação segundo Husserl. P, 167.

<sup>301</sup> HUSSERL. *Zeitbewusstsein*. P, 127.

Os manuscritos do volume XXIII já trazem a relação entre fantasia e presentificação, mesmo nos textos escritos em 1898 as considerações expressas sobre a fantasia são motivadas pela diferença temporal entre uma intencionalidade perceptiva e presente e as outras intencionalidades como modificações da temporalidade presente. Nestas modificações intencionais se inclui a fantasia como modificação quase presentificante do correlato. Nos textos de 1898 o termo presentificação não aparece, mas aparece o presentificar como representação da fantasia. Este termo representação de fantasia permeia os primeiros escritos para se opor ao apresentar da percepção. Como nos parágrafos 1 e 2 nos quais encontram-se os conceitos de presentificar (fantasia) e apresentar (percepção) em imagem. Cita-se: “A representação de fantasia se presentifica em imagem de fantasia (*Phantasiebilde*) como imagem física. O representar (presentificar) em imagem se distingue em imagem e coisa”<sup>302</sup>. Aqui a palavra representar é sinônimo de presentificar.

Maria Manuela Saraiva introduz uma questão interessante sobre a diferença entre percepção e fantasia estar pautada na diferença do intuir de cada uma. Ela diz: “Husserl julga que a modificação do modo de apreensão é suficiente para cavar entre a percepção e a imaginação uma distinção de natureza”<sup>303</sup>. Na temporalidade, a distinção do modo de apreender é apenas uma explicação dessas duas vivências, uma explicação estrutural da essência de cada ato da consciência, mas modificar não se resume a mudança de modo de apreender, modificar significa uma transição de um estado temporal para uma vivência não-presente, fora do tempo originário da percepção, mas que tem sua temporalidade na possibilidade.

O volume XXIII aparece o conceito de ato objetivante e objetivação (*Vergegenstandlichung*) com a mesma raiz do conceito de presentificação (*Vergegenwartigung*). O termo ato objetivante é também usado nas LU como explica Saraiva<sup>304</sup>. Com diz Husserl nas LU: “Todo o ato objetivante contém uma *Repräsentation* como seu fundamento”<sup>305</sup>. Ela enfatiza o uso de representação nas LU para falar de fantasia, mas ela pretende

---

<sup>302</sup> HUSSERL. *Phantasie*. P, 111.

<sup>303</sup> SARAIVA. A imaginação segundo Husserl. P, 156.

<sup>304</sup> SARAIVA. A imaginação segundo Husserl. P, 150.

<sup>305</sup> SARAIVA. A imaginação segundo Husserl. P, 150.

mostrar que a *Vergegenwärtigung* tem o mesmo uso de *Vorstellung* (representação). Ela diz: “Husserl escreve *Re-präsentation* para vincar bem que na imaginação há uma repetição de uma *Präsentation* anterior”<sup>306</sup>. Considera-se correto aproxima o sentido de representação e presentificação, mas este repetir não deve evocar uma concepção de imaginação cópia da percepção ou mais precisamente como cópia do real. A tese de fundo do texto de Saraiva é afirmar que a imaginação, mesmo a fantasia livre é dependente da percepção como modo originário, e neste caminho não haveria espaço para pensar uma novidade do conceito de fantasia na história da filosofia, nem mesmo de pensar um estatuto elevado nas questões temporais e metodológicas.

A comentadora Dufourcq também explica sobre a presentificação com cuidado de não a direcionar ao problema da duplicidade da apresentação através da cópia da percepção. Diz: “Aliás, a *Vergegenwärtigung* não pode ser pensada como simples reprodução desde que se trata destas presentificações especiais que são as representações de fantasia e as imagens de objetos ficcionais”<sup>307</sup>. A reprodução salientada indica o duplicar da vivência perceptiva ou presente. O presente não volta mais, a recordação traz de volta aquela vivência do passado, esta é a tarefa da intencionalidade retencional. Esta correlato mnemônico é real, diferentemente do ficcionado que é quase-real.

A fantasia nominada de presentificação de fantasia introduz o conceito clássico ao tema da temporalidade. É impossível pensar a fantasia sem descrevê-la como ato modificado de quase presença. A diferenciação do apresentar e do presentificar na temporalidade fenomenológica indica também a diferença entre a temporalidade do presente como ponto do agora e a temporalidade do não-presente. Cabe determinar o como a fantasia se situa temporalmente, se opor ao presente significa estar fora da corrente temporal? Não, mas se trata de uma temporalidade modificada ao modo do quase, o ato está na corrente temporal e o correlato é um não-existente. No § 42 dos manuscritos datados do ano de 1905, Husserl reafirma a diferença entre apresentação e presentificação. Chega a dar por idêntica a presentificação e o conceito de fantasia. Sobre tal ponto diz: “ou bem nos utilizamos a palavra fantasia ela mesma, ou utilizamos a

<sup>306</sup> SARAIVA. A imaginação segundo Husserl. P, 150.

<sup>307</sup> DUFOURCQ. *La dimension imaginaire*. P, 32.

palavra presentificação.”<sup>308</sup> E também: “A fantasia se opõe a percepção, a presentificação se opõe a apresentação (Gegenwartigung).”<sup>309</sup> Cabe reforçar o lembrete de Husserl de que nem toda presentificação é fantasia, pois existe a expectativa, a memória e o sonho, etc.

A fantasia descrita como: “*uma fantasia plenamente viva*” (*lebendige Phantasie*)<sup>310</sup>. A temporalidade da fantasia aparece como viva, isto é, diferente da concepção da intensidade fraca da modernidade, a qual fundou sua teoria da imaginação na ideia clássica de uma falsidade da imagem ou de uma cópia fraca da realidade na consciência. A fantasia é emergência de um recordar dado em seu *sentido fresco* (*frischen Sinnen*), ou seja, é uma vivência viva diante da consciência, fresca remetendo ao caráter imediato dessa aparição. “Trata-se somente de presentificação e nulamente de “ser presente” (*Gegenwärtigsein*)”<sup>311</sup>. O ato de fantasia aparece como vivo à consciência, mas sua especificidade eidética no tempo é modificada como não-presente. O correlato é sempre algo não-presente, porque a natureza da vivência fantástica de base tem por princípio um olhar de neutralidade da presença. No início das investigações até meados de 1905, a imagem é descrita como negação<sup>312</sup> do perceber ou do real, motivada pela teoria da consciência de imagem, mas essa ideia da fantasia nega a percepção é excluída após a entrada da concepção de neutralidade.

O texto clássico de Eugen Fink intitulado “Presentificação e imagem. Contribuições à doutrina da inefetividade”<sup>313</sup> também mostra a importância da recordação na fantasia. Principalmente, porque para Fink por mais irreal que seja a imagem da fantasia,

<sup>308</sup> HUSSERL. *Phantasie*. Nº 1, § 42, P, 85.

<sup>309</sup> HUSSERL. *Phantasie*. Nº 1, § 42, P, 85.

<sup>310</sup> HUSSERL. *Phantasie*. Nº 1, § 14. P, 32.

<sup>311</sup> HUSSERL. *Phantasie*. Nº 1, § 14. P, 32.

<sup>312</sup> “O *fictum* é caracterizado como uma aparição diferente da percepção. Ela carrega a assinatura da negatividade, é não-presente.”. HUSSERL. *Phantasie*. § 26.

<sup>313</sup> Publicado em *Jahrbuch für Philosophie und phänomenologische Forschung* (1930, p. 239-

309, v. 10). Tradução francesa intitulada: “*Re-presentation et image*.”

*Contributions à La phénoménologie de l’irréalité.*”. Traduzido por Didier Franck.

ela está fundada na realidade. Ele enfatiza outro conceito no horizonte temporal como fundamento das presentificações. Trata-se do conceito de *depresentação* (*Entgegenwärtigungen*). As análises dos horizontes temporais, a retenção, protensão, a memória, recordação e fantasia são todas dependentes desse horizonte de depresentação. Estas depresentações formam o horizonte de toda objetividade constituindo um mundo de temporalização da temporalidade originária mesma.

Fink trata, nesse artigo, de questões de fundamentação da temporalidade e dos atos de apresentação e presentificação fundados na depresentação como horizonte da temporalidade do presente vivo. Como diz Franck no comentário à tradução francesa: “A presença do presente vivo tira suas fontes da depresentação”<sup>314</sup>. A depresentação é o âmbito originário anterior a relação de apresentação e presentificação. Esta seria a verdadeira originalidade da consciência temporal. Diz Fink: “Consciência originária, no sentido mais originário, não significa jamais consciência presentante...”<sup>315</sup>. Este artigo de Fink coloca os problemas mais profundos da auto presentificação da consciência temporal, ou seja, do âmbito do presente vivo, que forma o nível de problemas da filosofia genética. Toda discussão acerca da percepção originária só faz sentido no âmbito da filosofia estática, ou seja, no plano das conexões noético-noemáticas. O presente como primado da temporalidade não pode ser entendido como presente no sentido das *Lições do tempo*, não se trata do presente da consciência pura constituinte, mas da consciência num nível pré-temporal. A percepção da consciência em relação às suas vivências não constitui o acesso ao fundamento da vida consciente. No limite, o âmbito transcendental pré-constituição-constituinte independe de qualquer regressão ao plano ôntico. O primado da percepção só é válido no campo eidético da consciência, bem como o primado da fantasia como liberdade conectiva e metodológica da constituição dos eidos, ou do sentido do mundo. O presente do presente vivo não é presente ôntico, nem presente constituinte fenomenológico, mas antes um impulso atemporal originário.

Como definir a fantasia para Fink? A fantasia, juntamente com a memória, o sonho, são presentificações, ou seja,

<sup>314</sup> FRANCK, D. introdução tradução francesa ‘*De la phénoménologie*’, p, 8.

<sup>315</sup> FINK, Re-presentation et. image. P, 72-73.

modificações da apresentação. A fantasia tem seu mundo específico de presentificação, o tempo da fantasia é um tempo modificado ao modo da presentificação própria. A presentificação de fantasia exige como atitude um tempo não-presente. As imaginações podem ser localizadas ou puras. As fantasias localizadas são ficções do mundo real. Diz Fink: “A ficção (*Umfiktion*) é no fundo a ficção do ‘mesmo’ mundo até nestas determinações que a simulação substitui”<sup>316</sup>. Já as fantasias puras são constituídas no “jogo aberto das possibilidades”<sup>317</sup>. Estas duas citações fazem pensar na interpretação de Fink. No final, a leitura de Fink aponta à uma leitura determinada pela tradição filosófica da fantasia como cópia da realidade. As imagens são pensadas como *janela do real*. Diz Fink: “A ‘janela’ com suas fases reais e irrealis é o verdadeiro correlato noemático do ato medial ‘consciência de imagem’ ...”<sup>318</sup>. É evidente a na sua exposição sobre a ficção, pois como diz Dufourcq: “Quanto às imagens, Fink as rejeita fora do conjunto das presentificações: seu objeto é, afirma ele, percebido e não imaginado, como a paisagem através de uma janela”<sup>319</sup>. A citação de Husserl sobre a imagem como janela: “Ali está o quadro. Ele enquadra a paisagem, a cena mitológica, etc. Através do quadro quase como através de **uma janela**, nós lançamos o olhar no interior do espaço da imagem, na realidade da imagem”<sup>320</sup>.

Em resumo, todo tipo de imaginação, a localizada pensada como a consciência de imagem e a fantasia pura tem seu rompimento temporal com o presente da consciência pura, mas na explicação sobre as imagens como correlatos, ele acaba por definir a ficção como elemento do real baseado na consciência de imagem e não na fantasia livre, o que compromete toda explicação, mesmo afirmando a não-presença da fantasia. Fink o afirma ao dizer: “No mundo da imaginação também, e por princípio, há um fluxo de presentes que se escoam. Mas o tempo de um tal mundo não coincide com a temporalidade do ego atual, não há nenhuma relação de orientação à este presente no seio do

---

<sup>316</sup> FINK. Re-presentation et. image. P, 62

<sup>317</sup> FINK. Re-presentation et. image. P, 62.

<sup>318</sup> FINK. Re-presentation et. image. P, 93.

<sup>319</sup> Dufourcq. La dimension imaginaire...p, 42.

<sup>320</sup> HUSSERL. *Phantasie*. Nº 1, § 22.

qual se constitui essa vivência de imaginar<sup>321</sup>. O não coincidir com o ego atual é retratado pela modificação de neutralização que transforma o atual em potencial. Fantasias é uma vivência fora da temporalidade da consciência pura, isto indica uma ausência temporal na fantasia, a qual é apresentada no seu correlato, o ficcionado é um objeto temporal inexistente. A fantasia como presentificação se opõem à percepção da consciência originária, mas este opor enraíza uma dicotomia mais profunda na consciência pura, a separação entre presente e não-presente.

Fink remonta as discussões da fantasia e da consciência de imagem ao problema mais fundamental da auto-constituição do próprio tempo. O *presente vivo* (*lebendige Gegenwart*) é o âmbito pré-constituente, ou seja, anterior à relação das intencionalidades da consciência noético-noemática. A constituição da consciência temporal é a auto-constituição da consciência absoluta, âmbito prévio a toda relação intencional e descritiva da consciência. Husserl remarca este aspecto ontológico privilegiado nas *Lições do tempo* na passagem acerca do fluxo constitutivo do tempo como subjetividade absoluta, o famoso § 36 das *Lições do tempo*. Este trecho apresenta uma separação fundamental ao estudo da temporalidade, a saber, a distinção entre os fenômenos constitutivos *do tempo* e fenômenos constituídos *no tempo*<sup>322</sup>. Os fenômenos constituídos no tempo formam o tempo imanente com duração e alteração, neste âmbito atua a relação apresentação-presentificação, ou seja, a percepção e a fantasia. O âmbito dos fenômenos constituintes do tempo é o âmbito do pré-fenomenal chamado, nos textos do manuscrito de Bernau sobre o tempo, presente vivo. Husserl descreve esse âmbito nas *Lições* desta forma: “Esta temporalidade pré-fenomenal, pré-imanente, constitui-se intencionalmente como forma da consciência constituinte do tempo, e em si própria. O fluxo da consciência imanente constitutiva *do tempo* não é apenas, mas ele é de maneira tão notável, e no momento compreensível, que nele se dá necessariamente uma auto-aparição do fluxo, a partir da qual o próprio fluxo deve poder ser necessariamente captado no seu fluir. A auto-aparição do fluxo não exige um segundo fluxo, mas ele, como fenômeno, constitui-se antes a si e em si mesmo<sup>323</sup>. Neste

<sup>321</sup> FINK. Re-presentation et. image. P, 60-61.

<sup>322</sup> HUSSERL. ZEIT. § 36. P, 101.

<sup>323</sup> HUSSERL. ZEIT. § 39. P, 107-108.

âmbito temporal sem tempo, questiona-se acerca da atuação ou não da fantasia, tema a ser desenvolvido no próximo capítulo.

### 3.3 FANTASIA E REPRODUÇÃO

A presentificação não trata apenas do conceito de fantasia, embora todos os atos da consciência dependam da atuação da fantasia, mesmo dentro da corrente da consciência temporal. A presentificação é também associada ao recordar, a expectativa, ao sonho. A memória tem papel importante na compreensão das vivências imagéticas, pois é ela a responsável por explicar como são possíveis as imagens com apoio da percepção, as imagens da chamada “consciência de imagem” (*Blidbewusstsein*). Nas *Lições do tempo*, Husserl chega a assimilar a fantasia livre ao conceito de “reprodução”. A divisão feita por Husserl entre recordação primária (memória) e recordação secundária (reprodução de fantasia). Esta importância da memória na compreensão temporal da fantasia é apontada e analisada por pelo menos três comentadores.

A comentadora francesa Dufourcq explica a relação da memória com a presentificação: “*Vergegenwärtigen* significa correntemente ‘se rememorar’ ‘re-presentar’ a referência ao recordar é dominante e, com efeito, nas *Lições sobre o tempo*, o conceito *husserliano* de presentificação é fortemente marcado por este modelo do recordar. Assim, a presentificação é, então, antes de tudo, compreendida como uma re-produção, Husserl estende esta caracterização a todas as presentificações, representações de fantasia incluídas”<sup>324</sup>. Ao menos nas *Lições do tempo*, a influência da memória é muito significativa, pois Husserl chega a assimilar a fantasia livre como o conceito de reprodução (*Reproduktion*), que ele caracteriza como memória secundária. Esta influência não significa a dependência da percepção no ato de fantasia. O distanciamento entre percepção e fantasia é muito bem definido e reforçado. A reprodução de fantasia não significa cópia da vivência mnemônica, mas uma vivência de fantasia significa uma vivência livre da dependência da percepção. O termo reprodução para falar de fantasia pode induzir ao erro de interpretar a fantasia como cópia da percepção.

---

<sup>324</sup> Dufourcq. La dimension imaginaire. P, 25.



A perspectiva de Maria Manuela Saraiva é a mesma da comentadora Annabelle Dufourcq. Saraiva é insistente na interpretação da fantasia aproximada ao conceito de recordação, pois com tal leitura ela pretende afirmar a dependência da fantasia ao perceber. Saraiva afirma: “Mas, mais do que nunca nas considerações que se seguem, a imaginação livre vai surgir-nos indissolivelmente ligada à recordação”<sup>325</sup>. E na sequência do texto reafirma o primado da percepção: “Para compreender sob o ângulo a recordação e a imaginação livre, enquanto presentificações, são modificações da percepção, temos de apelar para Zeitbew, que considera esses três atos como modos essências da consciência do tempo”<sup>326</sup>. O fato de Husserl fundar a temporalidade na consciência perceptiva estabelecendo com as outras vivências uma relação de modificação da presença originária não incorre na dependência da fantasia em relação ao ato perceptivo.

O papel da memória na corrente da consciência temporal é fundamental, mas a relevância da reprodução como conceito de fantasia precisa ser investigada. O texto das *Lições do tempo* empregam duas fases da memória no contínuo do tempo, a recordação primária denominada de retenção é a consciência do passado. A outra fase é a reprodução ou fantasia, definida como recordação secundária. A linha do diagrama temporal é composta de passado, presente e futuro. O modo de apreensão das vivências da consciência imanente ou transcendental nesta corrente são a intencionalidade perceptiva, recordativa e fantástica. Nesta esfera do tempo, surgem dois termos para designar as intencionalidades captadoras do escoamento temporal das vivências: a retenção e protensão. E ainda como o conjunto das retenções surge a intencionalidade longitudinal (*Längsintentionalität*) e a intencionalidade transversal (*Querintentionalität*). A intencionalidade transversal garante a unidade duradoura do objeto temporal na corrente das vivências. A intencionalidade longitudinal é responsável por atentar reflexivo da unidade do fluxo consigo mesmo.

No encadeamento destas definições da consciência interna do tempo, a recordação está no meio de dois pontos temporais. Ela assume um papel de intermediária na apreensão e descrição

---

<sup>325</sup> SARAIVA. A imaginação segundo Husserl. P, 163.

<sup>326</sup> IDEM.

da consciência do passado e também na consciência do futuro como consciência do possível. A captação de uma vivência temporal começa com o ponto-fonte como proto-impressão, depois a consciência impressional como percepção de um objeto temporal. A percepção é a “constituição originária dos objetos temporais”<sup>327</sup>. Esta consciência perceptiva do objeto temporal é vivenciada no agora. “Mas cada agora atual da consciência está sujeito a lei da modificação”<sup>328</sup>. A consciência temporal do agora muda em retenção. O agora escoo no tempo e torna-se passado, este passado é presentificado através da intencionalidade retencional, ou recordação primária. Husserl define o escoamento de um agora em retenção e este em retenção como uma “cauda de cometa”<sup>329</sup> agregada à percepção. A retenção apenas retém na consciência o produzido e tem o caráter do “mesmo agora passado”.

A recordação secundária ou reprodução é mesmo a fantasia atuante como presentificação. A fantasia como reprodução não depende da percepção como fonte originária. Diz Husserl: “Ora, do mesmo modo que as presentificações se agregam imediatamente às percepções, podem também ocorrer presentificações de um modo auto-suficiente, sem agregação às percepções, e isto será a recordação secundária”<sup>330</sup>. A reprodução constrói uma objetividade duradoura imanente. A fantasia como reprodução apresenta uma diferença com o ato perceptivo. A doação do fenômeno perceptivo e a não doação do fantasiado conduzem a diferença crucial entre o domínio da apresentação de um lado, e o domínio da presentificação de fantasia de outro lado. Nem todos os modos de presentificações mostram seu objeto como não sendo ali presente, a recordação primária, a retenção, tem seu objeto temporal no agora mesmo passado. Ali o passado e o presente se fundem.

Husserl separa a fantasia com vivência não doadora da presença de seu próprio objeto intencionado como ficção. Diz: “Na recordação interativa ‘aparece-nos’ um agora, mas ele aparece num sentido totalmente diferente daquele em que, na percepção,

---

<sup>327</sup> HUSSERL. Zeit. P, 62.

<sup>328</sup> HUSSERL. Zeit. P, 62.

<sup>329</sup> HUSSERL. Zeit. P, 63 e 67.

<sup>330</sup> HUSSERL. Zeit. P, 67.

o agora aparece”<sup>331</sup>. O sentido modificado de aparecimento da vivência fantástica na temporalidade da doação é a não doação como presente. Diz: “Na simples fantasia, cada indivíduo é também [algo] temporalmente estendido, tem o seu agora, o seu antes e depois, mas agora, o antes e o depois são algo simplesmente imaginado, tal como todo objeto”<sup>332</sup>. No tempo da fantasia, o modo de apreensão dos objetos temporais está pautado na sua característica essencial de consciência não-presente, de consciência irreal ou no modo do quase-presente.

É preciso avaliar a influência da reprodução no conceito de fantasia. Nas *Lições do tempo* elas são assimiladas, contudo, Husserl as distancia no quesito não-presenciedade, ou melhor, não-temporalidade. A reprodução enquanto recordação secundária é uma consciência que põe uma objetividade, já a fantasia não põe um objeto como presente. A diferença está em qual intencionalidade está voltada à recordação secundária ou interativa. Ela pode ser uma percepção da recordação ou uma fantasia da recordação. No olhar da percepção, a recordação presentifica um passado, e, pois, algo se põe como agora passado. Quanto à fantasia diz: “Na simples fantasia, não há nenhuma posição do agora reproduzido e nenhuma coincidência do mesmo com um [agora] dado no passado. Ao contrário, a recordação interativa põe o reproduzido e dá-lhe, nessa posição, uma situação relativamente ao agora atual e à esfera do campo temporal original, a que a própria recordação interativa pertence”<sup>333</sup>. A reprodução está em oposição à impressão. Como diz Husserl nos manuscritos do volume XXIII: “...nos nomeamos reprodução a consciência oposta à impressão”. A reprodução é a modificação da impressão, ou seja uma modificação no modo de crença está atuando. Husserl nomeia a reprodução da fantasia como uma *dupla presentificação* (*Doppelte Vergegenwärtigung*)<sup>334</sup>.

Isto significa ser a reprodução de fantasia uma modificação de uma segunda percepção, que possibilita uma *reflexão na fantasia*. “...pois a reflexão que eu reúno não é uma reflexão

---

<sup>331</sup> HUSSERL. Zeit. P, 72.

<sup>332</sup> HUSSERL. ZEIT. P, 72.

<sup>333</sup> HUSSERL. ZEIT. § 23. [51]. P, 80.

<sup>334</sup> HUSSERL. *Phantasie*. Nº 2, e. p, 189.

efetiva mas a reprodução da percepção da percepção (reprodução de uma reflexão), e é refletir na fantasia”<sup>335</sup>. A reflexão é uma intencionalidade duplicada trata-se de não apenas descrever a vivência intencional, mas de refletir sobre a formação dessa vivência. Um voltar-se para a relação fantasia-fantasiado partindo de uma vivência dada como originária, no caso da reprodução.

A reprodução como consciência orientada pela fantasia não tem mais o modelo da *Bildbewusstsein*, da consciência de imagem. A recordação substitui a ideia de uma consciência figurativa de imagem estendida a todos os atos da consciência. Mostra-se imprescindível o papel da memória na atuação e construção da corrente temporal, seja como ligação ao passado, seja como desligamento do presente e abertura ao possível.

Pedro Alves em seu livro *Subjetividade e tempo na fenomenologia de Husserl* explica como se dá essa substituição contando como historicamente se dá a evolução e substituição do conceito de consciência de imagem e como está atinge o conceito de fantasia. Diz: “O modelo do *Bildbewusstsein* para a determinação da essência da presentificação significava, assim, a presença recalcitrante de um suposto naturalista no interior da fenomenologia incipiente. A progressão de Husserl entre 1898 e os anos de 1907-1911, a propósito dos actos intuitivos de ‘grau mais baixo’, é precisamente o lugar onde se produz a libertação da fenomenologia relativamente à sua primeira apercepção naturalística da consciência. Essa libertação exprime-se, tecnicamente, no afastamento do tema da *Bildbewusstsein* e na sua substituição pelo da *Reproduktion*”<sup>336</sup>. A justificativa expositiva da reprodução e suas interfases com a fantasia encontra-se nesta mudança conceitual que permite pensar a fantasia e as imagens por um prisma temporal, muito mais fecundo e coerente com as questões elencadas pela análise da fantasia como consciência intencional e presentificante. Esta justificativa também pensa a fantasia muito mais como presentificação e neutralização, como ver-se-á no próximo capítulo, do que enfatizar qualquer dependência do fantasiar à percepção. A memória ajuda a pensar a fantasia como consciência independente da percepção e da presença originária do correlato intencional.

---

<sup>335</sup> HUSSERL. *Phantasie*. Nº 2, e. p, 190.

<sup>336</sup> ALVES. P. *Subjetividade e tempo na fenomenologia de Husserl*. P, 101.

### 3.4 INEXISTÊNCIA TEMPORAL DO FICCIONADO

A fantasia é descrita como intencionalidade noética da consciência. É preciso definir o correlato noemático da presentificação de fantasia, a imagem ou ficcionado. O fantasiado ou ficcionado é definido com um *nada*. Para citar um único exemplo da colocação da imagem como nada: “Na verdade, as imagens (compreendidas como objetos aparentes, representantes por analogia) são nos dois casos um nada (*Nichts*) e o discurso sobre elas como objetos tem evidentemente um sentido modificado. A imagem da fantasia não existe absolutamente, ela não é uma existência psicológica”<sup>337</sup>. A ideia do correlato da fantasia e da consciência de imagem como um nada, um nada de ser, um nada de existência, faz abrir a discussão acerca da ruptura temporal.

A filosofia de Sartre e muitos comentadores influenciados por ele, tratam essa questão do nada como ausência temporal. Sartre ao falar da imagem nadificada usa a expressão *presença mágica*<sup>338</sup>. Como salienta Saraiva: “Husserl não fala de relação mágica, este termo é característico de Sartre”<sup>339</sup>. Nesta mesma linha de pensamento, Dufourcq diz: “A imaginação é mais espetacular: ela é uma verdadeira travessia entre presença e ausência”<sup>340</sup>. Nas análises de Husserl não é explorada profundamente esse problema como uma ruptura temporal ou como uma ausência temporal, tão pouco ele se ocupa em desvendar uma tendência poética ou estética dessa característica da intencionalidade noemática fantástica.

Cabe antes apontar tal problema como uma passagem às investigações da neutralização<sup>341</sup>, ou seja, a inexistência temporal do ficcional é definida aqui pela temporalidade não-presente, mas também se liga à modificação neutralizante no modo *como se* da fantasia, entendido como modo neutralizado da crença na existência. As análises da imagem pictórica (*consciência de imagem*) e da imagem ficcional de fantasia passam por uma

---

<sup>337</sup> HUSSERL. *Phantasie*. Nº 1, § 10.

<sup>338</sup> SARTRE. *L’imaginaire*.

<sup>339</sup> SARAIVA. *A imaginação segundo Husserl*. P, 266.

<sup>340</sup> Dufourcq. *La dimension imaginaire*. P, 42.

<sup>341</sup> O próximo capítulo trata da neutralização e contém um subcapítulo sobre a questão do *quase e como se*.

discussão acerca da matéria de apreensão sensível ou hilética. As imagens são pensadas por meio da concepção de *fantasma*. O termo aparece pelo menos até os anos de 1910, aparece principalmente nos manuscritos do volume XXIII. Seria ilegítimo não falar da teoria do fantasma mesmo que ela tenha sido abandonada por ser considerada um equívoco. Diz Pedro Alves: “Há, no entanto, um pesado preço a pagar por esta determinação da essência da fantasia a partir do fio condutor da consciência de imagem. Falamos particularmente da catastrófica teoria dos ‘fantasmas’, como conteúdos primários específicos de apreensão da fantasia”<sup>342</sup>.

Para não prolongar a explanação do tema do fantasma deve-se apenas fazer algumas citações de compreensão desse esquema e do motivo de sua falha. Definições de fantasma: “As sensações estão na base da percepção e os fantasmas sensíveis na base da fantasia”<sup>343</sup>. Husserl pretende estabelecer uma diferença da matéria sensível componente da intencionalidade da percepção e da fantasia através do modo de apreensão e não do conteúdo ali apreendido. Diz Dufourcq: “O proposta de Husserl sobre o *phantasmata* vai tomar a forma de um caminho tortuoso, hesitante, e este, muito em razão do paradoxo de toda imagem: há na representação de fantasia um preenchimento intuitivo, mas o objeto é somente quase presente, nos vemos alias que esse paradoxo reenvia mais geralmente aquele do conceito de hylé, e este paradoxo da hylé é igualmente e mais geralmente ainda, aquele da presença mesma”<sup>344</sup>. Tudo aponta ao problema no qual se instala o conceito de fantasma (*phantasmata*) na teoria da fantasia. Após os anos de 1910, Husserl abandona esse conceito, ao mesmo não há referência deste nos manuscritos do volume XXIII.

A crítica de Sartre ao problema do conteúdo hylético na fenomenologia de Husserl segue nesse mesmo tom, apesar de Sartre oscilar sobre a compreensão da temática. Ele pergunta como é possível o conteúdo sensível entrar na esfera da consciência pura após aplicada a redução fenomenológica. Nenhum conteúdo sensível poderia fazer parte da formação da consciência, mesmo não sendo considerada uma

---

<sup>342</sup> ALVES, P. Subjetividade e Tempo. P, 70.

<sup>343</sup> HUSSERL. *Phantasie*. Nº1, § 5.

<sup>344</sup> Dufourcq. La dimension imaginaire. P, 48.

intencionalidade, mas apenas a matéria de base das intencionalidades. Como explica Saraiva: “A atitude de Sartre em relação aos dados hyléticos é bastante ambígua. Em *L’être et Le néant* (PP 26 e 378) recusa radicalmente a hylé. Neste ponto, é muito mais coerente consigo próprio e retoma uma de suas primeiras intuições...que a consciência é absolutamente vazia. Em *L’imagination*, faz uma certa concessão a Husserl aceitando os dados sensoriais da percepção e admitindo que a fantasia possa ter uma hylé”<sup>345</sup>. É certa a preocupação com o fantasma como conteúdo idêntico ao da sensação, mas no caso de Husserl, ele alegaria que mesmo esse conteúdo de sensação seria apenas um material sensível reduzido, e não haveria problema em estar conectado ao âmbito da consciência pura como conteúdo real. Principalmente porque o real da consciência absoluta não é o mesmo da realidade dos fatos.

Esclarecido o ponto do fantasma e suas refutações, pode-se pensar sobre o significado da imagem enquanto objeto nadificado. O aspecto interessante do conceito de nada relativo à imagem é seu aparecimento mesmo nos textos influenciados pela teoria da *Bildbewusstsein* antes da virada da constituição temporal na abordagem da fantasia. Diz nos manuscritos de 1898: “O leão pintado ou fotografado é um *nada*, ele tem um sentido modificado”<sup>346</sup>. Este nada é no âmbito temporal a modificação do presente. Em outro momento dos manuscritos resgata-se a distinção entre presente e não-presente como distinção temporal entre percepção e fantasia. Cita-se: “A consciência da não-presença (*Nichtgegen – Bewusstsein*) pertence a fantasia. Os objetos da fantasia aparecem como esquemas vazios, preenchidas de um não sei o que ou de nada”<sup>347</sup>. Esta afirmativa deve excluir toda análise negativa do ato intencional de fantasia, o fantasiar é um modo de consciência com olhar não-real ao seu correlato, mas isto não deve implicar a na falta de evidência do ato de fantasiar. Antes deve ficar clara a mudança de olhar como forma de justificar a não-presença do correlato de fantasia.

A ficção como um nada é um aspecto singular da intencionalidade da fantasia, e sob essa ideia não se pode concluir

---

<sup>345</sup> SARAIVA. A imaginação segundo Husserl. P, 154.

<sup>346</sup> HUSSERL. *Phantasie*. Apêndice. § 1.

<sup>347</sup> HUSSERL. *Phantasie*. Nº 2, § 28.

a negatividade das imagens no contexto geral da fenomenologia. O fato de a fantasia doar um não-presente implica na sua diferença essencial e ontológica diante do ato de perceber, diferença que tem origem na divisão temporal entre presente e não-presente. Diz Husserl, numa passagem sobre a não-presença da imagem: “O aparecimento da fantasia é não-presente, o objeto primário da fantasia é um *fictum*. **O objeto da fantasia é impossível como unidade de coexistência com o presente, não apenas objetivamente impossível, mas fenomenologicamente, pois é irreconciliável com ele**”<sup>348</sup>. Entende-se o motivo da temporalidade da fantasia ser não-presente como um fato fenomenológico irremediável, uma verdade evidente sem a qual seria restrito pensar a própria constituição da vida no fluxo da consciência pura.

Husserl fala ainda de uma consciência do nada (*Nichtigen*). Esta trata do posicionar da atitude de existência dado na intencionalidade específica da fantasia. Nesta consciência do nada o mundo é visado como nadificado, isto significa dizer: “não há sobre a base um crer particular do negar ou do duvidar, a crença está sempre ali, eu a reúno, mas eu tomo atenção ao caráter do nada (*Nichtig*)”<sup>349</sup>. A atitude posicional diante do mundo na fantasia é de uma consciência de nada, no sentido de uma consciência neutra.

---

<sup>348</sup> HUSSERL, *Phantasie*. Nº 1, § 32. P, 69. Grifo nosso.

<sup>349</sup> HUSSERL. *Phantasie*. Nº 15, k). P, 409.



#### 4 FANTASIA E METODOLOGIA: NEUTRALIZAÇÃO

As últimas elucubrações trouxeram à baila o tema chave para definir a fantasia. A neutralização é o último e mais inovador dos conceitos definidores da presentificação de fantasia. Na linha desenvolvida para explicar a tese da inovação e do primado metodológico da fantasia, a neutralização é o sustentáculo para argumentar favoravelmente acerca desse tema. Afirma-se ser imprescindível a neutralização para compreender a essência e a atuação da fantasia na fenomenologia de Husserl. A tese de apoio é pensar a fantasia como intencionalidade privilegiada no campo da metodologia. Este campo implica o privilégio da fantasia na construção da fenomenologia como ciência descritiva de essências, tal qual Husserl a denomina na obra *Ideias I* e *III*. Se de um lado a tradição filosófica e de comentadores realçou o primado da percepção por causa de sua originalidade ontológica, na atual interpretação e na tese aqui desenvolvida julga-se primordial reavivar o valor do primado da fantasia na pesquisa *husserliana*. Mostrar como a fantasia pode ter uma importância maior que a da intencionalidade perceptiva.

Os comentadores da atualidade como Annabelle Dufourcq está entre os mais novos escritos sobre a fantasia no circuito fenomenológico. Publicado no ano de 2011 com o título de “A dimensão imaginária do real na filosofia de Husserl” resgata já em seu título o intuito limitado de sua investigação sobre o tema da fantasia. Pensar toda teoria da fantasia como dimensão do real, já exclui o caráter inovador e livre da fantasia como dimensão essencialmente diferente e independente da percepção e do real. Annabelle diz: “A tese maior da filosofia de Husserl é que a presença a mais pura é a fenomenal, encarnada, em consequência particular e fragmentada...”<sup>350</sup>. Colocar como palavras de Husserl que a maior tese da sua filosofia é a presença encarnada não respeita em nada a sua filosofia. Falar da presença do fenomenal não diz muito, pois ao ler atentamente a introdução das *Ideias I* Husserl explica o que é a fenomenologia, e sua explicação diz: “Ela se denomina uma ciência de ‘fenômenos’”<sup>351</sup>. Naturalmente, Husserl não se preocupa com qualquer fenômeno,

---

<sup>350</sup> Dufourcq. La dimension imaginaire. P, 1.

<sup>351</sup> HUSSERL. *Ideias I*, introdução.

mas com as essências ou *fenômenos irreais*<sup>352</sup>. Lembrando a introdução de Sartre em *L'être et le néant*, só existe fenômeno e mesmo os eidos são fenômenos, essência é na fenomenologia a unidade de sentido dos fenômenos. Com tudo isso exposto não se pode ver como Husserl daria preferência ao âmbito real, e mesmo qual importância ao conceito de fantasia em determinar, como diz Annabelle, a “maneira a qual Husserl define a dimensão escondida do real.”<sup>353</sup>. Como diz Husserl: “...imagem da fantasia faz parte de um outro mundo”<sup>354</sup>. Justamente para defender a novidade do campo aberto pela fantasia.

Há ainda o termo encarnado como ponto chave da tese defendida por Annabelle, encarnado para Husserl é tratado através da teoria da constituição do mundo nas *Ideias II*, a consciência encarnada ou qualquer fenômeno encarnado só faz sentido se pensado como um fenômeno constituído e reduzido de sua facticidade, neste nível pode-se falar em encarnar, como um voltar do transcendental ao mundo, mas com roupagem purificada ou reduzida. Husserl não chega a utilizar muito esse termo, já Merleau-Ponty resgatando as *Ideias II* como a tentativa de findar a distância entre mundo e consciência, apropria-se desse termo para desenvolver sua fenomenologia. O termo escondido, que remonta a Sartre, não é utilizado por Husserl. Ele diria não há nada oculto no âmbito da consciência transcendental purificada.

Torna-se transparente a leitura de Dufourcq, a saber, a análise de sua pesquisa tem como mote ‘resgatar’ o aspecto real ou resgatar o mundo da redução fenomenológica. Tal tarefa foi a tentativa de toda tradição após Husserl, começando com Heidegger, Merleau-ponty e Sartre. Nenhum destes filósofos admite a redução fenomenológica, a redução do mundo fático como meio de adentrar ao campo transcendental da consciência pura. A comentadora Annabelle repete a crítica desses fenomenólogos ao dar ênfase a conceitos como realidade e encarnado em sua explanação sobre a filosofia de Husserl. Contudo, a interpretação crítica voltada à atitude dos fatos na esperança de ‘salvar’ o mundo empírico do ‘perigo’ da redução, mostra-se pouco coerente com as investigações realizadas por Husserl no volume XXIII e mesmo em suas outras obras.

---

<sup>352</sup> HUSSERL Idem.

<sup>353</sup> Dufourcq. La dimension imaginaire. P, 15.

<sup>354</sup> HUSSERL. *Phantasie*. Apêndice IX.

Infelizmente é impossível aceitar a tese de Annabelle com base nestes fundamentos citados acima, pois acabam por comprometer a grande distância e renovação dada por Husserl ao conceito de fantasia, pensando-a como consciência verdadeira e descrevendo seu mundo próprio e livre da herança de cópia do real. A dimensão imaginária do real, talvez seja uma forma de Annabelle seguir a tradição de comentários clássicos como os de Eugen Fink e Maria Manuela Saraiva, comentário esse limitado na época da escrita por falta do volume XXIII, o qual só foi publicado em 1980. Sobre o clássico artigo de Fink, tem-se de falar que se trata de um texto também influenciado por uma tradição da imagem-cópia, e segue assim a tradição da fantasia como faculdade restrita. Uma das causas do limite da definição da fantasia na obra de Husserl seja a influência de Heidegger.

Os comentadores atuais apresentam uma leitura renovada da fantasia, mas ainda nenhum deles admite o primado da fantasia como superior ao da percepção. Superior porque se estende em várias tarefas importantes na descrição fenomenológica. A fantasia importa mais no conhecimento das essências, na unidade de sentido das vivências puras, isto direciona ao privilégio metodológico da fantasia na construção da totalidade estrutural da fenomenologia como ciência descritiva. O privilégio metodológico da fantasia é dado através do conceito de neutralização, pois trabalha como consciência modificada e definida por sua liberdade. A percepção tem um privilégio ontológico e a fantasia o privilégio metodológico. A percepção é originária e a base da temporalidade da consciência, já a fantasia é dupla presentificação, e possui o caráter da liberdade. Esta modificação se dá no nível da posição da consciência em relação à existência, mas também se instaura na análise da temporalidade. Com respeito ao plano temporal da consciência a fantasia está equiparada à percepção, ao menos no plano da constituição dos fenômenos no tempo imanente. Apesar do privilégio da percepção na temporalidade como consciência original, a fantasia como presentificação não-presente estabelece uma balança de equilíbrio no fluxo da corrente da consciência.

A fantasia se coloca no papel de modificação de neutralidade da crença, ela se aplica à toda conectividade noética-noemática como uma forma de redução universal. As reduções fenomenológicas estabelecem uma linha crescente alcançando o

nível da constituição da consciência como fluxo descritivo das conexões eidéticas, até ao nível da reflexão da consciência em seus níveis pré-constituição e pré-temporalização. O último passo da fantasia no cumprimento metodológico da neutralização é a neutralização da própria subjetividade fantástica, ou seja, neutralização do eu fantástico, eu desinteressado e aberto aos mundo da fantasia. Seria a neutralização do eu fantástico o nível de ligação com o terceiro eu, ou o plano do presente vivo instaurador de todo fundamento transcendental da consciência e do mundo? A fantasia tem um papel fundamental se pensada na totalidade da fenomenologia *husserliana*.

#### 4.1 NEUTRALIDADE: MODIFICAÇÃO DE CRENÇA E REDUÇÃO

A fantasia é presentificação, isto implica em ser uma modificação e sua peculiaridade é a modificação de neutralização. A neutralidade assume uma importante resposta ao conceito de fantasia, e à tese do primado metódico da mesma. Saraiva diz: "...a imaginação é essencialmente uma neutralização enxertada numa presentificação"<sup>355</sup>. Como surge a modificação de neutralidade? O que é modificação? A presentificação é modificação da apreensão, já a neutralidade é modificação da crença. A neutralização opera em dois níveis: o primeiro é a modificação da crença ao nível particular da vivência específica. A outra neutralização opera de modo mais universal, se aplica ao conjunto de vivências potenciais e suas conexões *noético-noemáticas* estendendo-se aos horizontes do atual e inatual em todo campo transcendental.

Para delimitar o papel da neutralidade na tese do primado de fantasia é preciso estabelecer alguns textos e datas nas quais tais discussão se formam. A obra *Ideias I* é o texto mais claro para compreender a fantasia mesma como neutralidade e sua função universal. Os manuscritos tratam do tema desde os textos de 1905, mas a denominação "neutralização" e "neutralidade" só aparecem de fato em 1913 em diante. A explicação parece ser o avanço das pesquisas fenomenológicas do método de acesso aos níveis transcendentais específicos. A redução eidética aparece nas LU; nas *Ideias I*, tem-se a aplicação do método da redução

---

<sup>355</sup> SARAIVA. M.M. A imaginação segundo Husserl. P, 195.

transcendental como forma de colocar entre parêntese toda experiência dos fatos. A neutralização surge como redução atuante dentro do âmbito já reduzido da consciência pura. Como uma forma não mais geral de acesso, mas de aprofundamento das investigações. A fantasia como modificação de neutralidade abre caminho para os estudos de essência, deixando de lado todo resquício de naturalização presente na consciência pura pensada como relação intencional noético-noemática. A modificação neutralizadora é a função determinante da fantasia como privilegiada no arcabouço metodológico da fenomenologia. A tese do privilégio da fantasia está assegurada pela aplicação da neutralidade como meio responsável por executar o método para construir a ciência transcendentalmente pura.

A neutralidade é uma modificação da crença. Esta modificação da crença é aplicada à todas as vivências da consciência. A modificação já é um conceito aplicado desde as LU, ela aparece como modificação qualitativa. Conforme explica Saraiva: "...é apenas em *Ideias I*, no âmbito da análise *noético-noemática* da consciência, que Husserl consegue articular convincentemente estas duas *Ideias* de presentificação e de neutralização, que aparecem já – e frequentemente – nas *Investigações Lógicas*"<sup>356</sup>. Nos manuscritos aparecem os dois conceitos. De um lado, a presentificação aparece na trilha da modificação do olhar intencional da percepção, é a mudança da consciência originária e presente. Como diz Husserl nas *Lições do tempo*: "A presentificação é, neste caso, ela própria um acontecimento da consciência interna..."<sup>357</sup> Esta região de problemas da dupla apresentação e presentificação está incluído nos problemas temporais. Já na região da modificação da crença, na neutralização da tese de existência estão contidos os problemas do método. As linhas paralelas de problemas, a temporalidade e a metodologia se cruzam no conceito de fantasia e esta se manifesta como uma presentificação modificante de neutralidade. Fantasiar é neutralizar o presente e neutralizar a existência.

As presentificações podem ser posicionais ou neutralizadas. A modificação de posicionalidade é a diferença entre atual e potencial, ela abrange a esfera da recordação. A fantasia é

---

<sup>356</sup> SARAIVA. M.M. A imaginação segundo Husserl. P, 195.

<sup>357</sup> HUSSERL. *Lições do tempo*. § 20. P, 78.

presentificação neutralizante do objeto e a modificação neutralizante universal. Antes de falar das duas neutralizações é preciso mostrar o conceito de modificação de crença. Primeiro é necessário desvendar o conceito de modificação. A modificação surge como uma transformação da apreensão ou do ato da consciência. Uma alteração feita pela consciência, uma alteração do olhar da atenção de um determinado modo de ver o mundo à outro modo, mudança na apreensão desta coisa. A coisa mesma não muda, mas o olhar em direção ao fenômeno aparente se altera e se transforma. Nisto, consiste a afirmativa de Husserl sobre a diferença entre percepção e fantasia com respeito aos respectivos correlatos.

A respeito dos modos de atos e suas diferenças. A posicionalidade é uma característica, é um caractere de essência que carrega em si a possibilidade ideal de uma crença. As mutações modais são novas posicionalidades. A ideia da modalização é aplicável a todas as vivências “à toda vivência corresponde a possibilidade de modalização, isto que livra de novas vivências posicionais.”<sup>358</sup> Na simples fantasia, eu tenho uma modificação que não é qualificada de nenhuma qualidade não modificada atualmente. A teoria da modalização tem pelo menos três vias de acesso pensando em algumas versões dadas na hussserliana. A primeira trata da modificação de ato nas LU a qual designa a teoria da modificação através do conceito de modificação qualitativa. Tal termo deve ser lido com a ideia de uma *deixar em suspenso neutro*.

Há ainda outro esquema de abordagem do problema da modificação. Este vem da obra *Lógica formal e lógica transcendental*. Esta apresenta a teoria dos juízos e suas modificações. No apêndice II, com o título: Constituição fenomenológica do juízo<sup>359</sup>. O julgar original ativo e suas modificações secundárias. Mostra-se uma visão lógica da teoria dos modos dos atos de consciência. Esta visão dos modos consenti uma leitura mais técnica dos termos apresentados. O juízo ativo é ato de produzir objetos mentais ou formações categoriais. Qualquer juízo produzido pode converter-se em base de novos juízos. O que é um juízo? É uma objetividade categorial

---

<sup>358</sup> HUSSERL. *Phantasie*. Apêndice XLVL.

<sup>359</sup> HUSSERL. *Logica formal y lógica transcendental*. Apêndice II. § 1. P, 323.

(dóxica) em geral. O juízo é chamado ativo por ser uma forma de julgar originalmente. Entende-se aqui originalmente vindo do termo original como presença originária, modo de doação originário da consciência. A consciência como ativa produz um juízo original no modo de atenção perceptivo. Disto resulta uma definição primordial: “Todos os outros modos de dar-se o mesmo juízo se caracterizam como *modificações intencionais* do modo de dar-se ativamente produtor, do modo de dar-se original”<sup>360</sup>. Aqui, aparece um juízo original como base possível para as modificações intencionais.

A sequência do texto revela uma interessante expressão ao definir a forma geral da constituição de objetos intencionais. A modificação é um alterar de um juízo original. Diz: “Este é o caso particular do privilégio da originalidade, que deriva de uma lei essencial e que tem vigência para qualquer constituição de objetos, seja passiva ou ativa”<sup>361</sup>. Conclui-se como a originalidade do julgar sustenta um privilégio constituidor dos juízos. É este privilégio do modo originário a fonte da consagração do perceber como consciência originária. Ambas expressões, julgar ativo e perceber, se ligam no quesito modo de doação originário da consciência. Este privilégio do original torna-se o privilégio da percepção, o qual é combatido através da tese de um privilégio metodológico conduzido pela modificação intencional do juízo ativo. Diz: “também geneticamente o modo de dar-se original é, de certa maneira, o modo original da consciência”<sup>362</sup>

A modificação intencional é a base para a modificação de crença. O modificar é uma mudança do modo de olhar o objeto feita pela consciência. Diz Husserl: “Um e o mesmo objeto pode *a priori* estar diante da consciência de diversos modos...”<sup>363</sup>. Os modos como o objeto aparece diante da consciência são a percepção, rememoração, fantasia, etc. A modificação remete ao modificado, isto quer dizer o modificado ou o correlato intencional muda conforme muda a atenção da consciência. Intencionar um juízo por via da imaginação é transformar o julgado em imagem julgada. O juízo de percepção de um fenômeno é a base para uma

---

<sup>360</sup> HUSSERL. *Lógica formal y lógica transcendental*. Apêndice II, § 2, p 324

<sup>361</sup> HUSSERL. *IDEM*.

<sup>362</sup> HUSSERL. *Lógica formal y lógica transcendental*. Apêndice II, § 2 b).

<sup>363</sup> HUSSERL. *IDEM*.

modificação intencional desse juízo original transforma-se em juízo fantástico.

Nos manuscritos do volume XXIII trata como modos de apreensão num período de 1905 e modificação de crença no período de 1909. Nos manuscritos Nº 3 tem-se apresentação de textos ao período similar das LU de 1905, no qual a modificação de crença é modificação qualitativa. Sobre a percepção diz: “Ao inverso, a percepção é um complexo de intenções não modificadas, de intenções de crença”<sup>364</sup>. As apreensões do objeto são “apreensões de crença” (*Glaubenapprehensionen*). Na simples fantasia, “tudo é modificado no quase, quer dizer imaginativamente”<sup>365</sup>. A modificação de crença é o modo definidor da presentificação de fantasia como neutralidade. A neutralização de fantasia é dada por uma modificação na crença na posição de existência, esta mudança ocorre como um método de redução da existência atual como característica do ato perceptivo. Husserl oferece uma definição de crença: “a crença é ela uma caráter modal inseparável fazendo parte da apreensão...”<sup>366</sup>.

Nos textos do volume XXIII, no período a partir de 1909, surge o termo “caráter modal”. Na apreensão, é possível separar conteúdo e modo de crença. “A fantasia livre não contém enquanto tal absolutamente nenhum modo de posição”<sup>367</sup>. Não ter um modo de posição significa que ela é neutra quanto a sua posição de existência, ou seja, não afirma nem nega a existência, neutraliza a crença na existência. A percepção e a recordação são atos *téticos*, atos que conferem o ser em sentido forte. A recordação mesmo sendo uma modificação da percepção, uma presentificação, ela é posicional, fala da existência da objetividade. Estes atos são todos submetidos à neutralização universal.

Nas *Ideias I* publicadas em 1913 apresenta-se a teoria da modificação de crença inclusa num plano maior da teoria dos modos de ser. A modificação é aplicável a toda vivência perceptiva. Os modos de crença do ser noemático, ou os modos de crença da intencionalidade são de níveis distintos. O modo de

---

<sup>364</sup> HUSSERL. *Phantasie*. Nº 3.

<sup>365</sup> HUSSERL. IDEM.

<sup>366</sup> HUSSERL. IDEM.

<sup>367</sup> HUSSERL. *Phantasie*. Nº 7.



crença pode ser afirmação ou negação, reflexão, ou no nível mais elevado o modo de crença da neutralização. No § 109, fala-se da modificação de neutralização de modo geral: "...ela não é uma modificação de consciência que entra especificamente na esfera da crença, mas antes uma modificação geral de consciência altamente significativa..."<sup>368</sup>. O tema da neutralização é chave de acesso da tese da novidade e primazia da fantasia no contexto da lógica interna da fenomenologia, mas também em comparação com a filosofia e psicologia tradicionais. Como lembra o comentador Marcos Brainard: "Como o próprio Husserl aponta, ele é o primeiro a ter visto essa modificação, que nunca foi cientificamente elaborada' e neste sentido, ela é nova"<sup>369</sup>. A dificuldade de colocação do tema e a ambiguidade entre a modificação de neutralidade e a fantasia como consciência neutra.

A neutralização é paradoxalmente a modificação da crença sem crença. As outras modificações estão na esfera da crença e suas alterações de afirmação, negação, dúvida, reflexão, etc fazem parte de um campo de pesquisa posicional. Como diz Brainard: "É uma modificação da crença, mas em sentido totalmente diferente do que as últimas modificações"<sup>370</sup>. Pode-se pensá-las como modificações *na* crença, enquanto a neutralidade é a verdadeira modificação *da* crença, no sentido de mudança de uma atitude no interior das disputas de existência e não-existência das objetividades à uma atitude neutralizada de tais questões.

A neutralidade é considerada em geral por ter o mesmo esquema do método da redução, o que pode ser uma similaridade pensar a neutralidade com um modo sofisticado de neutralização. Sofisticado pelo fato de ser bem estruturada e incorporada no esquema do idealismo transcendental das *Ideias I*. Como diz Saraiva<sup>371</sup>, a concepção de neutralidade já existia nas obras de Husserl antes das *Ideias I*, mas o amadurecimento das teses e da pesquisa fenomenológica trouxeram a cume este conceito sofisticado de modificação de neutralidade. Dois conceitos se cruzam ou se conectam com a ideia da "modificação de

---

<sup>368</sup> HUSSERL. *Ideias*. § 109.

<sup>369</sup> A citação de Brainard é de *Ideias I*, § 109. BRAINARD, M. Belief and this neutralization. P, 158.

<sup>370</sup> BRAINARD. M. Belief and this neutralization. P, 157.

<sup>371</sup> SARAIVA. M. M. A imaginação segundo Husserl, p, 195.

neutralidade” ser uma modificação da posição de existência, a saber, a “fantasia” e a “*epoché*” ou redução. Há entre esses três conceitos uma profunda relação ou até uma imersão. A fantasia é uma consciência neutra, ela tem o caráter da modificação de neutralidade, mas aplicada ao seu campo noemático específico. A neutralidade pode ser aplicada a todas as outras presentificações, o que a transforma num método universal, e neste ponto a semelhança com o método da *epoché* é evidente. Ambas tem o caráter de neutralizar qualquer posição de crença ou não crença na existência, pois o grande mérito da fenomenologia de Husserl é conseguir separar uma visão ôntica de uma visão neutra do mundo, para como diz o próprio Husserl: “ganhar o mundo transcendental e fundacional”.

Uma questão ecoa acerca da definição de neutralização. Ela não é negação da existência, ou de um juízo de existência, nem tão pouco negação de uma vivência perceptiva. O que a torna diferente da tradição é o fato dela *enfraquecer a modalidade dóxica*<sup>372</sup>, sem negá-la. Ela é pensada como uma não operação, mas sem implicar numa “*espécie de sombra do ato originário*”<sup>373</sup> como diz Saraiva numa leitura sartreana estranha ao texto de Husserl. Neutralidade em resumo: “Ela não risca, não opera nada, para a consciência ela é o contrário de toda operação, ela é sua neutralização. Ela está inclusa em todo abster-se de operar, em todo pôr fora de ação, em todo pôr entre parênteses, ‘deixar em suspenso’, e então em todo ter ‘em suspenso’ ...”<sup>374</sup>. O caráter de posição fica sem efeito, ele é neutralizado. “A crença já não é seriamente uma crença”, ela é uma crença neutralizada. Todos os modos de crenças referentes à existência de uma objetividade sejam negadas ou afirmadas, possíveis ou verossímeis, com aplicação da modificação de neutralidade passam do modo efetivo, ao ‘meramente pensado’<sup>375</sup>. Diz Husserl, como confirmação da proximidade entre neutralidade e *epoché*: “Tudo recebe seus ‘parenteses’ modificadores, que são muito próximos daqueles que tanto falamos antes, e que são de tanta importância

---

<sup>372</sup> HUSSERL. *Ideias* I, § 109.

<sup>373</sup> SARAIVA. A imaginação segundo Husserl. P, 209.

<sup>374</sup> HUSSERL. *Ideias* I. § 109.

<sup>375</sup> HUSSERL. IDEM.

no caminho preparatório para a fenomenologia<sup>376</sup>. Evidencia-se nesta afirmativa a importância da neutralidade como efetuidora da tarefa metodológica infinita de construir a fenomenologia. O neutralizar a posição de existência é apenas o começo da análise fenomenológica, ou seja, é a partir daqui que se inicia a descrição das conexões eidéticas.

Husserl aplica ainda a neutralidade à esfera do juízo de razão<sup>377</sup> e da verdade como correspondência com o real. Como a neutralidade não é uma consciência posicional, tal concepção também deve ser neutralizada. Não se fala de razão ou não-razão no plano transcendental aberto pela neutralidade, isto significa apenas não se tratar de um campo do juízo psicológico ou regido pela faculdade da razão moderna, mas antes por uma consciência purificada de toda posição de existência e de toda explicação racional ou não, válida ou não. Razão e não-razão são fundadas na consciência pura e não o contrário. Imerso na neutralidade a consciência passa a desenvolver outras problemáticas, a preocupação do fenomenólogo é descrever o âmbito das conexões e relações das vivências puras, e num patamar mais elevado, descrever a auto-constituição do próprio campo transcendental.

## 4.2 FANTASIA COMO MODIFICAÇÃO DE NEUTRALIDADE

É difícil não falar de modificação de neutralidade sem de imediato não associa-la à fantasia. Contudo, o subcapítulo anterior descreve os pontos técnicos gerais para se chegar a uma compreensão exata da relação e das similaridades com a fantasia. O próprio Husserl afirma: “O que leva ao emaranhamento aqui, e que não é fácil de desemaranhar, é que a fantasia mesma é, de fato, uma modificação de neutralização...”<sup>378</sup>. Husserl faz questão de notar a diferença entre a fantasia e a neutralização. Aqui tratada de neutralização no *modus operandi* específico da fantasia, e, pois, da não-presença, da possibilidade. Esta é a chave para desvendar a diferença entre as duas, uma é método de neutralizar, a outra é intencionalidade neutralizada em busca dos dados possíveis

---

<sup>376</sup> HUSSERL. *Ideias* I. § 109.

<sup>377</sup> HUSSERL. *Ideias* I, § 110.

<sup>378</sup> HUSSERL, *Ideias* I, § 111.

abertos no mundo de fantasia. A modificação de neutralidade universal não é um ato, mas um método, uma porta de passagem de uma atitude à outra, do natural ao transcendental, já a fantasia é consciência que aplica esse método, ela é como o homem do mito da caverna de Platão, uma vez livre, a fantasia vislumbra e descreve o campo ontológico evidente aberto pela neutralidade.

Nos manuscritos do volume XXIII o tema: *fantasia e neutralidade* aparecem no apêndice Nº20 do material reunido entre os anos de 1920-1924. Estes manuscritos trazem muitas novidades se comparados à concepção desenvolvida na obra *Ideias I* do ano de 1913. O questionamento acerca da semelhança entre neutralidade, fantasia e *epoché* só ganha uma resposta definitiva e explícita nesses manuscritos. A fantasia como neutralidade é um modo de *epoché*. Husserl descreve a neutralidade como dupla *epoché*, ele diz: “Aqui nós temos uma dupla *epoché*, ou neutralidade. 1) Primeiro aquela pertencente à fantasia de fantasia, ou a consciência neutra como neutra (eventualmente obtida por uma *epoché* ativa). Em seguida aquele 2) pertencente à mudança de atitude por estabelecimento de um eu posicional acima do eu neutro e em vista do atingir das imagens...”<sup>379</sup>. Esta redução tem um papel ativo na vivência da fantasia como neutralidade. Cita-se um exemplo do eu vivendo na *epoché* tem o mesmo sentido do eu fantasmado, do eu vivendo na fantasia.

A vida da fantasia é uma vida neutralizada de toda posição de existência. Neutralizar e fantasiar tem o mesmo modo de ser diante do mundo. A fantasia como vivência neutra é a intencionalidade privilegiada ao alcance e descrição dos temas fenomenológicos. Husserl ao apontar a fantasia como vivência neutra faz pensar nesta vivência como modo privilegiado de intencionalidade na execução da tarefa metodológica da fenomenologia, a saber, descrever os níveis de conexões das vivências puras. A fantasia tem um privilégio na compreensão do campo de sentido aberto pela redução e também por essa dupla redução denominada de neutralidade.

Numa citação, Husserl define a fantasia e atitude neutra: “Na atitude neutra eu encontro ali e eu descrevo isto que eu tenho ali, os acontecimentos de fantasia, aqueles absolutamente neutros,

---

<sup>379</sup> HUSSERL. *Phantasie*. Apêndice Nº 20. [573].

tudo no modo do *como-se*. Todas as descrições são num sentido modificado”<sup>380</sup>. Define-se a fantasia através da expressão *como-se*. O *como-se* é o modo da possibilidade em oposição ao modo da atualidade no qual vive a consciência perceptiva. A fantasia pensada na sua neutralidade exige o modo de ser no possível. Na *epoché*, inibe-se toda crença, este inibir significa viver como se estivesse na percepção, na crença e na atualidade, mas vivendo antes na fantasia neutro e operando com as relações eidéticas ou com o sentido puro desta vivência fantástica.

Ao prosseguir nas pesquisas da fantasia entende-se, cada vez mais, o papel decisivo de sua atuação na consciência. A neutralidade também é pensada no conceito de reprodução, pois “é a modificação de neutralidade que é igualmente a característica da fantasia reprodutiva e de toda ficção.”<sup>381</sup>. A neutralidade pode ser motivada de diferentes modos, ela pode entrar em jogo como ideia súbita – consciência de objeto imagem, num figuração por imagem cópia, livre jogo de reproduções que se impõem e perdem em posicionalidade. “Falar de fantasia só convém nesse último caso, no discurso corrente a palavra designa uma ação do espírito com o caráter do desinteressado, que não se reporta a nenhuma esfera temática”<sup>382</sup>. Husserl utiliza aqui uma ideia advinda de uma compreensão estética da consciência. O desinteresse é tema frequente das teorias estéticas da modernidade, esse tema aparece num âmbito da consideração acerca da auto-consciência da subjetividade pura, o chamado eu desinteressado é o terceiro ou o âmbito genético.

Um ato de neutralidade significa um ato de abster-se: Atingir o noema é ter conscientes o objeto e o horizonte aberto de suas determinações de uma maneira modificada, aquela da *abstenção*, isto é *ter fora da reunião temática* isto que pode correntemente admitir a forma da reunião temática. Neutro significa querer ser não interessado, se abster do interesse. O eu reúne uma posição, ele traz uma validade. Nos atos neutros, não há nada para ele que tenha valor, mas algo que permanece em suspenso em sua validade. Seu fazer é deixar em suspenso o ter deixado em suspenso, o ser sem tomada de atitude é uma modificação dos

---

<sup>380</sup> HUSSERL. *Phantasie*. Apêndice nº 20.

<sup>381</sup> HUSSERL. *Phantasie*. Idem. B).

<sup>382</sup> HUSSERL. *Phantasie*. Apêndice Nº20 b). [575].

atos posicionais. O se abster é exercido voluntariamente. “Todo ato posicional pode ser transformado em abstenção de ato, num ato neutro”<sup>383</sup>. Fantasiar enquanto neutralidade é um ato de se abster, de não tomar posição, não tematizar, se abster de tematizar.

As vivências posicionais são vivências da consciência na qual toda coisa vale para o eu, uma visada é incluída, uma visada neutra, e aquela da fantasia em particular é um *transportar em pensamento no*, um fantasmar ao lado de, *como se nos víssemos*. A fantasia neutra se caracteriza por se representar de modo qualquer um visado sem o visar. Aos atos efetivos correspondem, como imagens refletidas, os atos *como se*. Os atos puramente neutros, a pura fantasia, são exemplos da posicionalidade fantasmada e mesmo da posicionalidade pura de toda fantasia. A fantasia no sentido normal é presentificação neutra, representações presentificantes. Assinala-se o fato da fantasia pura é esta consciência onde as puras possibilidades são incluídas como dados de si. Se fantasmando eu reúno um ato, eu construo um objeto *como se* a maneira de uma doação do si como se originário na percepção. O objeto *como se* é dado originalmente e não é nada outro no atingir a partir do eu, ele é a pura possibilidade. Pela modificação do fantasmar se obtém a objetividade de fantasia como posta e descritível.

Nas *Ideias I* ainda surge uma ideia interessante sobre a aplicação da modificação de neutralidade fantástica, ela é aplicada tanto à intencionalidade perceptiva, quanto à recordação. A recordação também é um tipo de presentificação, e todos os atos incluídos como presentificações tem como princípio a modificação, a mudança do caráter originário. Contudo, a recordação é uma presentificação modalizada posicional, ou seja, ela doa um fenômeno em sua presença. Nas *lições do tempo* Husserl indica como a recordação primária é uma presença ainda viva do objeto temporal<sup>384</sup>, isto implica que o agora sempre decai em recordação e na verdade a recordação é uma fonte maior de descrição na corrente temporal, pois até mesmo a fantasia tem sua influência como reprodução. Diz Husserl nas *Ideias I*: “Em termos mais precisos, o fantasiar é em geral a modificação de neutrallização da

---

<sup>383</sup> HUSSERL. *Phantasie*. Nº 20 e).

<sup>384</sup> A retenção (recordação primária) é uma consciência impressional. HUSSERL. ZEIT.

presentificação posicional, portanto, da recordação no sentido mais amplo que se possa pensar”<sup>385</sup>. A recordação põe seus fenômenos como presentes e conseqüentemente tem de ser neutralizada pela fantasia. A recordação é uma vivencia posicional toda especial. Como explica Saraiva citando a obra *Lições do tempo* de Husserl: “A recordação tem o caráter de um fenômeno imaginário, mas o modo de crença que o caracteriza como recordação”<sup>386</sup>.

Pode ocorrer uma modificação de neutralização da percepção normal, esta coloca uma certeza não-posicionada, é consciência neutra do objeto-imagem, aquele da consciência de imagem (reprodução), ou seja, fantasia da percepção. Trata-se aqui de expor o clássico exemplo de uma imagem vinda da obra de arte, para mostrar como uma neutralidade atua sobre a consciência estética: “a gravura em cobre: O cavaleiro, a morte e o diabo, de Dürer.”<sup>387</sup> Nesta tem uma percepção normal, mas ao olhar as imagens tem-se uma consciência estética. Diz: “A consciência de imagem, que faz a mediação e possibilita a figuração, é então um exemplo de modificação neutralizadora da percepção”<sup>388</sup>. Este é um exemplo da modificação da neutralização do ser em geral, neutralidade universal aplicável a todas as vivências. Como diz Saraiva trata-se aqui de uma *segunda neutralização* que resulta numa *consciência puramente estética* ou *consciência imaginante neutra*<sup>389</sup>.

A distinção clara entre modificação de neutralidade universal e modificação de fantasia está exposta apenas no § 112 de *Ideias I*. A reiterabilidade da fantasia e a não reiterabilidade da modificação de neutralidade universal é divisor dos dois processos neutralizadores da consciência pura. Afirma Husserl: “a fim de ressaltar ainda mais nitidamente esse ponto decisivo de diferenciação, a diferença radical entre fantasia, no sentido de presentificação neutralizante, e modificação neutralizante em geral, se mostra em que a modificação de fantasia como presentificação pode ser reiterada (há fantasias de não importa

---

<sup>385</sup> HUSSERL. *Ideias* I. § 111.

<sup>386</sup> SARAIVA. A imaginação segundo Husserl. P, 231.

<sup>387</sup> HUSSERL. *Ideias* I, § 111.

<sup>388</sup> HUSSERL. *Ideias* I, § 111.

<sup>389</sup> SARAIVA. A imaginação segundo Husserl. P, 251.

qual nível: fantasias de fantasias), ao passo que a repetição da operação de neutralização está, por essência, excluída”<sup>390</sup> Esta reiterabilidade ou *reiteração*<sup>391</sup> significa a repetição da fantasia, ou seja, ou seja, os correlatos fantásticos podem ser reiterados formando fantasias de fantasias, num horizonte infinito de ficções. Husserl alerta que a afirmação da reiterabilidade da fantasia pode ser recebida com resistência. Sem dúvida, o problema da repetição foi diagnosticado pelos comentadores. Como explica Saraiva: “O que constitui um problema e aquilo que Husserl deveria explicar é, pensamos nós, o fato de a imaginação poder repetir-se – embora seja também neutralização”<sup>392</sup>. Contudo, entende-se tratar de um suposto problema, pois ao comparar um ato de fantasia e um ato (não intencional, mas um método) a modificação de neutralidade tem a seguinte resposta: a neutralidade universal não é um ato, mas apenas um método de abertura ao âmbito relacional da consciência transcendental, ao neutralizar uma vivência posicional a modificação de neutralidade tem o papel de realizar a passagem de um nível de doação presente ao nível do quase presente. A fantasia é repetida, pois, ao neutralizar a posição de existência, abre-se um campo infinito de doação, a fantasia produz esse horizonte infinito de mundos fantásticos. Reiterar ou renovar a fantasia em outra fantasia é a condição essencial desta vivência por seu caráter de possibilidade.

Há ainda uma questão a ser discutida: a fantasia tem ou não têm seu privilégio na totalidade da fenomenologia? A fantasia no modo da modificação de neutralidade é pensada na tese como intencionalidade privilegiada na construção da fenomenologia, não apenas como método de acesso, mas como consciência produtora e descritiva do campo de experiência relacional constituinte da consciência pura no plano da filosofia estática. Apesar de Saraiva defender a percepção como superior à fantasia, ela não pode deixar de admitir a importância da fantasia ao caráter metodológico: “O fenomenólogo que, enquanto tal, deve operar a neutralização geral do ser, trabalha sobre vivências, sobre atos. Para captar *eidéticamente*, pode empregar a imaginação.

---

<sup>390</sup> HUSSERL. *Ideias*. I. § 112.

<sup>391</sup> Na tradução de Marcio Suzuki usa-se o termo reiteração.

<sup>392</sup> SARAIVA. A imaginação segundo Husserl. P, 253.



Enquanto ela serve de base ao método das variações livres, a imaginação é um instrumento de trabalho indispensável ao fenomenólogo<sup>393</sup>. Acredita-se ser a fantasia na sua capacidade neutralizadora e a chave para desenvolver a fenomenologia.

#### 4.3 POSSIBILIDADE E JOGO: QUASE E COMO – SE

O tema da neutralidade está intimamente ligado ao tema da possibilidade. Entender a fantasia como “consciência de possibilidade” é entendê-la como uma vivência no modo do “como se” (*Als-ob*) ou do “quase” (*quasi*). As vivências neutras não tem nada de validade efetiva, mas somente instauram-se na validade do *como se*. O modo de doação no como se ou quase surge a partir da modificação da apreensão intencional, mas também da modificação da crença com a neutralidade. Na modificação de uma consciência perceptiva à fantástica na consciência interna do tempo, esta passagem no campo temporal permite pensar a fantasia como consciência quase-presente, este quase tem a ideia do mundo fantástico fora do tempo, neutralizado da presença do fenômeno. A modificação em seus vários níveis faz abrir um campo de possibilidade. Sobre a possibilidade e a fantasia diz Fink: “Face às estas imaginações localizadas, referidas ao mundo factual, há as imaginações ditas puras que seguem seu próprio caminho no jogo aberto das possibilidades.”<sup>394</sup>

Nas *Ideias I*, Husserl explica haver uma divisão nas modificações posicionais, entre posição atual e posição potencial. A presença atual da vivência pode ser modificada em presença possível do vivido como imagem quase-presente. O ser percebido é realmente presente, o ser imaginado é quase-presente. A diferença de uma vivência como ser realmente presente e uma vivência imaginária, é que esta, apesar de ter o mesmo conteúdo, caracteriza um ser quase-presente, isto é, um ser como pura imagem. Os vividos de reflexão imanente ou percepções imanentes atingem o ser atual de seus objetos, esta reflexão dispõe o ser. Percepção se refere à coisa aparecendo como presente e viva, mas também indica que o eu se apercebe e atinge a coisa que aparece como sendo verdadeira. A atualidade da

<sup>393</sup> SARAIVA. A imaginação segundo Husserl. P, 248.

<sup>394</sup> Na tradução francesa consta o termo imaginação, contudo utiliza-se fantasia para seguir a preferência de Husserl. FINK, E.

posição de existência é neutralizada na consciência perceptiva do retrato, do *fictum*. A consciência atinge a coisa não como real, mas sob a modificação do quase. A posição atual é convertida numa posição de *quase*. “Toda vivência de fantasia como esta não é caracterizado como existindo efetivamente no presente, mas *quase* existindo no presente”<sup>395</sup>.

O *como se* surge também na neutralização de recordações, pois as recordações doam seu objeto como posicionais. Diz Husserl: “Há consciência do fantasiado, mas não como ‘efetivamente’ presente, passado ou futuro, ele apenas ‘se vislumbra’ como tal, sem atualidade da posição”<sup>396</sup>. A neutralidade é sinônimo de modo de aparecimento no *como se*. E o *como se* é o modo operacional da fantasia em seu mundo próprio. Pode-se dizer que um mundo imaginário corresponde à unidade do tempo de uma experiência possível.

Nos manuscritos do volume XXIII, reúnem-se vários períodos dos textos de Husserl, o que permitir ter uma visão alargada da evolução do tema em obras publicadas, como por exemplo, nas *Investigações Lógicas, Lições do tempo, Ideias I, Meditações Cartesianas*. No período até 1905, fala-se de possibilidade da fantasia sob a via do conceito de flutuamento e fantasma. O flutuamento é o termo para designar a falta de existência de realidade do ficcionado, indica que a imagem não está no mundo como algo espaço-temporal, mas flutua diante da consciência. Este flutuar tem o sentido de não existência real, e sim existência irreal ou ficcional dada na fantasia. “Eu me represento o castelo de Berlim, isto quer dizer, que eu o torno representado uma imagem, a imagem me flutua no espírito”<sup>397</sup>. Outro exemplo: “A pirâmide do estereoscópio só aparece como um nada e não como intenção caída, como fenômeno de posição, mas ao contrário como qualquer coisa, flutuando simplesmente no espírito: sem posição”<sup>398</sup>. Aqui, deve-se recordar a diferença entre *fictum* e imagem. O *fictum* é a imagem perceptiva e a imagem é correlato da fantasia. O *fictum* aparece diretamente na unidade da realidade efetiva, tal como no exemplo do boneco de cera.

---

<sup>395</sup> HUSSERL. *Ideias* I. § 113.

<sup>396</sup> HUSSERL. *Ideias* I. § 113.

<sup>397</sup> HUSSERL. *Phantasie*. Nº 1, § 11.

<sup>398</sup> HUSSERL. *Phantasie*. Apêndice L.

O fantasma tem a *Ideia* de tornar irreal a apreensão da fantasia, mas este termo é suprimido após a ideia da neutralidade. Sobre o fantasma e sua condição de não realidade: “Ora fantasmarm não é fazer experiência, um individual fantasmado não é um individual dado. O conteúdo individual de fantasia não é conteúdo efetivo, falar do dado do conteúdo da fantasia é um propósito que modifica”<sup>399</sup>. Esta modificação é a mudança da neutralidade ao modo do *como se*.

Os termos “como se” e “quase” apesar de terem o mesmo sentido possuem uma diferença de uso. Husserl dedica um parágrafo para falar desta diferença desvendada no título: “O quase da reprodução e o como se da fantasia (Das *Gleichsam* der Reproduktion und das *Als ob* der Phantasie)”<sup>400</sup>. Esta é uma interessante passagem por reunir todos os conceitos referentes à intencionalidade da fantasia e suas ramificações, tais como a reprodução de fantasia e a fantasia de percepção. Fala-se de fantasmarm, irrealidade, quase, como se e possibilidade. Todos esses conceitos além de estarem relacionados ou mesmo definirem a fantasia, permitem compreender melhor como se dá o processo de compreensão da própria consciência pura em sua totalidade. A fantasia está definida como consciência irreal e o fantasmarm é um conceito adquirido da leitura do conteúdo hyletico, o fantasma é o oposto da sensação, sensação esta que compõe a percepção, logo falar de fantasmarm seria o mesmo que falar de uma vivência não efetiva. Existe o quase da reprodução de fantasia, que é o quase com o mesmo sentido aplicável à consciência de imagem. Ao ter uma experiência não efetivamente, mas no modo do fantasmarm, esta vale para nós *como se* nos fizéssemos experiência. Cita-se um exemplo para aclarar tal situação: “...que um indivíduo se toma sob nossos olhos como determinado assim e assim em conteúdo, mas somente no como se. Numa intuição viva nos olhamos os centauros, as sereias, etc; eles estão diante de nós, se expondo de tal e tal lado, mudando e dançando. Mas tudo isso sobre o modo do como se e este modo impregnado todos os modos temporais, e o conteúdo que é

---

<sup>399</sup> HUSSERL Phantasie. Nº 18, [505].

<sup>400</sup> A tradução francesa é: *Le quasiment da reprodução et Le como si de La phantasia*. Em português optamos por quase, embora o termo alemão seja *Gleichsam*, literalmente igualmente ou mesmidade como é traduzido na sequência do texto francês.

apenas em um modo temporal”<sup>401</sup>. Na simples fantasia todas as vivências são orientadas no modo do como se. “Toda forma desta consciência da consciência de ser que caracteriza uma experiência são por assim dizer castradas, tem admitido a forma sem força do como se da fantasia.”<sup>402</sup> A experiência fantástica exige o modo de doação no plano do possível, este se determina pela expressão *como se*, que caracteriza um modo de doação neutralizada.

A teoria do jogo como abertura ao possível nos manuscritos do volume XXIII. Na fantasia perceptiva, explica-se que a passagem da experiência à fantasia é dada no modo “como se”. Explica Husserl: “Considera-se esteticamente uma bela paisagem tem valor para nós como simples decoração. A efetividade torna-se efetividade *como se*, torna-se para nós um **jogo**, os objetos aparecem, simples objetos da fantasia”<sup>403</sup>. O jogo aparece na esfera da consciência estética; por isso, os exemplos dados são muitas vezes trazidos da arte. Diz Husserl: “A arte é o domínio da fantasia colocada em forma, perceptiva ou reprodutiva”<sup>404</sup>. E ainda diz em outra citação com exemplo de imagens: “Vivemos num mundo da imagem, esse mundo não é posicionado, mas colocado fora de circuito. Os móveis não são imagens para os *fictas* e na atitude do espectador vivendo no jogo, eles não são moveis efetivos, são móveis em fantasia. Eles são aparência e tem seu conflito com a efetividade. Ora o quarto é uma ficção aberta por conflito.”<sup>405</sup> Entre outro exemplo para falar do jogo da possibilidade aberta pelo modo *como se* destacam as artes do: o teatro, a fotografia, escultura, música, pintura.

Como exemplo ao parágrafo anterior sobre a arte ser uma reprodução ou percepção da fantasia, cita o teatro e como descrevê-lo fenomenologicamente através da fantasia perceptiva (como substituição da teoria da *Bildbewusstsein* ou consciência de imagem): “Numa apresentação de teatro vivemos no mundo da fantasia perceptiva. Resta esclarecer até onde a imagem-cópia tem função estética. Os atores produzem uma imagem, a imagem

---

<sup>401</sup> HUSSERL. *Phantasie*. Nº 18. [505].

<sup>402</sup> HUSSERL. *Phantasie*. Nº 18. [505].

<sup>403</sup> Negrito nosso. HUSSERL. *Phantasie*. Nº 18, [512].

<sup>404</sup> HUSSERL. *Phantasie*. Nº 18, b).

<sup>405</sup> HUSSERL. *Phantasie*. Nº 18, b).

de um processo trágico, cada imagem de um personagem agindo. Mas a *imagem de* não quer dizer *imagem cópia de*, é preciso separar a figuração, do comediante<sup>406</sup>. A imagem da fantasia aqui é chamada perceptiva por ter uma origem na percepção, no caso do teatro a matéria é real, mas a imagem formada é irreal. O ator é base material, a imagem é a personagem interpretada. A imagem ali não é imagem cópia como nas teorias da imaginação clássicas, como as já apresentadas no capítulo 1, mas a fantasia mesmo tendo a base material na efetividade, só doa vivência inefetiva. Esta inefetividade em todos os modos da fantasia a torna uma novidade na história da filosofia.

A consciência modificada em fantasia: não contém objetos de fantasia como ser, não há mundos de fantasia como ser. Os objetos de fantasia são objetos possíveis, os *mundos de fantasia*, *mundos possíveis*. O que a fantasia torna representado necessita de um *livre colocar em jogo* por ter uma direção fixa sobre uma objetividade como possibilidade de objeto determinado e o preenchimento deste colocar em jogo sob forma de determinação necessita de um livre fazer de determinação, da escolha do preenchimento, para que a objetividade receba uma prescrição com novas indeterminidades que são de novo livremente preenchidas. “A fantasia pura neutraliza, modifica toda crença, ela não a modaliza numa nova crença, de um ser modalizado. Ela constitui, portanto as possibilidades ideais puras.”<sup>407</sup>.

Nas *Meditações Cartesianas*, Husserl dedica o parágrafo 25 exclusivamente para tratar da diferença entre efetividade e quase-efetividade, a qual remete diretamente à diferença essencial entre percepção e fantasia. Sobre o conceito de possibilidade e a ligação com a fantasia: “Do lado da fantasia desponta um novo conceito geral de possibilidade, que, no modo da simples concebibilidade (um figurar-se como se fosse assim), repete modificadamente todos os modos de ser, começando pela simples certeza de ser. Ele fá-lo a maneira de modos da inefetividade”<sup>408</sup>. Todos os modos da consciência, do juízo, da reflexão, da percepção, memória, tudo é pensado sob a via da modificação ao

---

<sup>406</sup> HUSSERL *Phantasie*. Nº18, b).

<sup>407</sup> HUSSERL. *Phantasie*. Nº 19, b).

<sup>408</sup> HUSSERL. *Meditações cartesianas*, § 25, p,

modo do como se ou do quase, modo de possibilidade pura, possibilidade de sentido e de descrição.

#### 4.4 EIDOS E FICÇÃO

A tese desenvolvida até aqui pretende mostrar como a fantasia em seus diversos pontos de intersecção com os conceitos centrais da fenomenologia pode ser pensada como a consciência privilegiada na construção, execução e auto-fundação da consciência pura, esta pensada como campo transcendental instaurador e doador de todo sentido de qualquer mundo, seja o existente, seja os mundos inexistentes e possíveis. A descrição das essências ou do sentido (Sinn) das relações entre *noese* e *noema* é capturada de forma evidente através da fantasia. A “intuição de essência” (*Wesensschau*) é a intuição do *próprio ser do indivíduo*<sup>409</sup>, de seu sentido, unidade ideal de significação como diz Husserl nas *Investigações Lógicas*. Esta intuição é realizada pela fantasia.

A famosa frase do § 70 de *Ideias I* é a prova da necessidade de se elevar o valor da fantasia na fenomenologia de Husserl: “Assim, caso se goste de discursos paradoxais e se entenda a plurivocidadedo sentido, pode-se efetivamente dizer, com estrita verdade, que a ‘ficção’ constitui o elemento vital da fenomenologia, bem como de todas as ciências eidéticas, que a *ficção* é a fonte da qual o conhecimento das ‘verdades eternas’ se alimenta”<sup>410</sup>. Tal afirmativa não pretende desqualificar o modo de consciência perceptiva, mas antes garantir a validade do estatuto idealista ao processo metódico de construção da fenomenologia.

A percepção sempre será a base originária da consciência pura, mas isto não significa sua superioridade no todo da construção fenomenológica. Ao contrário, a citação acima mostra a superioridade da fantasia pensada no aspecto mais importante da fenomenologia, a saber, a idealidade da descrição das essências (do sentido) dos atos e correlatos puros. Nas *Ideias I*, mas exatamente no § 4, tem-se mais um importante pensamento sobre a fantasia no processo de visão dos *eidos*. Diz: “O eidos, a essência pura, pode exemplificar-se intuitivamente em dados de

---

<sup>409</sup> HUSSERL. *Ideias I*, §3.

<sup>410</sup> HUSSERL. *Ideias I*, § 70, p,

experiência, tais como percepção, recordação, mas igualmente também em meros dados de fantasia. Por conseguinte, para apreender intuitivamente uma essência ela mesma e de modo originário, podemos partir das intuições empíricas correspondentes, mas igualmente também de intuições não-empíricas, que não apreendem um existente ou, melhor ainda, de intuição meramente fantásticas<sup>411</sup>.

Aqui, a apreensão da essência (eidos), da unidade ideal de sentido, ainda é dita captável pela percepção e também pela fantasia. Tem-se a definição de fantasia como intuição, uma das formas de interpretar a função dessa consciência é pensa-la como intuição, pois intuir na fenomenologia significa 'ver diretamente e sem obstáculos, ver clarificado, explicado como método de clarificação, através do qual se torna evidente uma vivencia pura. A fantasia pode intuir de forma clara: "No entanto, como acabamos de mostrar, a presentificação, por exemplo, a imaginação pode ser tão perfeitamente clara que possibilita apreensões e evidências eidéticas perfeitas"<sup>412</sup>. A fantasia tem por ponto forte da tese da novidade, a concepção de uma consciência doadora de verdades eidéticas, deixando de lado o paradigma da falsidade da cópia do real. Importa recordar aqui uma questão terminológica, a fantasia sempre é pensada como presentificação, disso resulta a preferência no termo presentificação de fantasia para um estudo mais condizente com as teses defendidas por Husserl.

O § 70 apresenta uma importante distinção da relação entre o primado da percepção com seu privilégio originário e o primado da fantasia como privilégio metodológico. Disto constata-se o nascimento de um duplo primado na fenomenologia, um primado ontológico da percepção e um primado metodológico da fantasia, ambos tem seus privilégios frente a determinados problemas. O equilíbrio dessa balança tende a se alterar em favor da fantasia quando o assunto é o fazer fenomenológico, a construção e exploração dos níveis de constituição e autoconstituição da consciência pura. O progredir na pesquisa fenomenológica depende muito mais do primado da fantasia, como forma de análise privilegiada. A constatação de um duplo primado como forma de sublinhar igualmente as intencionalidades da percepção

---

<sup>411</sup> HUSSERL *Ideias* I, § 4.

<sup>412</sup> HUSSERL. *Ideias* I, § 70.

e da fantasia, e do valor de excelência da fantasia diante da ciência fenomenológica é um tema desprezado pela maioria dos comentadores.

O privilégio da fantasia pensado metodologicamente é defendido no § 70; em oposição, tem-se o perceber com sua originalidade inferiorizada nesse ponto da discussão. Cita-se: “Ora, se as vantagens da originalidade fossem metodologicamente muito importantes, teríamos de fazer agora considerações sobre onde, com e em que amplitude ela é realizável...” importa apenas apontar que a vantagem da originalidade da percepção tem sua vantagem reduzida. A fantasia é elevada nesse ponto: “Na fenomenologia, assim como em todas as ciências eidéticas existem razões em virtude das quais as presentificações e, para ser mais exato, as livres fantasias conseguem uma posição privilegiada em relação às percepções, e isso mesmo na própria fenomenologia das percepções, com exceção, naturalmente, da fenomenologia dos dados de sensação”<sup>413</sup>. O motivo desse privilégio da fantasia na compreensão da esfera eidética está no tipo de aparecimento descrito na fantasia. A fantasia trabalha no plano da inefetividade, ela já é em si mesma neutralidade e exclui de seu horizonte toda experiência dos fatos, em favor de fenômenos ficcionais.

Está na irrealidade o ponto de conexão com os eidos. Enfatiza-se em outra passagem do § 70: “Não obstante, a liberdade da investigação de essência também requer necessariamente aqui que se opere na fantasia”<sup>414</sup>. Estas citações do § 70 reforçam a ideia de uma disputa entre percepção e fantasia. Esta disputa entre um âmbito de doação na presença e outro na não-presença, torna o problema um paradoxo, como diz o próprio Husserl, entre um primado e outro na formação da fenomenologia. A disputa entre percepção e fantasia através da *Ideia* de um privilégio ontológico em oposição ao privilégio metodológico, a proporção de cada um na fenomenologia de Husserl é discutível. A fantasia possui sem dúvida exclusividade no processo de construção das pesquisas. Esta construção se caracteriza pela própria descoberta das essências e de um método capaz de atingi-las. O paradoxo entre percepção e

---

<sup>413</sup> HUSSERL. *Ideias* I, § 70.

<sup>414</sup> HUSSERL. *Ideias* I, § 70.



fantasia não é apenas uma disputa entre intencionalidades e seus respectivos horizontes, mas é um problema alargado a todos os principais temas, incluindo tanto a filosofia estática da constituição das vivências, quanto a pré-constituição ou a autoconstituição da consciência pura. A oposição entre percepção e fantasia imerge também na temporalidade através da relação apresentação e presentificação, ou melhor, presença/não presença.

Cabe apontar ainda alguns comentadores e suas explanações acerca da ficção. Entre os comentadores que ressaltam o privilégio da fantasia e da ficção está Ronald Kuspit com seu artigo *Ficção e fenomenologia*. Neste texto datado de 1968, Kuspit já começa falando do descaso ao tema da fantasia: “Pouco se tem dito sobre o especial significado de fantasia na filosofia de Husserl”<sup>415</sup>. Ainda acrescenta: “os meios que Husserl usa para fazer a distinção mais central de sua ciência fenomenológica foram ignoradas.”<sup>416</sup>. Kuspit resgata importantes definições de essência e de sua relação com os fatos, como aparecem na obra *Ideias I*. Diz sobre essências: “As essências seriam o símbolo do sentido dos fatos, ou pelo menos as figuras de linguagem expressiva da auto-evidência dos fatos na experiência. Aprender uma essência não vai além da importância atribuída aos fatos. Uma essência é um fato hipostasiado, o supremo da experiência”<sup>417</sup>. E continua definindo as essências e a ficção: “As livres fantasias não são meramente elucidações dos fatos experienciados. Ficção não são nem impressões, nem produtos da percepção, nem redutíveis aos dados sensoriais”<sup>418</sup>. Apesar da leitura favorável ao tema da fantasia Kuspit não deixa de enfatizar as contradições existentes na teoria da fantasia de Husserl.

Nos manuscritos, as vertentes de leitura para pensar a relação entre “ficção” e “*eidos*” não está ali bem estabelecida, pois falta a ideia de fundar a fenomenologia no idealismo transcendental. Este idealismo presente nas *Ideias* é o motor para entender a relação entre “fantasia” (*noese*), “ficção” (*noema*) e “essências” (unidade de sentido da *noese-noema*). Fala-se de leis de essências, e ficção como correlato de intencionalidade da

---

<sup>415</sup> KUSPIT. R. Fiction and phenomenology, p, 16.

<sup>416</sup> KUSPIT.R. IDEM.

<sup>417</sup> KUSPIT. Fiction and phenomenology. P, 17.

<sup>418</sup> KUSPIT. IDEM.

figuração, e mesmo da memória, mas a definição de essência escapa aos manuscritos ali apresentados. No apêndice Nº 15, aparece a ideia de ficção como fingimento dada pelo emprego de um recorda na fantasia. Diz assim: “Na fantasia se procede por ficção (*fingierend*). O fantasma mantém um conflito com a memória, por exemplo, o centauro fingido que eu fantasma ter reencontrado ali em uma rua conhecida está ali ou não está ali, cobre uma parte do fundo do memorar. É diferente do conflito do memorar entre duas apreensões de memorar: o analogon do conflito na esfera perceptiva”<sup>419</sup>. Sobre a fantasia completa: “A fantasia procede por ficção (*fingierende*) não é em si uma intenção (posicionalidade), ela não tem nenhum modo de crença, porque ela não é uma intenção, e ela não é em si mesmo um modo de crença, este seria um modo do memorar”<sup>420</sup>. Quando em relação à outras presentificações como é o caso da memória, esta gera conflito com a fantasia, pois atua na percepção.

#### 4.5 NEUTRALIZAÇÃO DO EU FANTÁSTICO: REFLEXÃO FANTÁSTICA

A presentificação de fantasia é em si mesma uma neutralização. Ela atua primeiramente neutralizando o conteúdo de seus *noemas* através de uma neutralização restrita, mas depois ela se alarga e atua neutralizando as vivências da percepção e da recordação através da neutralização universal. A neutralização relacional entre *noese* e *noema*, entre fantasia e fantasiado é apenas o nível inicial das neutralizações no campo da consciência pura. A neutralização também opera em relação a este ego fantástico. O primeiro passo da neutralização é abrir o acesso ao âmbito da consciência pura constituinte, este acesso é percorrido através da neutralização fantástica, a qual tem a missão metódica de descrever as conexões de essência formadoras das relações intencionais. O último nível da modificação de neutralidade é a neutralização do eu fantástico efetuada por uma reflexão de segundo grau, uma reflexão do próprio eu no seu papel de neutralizador fantástico. A reflexão do eu fantástico é como um

---

<sup>419</sup> HUSSERL. *Phantasie*. Nº 15, [408].

<sup>420</sup> HUSSERL. *Phantasie*. Nº 15, [408].

olhar o olho olhando de modo absoluto e totalizante, este olhar implica um olhar as conexões de essências.

Descrever este nível de instauração de sentido através da reflexão do ego fantástico é difícil, pois se trata de um tema pouco desenvolvido da obra *husserliana*. Acredita-se ser este nível de neutralização do eu fantástico o último nível ao alcance da auto-reflexão do *Eu puro*, ou a chave para alcançar o problema do presente vivo, âmbito de doação pré-temporal da consciência. O tema é tratado como uma “dupla epoché” ou “dupla neutralidade”. Diz Husserl: “A neutralidade pode ser motivada de diferentes modos, ela pode entrar em jogo como ideia súbita – consciência de objeto imagem, num figuração por imagem cópia, livre jogo de reproduções que se impõem e perdem em posicionalidade. *Falar de fantasia só convém nesse último caso, no discurso corrente a palavra designa uma ação do espírito com o caráter do desinteressado, que não se reporta a nenhuma esfera temática.* Toda tomada de atitude, toda crença, toda posição da direção em questão é retirada afim de reunir novas posições e melhores, “a fantasia é o domínio da ausência de fim, do jogo”. É preciso lhe atribuir os acontecimentos não temáticos, pré-temáticos ou o inverso do jogo.”<sup>421</sup>.

Saraiva também fala desse problema: “Encontramo-nos aqui perante um fenômeno importante. Existe uma reflexão, uma espantosa reflexão, segundo Husserl, que se exerce na presentificação e que permite à atenção atravessar noemas sobrepostos, deslocar-se de grau em grau, fixar-se no objeto do último grau ou par num grau qualquer”<sup>422</sup>. Esta reflexão do eu fantástico que permite ao ego atravessar todo plano da consciência de modo igual é dado através do flutuamento da imagem diante da consciência. Este poder de deslocar-se indiscriminadamente é a chave da liberdade na fantasia, liberdade essa que se funda também na compreensão do ego puro em sua totalidade.

A *Ideia* da neutralização do eu fantástico é mostrar um voltar-se sobre si no modo fantástico. Esta ideia surge como modo de pensar o terceiro eu, o *ego puro* desinteressado. Este então seria como um eu fantástico diante de um fantasiado, uma

---

<sup>421</sup> HUSSERL *Phantasie*. Nº 20.

<sup>422</sup> SARAIVA. A imaginação segundo Husserl. P, 180.

imagem. Este ego como apenas contemplador do campo transcendental, e visionário dos egos intencionais em suas relações com seus horizontes de sentido próprios. Neste sentido parece coerente falar dessa neutralização. O tema é apenas indicado, mas acredita-se que o caminho metodológico desenvolvido pelo idealismo tendo como foco a fantasia, parece adentrar ao campo da filosofia genética. Diz Husserl: “Me transporto em fantasia ao lado da imagem. Eu coloco fora de circuito minha atualidade. Eu me torno mesmo então o eu modificado, aquele sem posição. Minha participação é em consequência a participação de um espectador em imagem, e aquele de um espectador em simpatia diante de uma imagem”<sup>423</sup>. O eu como observador desinteressado tem o mesmo princípio essencial da fantasia, ele se rege pela possibilidade e pela liberdade de apreensão desta consciência neutralizada ao modo do *como-se*.

Nas *Meditações cartesianas*, encontra-se uma importante explicação acerca da relação entre auto-reflexão e método, mostra-se ainda como essa reflexão permite ver o campo das essências puras: “Só há, porém, uma auto-reflexão radical, e ela é a fenomenologia. Auto-reflexão universal e auto-reflexão plenamente radical são, contudo, inseparáveis e, ao mesmo tempo elas são também inseparáveis, uma e outra, do método fenomenológico autêntico da auto-reflexão sob a forma de redução transcendental, da auto-explicação intencional do ego transcendental, que é aberto através dela e da descrição sistemática na forma lógica de uma eidética intuitiva. A auto-explicação universal e *eidética* significa, porém, um domínio sobre todas as possibilidades constitutivas concebíveis, inatas a um ego e a uma intersubjetividade transcendental”<sup>424</sup>. A auto-reflexão universal do ego assemelha-se ao esquema da neutralização do eu fantástico, acredita-se serem expressões para tratar do mesmo campo de problemas, o âmbito prévio a toda eguidade. Saraiva cita das *Meditações cartesianas* uma passagem associando reflexão e atitude metodológica da fenomenologia: “Se dizemos que o eu que percepção o mundo e naturalmente nele vive está interessado no mundo, teremos

---

<sup>423</sup> HUSSERL. *Phantasie*. Nº 17. P, 148.

<sup>424</sup> HUSSERL. *Meditações Cartesianas*. § 64, p, 189.

então na atitude fenomenologicamente modificada, um desdobramento do eu, acima do eu ingenuamente interessado do mundo ir-se-á estabelecer, como espectador desinteressado, o eu fenomenológico. Este desdobramento do eu é por sua vez acessível a uma nova reflexão, reflexão que, enquanto transcendental, exigirá mais uma vez ainda a atitude ‘desinteressada do espectador, apenas preocupado em ver e descrever de maneira adequada.’<sup>425</sup>

#### 4.6 LIBERDADE E CRIAÇÃO

A fenomenologia exige a fantasia como consciência que capta as essências puras, pois ela se constitui através de uma irrealidade ou possibilidade. Esta irrealidade é exigida na passagem do mundo dos fatos ao mundo dos eidos. A fantasia além de intuir as essências com maior facilidade, também possui a qualidade da proteiforma, ou seja, da variação eidética. Ela compreende o *eidos* e o faz variar de posição ideal. Esse poder de variação dado à fantasia é o seu caráter de liberdade. Segundo Dufourcq: “A metáfora do flutuamento indica que imaginar é tomada do campo e uma certa liberdade em relação ao mundo”<sup>426</sup>. A livre fantasia se mostra livre por sua neutralidade diante da posição de existência, reduzir o mundo dos fatos, e as vivências reais, permite garantir o uso dessa liberdade em percorrer o campo transcendental.

Na obra *Ideias* I Husserl faz uma análise comparativa entre ciências eidéticas, a fenomenologia e a geometria, pois ambas trabalham com conteúdo eidético e utilizam a fantasia. Outras ciências eidéticas operam com essências. Husserl mostra o exemplo da matemática, o geômetra opera mais na fantasia, porque esta permite uma liberdade de pensamento e de variação do pensar. O geômetra recorre mais à imaginação que à percepção. Ele usa a imaginação para estender-se até às intuições claras. No plano da imaginação ele tem liberdade para mudar as figuras fictícias e forjar uma infinidade de novas figuras, esta liberdade dá acesso ao campo das possibilidades eidéticas e aos conhecimentos eidéticos infinitos. Husserl define esta

---

<sup>425</sup> SARAIVA. M. A Imaginação segundo Husserl. P, 254-255.

<sup>426</sup> Dufourcq. A. La dimension imaginaire...p, 94.

liberdade com as seguintes expressões: “liberdade inigualável de reconfigurar”<sup>427</sup>, esta é a liberdade aberta pela proteiforma, a variação ideal ou em pensamento do dado apreendido. Ele ainda define o poder livre da fantasia dado tanto ao geômetra, quanto ao fenomenólogo: “...uma liberdade que lhe franqueia acesso às imensidões das possibilidades eidéticas, com seus horizontes infinitos de conhecimentos de essência.”<sup>428</sup> Seguem-se assim as construções da imaginação e o pensamento *eidéticamente* puro que se elabora sobre o fundamento da imaginação.

Nos manuscritos do volume XXIII, existe uma boa compreensão da *Ideia* da liberdade e criação da fantasia. “Os mundos de fantasia são os **mundos livres** de parte a parte e toda coisa fantasmada coloca no quase um mundo de fantasia, ora se horizonte de indeterminidade não é explicável por uma análise determinada na experiência. Todo quase explicitar é um fantasma abaixo livremente e novo, um fantasma no sentido de concordância”<sup>429</sup>. A liberdade da fantasia permite a multiplicação de mundos, pois uma única ficção pode variar ao infinito, pode mudar e isso caracteriza um avanço ao método da fenomenologia e o cumprimento da tarefa infinita de descrever o âmbito doador de sentido. “*A própria fantasia é sua total liberdade (Billiebigkeit)*. E então, idealmente falando, seu caráter discricionário incondicionado. Se colocar na fantasia sobre o sol de uma quase realidade, por exemplo, de um centauro que quase está e vive ali, isto significa admitir e manter a quase efetividade, e restringir a total liberdade do fantasma subsequente pela constante intenção de concordância. Isto quer dizer, **criar um mundo que precisamente pode ser um mundo concordante para este centauro.**”<sup>430</sup> A fantasia é sua própria liberdade, mas ela vai além ela torna-se a liberdade do próprio *Eu puro* enquanto reflexão do eu fantástico. A liberdade instaura a criação como forma de mostrar a grandeza e infinitude de possibilidades contidas nesse campo fantástico. “A liberdade reside das leis de essência de um quase preenchimento possível no quadro da unidade de uma objetividade idêntica possível, como objetividade intencional e

---

<sup>427</sup> HUSSERL. *Ideias* I. § 70.

<sup>428</sup> HUSSERL. *Ideias* I, § 70.

<sup>429</sup> HUSSERL. *Phantasie*. Apêndice LVII.

<sup>430</sup> Grifo nosso. HUSSERL. *Phantasie*. Apêndice LVII.

ainda indeterminada”<sup>431</sup>. Isto indica que é necessário um livre fazer de determinação, de escolha de preenchimento para que as objetividades recebam novas indeterminidades a serem preenchidas, e assim surjam outras ficções de fantasia.

A consciência neutralizada fantástica é comparada a uma consciência sintética, o seu ponto de conjunção está no papel criador e unificador dessa consciência. Conforme a leitura de Fink, esta consciência intencional sintética é “aquela da constituição verdadeira, produtiva e criadora”<sup>432</sup>. Este *Eu puro* sintetizador é destituído de passividade, pois age como um fluxo espontâneo de produção de essências constituidoras do campo de experiência transcendental. O formar livremente, a formação livre tem um sentido constante de um ‘ser em si’ (no *como se*) de um objeto *como se* ele fosse em si como o representar determinado. Os atos espontâneos são atos de liberdade do *Eu puro*. Ele é um *ser livre* e age espontaneamente formando novas objetividades a partir da conjunção das vivências intencionais.

Nas *Ideias* III existem mais argumentações afirmativas sobre o aspecto criador da presentificação de fantasia. No § 7 Husserl trata dos conceitos regionais e de gênero, faz um exposição sobre as ontologias formar e material na formação da fenomenologia como ontologia. A preocupação geral do texto é afirmar o idealismo transcendental e a preocupação em descrever as conexões de essências. O interesse é a universalidade das essências supremas. Busca-se reduzir a experiência fática através de uma mudança de atitude transcendental. A fenomenologia é uma ciência movida pela liberdade do reino das possibilidades vazias. A fantasia também se define através da liberdade. Esta liberdade faz nascer a possibilidade da proteiforma. Esta é a possibilidade de mover as figuras, fazer surgir ou desaparecer.

A proteiforma é uma vertente para pensar a liberdade da fantasia. A liberdade engendra a teoria da criação na fantasia. Esta criação é sinônimo de produção e construção. A ficção provoca a construção de mundos: “Segundo a nossa maneira de determinar no uso a ficção, somos capazes de construir mundos inteiramente diferentes...”<sup>433</sup>. A principal citação vem em seguida.

---

<sup>431</sup> HUSSERL. *Phantasie*. Apêndice LVII.

<sup>432</sup> Fink. Apud in introdução de Ricoeur às *Ideias* I. p, XXX.

<sup>433</sup> HUSSERL. *Ideias* III. § 7. [32]. P, 40.

Nesta contém a chave para pensar a tese da novidade da fantasia como consciência de conteúdo próprio e verdadeiro. Diz Husserl de forma emblemática: “A fantasia pode, pois sempre governar a sua maneira, ela não pode adotar um comportamento destruidor de mundo, mas somente edificador de mundos, que a deixa infinitas possibilidades”<sup>434</sup>. Esta frase concentra a tese da novidade da fantasia tanto comparada com a história da filosofia, pois aqui ela assume uma postura positiva na consciência, além de construir um sentido eidético verdadeiro do mundo, ela também constrói a fenomenologia por ser a intencionalidade privilegiada para esse fim.

#### 4.7 A FANTASIA E A CONSTRUÇÃO DA GRAMÁTICA PURA

Esta passagem dos manuscritos valida um estudo sobre a fantasia no plano da lógica pura, pois esta pretende construir uma gramática pura, projeto intentado nas Investigações Lógicas, e tal construção é subsidiada pela intencionalidade fantástica, pois esta é a única que opera puramente no âmbito eidético, no âmbito das ontologias formais e matérias, sendo ela responsável por neutralizar toda condição factual. Diz Husserl: “...a lógica não privilegia a efetividade dada, ela se reporta à toda efetividade possível”<sup>435</sup>. A tese da construção da fenomenologia por via da presentificação de fantasia reconhece a construção de uma gramática pura com auxílio imprescindível da fantasia. Passa-se ao texto e suas argumentações.

Na obra *Ideias I*, Edmund Husserl anuncia a substituição da dupla “real” e “ideal” utilizada nas *Investigações Lógicas* em favor da dupla “real” e “não-real” ou “irreal”<sup>436</sup>. Esta mudança de terminologia aparentemente simples demonstra um esclarecimento do objetivo da fenomenologia. Para avançar em matéria filosófica, foi preciso estabelecer a passagem do real ao transcendental. Naquela obra, surge outra dupla de conceitos para substituir as

---

<sup>434</sup> HUSSERL. *Ideias* III. § 7. [32]. P, 40.

<sup>435</sup> HUSSERL. *Phantasie*. Nº 18, [523].

<sup>436</sup> Na introdução às *Ideias I* ele diz substituir a dupla ciência real e ciência ideal “*Realwissenschaften und Idealwissenschaften (oder in empirische und apriorische)*”; pelas duplas “*Tatsache und Wesen, Reales und Nicht-Reales*”. *Husserliana* III.



dificuldades históricas dos termos apresentados nas *Investigações Lógicas*. Trata-se dos termos “fato” e “essência” (*eidos* ou *Wesen*). Da vivência real do ser obtida por uma consciência psicológica eleva-se à vivência irreal, como vivência purificada de conteúdo e destas vivências irreais, a fenomenologia busca descrever as essências ou as unidades ideais invariantes.

O termo real trouxe muitas dificuldades na compreensão da fenomenologia, conforme salienta o próprio Husserl. A herança interpretativa deste termo está carregada de pré-conceitos filosóficos que dificultam o entendimento desta nova ciência. Contudo, ele adverte para o fato de não poder substituir de vez a palavra por falta de outra melhor. O termo real ainda aparece na obra *Ideias*, mas como momento real do vivido intencional, ou seja, como o intencionar noético da consciência para algo. Este momento real da consciência seria o que antes foi chamado de ato intencional, mas Husserl limitou o conceito de ato ao uso da psicologia. O termo *fato* passa a ser empregado para designar um ser real individual, ou seja, um ente existente na experiência espaço-temporal, e as ciências empíricas que se ocupam deste ser real são denominadas ciências de fatos. Isto para recordar os dois modos como o conceito real é descrito na fenomenologia, o real (*Real*) espaço-temporal e o real (*Reel*) fenomenológico da consciência purificada de toda experiência empírica<sup>437</sup>. Esta última definição vem da obra *Investigações Lógicas* e parece ser a melhor diferenciação destes dois termos dada por Husserl.

O conceito ideal aparece nas *Investigações Lógicas* primeiro nos *Prolegômenos a lógica pura*. No § 22 Husserl faz um crítica aos lógicos psicologistas por desconhecerem as “...essenciais e eternas diferenças entre a lei ideal e a lei real, entre a regulação normativa e regulação causal, entre a necessidade lógica e a real, entre o fundamento lógico e fundamento real”<sup>438</sup>. O termo ideal aparece aqui como conceito lógico, é apresentado através da teoria da significação. Toda linguagem seja falada ou apenas pensada, tem sua unidade ideal de significação, ou seja, toda fala é um fenômeno real, individualizado no tempo, mas possui um algo invariante que permite compreender o processo de linguagem da consciência.

---

<sup>437</sup> HUSSERL. *Investigações Lógicas*, V Investigações, § 16.

<sup>438</sup> HUSSERL. *Prolegômenos a lógica pura*. § 22. P, 80.

Esta unidade ideal é orientada por leis ideais, as quais constituem a meta da descrição analítica de Husserl. Importante ressaltar o porquê da mudança do termo ideal e *Ideia* ao termo essência, pois ao enfatizar o conceito de *Ideia* e sua posição filosófica que eleva a *Ideia* e o conhecimento ideal, ele acaba sendo interpretado como um psicólogo revolucionário, e se aproxima mais da psicologia do que pretende. Quando fala de *Ideia* tem sempre a preocupação de se distanciar do platonismo atribuído pelos filósofos e do psicologismo descritivo do lado da psicologia. Para os psicólogos da época, o termo ideal utilizado por Husserl não o distancia da psicologia já elaborada. Os atos ideais e as *Ideias* da consciência (representações) já são estudados pela ciência psicológica da época, mas eles acrescentam que a separação entre lógica e psicologia proposta ali se desvia das direções pretendidas por estas ciências psicologistas.

A concepção de base deste período de 1900 é retratar a consciência como intencional explorando como esta consciência passa dos estados psíquicos às leis ideais e *a priori*. Importa mais apontar estas essências ou unidades de sentido e distribuí-las numa tábua de categorias, para formar as leis sob as quais se instaura os atos intencionais da consciência. O trabalho de investigar as divisões categoriais necessita desta reconstrução do que vem a ser o “real” e o “ideal”, pois a divisão superior das categorias entre “formal” e “material” exige explicar qual o método utilizado para tal diferença e quais as características de cada umas das categorias. Como Husserl chegou a tal divisão? Lembrando que esta aparecerá também nas *Ideias I*, mas com a exposição melhor definida, ou seja, torna-se evidente que a categorização seja motivada pela intencionalidade da consciência. As categorias formal e material estão relacionadas aos dois lados da relação intencional, lado da subjetividade ou *noese* e lado da objetividade ou *noema*. Na obra de 1913, há um avanço da concepção categorial aplicada também ao correlato da consciência, se antes o foco não era tanto o modo de objetividade aparente à consciência, agora esta entra como conteúdo transcendental, através da concepção denominada de “constituição do mundo” na consciência pura.

Estas discussões servem para introduzir a questão anunciada no título deste trabalho; a analítica da irrealidade tem o

intuito de evidenciar a influência do conceito de irrealidade, entendida como o fenômeno modificado transcendentemente, isto é, reduzido de seu conteúdo material, ao alcance científico da essência ideal da vivência irreal. Toda consciência fenomenológica é formada por vivências irreais, o que caracteriza seu cunho transcendental. Isto aparece mais claramente nas *Ideias I* com o método das reduções, mas mesmo sem a estratégia explícita da redução é possível fazer este salto ao plano irreal do aparecer. Neste plano transcendental, não se trata diretamente do mundo, pois não se trata do indivíduo existente, mas dos gêneros e categorias formais que direcionam qualquer ente aos modos de atender da consciência pura. Instaure-se uma dificuldade acerca da clareza do conceito de “irreal” e de “ideal”, pois parece que o próprio Husserl aproxima a irrealidade do vivido de sua unidade essencial, isto é, parece haver uma confusão em definir se as essências ou a unidade de sentido dos vividos são irreais, pois são partes da irrealidade total da vivência pura, ou se são idealidades contidas nas irrealidades fenomênicas, ou seja, fundam um terceiro nível de objetos. Esta última distinção parece ser mais coerente, apesar de só ser aplicável a partir das *Ideias I*.

O objetivo aqui é investigar a analítica da fenomenologia tendo como parâmetro duas direções principais, a primeira é pensar as categorias através da significação e das essências. Esta leitura aparece, por exemplo, no trabalho de Thomasson quando ela diz “Husserl deixa claro que o estudo de categorias, para ele, é uma matéria inteiramente *a priori*; as categorias de significação e objetos semelhantes ‘surge...somente em relação às suas variadas funções-pensamento: sua base concreta somente pode ser fundada nos atos possíveis de pensamento, como, ou nos correlatos os quais podem ser compreendidos nestes’ (*Ideias I*). Como ele coloca recentemente, nas *Ideias*, o estudo de categorias é um estudo de essências...”<sup>439</sup>. A necessidade de falar da concepção de irrealidade do campo transcendental parece ser fundamental na descrição das categorias formais e materiais, ou para compor o que faria parte das ontologias formais e materiais.

Tem-se, como pressuposto, a concepção de categoria para Husserl como uma região determinada do ser da consciência pura, ou seja, categorização tem a ver com os tipos de formalização e generalização na consciência de todo ato ou correlato em geral,

---

<sup>439</sup> Thomasson. *Categories*. In <http://plato.stanford.edu/entries/categories/>

ou da inclusão de uma individualidade no gênero de uma categoria que lhe é própria. “O termo categoria, empregado na expressão *categoria de uma região*, remete, de um lado, à região considerada, no caso à região natureza física; de outro, ele relaciona a região material determinada com a essência formal de objeto em geral e com as categorias formais saídas desta essência” (§ 10 *Ideias I*). A divisão nuclear das categorias é, de um lado, o formal, que não depende de conteúdos vindos da facticidade, e de outro, o material que são formas gerais das individuações materiais, ou seja, que tratam da generalidade das leis dos indivíduos.

Pretende-se mostrar como um modo específico de intencionalidade da consciência, a imaginação e o seu correlato, o imaginado, se situam na analítica formal, por ser uma forma irrealizante da materialidade e, portanto livre da dependência material. Esta liberdade da imaginação é exigida por Husserl para adentrar ao campo da irrealidade transcendental. Somente neste campo das vivências irreais inicia-se a pesquisa fenomenológica, que pretendem estabelecer as formais gerais de toda relação possível entre consciência e mundo. A ficção é fundamental à visão (intuição) de essências, isto é, ao captar da unidade essencial das *Erlebnisse*. Como diz Husserl na introdução das *Ideias I*, “Mostrar-se-á, além disso, que todos os ‘vivididos’ transcendentalmente purificados são irrealidades, estabelecidas fora de toda inserção no ‘mundo efetivo’. A fenomenologia investiga justamente essas irrealidades, não como individualidades singulares, mas na ‘essência’”.<sup>440</sup> Se os vivididos são irrealidades devem ser incluídos vivididos de percepção e imaginação, memória, contudo há uma grande diferença entre a percepção e a imaginação, pois, na percepção externa do mundo eu tenho diante de mim um algo real, mas na percepção fenomenológica, o mundo, segundo a aplicação da redução, deve ser irrealizado<sup>441</sup>. Na intencionalidade imaginativa, o mundo já se

---

<sup>440</sup> No original “Es wird sich weiter zeigen, dass alle **transzendental** gereinigten „**Erlebnisse**“ **Irrealitäten** sind, gesetzt ausser aller Einordnung in die „**Wirkliche Welt**“. Eben diese **Irrealitäten** erforscht die Phänomenologie, aber nicht als singuläre Einzelheiten, sondern im „**Wesen**“. Grifo nosso. Einleitung. *Husserliana III*.

<sup>441</sup> Sobre a percepção como atentar de algo irreal fica sempre a dúvida se Husserl admite mesmo a separação de duas percepções, já que ele assume no primeiro

dá como irrealidade, por isso, ela é a forma privilegiada ao atingir eidético.

A tese da divisão categorial fundada nas essências aponta um modo de compreender as categorias: “formal” – “material”, “analítico” – “sintético”. A investigação pretende aproximar a analítica, ou categorial formal da intuição imaginativa e seus correlatos as imagens irrealis (*ausente e inexistente*<sup>442</sup>). A analítica da irrealidade, que talvez possa ser chamada também de analítica da idealidade, devido à displicência de Husserl quanto ao verdadeiro valor do termo ideal, pretende mostrar como a fenomenologia prioriza a categoria formal por seu valor puramente ideal. Isto não implica no descrédito da categorial material, pois esta também está presente nos atos intencionais, mas sua função de generalidade do material depende sempre de algo formal para se dar. A disciplina superior da categoria formal é a gramática pura, a disciplina do “sentido” ou “significação” (*bedeuten*). Ela se relaciona com o *eidos*, pois a essencialidade de cada vivência é ter um sentido invariante possibilitador da construção de uma ciência ou ontologia dos fundamentos<sup>443</sup>. A fenomenologia mesma deve ser entendida como pré-ontológica no sentido de que as ontologias formais e materiais referentes ao ser são contidas nesta ciência. Ela pode ser chamada ontologia dos fundamentos por descrever não a essência mesma, mas a consciência de essência, isto significa, a reflexão da essência.

---

parágrafo de *Ideias I* que a percepção é a experiência originária e que me apresenta o objeto por perfis. A percepção pode ser preenchida por encontrar o ser real indicado na intenção. Os vividos no transcendental são dados na sua totalidade, e não por perfis.

<sup>442</sup> As imagens podem ser ausentes no sentido de uma imagem de recordação, ou seja, as imagens de algo que está apenas ausente do olhar perceptivo, como a imagem de um amigo ausente numa fotografia. Já as imagens inexistentes correspondem às ficções da fantasia livre. As criações da consciência como o centauro, que não existe em lugar nenhum.

<sup>443</sup> Em *Ideias III*.



## 5 FENOMENOLOGIA E ONTOLOGIA

O texto das *Ideias I* é para muitos comentadores um enigma da fenomenologia. O primeiro capítulo "Fato e essência" resgata as *Ideias* principais da obra *Investigações Lógicas*, mas com a separação clara entre as ciências do fato e a ciência de essência. Esta obra para muitos representa a mudança de paradigma teórico por assumir um idealismo transcendental antes desconhecido. A principal tese de *Ideias I* é a da relação entre fato (real) e essência (ideal). Como explica Gibson: "O argumento de Husserl é que as duas principais ordens, do fato real e da essência ideal são intrinsecamente separadas, e que a ciência última de todas é uma ciência da pura experiência *a priori* que não tem absolutamente nenhuma preocupação com as realidades existentes, mas lida unicamente com essências"<sup>444</sup>.

Husserl prioriza o campo das essências a partir desta obra, e apesar de afirmar a inseparabilidade de fato e essência, o faz para garantir ao mundo uma dependência ontológica da consciência pura, ou ainda, mostrar como o mundo se constitui na consciência pura. Nesta obra, há uma descrição da estrutura da consciência, que diferencia em vários pontos da descrição das IL. A consciência é dividida em pólo noético ou da subjetividade pura e pólo noemático ou da objetividade pura. A grande novidade é tratar a objetividade como conteúdo intencional da consciência e fazer uma descrição do modo de se dar a vivência noemática. Tal descrição fenomenológica dos vividos puros tem por objetivo descrever as conexões de essências (formais e materiais) que constituem o vivido intencional.

Para Husserl nas *Ideias*, fazer descrição ontológica das vivências ou explorar as ontologias formal e regional do ser só é possível a partir da descrição fenomenológica e, portanto, intencional da consciência, via acessada por meio da redução. A fenomenologia é pensada agora como ciência que abarca em si as ontologias e seus conteúdos, o que dificulta saber se a fenomenologia é ontologia ou se fazer ontologia é diferente de fazer fenomenologia, pois esta seria um âmbito pré-ontológico ou proto-categorial. Cabe entender se esse proto da consciência implica num campo passível de estudo e descrição ou se só há

---

<sup>444</sup> Gibson. *The problem of real and ideal in the phenomenology of Husserl*. P, 313.

descrição no âmbito do aparecimento do mundo, ou seja, a fenomenologia só pode ser fundante por relação à algo fundado, e assim não faz sentido falar de fenomenologia sem que uma objetividade possível apareça. Entre os conceitos destacados está a constituição, que modifica a forma de pensar a objetividade e a consciência pura, pois a questão erigida aponta ao processo de reciprocidade entre subjetividade e objetividade, como se o mundo vivesse na consciência de forma ideal.

3) Para pensar o que é a “ontologia formal” e a “ontologia regional”, como elas se relacionam, e principalmente qual o critério de distribuição das categorias de uma e outra esfera, parece fundamental alguns teses das obras citadas. Pode-se invocar de início algumas hipóteses: 1) Nas IL a distinção entre formal e material nos vividos intencionais parece estar pautada na independência ou não-independência dos conteúdos. O conteúdo formal é independente de qualquer conteúdo vindo da sensibilidade, já o material não é independente, pois necessita sempre de um ente no qual a matéria aparece, ou seja, no exemplo da cor: "A cor não pode existir sem algo colorado" "a cor é impensável sem algo colorado"<sup>445</sup>. (Lembrando que a existência do colorado não é analiticamente fundada na noção de cor.) III LU § 11. Na ontologia formal, a existência do número 1 e a existência do centauro tocador de flauta são independentes de qualquer conteúdo, ou mescla com a sensibilidade. O número 1, assim como os fenômenos da geometria e da arte são ideais. Husserl afirma na V investigação que o conteúdo real fenomenológico de um ato é a totalidade englobante de suas partes sejam elas concretas ou abstratas. Se os atos da consciência são reais, ou seja, a consciência é o campo da realidade fenomenológica, o que não significa real existente, então como entender a divisão ontologia formal e material se a consciência é realidade?

Em outro trecho da V investigação: "Assim obtemos as visões intelectivas da fenomenologia pura (voltadas, aqui, para os componentes reais [Reell]), cuja descrição é, portanto, uma ciência totalmente ideal, purificada de toda e qualquer 'experiência', isto é, de toda e qualquer posição conjunta de uma existência real[Real]. Quando, num modo de dizer mais simples, falamos meramente de análise e descrição reais [Reell] (e, em geral, fenomenológica), devemos ter sempre em conta que a

---

<sup>445</sup> HUSSERL. Investigações Lógicas 3ª Investigação. § 11.



ligação destas explicações ao domínio psicológico é apenas uma estágio transitório, que as apreensões empírico-reais[Real], e as posições de existência que a correspondem (por exemplo, as vivências como 'estados' de realidades animais que vivenciam num mundo espaço-temporal real [Real]) não tem a mínima eficácia, numa palavra, que por todo lado se tem em vista e se pretende validades de essência puramente fenomenológicas”<sup>446</sup>. A realidade aqui está referida à intenção, ao visar da consciência e não com o objeto existente. O que existe, o que pode ser chamado real é a possibilidade de visar um objeto.

Nas LU tem-se duas possibilidades: ou a consciência como campo do real estuda as relações das ontologias divididas em conteúdo formal irreal e conteúdo material real. Esta solução parece favorecer a leitura do realismo das LU. Mas como conciliar a unidade ideal de significação e no limite a ciência fenomenologica definida como ideal com a tese do ato da consciência ser real? Ou a ontologia formal é a própria ciência fenomenológica ideal que estrutura os atos da consciência? Aqui ainda não se insere uma estruturação definida do correlato intencional, tal qual aparece nas *Ideias I*, como o nome de *noema*. O que será o componente irreal da estrutura da consciência.

Gibson apresenta em seu texto uma teoria interessante sobre o conceito de objeto na fenomenologia. Diz ele que Husserl apresenta três tipos de objetos aos quais as ciências tem que se haver:

1) Objeto real ou coisa que abarca o plano da natureza e é tratada pela ciência física e natural.

2) Objeto irreal ou não-real, em contraposição ao objeto real. Sobre estes ele diz “Objetos irreais são formas perfeitamente definidas do ser. Nós veremos que toda experiência transcendentalmente purificada são objetos desse gênero e possui ser, ser individual deste tipo irreal”. De fato, Husserl afirma já na introdução às *Ideias I*: “a fenomenologia transcendental se ocupa de fenômenos irreais (*irreal*).”

3) Essência (*Wesen* ou *Eidos*) “A fenomenologia é exclusivamente preocupada com as essências puras, mais particularmente com a natureza essencial desta forma irreal de ser, chamada por ele de consciência pura. Essas essências são contudo, nesta visão, objetos completamente genuínos

---

<sup>446</sup> HUSSERL. Investigações Lógicas. 5ª investigação. § 16.

percebíveis através de um gênero especial de intuição, que Husserl em oposição a intuição sensível, chama de intuição de essências ou categorial, uma forma de intuição peculiar à fenomenologia”.

Na visão das *Ideias* parece que a fenomenologia se apresenta como uma nova ontologia que não é nem a ontologia formal e nem a ontologia material, mas uma ontologia das *origens* ou fundamental. Ela pretende substituir ou ir além da ocupação dos objetos, pois fazer ontologia mesmo que formal ainda é se ocupar do objeto, da essência, mas a meta da fenomenologia é estudar a instauração da essência, de sua relação intencional no fluxo da consciência. A fenomenologia descreve então uma consciência de essência e não a essência, isto significa dizer que a fenomenologia, como é dito nas *Ideias III*, é uma ciência descritiva das conexões das essências, ou seja, da sua relação noético-noemática. Apesar da fenomenologia estar além de todas as ontologias, isto não faz dela uma ciência que possa funcionar sem elas, pois a ciência fenomenológica engloba todas as ontologias de todas as regiões do ser, mas como sua posição de existência neutralizada, o que permite sobreviver uma transcendência necessária para fazer valer o caráter científico da mesma.

A divisão de Gibson é coerente com a obra de 1913, mas não se aplica aos escritos anteriores. Cabe ressaltar apenas a importância da divisão entre *noese* e *noema*, pois com esta surge o problema do intencional real da consciência em direção às essências irrealis. Este real do *noema* não afeta o valor transcendental da consciência, mas exige uma existência de um ego psíquico, um sujeito de carne e osso. No § 33 de *Ideias I* Husserl afirma: “O ser que se quer revelar é um “puro vivido”, uma “consciência pura”, de um lado estão os “correlatos desta consciência” e de outro o “*Eu puro*” desta consciência”.

Esta aparente dicotomia entre *Eu puro* e correlatos designa a estrutura geral da consciência em duas partes conectadas necessariamente, *noese* e *noema*. O fundante não existe sem o fundado, isto permite a Husserl defender que não se faz fenomenologia só da subjetividade pura, resultando na impossibilidade de exclusão das ontologias formal e material. As *Ideias III* retratam a diferença entre fenomenologia e ontologia. Apesar de ser um texto posterior aos anos de 1913, convém

apresentar seus comentários: no § 15 intitulado “O significado do campo ontológico para a fenomenologia e a diferença entre as duas ciências”<sup>447</sup>, neste é demarcado a relação das ontologias e como elas acessam ao plano da consciência pura. As ontologias são modificações das ciências naturais, ou seja, cada uma representa uma parcela da região do ser. Para haver pesquisa destas ciências no modo fenomenológico, é necessária uma mudança de orientação, uma redução da realidade dos conteúdos das ciências, afim de se constituírem no campo da consciência pura. Sobre a constituição da ontologia formal e material diz: “De acordo com sua descoberta fundamental, conceitos ônticos que funcionam como conceitos fundamentais nas ontologias correspondem as formas fundamentais (*material e formal*) de constituição de objetividades na consciência.”<sup>448</sup> A fenomenologia deve ser entendida sim como ontologia, mas como essa ontologia fundamental que apresenta a forma pura de todas as ontologias possíveis.

---

<sup>447</sup> HUSSERL. *Ideias* III. § 15.

<sup>448</sup> HUSSERL. *Ideias* III. § 15.



## 6 INTENCIONALIDADE E IRREALIDADE

A fenomenologia tem a peculiaridade de tratar as questões lógicas e analíticas por via da concepção intencional, mas esta intencionalidade deve ser pensada como algo novo se comparada à tradição psicologista e mesmo filosófica. O intencional fenomenológico deve ser compreendido como reflexão. Ele ganha um estatuto ampliado do clássico modelo de uma relação *do* sujeito *ao* objeto. A reflexão intencional é um voltar-se sobre o processo nascente ocorrido entre subjetividade e objetividade, ou seja, trata-se de um olhar de conjunto do ato da consciência e do correlato. Há certamente um avanço da obra *Investigações Lógicas às Ideias I*. Tal diferença está na preocupação em descrever os atos da consciência na primeira obra e a recolocação do correlato como constituído na consciência pura na segunda.

Conforme Benoist, a intencionalidade de Husserl é um sistema complexo, pois, de um lado, existe a teoria da significação e de outro a prevalência da intencionalidade perceptiva. Diz Benoist: "Husserl faz do sentido como tal (*Bedeutend*), na verdade uma intencionalidade"<sup>449</sup>. Sobre o problema da intenção dirigida ao fenômeno (correlato que não é necessariamente compreendido como algo externo) diz: "...na teleologia da intencionalidade *husserliana*, a intencionalidade perceptiva é sempre o fim"<sup>450</sup>. Em resumo ele diz: "Na construção de Husserl, a intencionalidade é alguma coisa sobre sentido, mas este é essencialmente referido à percepção"<sup>451</sup>. Esta leitura de Benoist faz aguçar um problema na hierarquia das intenções da consciência, pois a percepção é a intencionalidade requerida ao preenchimento do intencional com a coisa mesma, com o ser-dado à consciência. Contudo, a percepção parece ser inferior no captar do conhecimento da essência da vivência, pois para tal visar Husserl privilegia a imaginação e seu correlato, as imagens, que são objetos ideais, embora não permitam preenchimento evidente.

O tema da intencionalidade permeia toda a discussão e suscita novamente a divisão entre real e ideal. A teoria das categorias tem sempre haver com as estruturas dos modos de intenção da consciência e das estruturas do ser em regiões

---

<sup>449</sup> Benoist. *Two (or Three) conceptions of intentionality*. P, 91.

<sup>450</sup> IDEM, p. 93.

<sup>451</sup> IDEM.

determinadas na consciência. Já nas *Investigações Lógicas* as intenções da consciência são reais, pois só existe o se acompanha de uma consciência atenta. Tal concepção permanece nas *Ideias I* de forma reelaborada, quando Husserl anuncia a necessidade de uma consciência atual para intencionar o mundo. O que torna a subjetividade da consciência pura algo real é em primeiro lugar a necessidade de um cogito atual, e em segundo lugar o fato de que o dado de sensibilidade (conteúdo de sensação) permanecem após a redução, não como vividos intencionais, mas como dados hyléticos que compõem os vividos noéticos, ou que compõem os vividos da subjetividade pura. Cada intenção da consciência é acompanhada de sentimentos, emoções, julgamento estético (belo ou feio), julgamento moral (bom ou mal). Ele mantém os traços peculiares ao psiquismo humano, mas estes são componentes que só podem existir junto com a intenção lançada pela consciência. Um exemplo tornado clássico por Sartre<sup>452</sup> é dizer: Eu vejo Pedro, quando digo vejo Pedro torna-se atual também meu amor por Pedro, ou meu ódio. O fato da consciência no pólo de subjetividade ser real tem a ver com esses dados materiais que sobrevivem ao campo purificado.

Nas *Investigações Lógicas* a distinção entre formal e material nos vividos intencionais está pautada na distinção entre independência ou não-independência dos conteúdos. O conteúdo formal é independente de qualquer conteúdo vindo da sensibilidade, já o material não é independente, pois necessita sempre de um ente no qual a matéria aparece, ou seja, no exemplo da cor: "A cor não pode existir sem algo colorado" "a cor é impensável sem algo colorado". Lembrando que a existência do colorado não é analiticamente fundada na noção de cor<sup>453</sup>. Na ontologia formal a existência do número 1 e a existência do centauro tocador de flauta são independentes de qualquer conteúdo, ou mescla com a sensibilidade. O número 1, assim como os fenômenos da geometria e da arte são ideais. Contudo, a imagem também possui uma referência às leis materiais, pois é composta também pela espécie cor, por exemplo. A diferença entre objeto independente e dependente é a chamada também de diferença entre concreto e abstrato nos momentos da intuitividade subjetiva, ou seja, esta diferença se refere a vivência consciente e

---

<sup>452</sup> Sartre. *Esboços de uma teoria das emoções*.

<sup>453</sup> Husserl. *Investigações Lógicas*, III. § 11.

não à existência da coisa intuída. No § 15 das *Ideias I* esta divisão fica mais clara: “Uma essência dependente se chama um *abstrato*, uma essência absolutamente independente, um *concreto*”<sup>454</sup>.

No § 11 das LU<sup>455</sup> diz, as leis sejam formais ou materiais se fundam nos gêneros supremos (espécies) sob as quais caem os conteúdos não-independentes ou essência de todas as objetividades individuais. Daí surge a uma lista de conceitos categoriais. Na lista das categorias formais, encontram-se os conceitos: algo, uno, objeto, propriedade, relação, enlace, pluralidade, número, ordem, número ordinal, todo, parte, magnitude, etc. Husserl enfatiza a diferença radical daqueles com os conceitos das categorias materiais, os quais são: casa, árvore, cor, som, espaço, sensação, sentimento. A grande diferença com as *Ideias I* é que nesta as categorias compõe explicitamente as ontologias. Tem-se duas ontologias definidas a formal e a material ou regional, o que faz torna o estudo das categorias, um estudo das categorias ontológicas. No § 10 de *Ideias I* é explicada a região formal, a qual apesar de estar em relação direta com a região material deve ser pensada como a forma pura em geral e, pois, vazia. As categorias formais são antes recursos lógicos vazios capazes de permitir uma maior adequação possível de essências materiais. O formal tem na fenomenologia o papel de amplia ao infinito as possíveis descrições dos “mundos”, pois a ontologia formal abarca em si todas as ontologias regionais possíveis. Ela funciona quase como uma analítica extremamente lógica, no sentido de um instrumento ao fazer fenomenológico. Diz Husserl “A chamada 'região formal' não está, portanto, em coordenação com as regiões materiais, ela não é propriamente uma região, mas forma vazia de região em geral, ela não tem todas as regiões, com todas as suas particularizações eidéticas materiais, a seu lado, mas sob si. Essa subordinação do material ao formal se torna patente por isso, que a ontologia formal guarda ao mesmo tempo sob si as formas de todas as ontologias possíveis em geral.” (Husserl, *Ideias I*, § 10).

A ontologia formal se liga a lógica formal constituindo as disciplinas da mathesis *universalis* formal. Há ainda no âmbito formal as categorias de significação que compõem a lógica

---

<sup>454</sup>Husserl. *Ideias I*. § 15.

<sup>455</sup> Abreviação para *Investigações Lógicas*.

apofântica, a qual permite a construção de uma gramática pura, esta seria como uma teoria do sentido em geral aplicável a toda e qualquer objetividade ou vivência da consciência. Aqui aparece claramente a influência das *Investigações Lógicas* que retratam a lógica do sentido ou significado como o aspecto ideal da vivência. Contudo, Husserl fornece outros exemplos de disciplinas eidéticas formais, como a geometria que possuem conceitos ideais. Apesar de Husserl salientar a irrealidade dos conceitos matemáticos e geométricos já trabalhariam no âmbito necessário ao fazer fenomenológico, ou seja, não necessitam de uma neutralização da tese de existência, contudo, o método dedutivo destas ciências não permite comprar a fenomenologia como seu modo de olhar o mundo. A ciência fenomenológica exige uma descrição do mundo aos moldes das ciências materiais. a fenomenologia estaria mais próxima das ciências materiais. As ciências eidéticas conhecidas não procedem de modo descritivo: a geometria, por exemplo, não atinge as diferenças eidéticas últimas. No § 5 de *Ideias I*, ele explica a diferença do fazer fenomenológico com a geometria, “Assim, na geometria pura nós em regra não fazemos juízos sobre o *eidós* “reta”, “ângulo”, “triângulo” ...mas sobre reta e ângulo em geral ou 'como tal', sobre triângulos individuais em geral...”<sup>456</sup>.

A analítica da irrealidade faz sentido na fenomenologia ao se pensar a Ideia da categoria formal como estrutura vazia para todo o conhecimento descritivo sintético ou material que se possa fazer. Este vazio como irreal tem o sentido da modificação de neutralidade da posição de existência que é um tipo de imaginar, ou seja, um modo distinto do ato fantasiante da consciência que reduz a percepção e a recordação afim de abri caminho ao campo das essências. O irreal da analítica deve ser pensado como o algo vazio, como a não posição de existência que se assemelha ao ato de modificação possível de todas as vivências. Esta consciência reduzida de materialidade, ou melhor de uma tese afirmativa ou negativa sobre o mundo e sobre os objetos individuais é o campo a ser alcançado pela fenomenologia que não pretende mais falar do mundo, mas de fundamentar uma ciência estruturadora das regiões possíveis à qualquer consciência e, portanto, amplia os horizontes intencionais ao infinito. O intuito de uma ciência pautada nesse aspecto irreal do fenômeno demonstra a intenção

---

<sup>456</sup> Husserl. *Ideias I*. §5.



*husserliana* de universalizar a ciência para poder aplicá-la a qualquer mundo ou qualquer tipo de consciência, pois engloba as particularizações como membros de um gênero material ou formal vinculados a duas regiões bem amplas, que são as ontologias formais e materiais.

Chama atenção a ideia da formalização aproximada ao irreal e a relação entre este irreal ou não-posicional, e a essência enquanto objeto focado pela descrição fenomenológica. Para atingir uma visão de essências, é mais fácil partir de dados da imaginação, que são irrealis, do que de dados perceptivos. A divisão entre formal e material, mostra uma diferença entre abstrato e concreto, assim no plano transcendental ou puro todo conteúdo é irrealidade, mas talvez caberia a fenomenologia um olhar a si mesma, ou seja, uma analítica que fosse a visada fundante das visadas fundadas, mas que nesta ficasse coerente uma intenção da consciência no modo irrealizante. Contudo, ao falar desse voltar-se sobre si da consciência pura, ou retroferência, Husserl afirma o presente é a consciência temporal que permite essa visada, e aí parece desconsiderar uma analítica da irrealidade como prioritária, mas deixando esta como um x vazio que não funciona sem a ontologia material. Tal escapada parece mostrar a preocupação de Husserl em não idealizar ao extremo sua filosofia, pois quando a julga como idealismo transcendental, o faz para enfatizar mais o aspecto irreal da vivência, ou seja seu carácter não existencial, do que uma idealidade platônica.

No início, mostrou-se relevante pensar a irrealidade e sua influência na categoria formal e para compreensão da fantasia como privilegiada na fenomenologia. A intenção de fundo era aproximar a irrealidade de um tipo específico de consciência, fantasia, com a ideia da forma geral e vazia da ontologia formal. Pensou-se em mostrar que a imaginação seria o modo de intencionalidade referida ao formal. De um lado, demonstra-se tal leitura é possível e mesmo apoiada por Husserl em várias passagens, principalmente, no § 70 de *Ideias I* e na V *Investigação Lógica*. Se “a ficção constitui o elemento vital da fenomenologia como de todas as ciências eidéticas; a ficção é a fonte onde se alimenta o conhecimento das verdades eternas”<sup>457</sup>, se as

---

<sup>457</sup> *Ideias I*, § 70.

categorias formais constituem-se de irrealidades, se elas tratam do em geral vazio, logo, a fenomenologia necessita dessa analítica da irrealidade como forma de ampliar o horizonte meramente descritivo das ciências naturais, e dar-lhes um horizonte de fenômenos irrealis sem os quais, para Husserl, não haveria sentido a existência do mundo.

## CONCLUSÃO

A tese conclui de forma central a relevância da fantasia em diversos níveis da conceitualização fenomenológica. Acredita-se ter apontado ser esta intencionalidade de suma relevância aos meandros argumentativos mais básicos e também à construção da fenomenologia como ciência descritiva de essência. A fantasia mostra-se como um conceito novo na história da filosofia. A tradição da filosofia e da psicologia negaram, o aspecto racional da fantasia, excluindo-a de uma ontologia ou epistemologia verdadeira. A filosofia moderna é uma amostra dos limites da fantasia pensadas sob o prisma da subjetividade psicologista e da visão de mundo dicotômica.

A fantasia só exprime sua força de criação e liberdade na fenomenologia de Husserl. Esta mudança apresenta-se através do conceito de intencionalidade. A fantasia é pensada como consciência livre e em seu sentido próprio, sem implicações éticas ou estéticas. A fantasia tem um papel metodológico importante na pesquisa fenomenológica. Ela também é a intencionalidade privilegiada na visão das essências ou na captação do sentido das conexões eidéticas da consciência, as quais permitem compreender o mundo. É evidente a oposição e complementação entre um primado da percepção e o primado da fantasia. Esta dicotomia não pode ser motivo de crise na lógica interna das obras, mas antes mostra a difícil tarefa da fenomenologia em desvendar e fundamentar a dicotomia mais profunda entre natural e transcendental. Antes de se escolher um primado para se apoiar, deve-se tomar extremo cuidado para não cair ou num discurso de refutação da percepção, ou de refutação da fantasia.

No extremo, rejeitar qualquer um dos primados aqui expostos é como rejeitar um dos âmbitos desse dualismo entre real e ideal, entre mundo e consciência pura. O grande segredo para não cair nos erros de interpretação da obra *husserliana* é assumir a redução fenomenológica, e a neutralização como fundamentais nas pesquisas de essências. As duas temáticas definidoras da fantasia são a temporalidade e a metodologia, apresentadas através do conceito de presentificação e neutralização. Husserl pretendia desenvolver, cada vez mais, esses níveis da consciência pura. Nessa tarefa infinita de

descrever encontra-se a grande semelhança com a vivência fantástica.

A opção por trazer à tona essa semelhança entre o constituir fantástico e a consciência pura em sua totalidade. Detalha um ponto específico da fenomenologia de Husserl, e provoca uma revolução na maneira de pensar a fantasia. Revolução *husserliana* almejada através da sua incessante busca de sentido ontológico-fenomenológico por via de um idealismo transcendental. Aclarar o propósito construtivo e inovador da fantasia é, como deixa ver, a fenomenologia sobre uma imagem mais dinâmica. A originalidade da fantasia fenomenológica está na ousadia de seu alcance na compreensão do mundo. Ela tem o poder de atingir as essências ou o sentido do mundo de forma direta e verdadeira. Com ela é possível multiplicar os sentidos a serem descritos. Esta é a novidade da fantasia enquanto intencionalidade, um conceito privilegiado e reformador da própria fenomenologia se pensada na via do idealismo transcendental.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Pedro. **Subjectividade e tempo na fenomenologia husserliana**. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. 2003.
- BENOIST, J. **Two (or three) conceptions of intentionality**. In Tijdschrift voor Filosofie, 69/2007, p. 79-103.
- BERNET, Rudolf. **Unconscious consciousness in Husserl and Freud**. Phenomenology and the Cognitive Sciences: 2002, v.1, p.327-351.
- BRAINARD, Marcus. **Belief and its neutralization. Husserl's system of phenomenology in the Ideas I**. State University of New York Press, Albany: 2002.
- BRENTANO, Franz. **Psychologie vom empirischen Standpunkt**, Par O. Kraus, Hambourg, Felix Meiner: 1974, v.1.
- CALÍ, C. **Indeterminabilità e identità nei mondi finzionali**. Leitmotiv: 2003. v.3, p. 143-150.
- COTTINGHAM, John. **Dicionário Descartes**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- DESCARTES, René. **Méditations et Principes**. In: Oeuvres de Descartes. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Meditações**. In: Os pensadores. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- \_\_\_\_\_. **Meditações sobre a filosofia primeira**. Trad. Fausto Castilho. Ed. Bilíngüe em latim e português. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.
- DUCROS, P. **“Mais l'éclair dans la nuit de tempête?” - Phénoménologie d'une limite de la perception**. Bulletin d'analyse phénoménologique: 2007. v.3, nº 1, p. 3-53.

DUFOURQ, Annabelle. ***La dimension imaginaire du reel dans la philosophie de Husserl.*** Springer, 2011.

ELLIOTT, B. ***Phenomenology and Imagination in Husserl and Heidegger.*** London/New York: Routledge, 2005.

FINK, E. ***De la Phénoménologie.*** Tradução do alemão de Didier Frank. Paris: Minuit, 1974.

GHIRON, V. **Le nozioni husserliane di Bildbewußtsein e Einfühlung in vista di una teoria del teatro.** Leitmotiv: 2003, v.3, p. 105-111.

GIBSON, ***The problem of real and ideal in the phenomenology of Husserl.*** *Mind*, New Series: 1925, v. 34, n<sup>o</sup> 135. p. 311-333.

HEIDEGGER, Martin. **O meu caminho na fenomenologia.** Tradução de Ana Falcato. Covilhã, Portugal: Universidade da Beira Interior, LusofiaPress: 2009. (Textos Clássicos de Filosofia).

HUME. **D Investigação sobre o entendimento Humano.** Coleção os pensadores. São Paulo: Abril Cultura, 1973.

\_\_\_\_\_. **Investigação acerca do entendimento humano.** In: Os Pensadores. São Paulo, Nova Cultural: 1989.

\_\_\_\_\_. **A treatise of human nature.** Book 1: Of the Understanding, Cleveland: Meridian Books, 1962.

HUSSERL, E. **Idées directrices pour une phénoménologie et pour une philosophie phénoménologique.** Tradução de Paul Ricoeur. Paris: Gallimard, 1950.

\_\_\_\_\_. **Erste Philosophie** (1923/24), ed. by Rudolf Boehm, Parts I and II, *Husserliana* VII and VIII .Den Haag: Nijhoff, 1959.

\_\_\_\_\_. **Cartesianische Meditationen und Pariser Vortrage.** Den Haag, Netherlands: Martinus Nijhoff, 1973.

\_\_\_\_\_. **Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie. Erstes Buch: Allgemeine Einführung in die reine Phänomenologie.** The Hague, Netherlands: Martinus Nijhoff, 1976.

\_\_\_\_\_. **Phantasie, Bildbewusstsein, Erinnerung. Zur Phänomenologie der anschaulichen Vergegenwärtigungen.** Texte aus dem Nachlass (1898-1925). Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1980.

\_\_\_\_\_. **Logische Untersuchungen. Zweiter Band: Untersuchungen zur Phänomenologie und Theorie der Erkenntnis.** Den Haag, Netherlands: Martinus Nijhoff, 1984.

\_\_\_\_\_. **Lições para uma Fenomenologia da Consciência Interna do Tempo.** Trad. Pedro Alves. Lisboa: Phainomenon, 1995.

\_\_\_\_\_. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura.** Tradução de Márcio Suzuki. Aparecida (SP): *Ideias* e Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. **Investigações Lógicas.** Trad. Pedro Alves e Carlos Morujão. Lisboa: Phainomenon, 2007, v.2.

\_\_\_\_\_. **Meditações cartesianas.** Conferências de Paris. Trad. Pedro Alves. Lisboa: Phainomenon, 2010.

KANT. I. **Crítica da faculdade do juízo.** Trad. Valério Rohden e Antonio Marques. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.

\_\_\_\_\_. **Crítica da razão pura.** Trad. Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.

KUSPIT, Donald. **Fiction and phenomenology.** In: *Philosophy and Phenomenological Research*: 196, v. 29, nº 1 p. 16-33. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2105815>. Acesso em Agosto de 2013.

LEVINAS, Emmanuel. *Théorie de l'intuition dans la phénoménologie de Husserl*. Paris: Vrin, 1984.

LOHMAR, D. (2003) *Über phantasmatische Selbstaffektion in der typisierenden Apperzeption und im inneren Zeitbewusstsein*. Leitmotiv: 2003, v.3, p. 67-80.

LOTZ, C. *From affectivity to subjectivity: Husserl's phenomenology*. New York: Palgrave Macmillan, 2007a.

\_\_\_\_\_. *Depiction and plastic perception. A critique of Husserl's theory of picture consciousness*. Continental Philosophy Review, 2007b, v.40, p. 171–185.

MISHARA, A. *Husserl and Freud: Time, memory and the unconscious*. Husserl Studies. Netherlands, Kluwer Academic Publishers: 1990, v.7, p. 29-58.

REIS, José. *O tempo em Husserl*. in Revista Filosófica de Coimbra., 2003. n ° 24. p, 399-490.

SALLIS. J. *L'espacement de l'imagination: Husserl et la phénoménologie de l'imagination*. In: Husserl, Grenoble: Editions Jérôme Millon, 1989. p. 65-88.

SARAIVA, M. M. *A imaginação segundo Husserl*. Tradução do francês por Isabel Tâmen e António Pedro Mesquita. Paris: Calouste Gulbenkian, 1994.

SARTRE. *L'imaginaire. Psychologie phénoménologique de l'imagination*, Paris, Gallimard, 1940.

\_\_\_\_\_. *Esquisse d'une théorie des émotions*. Paris: Hermann, 1995.

SOKOLOWSKI, Robert. *Husserlian Meditations – How words present things*. Evanston, Northwestern University Press: 1974.

WALTON, Roberto. *Husserl, mundo, consciencia y temporalidade*. Buenos Aires: Almagento, 1993, p.71.